

TIC KIDS ONLINE BRASIL 2012

**PESQUISA SOBRE O USO DA INTERNET
POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL**

ICT KIDS ONLINE BRAZIL 2012

SURVEY ON INTERNET USE BY CHILDREN IN BRAZIL

cgi.br

Comitê Gestor da Internet no Brasil
Brazilian Internet Steering Committee
www.cgi.br



ATRIBUIÇÃO
ATTRIBUTION

USO NÃO COMERCIAL
NONCOMMERCIAL

VEDADA A CRIAÇÃO DE OBRAS DERIVADAS 2.5 BRASIL
NO DERIVATIVE WORKS 2.5 BRAZIL

VOCÊ PODE:
YOU ARE FREE:



copiar, distribuir, exibir e executar a obra sob as seguintes condições:
to copy, distribute and transmit the work under the following conditions:



ATRIBUIÇÃO:

Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

ATTRIBUTION:

You must attribute the work in the manner specified by the author or licensor (but not in any way that suggests that they endorse you or your use of the work).



USO NÃO COMERCIAL:

Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

NONCOMMERCIAL:

You may not use this work for commercial purposes.

VEDADA A CRIAÇÃO DE OBRAS DERIVADAS:

Você não pode alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta.

NO DERIVATE WORKS:

You may not alter, transform, or build upon this work.

Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR
Brazilian Network Information Center

TIC KIDS ONLINE BRASIL 2012

**PESQUISA SOBRE O USO DA INTERNET
POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL**

ICT KIDS ONLINE BRAZIL 2012

SURVEY ON INTERNET USE BY CHILDREN IN BRAZIL

Comitê Gestor da Internet no Brasil
Brazilian Internet Steering Committee

São Paulo
2013

Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR

Brazilian Network Information Center

Diretor Presidente / CEO

Demi Getschko

Diretor Administrativo / CFO

Ricardo Narchi

Diretor de Serviços e Tecnologia / CTO

Frederico Neves

Diretor de Projetos Especiais e de Desenvolvimento / Director of Special Projects and Development

Milton Kaoru Kashiwakura

Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação – Cetic.br

Center of Studies on Information and Communication Technologies (Cetic.br)

Coordenação Executiva e Editorial / Executive and Editorial Coordination

Alexandre F. Barbosa

Coordenação Técnica / Technical Coordination

Emerson Santos, Fabio Senne, Juliano Cappi e Tatiana Jereissati

Equipe Técnica / Technical Team

Alisson Bittencout, Camila Garroux, Erik Gomes, Isabela Coelho, Luiza Mesquita, Manuella Ribeiro, Suzana Jaíze Alves e Winston Oyadomari

Edição / Edition

Comunicação NIC.br: Caroline D’Avo, Everton Teles Rodrigues e Fabiana Araujo

Apoio Editorial / Editorial Support

DB Comunicação Ltda.

Preparação de texto e Arquitetura de Informação / *Proof Reading and Information Architecture*: Aloisio Milani

Tradução para o inglês / *Translation into English*: Anthony Cleaver, Karen Brito Sexton, Roger duPen e Tomás Olcese

Revisão / *Revision*: Alexandre Pavan e Spensy Pimentel

Projeto Gráfico e Editoração / *Graphic Design and Publishing*: Suzana De Bonis

Ilustrações / *Illustrations*: Rodrigo Solsona

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

TIC Kids Online Brasil 2012 [livro eletrônico] : pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes = ICT Kids Online Brazil 2012 : survey on Internet use by children in Brazil / [coordenação executiva e editorial/executive and editorial coordination Alexandre F. Barbosa]. -- São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013.
1,8 Mb ; PDF.

Edição bilingue: português/inglês.

ISBN 978-85-60062-62-1

1. Escolas – Brasil 2. Internet e crianças 3. Internet e adolescentes
4. Internet (Rede de computadores) – Brasil 5. Tecnologia da informação e da comunicação – Brasil – Pesquisa I. Barbosa, Alexandre F. II. Título: ICT Kids Online Brazil 2012 : survey on Internet use by children in Brazil.

13-04346

CDD- 004.6072081

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Tecnologias da informação e da comunicação : Uso : Pesquisa 004.6072081
2. Pesquisa : Tecnologia da informação e comunicação : Uso : Brasil 004.6072081

Esta publicação está disponível também em formato digital em www.cetic.br

This publication is also available in digital format at www.cetic.br

TIC Kids Online Brasil 2012
Pesquisa sobre o Uso da Internet
por Crianças e Adolescentes no Brasil

*ICT Kids Online Brazil 2012
Survey on Internet Use by Children in Brazil*

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL – CGI.br
BRAZILIAN INTERNET STEERING COMMITTEE (CGI.br)

Coordenador / Coordinator

Virgílio Augusto Fernandes Almeida

Conselheiros / Counselors

Adriano Silva Mota

Carlos Alberto Afonso

Cássio Jordão Motta Vecchiatti

Delfino Natal de Souza

Demi Getschko

Eduardo Fumes Parajo

Eduardo Levy Cardoso Moreira

Ernesto Costa de Paula

Flávio Rech Wagner

Henrique Faulhaber

Ivo da Motta Azevedo Correa

José Luiz Ribeiro Filho

Lisandro Zambenedetti Granville

Luiz Antônio de Souza Cordeiro

Marcelo Bechara de Souza Hobaika

Maximiliano Salvadori Martinhão

Odenildo Teixeira Sena

Percival Henriques de Souza Neto

Sergio Amadeu da Silveira

Veridiana Alimonti

Secretário executivo / Executive Secretary

Hartmut Richard Glaser

AGRADECIMENTOS

A pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012 contou com o apoio de um importante grupo de especialistas, renomados pelo conhecimento em infância e tecnologia. A contribuição se realizou por meio da validação dos indicadores, da metodologia e da definição das diretrizes para a análise de dados. A colaboração desse grupo é fundamental para a identificação de novos campos de pesquisa e aperfeiçoamento dos procedimentos metodológicos, além de ser primordial para se alcançar a produção de dados confiáveis. Cabe destacar que a importância em compreender os desafios acerca do uso das TIC na infância serviu como motivação para que este grupo acompanhasse voluntariamente a pesquisa em meio a um esforço coletivo. Na primeira edição da TIC Kids Online Brasil, o Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic.br) agradece especialmente aos seguintes especialistas:

Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec)
Claudemir Viana

Centro de Estudos, Resposta e Tratamento de Incidentes de Segurança no Brasil (CERT.br)
Lucimara Desiderá
Miriam von Zuben

Conselho Administrativo do NIC.br
Antonio Tavares

Consultora em Educação e Mídia
Regina de Alcântara Assis

Consultora em Educação e Mídia
Regina Festa

Escola do Futuro da Universidade de São Paulo (USP)
Drica Guzzi
Paulo Sérgio Pires

Escritório Regional de Ciência da UNESCO para América Latina e Caribe
Guilherme Canela

Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF)
Adriana Alvarenga

Ministério da Justiça
Danilo Cesar Maganhoto Doneda

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)
Rita Migliora
Rosália Duarte

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
Maria Paulina de Assis

SaferNet Brasil
Rodrigo Nejm

Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom)

Jane Marques
Universidade de São Paulo (USP)

Rose de Melo Rocha
Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)

Silvia Borelli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Universidade Federal do Ceará (UFC)
Ines Vitorino

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Maria Luiza Belloni

Universidade Nova de Lisboa
Cristina Ponte
José Alberto Simões

Universidade de São Paulo (USP)
Ismar de Oliveira Soares

ACKNOWLEDGEMENTS

The ICT Kids Online Brazil 2012 survey received the support of a significant group of experts renowned for their knowledge regarding childhood and technology. Their contributions consisted of validating the indicators, methodology, and definition of the guidelines adopted for data analysis. The collaborative support provided by these experts is essential for identifying new fields of research and improving methodological procedures, as well as being crucial for producing reliable data. It is worth noting that the importance of understanding the challenges concerning ICT use during childhood is what motivated this group of experts to voluntarily participate in the survey as part of a collective effort. In this first edition of the ICT Kids Online Brazil survey, the Center of Studies on Information and Communications Technologies (Cetic.br) would like especially to acknowledge the following experts:

Administrative Council for NIC.br
Antonio Tavares

**Brazilian National Computer
Emergency Response Team (CERT.br)**
Lucimara Desiderá
Miriam von Zuben

**Brazilian Society of Interdisciplinary Studies
in Communication (Intercom)**
Jane Marques
University of São Paulo (USP)
Rose de Melo Rocha
Superior School of Advertising and Marketing (ESPM)
Sílvia Borelli
Pontifical Catholic University of São Paulo (PUC-SP)

**Center of Studies and Research
in Education, Culture, and
Communitarian Action (Cenpec)**
Claudemir Viana

Education and Media Adviser
Regina de Alcântara Assis

Education and Media Adviser
Regina Festa

**Escola do Futuro (School of
the Future) of the University
of São Paulo (USP)**
Drica Guzzi
Paulo Sérgio Pires

Federal University of Ceará (UFC)
Ines Vitorino

Federal University of Santa Catarina (UFSC)
Maria Luiza Belloni

Ministry of Justice
Danilo Cesar Maganhoto Doneda

New University of Lisbon
Cristina Ponte
José Alberto Simões

**Pontifical Catholic University
of Rio de Janeiro (PUC-Rio)**
Rita Migliora
Rosália Duarte

**Pontifical Catholic University
of São Paulo (PUC-SP)**
Maria Paulina de Assis

SaferNet Brasil
Rodrigo Nejm

**UNESCO Regional Bureau of Science
for Latin America and the Caribbean**
Guilherme Canela

United Nations Children's Fund (UNICEF)
Adriana Alvarenga

University of São Paulo (USP)
Ismar de Oliveira Soares

SUMÁRIO / CONTENTS

- 5 AGRADECIMENTOS / ACKNOWLEDGEMENTS, 6
- 19 PREFÁCIO / FOREWORD, 153
- 21 INTRODUÇÃO / INTRODUCTION, 155
- PARTE 1: ARTIGOS / PART 1: ARTICLES**
- 27 COMPARANDO RESULTADOS SOBRE ACESSOS E USOS DA INTERNET:
BRASIL, PORTUGAL E EUROPA
COMPARING RESULTS ON INTERNET ACCESS AND USE: BRAZIL, PORTUGAL AND EUROPE, 161
CRISTINA PONTE E JOSÉ ALBERTO SIMÕES
- 37 DESAFIOS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS: RISCOS E OPORTUNIDADES ANDAM DE MÃOS DADAS
CHALLENGES FOR PUBLIC POLICY: RISKS AND OPPORTUNITIES GO HAND IN HAND, 171
DRICA GUZZI
- 47 PAIS, FILHOS E INTERNET: A PESQUISA TIC KIDS ONLINE BRASIL 2012,
NA PERSPECTIVA DA EDUCOMUNICAÇÃO
*PARENTS, CHILDREN AND THE INTERNET: THE ICT KIDS ONLINE BRAZIL 2012 SURVEY
FROM AN EDUCOMMUNICATION STANDPOINT, 181*
ISMAR DE OLIVEIRA SOARES E CLAUDEMIR EDSON VIANA
- 55 USOS E APROPRIAÇÕES DA INTERNET POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES
INTERNET USE AND APPROPRIATION BY CHILDREN, 189
JANE A. MARQUES
- 65 CRIANÇAS E ADOLESCENTES: USANDO A INTERNET COM SEGURANÇA
CHILDREN: USING THE INTERNET SAFELY, 199
LUCIMARA DESIDERÁ E MIRIAM VON ZUBEN
- 73 INFÂNCIA E INTERNET: A PERSPECTIVA DA MÍDIA-EDUCAÇÃO
CHILDHOOD AND THE INTERNET: FROM A MEDIA EDUCATION PERSPECTIVE, 207
MARIA LUIZA BELONI
- 81 O USO DAS TIC POR CRIANÇAS E O IMPACTO PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA:
UMA PEDAGOGIA PARA O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA
*ICT USE BY CHILDREN AND THE IMPACT ON PEDAGOGICAL PRACTICE:
AN APPROACH TO THE USE OF NEW TECHNOLOGIES IN SCHOOLS, 215*
MARIA PAULINA DE ASSIS

- 87 DESAFIOS, DILEMAS E INTERPRETAÇÕES SOBRE OS USOS DA INTERNET POR CRIANÇAS, ADOLESCENTES E JOVENS BRASILEIROS
CHALLENGES, DILEMMAS, AND INTERPRETATIONS OF INTERNET USE BY BRAZILIAN CHILDREN AND YOUNG PEOPLE, 221
REGINA DE ASSIS
- 93 DESAFIOS NA INTEGRAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS À AGENDA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E LETRAMENTO DIGITAL NO BRASIL
CHALLENGES TO INTEGRATING HUMAN RIGHTS IN THE BRAZILIAN PUBLIC POLICY AGENDA FOR DIGITAL INCLUSION AND LITERACY, 227
RODRIGO NEJM
- 103 FATORES ASSOCIADOS AO USO SEGURO DA INTERNET ENTRE JOVENS
FACTORS ASSOCIATED WITH SAFE INTERNET USE BY YOUNG PEOPLE, 237
ROSÁLIA DUARTE, RITA MIGLIORA E EMERSON SANTOS

PARTE 2: TIC KIDS ONLINE BRASIL 2012 / PART 2: ICT KIDS ONLINE BRAZIL 2012

- 113 RELATÓRIO METODOLÓGICO
METHODOLOGICAL REPORT, 247
- 127 PERFIL DA AMOSTRA
SAMPLE PROFILE, 261
- 129 ANÁLISE DOS RESULTADOS
ANALYSIS OF RESULTS, 263

PARTE 3: TABELAS DE RESULTADOS / PART 3: TABLE OF RESULTS

- 287 CRIANÇAS E ADOLESCENTES
CHILDREN
- 311 PAIS OU RESPONSÁVEIS
PARENTS OR LEGAL GUARDIANS

PARTE 4: APÊNDICES / PART 4: APPENDIXES

- 333 LISTA DE ABREVIATURAS
LIST OF ABBREVIATIONS, 335

LISTA DE GRÁFICOS / CHART LIST

ARTIGOS / ARTICLES

- 30 LOCAIS DE ACESSO NO BRASIL, EM PORTUGAL E NA MÉDIA DA EUROPA
LOCATION OF ACCESS IN BRAZIL, PORTUGAL AND EUROPEAN AVERAGE, 164
- 31 EQUIPAMENTOS PARA ACESSAR A INTERNET NO BRASIL, EM PORTUGAL E NA MÉDIA DA EUROPA
EQUIPMENT USED TO ACCESS THE INTERNET IN BRAZIL, PORTUGAL AND EUROPEAN AVERAGE, 165
- 33 ATIVIDADES CITADAS NO BRASIL, EM PORTUGAL E NA EUROPA
ACTIVITIES CITED IN BRAZIL, PORTUGAL AND EUROPEAN AVERAGE, 167

PERFIL DA AMOSTRA / SAMPLE PROFILE

- 127 PERFIL DA AMOSTRA, SEGUNDO REGIÃO
SAMPLE PROFILE BY REGION, 261
- 127 PERFIL DA AMOSTRA, SEGUNDO CLASSE SOCIAL
SAMPLE PROFILE BY SOCIAL CLASS, 261
- 128 PERFIL DA AMOSTRA, SEGUNDO RENDA FAMILIAR
SAMPLE PROFILE BY FAMILY INCOME, 262
- 128 PERFIL DA AMOSTRA, SEGUNDO SEXO
SAMPLE PROFILE BY SEX, 262
- 128 PERFIL DA AMOSTRA, SEGUNDO FAIXA ETÁRIA
SAMPLE PROFILE BY AGE GROUP, 262

ANÁLISE DOS RESULTADOS / ANALYSIS OF RESULTS

- 129 PROPORÇÃO DE USUÁRIOS DE INTERNET, SEGUNDO FAIXA ETÁRIA (2011)
PROPORTION OF INTERNET USERS BY AGE GROUP (2011), 263
- 131 TIPOS DE EQUIPAMENTOS UTILIZADOS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES PARA ACESSAR A INTERNET (2012)
TYPE OF DEVICE USED BY CHILDREN TO ACCESS THE INTERNET (2012), 265

- 131 IDADE EM QUE AS CRIANÇAS OU OS ADOLESCENTES ACESSARAM A INTERNET PELA PRIMEIRA VEZ, SEGUNDO CLASSE SOCIAL (2012)
AGE AT WHICH CHILDREN FIRST ACCESSED THE INTERNET BY SOCIAL CLASS (2012), 265
- 132 FREQUÊNCIA DE USO DA INTERNET POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES, SEGUNDO FAIXA ETÁRIA (2012)
FREQUENCY OF INTERNET USE BY CHILDREN BY AGE GROUP (2012), 266
- 134 LOCAL DE ACESSO À INTERNET POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES (2012)
LOCATION OF ACCESS TO THE INTERNET BY CHILDREN (2012), 268
- 135 LOCAL DE ACESSO À INTERNET POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES, SEGUNDO CLASSE SOCIAL (2012)
LOCATION OF ACCESS TO THE INTERNET BY CHILDREN BY SOCIAL CLASS (2012), 269
- 136 ATIVIDADES REALIZADAS NA INTERNET POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO ÚLTIMO MÊS (2012)
CHILDREN'S ACTIVITIES ONLINE IN THE PAST MONTH (2012), 270
- 137 FREQUÊNCIA DE ATIVIDADES REALIZADAS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA INTERNET NO ÚLTIMO MÊS (2012)
FREQUENCY OF CHILDREN'S ACTIVITIES ONLINE IN THE PAST MONTH (2012), 271
- 139 PROPORÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE POSSUEM PERFIL PRÓPRIO NUM SITE DE REDE SOCIAL, SEGUNDO FAIXA ETÁRIA (2012)
PROPORTION OF CHILDREN WHO HAVE THEIR OWN SOCIAL NETWORKING PROFILE BY AGE GROUP (2012), 273
- 141 HABILIDADES DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES NO USO DA INTERNET (2012)
INTERNET SKILLS OF CHILDREN (2012), 275
- 144 TIPO DE CONTEÚDO ENCONTRADO EM SITES POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES NOS ÚLTIMOS 12 MESES (2012)
TYPE OF CONTENT ENCOUNTERED BY CHILDREN ON WEBSITES IN THE PAST 12 MONTHS (2012), 278
- 145 FREQUÊNCIA DE SITUAÇÕES VIVIDAS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM DECORRÊNCIA DO USO DA INTERNET (2012)
EXCESSIVE USE OF THE INTERNET AND ITS EFFECTS ON CHILDREN (2012), 279
- 146 TIPO DE ORIENTAÇÃO QUE PAIS OU RESPONSÁVEIS COSTUMAM DAR AOS FILHOS PARA O USO DA INTERNET (2012)
TYPE OF ACTION PARENTS OR LEGAL GUARDIANS USUALLY TAKE WITH THEIR CHILDREN REGARDING INTERNET USE (2012), 280
- 147 TIPO DE ORIENTAÇÃO DADA POR PAIS OU RESPONSÁVEIS PARA O USO DA INTERNET PELOS FILHOS (2012)
TYPE OF ACTION TAKEN BY PARENTS OR LEGAL GUARDIANS REGARDING INTERNET USE BY THEIR CHILDREN (2012), 281
- 148 TIPO DE PERMISSÃO CONCEDIDA POR PAIS OU RESPONSÁVEIS PARA ATIVIDADES REALIZADAS NA INTERNET PELOS FILHOS (2012)
TYPE OF PERMISSION GIVEN BY PARENTS OR LEGAL GUARDIANS FOR THEIR CHILDREN'S INTERNET USE (2012), 282

LISTA DE FIGURAS / *FIGURE LIST*

RELATÓRIO METODOLÓGICO / *METHODOLOGICAL REPORT*

- 115 **INFORMAÇÕES SOBRE OS QUESTIONÁRIOS DA PESQUISA TIC KIDS ONLINE BRASIL 2012**
INFORMATION ON THE QUESTIONNAIRES OF THE ICT KIDS ONLINE BRAZIL 2012 SURVEY, 249
- 119 **HOTSITE – DÚVIDAS FREQUENTES – FAQ WEBSITE**
HOT SITE – FREQUENTLY ASKED QUESTIONS – FAQ WEBSITE, 253
- 120 **CARTAS PARA EXPLICAR A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA**
LETTERS EXPLAINING THE IMPORTANCE OF THE SURVEY, 254
- 120 **DICAS DE SEGURANÇA NA INTERNET PARA CRIANÇAS, ADOLESCENTES E PAIS**
SAFETY TIPS LEAFLETS FOR CHILDREN AND PARENTS , 254

LISTA DE TABELAS / TABLE LIST

ARTIGOS / ARTICLES

- 55 PROPORÇÃO DE UTILIZAÇÃO DA INTERNET PELOS RESPONDENTES
PROPORTION OF RESPONDENTS' INTERNET USE, 189
- 56 FREQUÊNCIA DE USO DA INTERNET POR FAIXA ETÁRIA E CLASSE SOCIAL
FREQUENCY OF INTERNET USE BY AGE GROUP AND SOCIAL CLASS, 190
- 56 IDADE EM QUE ACESSOU A INTERNET PELA PRIMEIRA VEZ POR FAIXA ETÁRIA
AGE AT FIRST INTERNET ACCESS BY AGE GROUP, 190
- 57 EQUIPAMENTOS UTILIZADOS PARA ACESSAR A INTERNET POR RENDA FAMILIAR E CLASSE SOCIAL
EQUIPMENT USED TO ACCESS THE INTERNET BY FAMILY INCOME AND SOCIAL CLASS, 191
- 58 LOCAL DE ACESSO À INTERNET POR RENDA FAMILIAR E CLASSE SOCIAL
LOCATION OF ACCESS TO THE INTERNET BY FAMILY INCOME AND SOCIAL CLASS, 192
- 59 TEMPO DESPENDIDO NA INTERNET NOS DIAS DE SEMANA POR FAIXA ETÁRIA E CLASSE SOCIAL
TIME SPENT ON THE INTERNET ON WEEKDAYS BY AGE GROUP AND SOCIAL CLASS, 193
- 59 TEMPO DESPENDIDO NA INTERNET NOS DIAS DE SEMANA E AOS FINAIS DE SEMANA
TIME SPENT ON THE INTERNET ON WEEKDAYS AND WEEKENDS, 193
- 60 TEMPO DESPENDIDO NA INTERNET AOS FINAIS DE SEMANA POR FAIXA ETÁRIA E CLASSE SOCIAL
TIME SPENT ON THE INTERNET ON WEEKENDS BY AGE GROUP AND SOCIAL CLASS, 194
- 60 RESPONDENTES QUE TÊM PERFIL PRÓPRIO EM UM SITE DE REDE SOCIAL POR FAIXA ETÁRIA E CLASSE SOCIAL
RESPONDENTS WITH PERSONAL SOCIAL NETWORKING PROFILES BY AGE GROUP AND SOCIAL CLASS, 194
- 61 QUANTIDADE DE CONTATOS QUE OS RESPONDENTES POSSUEM NO PERFIL DA REDE SOCIAL POR FAIXA ETÁRIA E CLASSE SOCIAL
NUMBER OF CONTACTS THAT RESPONDENTS HAVE ON THEIR SOCIAL NETWORKING PROFILES BY AGE GROUP AND SOCIAL CLASS, 195
- 61 TIPO DE CONFIGURAÇÃO DE PRIVACIDADE QUE OS RESPONDENTES POSSUEM NO PERFIL DA REDE SOCIAL
TYPE OF PRIVACY CONFIGURATION THAT RESPONDENTS HAVE ON THEIR SOCIAL NETWORKING PROFILES, 195

- 62 ATIVIDADES REALIZADAS NA INTERNET PELOS RESPONDENTES POR FAIXA ETÁRIA E CLASSE SOCIAL
INTERNET ACTIVITIES FOR RESPONDENTS BY AGE GROUP AND SOCIAL CLASS, 196
- 63 FREQUÊNCIA COM QUE OS RESPONDENTES DE 11 A 16 ANOS REALIZAM AS ATIVIDADES NA INTERNET
FREQUENCY OF INTERNET ACTIVITIES CARRIED OUT BY RESPONDENTS AGED 11 TO 16, 197
- 67 COMPREENSÃO DO CONCEITO DE “USO SEGURO DA INTERNET”
PERCEPTION OF THE CONCEPT OF “SAFE INTERNET USE”, 201
- 106 ESTIMATIVAS PARA O MODELO DE REGRESSÃO LOGÍSTICO
– HABILIDADE É A VARIÁVEL DEPENDENTE
*ESTIMATES FOR THE LOGISTICAL REGRESSION MODEL
– SKILLS IS THE DEPENDENT VARIABLE, 240*

ANEXOS / APPENDIX

RELATÓRIO METODOLÓGICO / METHODOLOGICAL REPORT

- 125 DISTRIBUIÇÃO DAS ENTREVISTAS POR REGIÃO GEOGRÁFICA E ESTRATO TIC
DISTRIBUTION OF INTERVIEWS BY GEOGRAPHIC REGION AND ICT STRATUM, 259

LISTA DE TABELAS DE RESULTADOS TABLE OF RESULTS LIST

INDICADORES SELECIONADOS PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES SELECTED INDICATORS FOR CHILDREN

- 287 TIPOS DE EQUIPAMENTOS UTILIZADOS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES PARA ACESSAR A INTERNET
TYPE OF DEVICE USED BY CHILDREN TO ACCESS THE INTERNET
- 289 LOCAL DE ACESSO À INTERNET POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES
LOCATION OF ACCESS TO THE INTERNET BY CHILDREN
- 291 FREQUÊNCIA DE USO DA INTERNET POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES
FREQUENCY OF INTERNET USE BY CHILDREN
- 292 ATIVIDADES REALIZADAS NA INTERNET POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO ÚLTIMO MÊS
CHILDREN'S ACTIVITIES ONLINE IN THE PAST MONTH
- 296 PROPORÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE POSSUEM PERFIL PRÓPRIO NUM SITE DE REDE SOCIAL
PROPORTION OF CHILDREN WHO HAVE THEIR OWN SOCIAL NETWORKING PROFILE
- 297 NÚMERO DE CONTATOS QUE CRIANÇAS E ADOLESCENTES POSSUEM NO SEU PERFIL DA REDE SOCIAL
NUMBER OF CONTACTS ON CHILDREN'S SOCIAL NETWORKING PROFILE
- 298 TIPO DE CONFIGURAÇÃO DE PRIVACIDADE NO PERFIL DA REDE SOCIAL DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES
TYPE OF PRIVACY SETTINGS ON CHILDREN'S SOCIAL NETWORKING PROFILE
- 299 TIPOS DE INFORMAÇÕES COMPARTILHADAS NO PERFIL DA REDE SOCIAL DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES
TYPE OF INFORMATION SHARED THROUGH CHILDREN'S SOCIAL NETWORKING PROFILE

- 301 PERCEPÇÃO DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES SOBRE SUAS HABILIDADES EM RELAÇÃO AO USO DA INTERNET
PERCEPTION OF CHILDREN REGARDING THEIR INTERNET SKILLS
- 304 HABILIDADES DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES NO USO DA INTERNET
INTERNET SKILLS OF CHILDREN
- 306 PERCEPÇÃO DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES SOBRE A EXISTÊNCIA DE COISAS QUE POSSAM INCOMODÁ-LOS NA INTERNET
PERCEPTION OF CHILDREN REGARDING THE PRESENCE OF POTENTIALLY BOTHERSOME CONTENT ON THE INTERNET
- 307 ORIGEM DOS CONSELHOS RECEBIDOS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES SOBRE USO SEGURO DA INTERNET
SOURCES OF ADVICE RECEIVED BY CHILDREN REGARDING SAFE INTERNET USE
- 309 PRINCIPAL ORIGEM DOS CONSELHOS RECEBIDOS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES SOBRE USO SEGURO DA INTERNET
MAIN SOURCES OF ADVICE RECEIVED BY CHILDREN REGARDING SAFE INTERNET USE

INDICADORES SELECIONADOS PARA PAIS OU RESPONSÁVEIS

SELECTED INDICATORS FOR PARENTS OR LEGAL GUARDIANS

- 311 PROPORÇÃO DE PAIS OU RESPONSÁVEIS QUE USAM A INTERNET
PROPORTION OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS WHO USE THE INTERNET
- 312 LOCAL DE ACESSO INDIVIDUAL À INTERNET PELOS PAIS OU RESPONSÁVEIS
LOCATION OF INDIVIDUAL INTERNET ACCESS BY PARENTS OR LEGAL GUARDIANS
- 314 FREQUÊNCIA DE ACESSO INDIVIDUAL À INTERNET PELOS PAIS OU RESPONSÁVEIS
FREQUENCY OF INDIVIDUAL INTERNET ACCESS BY PARENTS OR LEGAL GUARDIANS
- 315 PROPORÇÃO DE PAIS OU RESPONSÁVEIS QUE CONSIDERAM QUE SEUS FILHOS UTILIZAM A INTERNET COM SEGURANÇA
PROPORTION OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS WHO BELIEVE THEIR CHILDREN USE THE INTERNET SAFELY
- 316 TIPO DE ORIENTAÇÃO QUE PAIS OU RESPONSÁVEIS COSTUMAM DAR AOS FILHOS PARA O USO DA INTERNET
TYPE OF ACTION PARENTS OR LEGAL GUARDIANS USUALLY TAKE WITH THEIR CHILDREN REGARDING INTERNET USE

- 318 TIPO DE ORIENTAÇÃO DADA POR PAIS OU RESPONSÁVEIS PARA O USO DA INTERNET PELOS FILHOS**
TYPE OF ACTION TAKEN BY PARENTS OR LEGAL GUARDIANS REGARDING INTERNET USE BY THEIR CHILDREN
- 320 PROPORÇÃO DE PAIS OU RESPONSÁVEIS QUE ACREDITAM QUE OS FILHOS TENHAM PASSADO POR ALGUMA SITUAÇÃO DE INCÔMODO OU CONSTRANGIMENTO AO UTILIZAR A INTERNET NOS ÚLTIMOS 12 MESES**
PROPORTION OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS WHO BELIEVE THEIR CHILDREN MAY HAVE EXPERIENCED A BOTHERSOME SITUATION WHILE USING THE INTERNET IN THE PAST 12 MONTHS
- 321 PERCEPÇÃO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS SOBRE A PROBABILIDADE DE OS FILHOS PASSAREM POR ALGUM INCÔMODO OU CONSTRANGIMENTO NA INTERNET NOS PRÓXIMOS 6 MESES**
PERCEPTION OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS REGARDING THE PROBABILITY OF THEIR CHILDREN EXPERIENCING A BOTHERSOME SITUATION ONLINE IN THE NEXT 6 MONTHS
- 322 PERCEPÇÃO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS SOBRE SUA CAPACIDADE PARA AJUDAR OS FILHOS A LIDAR COM SITUAÇÕES QUE OS INCOMODEM OU CONSTRAJAM NA INTERNET**
PERCEPTION OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS REGARDING THEIR OWN CAPACITY TO HELP THEIR CHILDREN DEAL WITH BOTHERSOME SITUATIONS ONLINE
- 323 PERCEPÇÃO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS SOBRE O GRAU DE CAPACIDADE DOS FILHOS PARA LIDAR COM SITUAÇÕES QUE OS INCOMODEM NA INTERNET**
PERCEPTION OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS REGARDING THEIR CHILDREN'S ABILITY TO DEAL WITH BOTHERSOME SITUATIONS ONLINE
- 324 FONTES UTILIZADAS POR PAIS OU RESPONSÁVEIS PARA OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE USO SEGURO DA INTERNET**
SOURCES OF INFORMATION USED BY PARENTS OR LEGAL GUARDIANS REGARDING SAFE INTERNET USE
- 327 FONTES DESEJADAS POR PAIS OU RESPONSÁVEIS PARA OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE USO SEGURO DA INTERNET**
DESIRED SOURCES OF INFORMATION REGARDING SAFE INTERNET USE ACCORDING TO PARENTS OR LEGAL GUARDIANS

PREFÁCIO

A rapidez com a qual crianças e jovens estão obtendo acesso a tecnologias virtuais, convergentes, móveis e interconectadas não encontra precedentes na história da inovação e difusão tecnológica. Essas mudanças apresentam aos pais, aos professores e às crianças o importante desafio de adquirir, aprender a usar e definir objetivos para o uso da Internet em suas vidas diárias.

Os benefícios são encontrados em relação à aprendizagem, à participação, à criatividade e à comunicação. As oportunidades do mundo *on-line* também constituem o foco de uma parte considerável das atividades desenvolvidas pelos setores público e privado, por meio de diversos e ambiciosos esforços em andamento em muitos países para a promoção de tecnologias digitais de aprendizagem nas escolas, iniciativas de governança eletrônica, bem como de participação e alfabetização digitais.

Junto a esses benefícios, o acesso à Internet tem potencializado a exposição de uma ampla gama de riscos *on-line*, alguns dos quais são comuns no mundo *off-line* (tais como o *bullying*, a pornografia e a exploração sexual), enquanto outros são novos ou pelo menos têm sido substancialmente reconfigurados na vida das crianças comuns (tais como o aliciamento de crianças, a violação de dados pessoais e da privacidade, o rastreamento da localização geográfica, as formas indesejadas de envio de mensagens sexuais e de assédio sexual, além da facilitação de casos de automutilação).

A rápida difusão da Internet e de outras tecnologias *on-line* coloca diante dos formuladores de políticas públicas, dos governos e do setor produtivo a importante tarefa de identificar os riscos associados ao uso da Internet. Eles também devem desenvolver estratégias e ferramentas para garantir que os danos associados a tais riscos sejam minimizados. Nos últimos anos, crianças e adolescentes tiveram acesso à Internet primeiramente por meio de conexões discadas, depois por meio da banda larga e das redes móveis – em casa, na escola e outros lugares –, o que resultou na aquisição de novas habilidades e competências.

A rede EU Kids Online agora conta com 150 pesquisadores em 33 países da Europa. Ela produz e divulga dados concretos capazes de fornecer uma base sólida para iniciativas relacionadas às políticas públicas, à educação e à conscientização em âmbito nacional, regional e internacional. Tem sido um grande prazer colaborar com o Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação (Cetic.br) em prol da realização de uma pesquisa paralela no Brasil. Os resultados são fascinantes e relevantes. Esperamos que sejam amplamente utilizados para ajudar a melhorar o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil.

Sonia Livingstone

Diretora da rede EU Kids Online e
professora no Departamento de Mídia e Comunicação
da London School of Economics and Political Science

INTRODUÇÃO

Embora o acesso às novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) tenha se tornado um requisito essencial para o desenvolvimento socioeconômico do Brasil, as políticas públicas voltadas à inclusão digital ainda não são suficientes para garantir a universalização do acesso. Nos últimos anos, políticas públicas como o Plano Nacional de Banda Larga (PNBL), o Programa Cidades Digitais, os Programas de Telecentros, o Programa Nacional de Tecnologia Educacional (Proinfo) e o Programa Banda Larga nas Escolas (PBLE) têm favorecido o crescimento do acesso à Internet, mas não conseguiram eliminar as disparidades regionais e sociais relativas à inclusão digital no país.

O retrato da inclusão digital no país ainda revela uma enorme disparidade entre regiões geográficas e classes sociais em termos de acesso e uso das TIC. Segundo a pesquisa TIC Domicílios 2011, as regiões Sul e Sudeste contam com uma proporção de domicílios com acesso à Internet (49% e 45%, respectivamente) que é mais do que o dobro da verificada nas regiões Norte e Nordeste (22% e 21%). Além disso, vale notar que, enquanto os domicílios de classes sociais A e B possuem níveis de acesso à Internet semelhante aos de países europeus (96% e 76%, respectivamente), as classes menos favorecidas estão em um patamar que beira a completa exclusão, já que apenas 5% dos domicílios das classes DE possuem acesso à Internet.

Por outro lado, num cenário em que o acesso à Internet avança no país, merece destaque o debate sobre a inclusão digital de crianças e adolescentes. O Brasil ainda é um país predominantemente jovem, no qual 27,7% da sua população está abaixo dos 16 anos de idade, segundo dados do Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Cada vez mais, essa parcela da população utiliza a Internet de forma intensa em sua vida cotidiana, incorporando progressivamente novas tecnologias de acesso como *notebooks*, celulares e *tablets*.

Nesse contexto em que a população mais jovem se apresenta como usuária de Internet em proporções tão significativas, torna-se fundamental compreender os desafios gerados por essa nova realidade. As diversas atividades e os modos de uso da rede podem propiciar às crianças e adolescentes oportunidades de aprendizagem e crescimento, mas também situações de riscos que podem resultar em experiências negativas ou se converter em uma consequência danosa para o usuário. Como e onde crianças e adolescentes acessam a Internet? Quais as implicações de tais usos? Qual a relação entre os diversos dispositivos de acesso, como *notebooks*, *tablets* e celulares, e a privacidade de uso da Internet? Que estratégias de mediação os pais e responsáveis utilizam para ajudar seus filhos a navegarem com segurança na Internet? Para mapear o uso e os hábitos de crianças e adolescentes, o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) decidiu conduzir a pesquisa TIC Kids Online, realizada pela primeira vez no

Brasil em 2012. O objetivo central é mapear as oportunidades e riscos associados ao uso da Internet por jovens brasileiros de 9 a 16 anos de idade. Já os objetivos específicos são:

- Entender como as crianças e adolescentes acessam e utilizam a Internet, os riscos *on-line*, sua percepção em relação à segurança *on-line*;
- Delinear as experiências, práticas e preocupações dos pais e responsáveis relacionadas ao uso da Internet por parte dos seus filhos.

A exemplo das demais pesquisas do CGI.br, realizadas pelo Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br) por meio do seu Centro de Estudos sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação (Cetic.br), a pesquisa TIC Kids Online Brasil será anual, conduzida nas áreas urbanas e rurais do país.

Visando adotar referenciais metodológicos internacionais e produzir dados comparáveis a outros países, o NIC.br assinou em 2011 um acordo de cooperação com a London School of Economics (LSE), na Inglaterra, que compartilhou os procedimentos metodológicos para a condução da pesquisa EU Kids Online no Brasil. O quadro conceitual e metodológico desenvolvido pela rede europeia EU Kids Online Network, liderada pela LSE, foi aplicado em 2010 em 27 países europeus. Fora da Europa, essa mesma pesquisa foi aplicada na Austrália, Estados Unidos, Rússia e, agora, no Brasil. Além disso, o principal resultado dessa cooperação é a possibilidade de realizar estudos comparativos em âmbito internacional a partir do compartilhamento de microdados das pesquisas entre pesquisadores brasileiros e europeus.

Essa publicação contém uma descrição dos principais indicadores coletados na pesquisa e apresenta uma análise desses dados. Cabe ressaltar que as inúmeras leituras possíveis sobre os números possibilitam interpretações mais aprofundadas e que vão além da presente análise. Nesse sentido, apresentamos os resultados referentes aos usos que os jovens fazem da Internet, às atividades desenvolvidas no ambiente virtual, riscos e possíveis danos relacionados às experiências *on-line*, bem como a mediação exercida por pais, responsáveis e pelas próprias crianças dos conteúdos acessíveis na Internet.

A pesquisa investiga não apenas os usos e hábitos das crianças e adolescentes, mas também o de seus pais ou responsáveis. Na edição de 2012 estão publicados 49 indicadores associados ao uso da Internet por crianças e adolescentes e 25 indicadores sobre os pais e responsáveis.

A publicação TIC Kids Online Brasil 2012 está estruturada em três partes:

Parte 1 – Artigos: textos escritos por acadêmicos e especialistas convidados que abordam, sob diferentes perspectivas, temas relacionados ao escopo do estudo. Dentre os temas discutidos estão: os resultados da pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012, com vistas a caracterizar os usos e apropriações da Internet por crianças e adolescentes – inaugurando inclusive uma perspectiva de comparação com os resultados obtidos pela EU Kids Online; a relação entre mídia e educação, educomunicação, letramento digital e o impacto das TIC para a prática pedagógica; o tema da segurança também é destacado pelos autores, que investigam os fatores associados ao uso seguro da Internet entre jovens e descrevem estratégias para estimular o uso da Internet com segurança; e a formulação e a implementação de políticas públicas sob a perspectiva da inclusão e da promoção dos direitos humanos.

Parte 2 – Relatório metodológico e análise dos resultados: a descrição do plano amostral aplicado na pesquisa, o perfil da amostra e a análise dos principais resultados. O leitor encontrará

no relatório metodológico da pesquisa todas as informações em relação ao desenho da amostra e aos processos de coleta de dados em campo. Já na análise dos resultados, há um debate sobre principais resultados coletados na pesquisa e suas implicações em relação às oportunidades e aos riscos envolvidos no uso da Internet.

Parte 3 – Tabelas: indicadores selecionados dentre os respondentes centrais da pesquisa – “crianças e adolescentes” e “pais e responsáveis”. As tabelas de resultados apresentam leitura por região do país, faixa etária e sexo da criança e do adolescente, entre outras variáveis.

Em sua primeira edição, a pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012 traz importantes contribuições para o debate sobre a relação entre tecnologia, infância e adolescência, revelando evidências que devem ser consideradas pelos gestores à frente da elaboração de políticas públicas ligadas à proteção e direitos de crianças e adolescentes na Internet.

Esperamos que a leitura dos resultados dessa primeira edição da pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012 seja um convite para o leitor refletir sobre as implicações sociais da Internet em nossa sociedade.

Alexandre F. Barbosa

Centro de Estudos sobre as Tecnologias
da Informação e da Comunicação – Cetic.br

ARTIGOS

COMPARANDO RESULTADOS SOBRE ACESSOS E USOS DA INTERNET: BRASIL, PORTUGAL E EUROPA

Cristina Ponte¹ e José Alberto Simões²

INTRODUÇÃO

Comparar usos da Internet e de outras tecnologias digitais em várias regiões do mundo permite evitar falácias como pensarmos que o nosso país é único, quando não o é necessariamente, ou pensarmos que é igual aos restantes quando pode não o ser (HASEBRINK et al, 2009). Essa tarefa, porém, coloca-nos perante limitações inerentes a análises comparadas: a variabilidade dos contextos nacionais (e regionais), e a forma como influenciam os resultados e a sua interpretação (LIVINGSTONE, 2003). Vem esta reflexão a propósito da breve comparação entre resultados do inquérito EU Kids Online, levado a cabo em 25 países europeus em 2010, e os do inquérito TIC Kids Online Brasil, realizado em 2012 no Brasil. Se as questões inquiridas são idênticas, isso não resolve problemas que decorrem de especificidades nacionais.

Destacaremos o caso português, por razões óbvias e também pela sua especificidade no panorama europeu. Uma das suas particularidades reside no forte investimento público em tecnologias digitais no início dos anos 2000. Entre 2005 e 2010, montaram-se infraestruturas digitais, informatizaram-se serviços públicos e foram criadas redes de acesso público. Esse “choque tecnológico”³ traduziu-se também no apetrechamento das escolas, formação de professores e facilitação do acesso de estudantes e professores a computadores portáteis de baixo custo. A adesão por parte de famílias portuguesas com menos recursos levou a uma real democratização do acesso a esses bens: num país com cerca de 10 milhões de habitantes, mais de 1,6 milhão de portáteis (dos quais 400 mil *Magalhães*⁴) tinham sido adquiridos até fins de 2010.

¹ Doutora em Ciências da Comunicação, tem livre-docência em Estudos dos Media e do Jornalismo. Professora no Departamento de Ciências da Comunicação Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e membro do Centro de Investigação Media e Jornalismo (CIMJ). Coordena a equipe da pesquisa EU Kids Online de Portugal.

² Doutor em Sociologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde leciona no Departamento de Sociologia. É pesquisador do Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Nova (CESNOVA) e membro da rede de pesquisa EU Kids Online.

³ Ver <http://www.planotecnologico.pt/document/Programa_EstabilidadeCrescimento.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2011.

⁴ *Laptop* concebido para crianças entre 6 e 11 anos, com *software* didático específico.

O impacto da medida é visível na liderança em termos de portáteis para acessar à Internet e na elevada referência ao quarto como um local onde crianças e adolescentes portugueses podem acessar à Internet, como veremos. Se estas medidas contribuíram para atenuar o “fosso digital” na sociedade portuguesa, críticas apontam-lhes algum oportunismo político, associado à retórica da “sociedade de informação e do conhecimento”, que tende a valorizar com otimismo a tecnologia e a colocar a ênfase na sua aquisição mais do que na sua utilização.

Porque é necessário analisar práticas e contextos que rodeiam a apropriação das tecnologias, analisaremos, neste capítulo, condições e recursos associados ao acesso, aos usos e às habilidades declaradas por crianças e adolescentes brasileiros e europeus.

UMA GERAÇÃO DIGITAL?

Embora a proporção de jovens europeus que usa a Internet e outras tecnologias supere em muitos países a das gerações seguintes, os dados revelam também uma heterogeneidade de acessos e usos por parte da população mais jovem, associados a contextos sociais distintos. Tal fato ilustra por que não é correto utilizar de forma genérica a designação “nativos digitais”.

DiMaggio, Hargittai e outros (2001) apresentam cinco dimensões que podem fazer a diferença: os meios técnicos de que se dispõe (equipamentos, programas e conteúdos, qualidade da ligação à rede); a autonomia do uso (a localização do acesso, a liberdade para usar o meio para as atividades preferidas); os padrões de uso (os tipos de uso mais frequentes e mais esporádicos); as redes de apoio social (a disponibilidade de outros para ajudar no uso, a dimensão das redes que encorajam o uso); as habilidades (as capacidades para usar realmente o meio).

Nesse sentido, a questão do “ter ou não ter”, uma das primeiras abordagens sobre a problemática do “fosso digital” entre populações (VAN DIJK, 2006), tem sido substituída pela questão dos usos, recorrendo-se acerca daquilo que cada um faz com as tecnologias que tem ao seu dispor (DIMAGGIO et al, 2004; HARGITTAI, 2008; HARGITTAI e HINNANT, 2010). É assim que surge a distinção proposta por Hargittai (2002; 2008) entre dois níveis de “divisão digital”: o primeiro considera o acesso às tecnologias digitais a partir da posse desses bens e da frequência do seu uso; o segundo foca-se nos perfis dos usos e nas habilidades que pressupõem. Se o acesso corresponde à condição básica e necessária para se pensar a “inclusão digital”, não é suficiente para garantir igualdade de oportunidades perante as tecnologias de que se dispõe.

Considerando de forma integrada os fatores em jogo, as questões do acesso, das habilidades e das capacidades para tirar partido desse acesso não são simplesmente determinadas pela tecnologia. Se o ambiente do lar favorece um uso personalizado e uma experimentação em torno de interesses individuais, espaços como a escola ou os centros juvenis podem proporcionar ambientes de capacitação e de literacia digital que muitas famílias não podem assegurar.

UM PRIMEIRO NÍVEL DE DIVISÃO DIGITAL: ACESSOS, RECURSOS, FREQUÊNCIA DE USO

O inquérito europeu incidiu em crianças e adolescentes (9-16 anos) que tinham utilizado a Internet pelo menos uma vez nos últimos doze meses. Estimativas do Eurostat colocavam quatro países do sul com um acesso abaixo de 70% (Itália, Grécia, Turquia e Chipre). Portugal aparecia com 78%, refletindo o impacto das políticas recentes.

Uma percentagem superior a 90% cobria dois grupos distintos: os países do Norte Europeu (Dinamarca, Finlândia, Irlanda, Holanda e Reino Unido) e países do Leste Europeu, que transitaram para economias de mercado nos anos 1990 (Bulgária, República Checa, Eslovênia, Estônia, Hungria, Lituânia, Polónia). Enquanto, nos países nórdicos, os adultos lideravam no uso frequente da Internet, nos países do Leste Europeu as crianças e os adolescentes entraram vertiginosamente no mundo digital, e evidenciou-se um fosso entre gerações mais acentuado do que no sul (para diferenças das famílias europeias, ver Paus-Hasebrink et al, 2012). Assim, a paisagem digital europeia está longe de ser homogênea.

As diferenciações socioeconômicas dos mais de 25 mil lares entrevistados, estabelecidas com base na educação e na ocupação profissional do membro em posição mais elevada, apontam para uma distribuição relativamente equilibrada: 34% são de estatuto socioeconômico elevado, 42%, de estatuto médio, e 19%, de estatuto baixo. Portugal destaca-se por apresentar uma forma piramidal: 53% têm um estatuto socioeconômico baixo, 32% têm estatuto médio, e 15% têm estatuto elevado.

Em 2011, enquanto a Europa se encontrava num período de estagnação e mesmo de recessão econômica – particularmente grave nos países do sul –, o Brasil surgia numa fase de dinamismo econômico. Dados do Cetic.br revelam que, nesse ano, entre as classes AB, a presença da Internet nos lares oscilava entre 96% e 76%. Entre os lares da classe C, 35% tinham Internet em casa, mas, nos lares das classes DE, a presença continuava residual, nos 5%. Por seu lado, para uma estimativa de 45% no uso da Internet entre a população, as crianças e os jovens brasileiros estavam em liderança: cerca de dois terços entre os 10 e os 24 anos já tinha acessado a Internet nos últimos três meses, e, entre o grupo etário de 5 a 9 anos, essa proporção era de 24%.

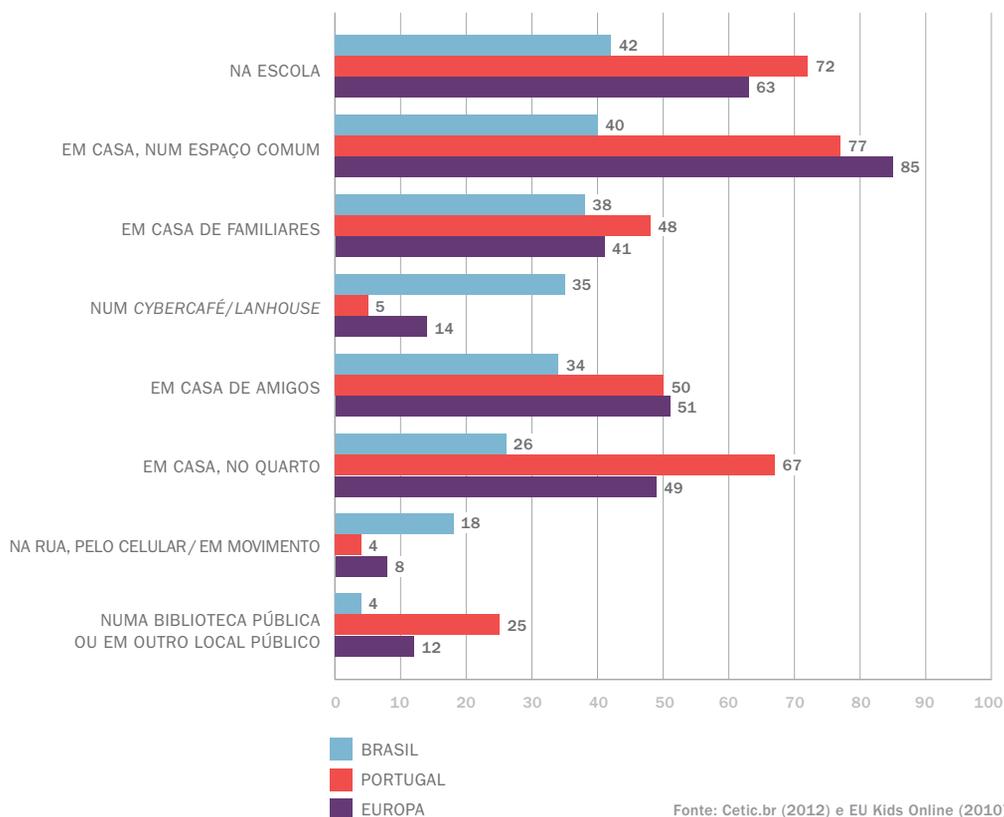
A IDADE DO PRIMEIRO ACESSO

A duração da experiência digital é um fator de diferenciação no manejo de habilidades e um indicador do nível de penetração da Internet num país. Em 2010, a média europeia do primeiro acesso à Internet estava nos 9 anos, variando entre os sete, na Suécia, e os 11, na Grécia. Em Portugal, estava nos 10 anos. No Brasil, em 2012, as idades abaixo dos 10 anos representam 44% dos respondentes, mas cerca de um terço (31%) tinha começado a usar com 11 ou mais anos. Essas diferenças são particularmente evidentes por classe social: entre os que começaram a usar a Internet depois dos 11 anos, 18% estão nas classes AB, cerca de um terço está na classe C, e quase metade está nas classes DE (47%), o que evidencia a desigualdade dos pontos de partida dessas “gerações digitais”.

LOCAIS DE ACESSO

Entre as crianças que acessam a Internet, no Brasil, o domicílio destaca-se como o principal local de acesso (60%), embora com valores bastante inferiores à média europeia (87%) e a Portugal (92%), aqui pelas razões atrás apontadas de acesso a portáteis pessoais. Olhando para os diferentes locais de acesso dentro e fora do domicílio (Gráfico 1), verificamos que a escola ocupa o primeiro lugar, seguida pelo espaço comum do domicílio, dos domicílios de amigos e as *lanhouses*. O acesso mais privado, no quarto de dormir, está bastante abaixo dos resultados europeus e muito longe do português. Por sua vez, o acesso à Internet pelo celular está bastante à frente da média europeia, para o que podem influir não só as políticas de incentivo desse meio como também os dois anos de diferença que separam os inquéritos europeu e brasileiro.

GRÁFICO 1
LOCAIS DE ACESSO NO BRASIL, EM PORTUGAL E NA MÉDIA DA EUROPA



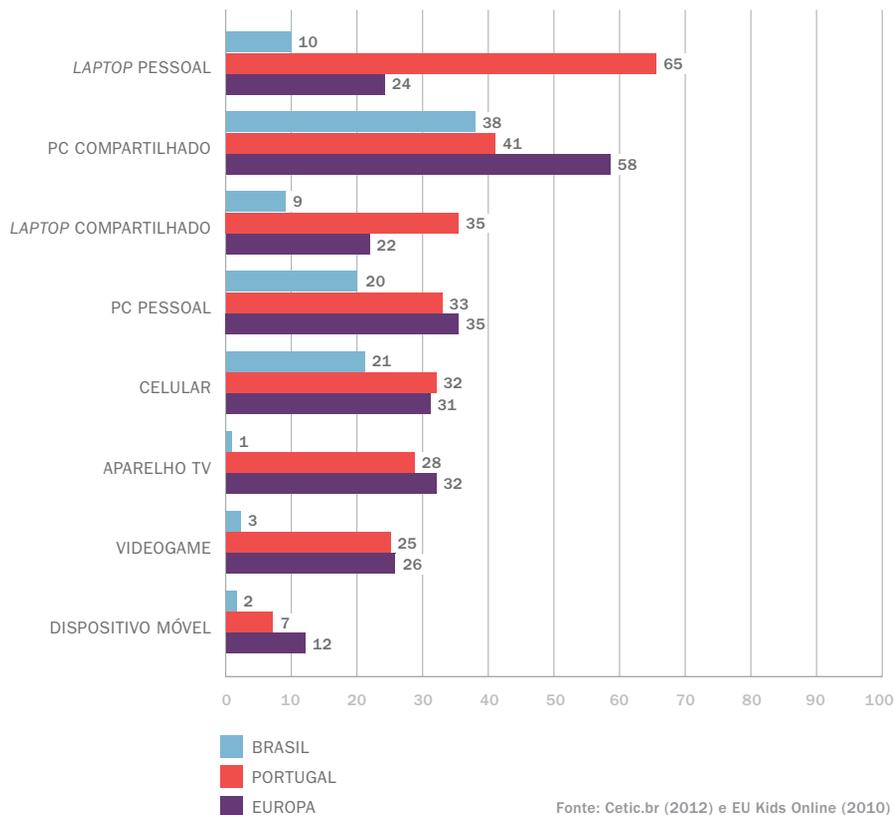
Fica, contudo, por saber como varia a diversidade do leque de acessos. Por exemplo, quem acessa por celular faz isso apenas por essa via? Quem acessa no espaço comum da casa acessa também no quarto de dormir? Há quem tenha acesso só na escola ou só na *lanhouse*?

As crianças e os adolescentes portugueses aparecem entre os maiores frequentadores de bibliotecas e de outros lugares públicos de acesso gratuito à Internet: 25% (em quarto lugar, a seguir à Finlândia, Lituânia e Estônia), para uma média europeia de 12%. Esses espaços digitais ligados a bibliotecas e a centros juvenis podem constituir contextos importantes para um uso menos restritivo do que a escola ou alguns lares, permitindo realizar aprendizagens e trabalhar competências em torno de projectos mobilizadores. Não foi isso, contudo, o que revelou a pesquisa no terreno em Portugal, em 2011 (PONTE, 2011).

RECURSOS TECNOLÓGICOS PARA ACESSO

Como se pode ver no Gráfico 2, enquanto Portugal diverge da média europeia no acesso a *laptops*, pessoais ou compartilhados, o Brasil coincide quando coloca em primeiro lugar o PC compartilhado, mas as razões dessa coincidência podem variar. O celular vem à frente do PC pessoal, o acesso pelo televisor é quase residual, e o elevado peso da categoria “outros” corresponde ao computador usado fora de casa, nas *lanhouses*, por exemplo.

GRÁFICO 2
EQUIPAMENTOS PARA ACESSAR A INTERNET NO BRASIL, EM PORTUGAL E NA MÉDIA DA EUROPA



Também esses resultados sobre os equipamentos convidam a conhecer como se processa a sua distribuição: quem dispõe apenas de um meio de acesso privado, seja ele o celular ou o PC? Quem não dispõe de nenhum, e quem dispõe de uma panóplia? Como varia pela idade, o gênero ou a classe social?

FREQUÊNCIA DE USO

A frequência do acesso permite averiguar até que ponto a Internet se insere no cotidiano. Apesar das condições favoráveis de acesso e da posse de meios para acessar, o uso frequente da Internet (“todos os dias ou quase todos os dias”) está em Portugal abaixo da média europeia (57%), com 52% nos agragados com menos recursos socioeconômicos.

No Brasil, o uso frequente está em 47%. Enquanto 66% das classes AB acessam todos os dias ou quase, isso acontece em menos da metade da classe C (45%), e em apenas 17% das classes DE. Destas, perto de um terço (31%) declara acessar uma ou duas vezes por mês, ou menos do que isso.

Em síntese, nesse primeiro nível de divisão digital, apesar do veloz crescimento da penetração da rede na sociedade brasileira e da posição de liderança de crianças e adolescentes, registram-se acentuadas diferenças entre os mais novos: um elevado número continua ainda digitalmente excluído; entre os que acessam a Internet há uma diferença social acentuada no que se refere à privacidade do equipamento e do local, bem como à frequência.

UM SEGUNDO NÍVEL DE DIVISÃO DIGITAL: ATIVIDADES E HABILIDADES

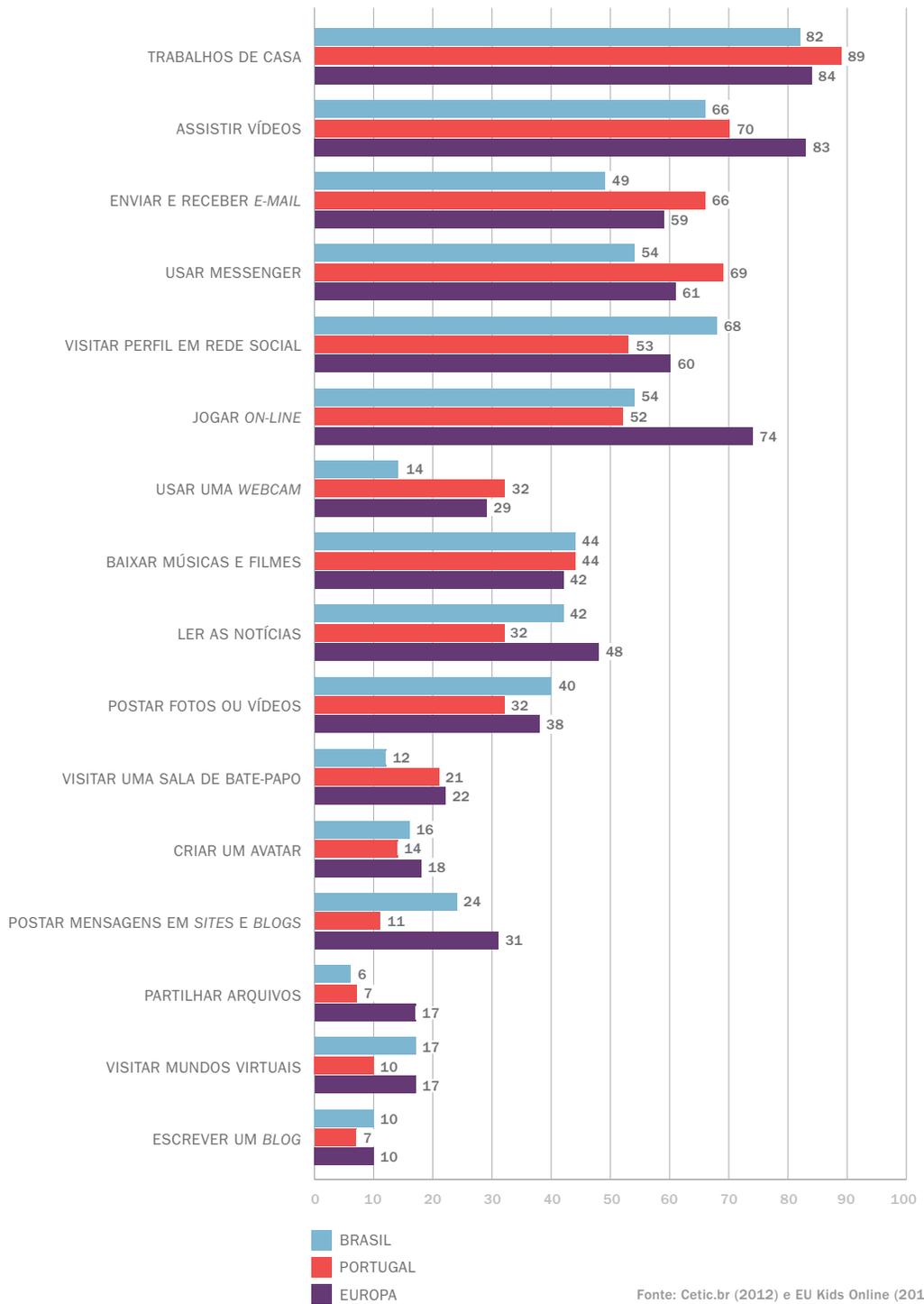
Uma das expressões mais usadas para caracterizar as atividades na rede é a de uma “escada de oportunidades” que as crianças e os adolescentes percorrem, dos degraus mais baixos ao nível superior (LIVINGSTONE; HELSPER, 2007). O primeiro degrau – receber e procurar informação disponível – define um uso básico; o segundo adiciona jogos e correio eletrônico, num uso moderado; um uso alargado junta as mensagens instantâneas e a descarga de músicas; por fim, usos interativos, diversificados e criativos caracterizam os utilizadores plenos. Apenas uma minoria chega ao topo, incluindo agora a atenção às redes sociais. Essa hipótese é poderosa para distinguir tipos de uso. Nesse ponto, a pesquisa europeia revelou diferenças por idade (sobretudo) e gênero, mais do que desigualdades sociais (HASEBRINK, 2012).

O Gráfico 3 apresenta o leque de atividades reportadas por crianças e adolescentes brasileiros, portugueses e a média europeia, transparecendo uma maior proximidade do que nos gráficos anteriores. Apesar das diferenças no acesso, estamos assim perante uma cultura de usos na rede em que coincidem quase sempre os mesmos degraus da “escada de oportunidades”.

De fato, o leque de atividades é estreito. Das 17 sugeridas neste inquérito, seis são realizadas por mais de metade dos respondentes, num denominador transnacional: trabalhos escolares, visualização de vídeos, trocas de correio eletrônico e de mensagens instantâneas, jogos e redes sociais. Além dos trabalhos escolares, lideram nas referências europeias atividades relacionadas com conteúdos à disposição na rede (YouTube e jogos). Em Portugal destacam-se as práticas de comunicação por via de mensagens de correio e instantâneas, e as redes sociais destacam-se no Brasil, podendo aqui novamente fazer-se sentir o efeito do tempo, que as popularizou.

Seis atividades que incitam à exploração do espaço virtual, à criatividade e à participação não abrangem em regra mais de um quinto dos internautas. O degrau mais elevado da “escada de oportunidades” é assim ocupado por uma reduzida minoria.

GRÁFICO 3
ATIVIDADES CITADAS NO BRASIL, EM PORTUGAL E NA EUROPA



No Brasil, o uso da Internet para trabalho escolar, o mais referido, é, contudo, uma prática esporádica: 49% realizam-na uma ou duas vezes por semana, e 38%, uma ou duas vezes por mês. No outro extremo, as redes sociais e a troca de mensagens são práticas diárias para mais de metade dos respondentes (53%). Mais de um terço menciona usos da Internet associados a jogos, música e comunicação (postar mensagens, enviar correio eletrônico). A procura do contato e o recurso à rede como meio de consumo são assim as práticas mais frequentes entre crianças e adolescentes brasileiros, e as atividades relacionadas com aprendizagens escolares aparecem em posição secundária, numa separação de esferas.

Na comparação com os resultados europeus (LIVINGSTONE; ÓLAFSSON; STAKSRUD, 2011), e sem esquecer a diferença temporal, é notável a entrada nas redes sociais das crianças brasileiras mais novas. Em 2012, aos 9-10 anos, quase metade das crianças brasileiras já lá está: 42%, para 24% na média europeia em 2010. Essa diferença atenua-se, contudo, entre os adolescentes. A inexistência de redes sociais dirigidas a crianças e jovens estudantes, muito populares em alguns países europeus (como o Nasza-Klasa, da Polónia, e a Schüler VZ, na Alemanha), a vontade de integração com pares e a pressão para estar na rede social “onde estão todos” parecem ter uma expressão fortíssima entre as crianças brasileiras, desafiando a um melhor conhecimento do que são as suas práticas e como podem ser realizadas em segurança.

HABILIDADES E LITERACIAS DIGITAIS

Para a apreciação da literacia digital foram consideradas a variedade e a intensidade da frequência das atividades na Internet, a autoavaliação da eficiência pessoal (em questões como: “eu sei muitas coisas sobre a Internet” ou “eu sei mais sobre a Internet do que os meus pais”) e oito competências concretas em matéria de segurança, estas aplicadas apenas a maiores de 11 anos.

A comparação entre a média europeia e os resultados brasileiros revela proximidade em competências como marcar um *site* nos favoritos (64%-63%, respectivamente), mudar definições de privacidade (56%-54%), apagar o histórico (52%-50%) ou mudar as preferências dos filtros (28%-31%). Mas os adolescentes brasileiros citam bastante menos que sabem bloquear propaganda indesejada (51%-44%), encontrar informação sobre como usar a Internet em segurança (63%-55%) e comparar diferentes *sites* para saber se as informações são verdadeiras (56%-41%).

Três quartos das crianças e dos adolescentes brasileiros consideram ser verdadeira a afirmação de que sabem mais sobre a Internet do que os seus pais, e essa declaração varia pouco por classes sociais: 68% das crianças das classes AB, 77% na classe C e 78% nas classes DE. Esses valores sugerem uma diferença geracional que se faz mais sentir no Brasil do que em Portugal e na média europeia. De fato, em Portugal, apenas 28% de crianças e adolescentes de meios socioeconômicos mais favorecidos acham que sabem mais do que os seus pais, e esse valor é de 65% nos lares com menos recursos.

Nesse segundo nível de divisão digital destaca-se o que parece ser uma “cultura transnacional” assente mais numa procura de estar em contato com os outros e de seguir o que “todos seguem” do que em tirar partido das potencialidades da rede para usos mais criativos e participativos. Destaca-se no Brasil a dissonância geracional, que aproxima mesmo crianças e adolescentes de diversas posições sociais. Esse resultado será um dos mais interpelantes para pesquisas futuras sobre as relações geracionais nas famílias brasileiras.

CONCLUSÃO

Apesar do aumento acentuado da penetração da Internet no Brasil e em vários países europeus, e de as crianças e os jovens serem os maiores utilizadores em muitos países, persistem diferenças nas condições e modos de acesso, que espelham desigualdades sociais entre (e no interior dos) países. Os “nativos digitais” não são um grupo homogêneo, continuando a existir uma parte da população mais nova que fica fora da rede ou que a acessa em condições menos favoráveis. Se as diferenças entre Brasil e Europa são notórias em termos de acesso, tendem a atenuar-se contudo, nos usos e habilidades. Se esta breve comparação aponta diferenças e semelhanças entre crianças e jovens do Brasil e Europa, nos seus acessos e usos da Internet, são necessárias análises comparadas mais aprofundadas que permitam seguir outras pistas. Estamos empenhados no trabalho conjunto para essas análises.

REFERÊNCIAS

- DIMAGGIO et al. Social Implications of the Internet. *Annual Review of Sociology*, n. 27, p. 307-336, 2001.
- DIMAGGIO et al. Digital Inequality: From Unequal Access to Differentiated Use. In: NECKERMAN, K. (Org.). *Social Inequality*. Nova Iorque: Russell Sage Foundation, p. 355-400, 2004.
- HARGITTAI, E. Second-level digital divide: difference in people's online skills. *First Monday*, n. 7, v. 4, 2002. Disponível em: <<http://webuse.org/pdf/Hargittai-SecondLevelFM02.pdf>>.
- HARGITTAI, E. The Digital Reproduction of Inequality. In: Grusky, D. (Org.). *Social Stratification*. Boulder: Westview Press, p. 936-944, 2008.
- HARGITTAI, E.; HINNANT, A. Digital Inequality: Differences in Young Adults' Use of the Internet. *Communication Research*, v. 35, n. 5: p. 602-621, 2008.
- HASEBRINK, U. Young europeans' online environments: a typology of user practices. In: LIVINGSTONE, S.; HADDON, L.; GÖRZIG, A. (Org.). *Children, risk and safety on the Internet*. Bristol: The Policy Press, p. 127-139, 2012.
- HASEBRINK, U.; LIVINGSTONE, S.; HADDON, L.; ÓLAFSSON, K. (Org.) *Comparing children's online opportunities and risks across Europe: Crossnational comparisons for EU Kids online*. Londres: EU Kids online/LSE, 2009. Disponível em: <<http://www.eukidsonline.net>>.
- LIVINGSTONE, S. On the Challenges of Cross-National Comparative Media Research. *European Journal of Communication*, v. 18, n. 4, p. 477-500, 2003.
- LIVINGSTONE, S.; Helsper, E. J. Gradations in digital inclusion: children, young people and the digital divide. *New Media & Society*, n. 9, p. 671-696, 2007.
- PAUS-HASEBRINK, I.; BAUWENS, J.; DUREGER, A; PONTE, C. Exploring types of parental-child relationship and Internet use across Europe. *Journal of Children and Media*, n. 6, v. 6, 2013. DOI:10.1080/17482798.2012.739807.
- PONTE, C. A rede de espaços Internet: entre paradoxos e desafios da paisagem digital. *Media e Jornalismo*, n. 19, p. 39-58, 2011. Disponível em: <http://www.cimj.org/images/stories/docs_cimj/cp_19.pdf>.
- VAN DIJK, J. Digital divide research, achievements and shortcomings. *Poetics*, 2006, 34(4-5), p. 221-235.

DESAFIOS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS: RISCOS E OPORTUNIDADES ANDAM DE MÃOS DADAS

Drica Guzzi¹

Iniciativas como a pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012, resultado de um acordo entre o Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic.br) e a London School of Economics (LSE) para trazer para o Brasil a metodologia utilizada na pesquisa europeia EU Kids Online, fomentam de maneira concreta a aproximação e articulação mais ativa entre pesquisadores brasileiros e internacionais, além do efeito direto do alinhamento de alguns indicadores, possibilitando análises comparativas e, com isso, aumentando o entendimento dos usos da Internet e suas consequências.

No processo de análise e produção de compreensão e sentidos, devemos estar alertas para não cairmos em simplificações universalizantes ou num fácil posicionamento ideológico-fundamentalista. A complexidade dos tempos atuais exige cautela e sutileza nas interpretações dos dados e versões dos fatos. Caminhamos em uma multiplicidade de versões (ou subversões?) e somos permanentemente desafiados a produzir narrativas coerentes em contextos ambivalentes e transitórios. Nesse sentido, essa pesquisa é uma imensa oportunidade (e um imenso risco!) para ampliarmos nossa compreensão a respeito do universo da Internet e das relações que atravessam o contexto dos pais e filhos, professores e estudantes, amigos e parentes para, no mínimo, produzirmos debates e, conseqüentemente, políticas públicas mais inteligentes em torno de questões relevantes.

Abusando dos limites da síntese e da generalização, temos a seguinte situação²: uma criança é “programada” para aprender e participar do jogo normal da vida para a qual evolui – ser bonita, crescer, ganhar seu pão, fazer amizades, cuidar dos parentes, evitar perigos, combater inimigos, encontrar parceiros, criar filhos, tornar-se velha e sábia e morrer. Em vez disso, uma pessoa, quando criança, se depara com um bizarro mundo novo, repleto de deveres frustrantes e ideias contraintuitivas: na escola deve, por exemplo, ficar em silêncio e aprender matemática (nada contra). Mais tarde, o jovem precisa encontrar um emprego, talvez vá morar longe dos amigos, ignorar os parentes, dirigir automóveis, largar os filhos em creches e tornar-se um fardo na velhice.

¹ Mestre e doutoranda em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pesquisadora do Núcleo das Novas Tecnologias de Comunicação Aplicadas à Educação – Escola do Futuro, na Universidade de São Paulo (USP). Autora do livro *Web e Participação: a democracia do século XXI*, publicado pela Editora Senac e premiado em terceiro lugar pelo Prêmio Jabuti 2011.

² Trecho retirado e adaptado do livro *Darwin vai às compras – Sexo, evolução e consumo*, de Geoffrey Miller.

As crianças enfrentam esse novo mundo com uma orientação mínima. Em geral, os pais ficam fora o dia inteiro para ganhar dinheiro, comprar coisas e ficarem mais bonitos e especiais para atrair mais a atenção de outros homens e mulheres. Os professores de Ensino Médio tampouco elucidam o mundo (ambivalente) do consumismo e, na universidade, os discursos são normalmente bombásticos e perturbadores.

Assim, quase todo mundo cresce de forma confusa, passa pela vida de maneira confusa e morre num estado de confusão.

USO DA INTERNET E PERCEPÇÃO SOBRE OS RISCOS: O PAPEL DOS PAIS NA APRENDIZAGEM E SEGURANÇA NA INTERNET

O presente artigo tem dois objetivos. O primeiro é descrever e indicar algumas possibilidades de leitura dos dados trazidos pela pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012 no contexto da mediação do uso e percepção sobre os riscos da Internet (considerando-se que as mediações dos pais, professores e amigos afetam diretamente as condições em que a criança realiza suas atividades em rede – condições de acesso, usos, atitudes e capacidade de usar a rede). O segundo objetivo é sugerir algumas maneiras de, a partir da análise dos indicadores, combinarmos de forma mais potente as melhores características da vida social com as novas e modernas tecnologias de informação e comunicação.

É POSSÍVEL SABER “ONDE” SEU FILHO ESTÁ AGORA?

A crescente integração da criança e do adolescente na rede e a apropriação do conhecimento por meio do uso da Internet têm impactado substancialmente as formas de aprendizagem formal e não formal e, conseqüentemente, o relacionamento do estudante com a escola. Nesse sentido, crianças, pais, professores e educadores, ao enfrentar esses novos desafios, necessariamente assumem novos comportamentos.

Com o advento e ampliação da banda larga, além da diminuição do preço do computador e dos avanços da telefonia móvel, a Internet passou a ser bem mais acessível a grande parte da população que mantém um padrão médio de vida. Como a pesquisa demonstra, acessar a Internet de outros pontos da casa (como do quarto de dormir, além da sala, ou do celular por meio de redes sem fio – *wireless*) é, agora, possível a qualquer hora.

Considerando-se a última pesquisa TIC Domicílios 2011, no cenário de acesso à Internet no país, 38% dos domicílios brasileiros possuem acesso à Internet (em 2008 eram 18%), e a porcentagem de usuários de Internet (com acesso nos três meses anteriores à pesquisa) é de 45% (em 2008, 34%). É um aumento expressivo, mas vale ressaltar que ainda estamos longe de um acesso universalizado e de qualidade no Brasil.

Se analisarmos os usuários de Internet por idade, a proporção de jovens é alta (na casa dos 70%, entre os jovens de 13 a 16 anos). Além do acesso à Internet, temos o fenômeno dos celulares no Brasil. A pesquisa aponta que o celular é a segunda tecnologia mais presente nos domicílios brasileiros, atrás apenas da televisão. Ele faz parte do cotidiano de 87% dos lares no país, enquanto a TV chega a 98% deles. Em 2008, 72% das residências tinham o aparelho.

Hoje, as crianças e os adolescentes podem estar no mundo digital e podem estar na sala ou no quarto, diante de um computador ou *laptop*, ou falando, mandando mensagens ou postando fotos pelo celular, enfim, estão vivendo no século 21.

Da mesma forma, as escolas públicas e privadas não podem mais conceber a aprendizagem dos jovens fora desse contexto mundial contemporâneo. O espaço físico da sala de aula e das escolas não é mais suficiente para comportar os pressupostos essenciais dos educadores e estudantes em relação à transformação do modelo educacional global.

Há pouco mais de uma década, a grande maioria dos educadores e pais não poderia sequer conceber a transformação radical pela qual o aprendizado passaria, trazendo benefícios irrefutáveis, mas tampouco poderia prever prováveis “riscos” da interconexão incessante.

Será que os pais conseguem acompanhar o que os filhos fazem quando estão na Internet? Por outro lado, como a criança ou o adolescente percebe o quanto seus pais sabem o que ela está fazendo quando está conectada? Será que o jovem gostaria que eles se interessassem mais por essa questão, ou menos? Segundo a percepção da criança e do adolescente, como os pais costumam orientá-los para o uso da Internet? Em que medida os pais autorizam o uso da Internet, para conversas *on-line*, envio de mensagens, postagens de fotos, etc.? Os pais verificam que *sites* foram visitados pelos filhos, *e-mails* ou mensagens instantâneas? Eles interferem nas informações que constam do seu perfil nas redes sociais e outras comunidades *on-line*?

De acordo com a pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012, 37% dos pais ou responsáveis têm a percepção de que não é nada provável que seus filhos passarão por algum incômodo ou constrangimento nos próximos seis meses; 31% acham pouco provável; 14% acham mais ou menos provável; 7%, muito provável. Observa-se que, ao somarmos os percentuais dos que consideram que os filhos não passarão por constrangimentos ou incômodos e os que acham pouco provável, temos um total de 68%, o que pode nos indicar que os pais ou responsáveis demonstram certa tranquilidade ou parecem ter certa confiança quanto à não vulnerabilidade de seus filhos em relação a algum constrangimento na rede. Por outro lado, quando questionados quanto à “capacidade de ajudarem os filhos a lidar com situações que os incomodem ou constriam caso venham a ocorrer”, 25% acreditam ser muito capazes, e 35%, suficientemente capazes de fazê-lo.

Ao analisarmos as duas respostas em conjunto, percebemos que, se, por um lado, quase 70% consideram que seus filhos não passarão algum tipo de constrangimento nos próximos seis meses, por outro, quase 40% se percebem pouco ou nada capazes de ajudá-los (2% não sabem se seriam capazes ou não).

Aqui podemos levantar algumas hipóteses: a maioria dos pais (68%) confia que seus filhos não passarão por constrangimento – por acharem que seus filhos usam com segurança a rede, ou que a rede é segura, ou ainda porque seus filhos não se metem em confusões, nem na rede, nem fora dela. Ou seja, essa percepção pode ser não só em relação à Internet como também à vida em geral.

Quando questionados se consideram que seus filhos utilizam a Internet com segurança, 71% disseram que sim, consideram que seus filhos usam com segurança, enquanto 30% consideram que não (22%), ou não sabem (8%). Se a grande maioria dos pais não está alarmada, mas confiante sobre a segurança dos filhos na Internet, percebe-se que o fato de 30% acreditarem que não sabem, ou que os filhos não estão em segurança, é um problema que merece atenção especial dos pais e educadores.

A proporção de pais ou responsáveis que acreditam que o filho tenha passado por alguma situação de incômodo ou constrangimento ao utilizar a Internet nos últimos 12 meses foi de apenas 6%, enquanto 89% acreditam que não, e 4% não sabem. Também nesse caso, embora o índice de pais ou responsáveis que responderam “sim” seja bastante inferior em relação aos que responderam “não”, 6% é um índice relevante, podendo merecer maior consideração ainda, dependendo do tipo de incômodo ou constrangimento por que o filho tenha passado. Outro ponto que nos chama a atenção no alto índice das respostas dos pais que não acreditam que o filho tenha passado por alguma situação de constrangimento ou incômodo pode ser também um motivo de distanciamento dos pais em relação às atividades dos filhos, o que dificultaria o relato de alguma situação desse tipo.

Quando questionados se usam a Internet, 47% dos pais ou responsáveis afirmaram que usam, e 53% que não usam. Dentre os que usam a Internet, 44% usam todos os dias ou quase todos os dias; 35% usam uma ou duas vezes por semana; 12%, uma ou duas vezes por mês; 6% usam menos de uma vez por mês; 2% não souberam responder.

Parece-nos interessante fazer uma observação aqui acerca desses percentuais apresentados. Se somarmos o percentual dos pais que responderam que usam uma ou duas vezes por mês, menos de uma vez por mês e os que não souberam responder (consideramos essa uma indicação de baixa frequência de uso) ao percentual dos pais que não usam a Internet, teremos 62% de pais em cujas vidas a Internet tem presença nula ou baixa. E, enfim, são esses pais que estão tendo que lidar com essa nova condição de possibilidades que é a Internet na vida de seus filhos.

Na questão de múltipla escolha em que se quis saber dos pais ou responsáveis quais as “fontes utilizadas para obtenção de informações sobre uso seguro da Internet”, resultou que televisão, rádio, jornais ou revistas são os meios pelos quais 52% obtêm informações sobre uso seguro da Internet; 37% tiveram conhecimento por familiares e amigos; 28%, pela escola dos filhos; 9%, por provedores de serviços da Internet; 8%, por *sites* com informações sobre segurança; 7%, pelo governo; 7%, pelo(s) filho(s); 18% afirmaram que não buscam informações sobre isso.

Esses índices merecem algumas considerações para pesquisadores, analistas de pesquisas acadêmicas ou governamentais, pais, educadores, mídia em geral, enfim, todos os que sejam responsáveis ou dependam da rede digital.

Apesar de muitos pais considerarem que os filhos possam saber mais sobre Internet do que eles próprios, as respostas indicam que procuram outras fontes para serem informados sobre uso seguro na Internet. Talvez tenhamos aqui um sintoma de falta de diálogo ou distância dos processos que envolvam o uso da Internet em casa, na escola ou na rua e, indo um pouco além, do próprio processo de aprendizagem dos filhos na escola e no meio social em que eles possam ser inseridos fora de casa.

A questão seguinte sobre fontes desejadas pelos pais ou responsáveis para obtenção de informações sobre uso seguro da Internet nos permite avançar um pouco mais acerca da expectativa dos pais como mediadores dos filhos no uso da Internet. As respostas a essa questão, também de múltipla escolha, são bastante reveladoras.

Se na pergunta anterior sobre quais fontes os pais ou responsáveis de fato usavam para obter informações sobre uso seguro da Internet, a escola alcançava 28%, quando questionados sobre quais eram as fontes a partir das quais eles desejavam obter as informações, a maioria apon-

tou a escola como principal fonte (61%) para obter essas informações. Se considerarmos o *gap* entre o real e o desejado, ou seja, entre os 28% e os 61%, teremos a distância de 33 pontos percentuais, o que, numa pesquisa como essa, é bastante relevante. Por esse indicativo, perceberemos o quanto a escola pode avançar como espaço de interlocução qualificado para tratar, entre outras questões, do contexto de uso e segurança na Internet. Talvez devêssemos ponderar também o quanto dessa expectativa não é uma idealização da escola e/ou certa transferência de responsabilidades.

Outro dado revelador e que, a nosso ver, é importante, refere-se às expectativas de obter mais informações sobre o uso seguro da Internet pelo governo (30%). Aqui, o *gap* entre o real e o desejado é menor que o da escola, mas é bastante alto (23 pontos percentuais). Trata-se de um índice para o qual os governos em todos os níveis devem atentar, pois também demonstra a confiabilidade da população entrevistada nas ações governamentais voltadas para a mediação dos pais e educadores no desenvolvimento dos jovens.

Por outro lado, o desejo de que os filhos sejam fonte de informação é de 8% (praticamente igual aos 7% de fonte real de informação). Se, por um lado, não existe praticamente *gap* entre o real e o desejado, o fato de os filhos configurarem em última posição na lista de fontes desejadas para a obtenção de informação sobre o uso seguro na Internet pode nos convidar a levantarmos algumas hipóteses, como: sensação de diminuição de autoridade (por parte dos pais), ou algum sentimento de inferioridade; aumento da possibilidade de os filhos se arrisarem ao perceber que seus pais não entendem muito do assunto; pouco hábito de aprenderem com seus filhos; alguma dificuldade (de ambos os lados) para conversarem; a visão de que quem tem que educar são os pais, e os filhos obedecerem; certa arrogância por parte dos filhos, por se considerarem mais conhecedores que seus pais; enfim, questões históricas, sociais, culturais e econômicas, que constituem e influenciam os hábitos, valores e costumes da sociedade em geral.

A CRIANÇA E O ADOLESCENTE EM RELAÇÃO AO USO DA INTERNET E SEUS PAIS

Os dados contidos nas tabelas da pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012 relativos à mediação (Tabelas E1 a E15) que mostram o ponto de vista da criança e do adolescente em relação aos hábitos de uso da Internet e segurança constituem importante material de pesquisa e análises mais aprofundadas sobre os mecanismos de aprendizagem na rede. Por estarem subdivididos por região, sexo, escolaridade do pai ou responsável, faixas etárias (9-10, 11-12, 13-14, 15-16), renda familiar e classe social (AB, C, DE), há muitas maneiras de fazer cruzamentos das informações e observar de perto aspectos específicos da vida de jovens e pais ou responsáveis a partir de suas opções no universo digital.

Por exemplo, do ponto de vista da criança e do adolescente, 38% do total dos entrevistados têm a percepção de que os pais sabem muito bem o que ela faz na Internet; 35% pensam que eles sabem mais ou menos; 17%, apenas um pouco; 10%, que não sabem.

Quando requisitados a dizer quais atividades realizaram no último mês, com a opção de múltiplas respostas, a grande maioria afirmou ter usado para fazer um trabalho escolar (82%); visitar um perfil ou página de rede social (68%); assistir a vídeos (66%); jogar *games* com outras pessoas na Internet; usar mensagens instantâneas (54%). As outras opções de resposta não chegaram a 50% de uso.

A respeito do desejo da criança e do adolescente de que os pais ou responsáveis se interessem mais pelo que ela faz na Internet, temos o seguinte quadro: 19% acham que eles deveriam se interessar muito mais; 24% querem que se interessem um pouco mais; 50% acham que está bom do jeito que está; 8% se dividiram entre um pouco menos (5%), muito menos (2%) e não sabem responder (1%).

Apesar de exatos 50% desejarem que tudo permaneça como está, 43% desejam que seus pais se interessem um pouco ou muito mais pelo que fazem na Internet. Esse desejo de que seus pais se interessem “muito mais” é maior para as crianças mais novas (9 e 10 anos) e da classe DE. Aqui cabe indicar que apesar da pergunta se referir especificamente ao que fazem na Internet, talvez esse “estado de querência” por maior interesse de seus pais seja não só a respeito do que fazem na Internet, mas em suas vidas em geral. O desejo de maior interesse a respeito do uso decresce na medida em que ficam mais velhos.

De acordo com a percepção da criança e do adolescente sobre o tipo de orientação que os pais ou responsáveis costumam dar aos filhos para o uso da Internet (questão de múltipla escolha), 74% afirmaram que os pais conversam a respeito do assunto; 54%, que ficam perto quando a Internet está sendo usada; 45% sentam junto (apenas vendo o que é feito); 35% encorajam a exploração da *web* e o autodidatismo na Internet; 35% realizam atividades conjuntamente na Internet. De certa forma, existe uma percepção de presença dos pais na orientação de uso da Internet, apesar de desejarem que essa presença seja intensificada.

Na resposta estimulada do item E12, que perguntou sobre a “proporção de crianças e adolescentes cujo amigo deu alguma orientação sobre o uso da Internet”, os dados foram reveladores. Para 61% dos entrevistados, o amigo ajudou a fazer alguma coisa na Internet que ele(a) não havia entendido; para 41%, o amigo sugeriu formas de usar a Internet com segurança; para 40%, ele soube explicar por que alguns *sites* são bons e outros, ruins; para 31%, ele sugeriu como se comportar com outras pessoas na Internet; para 19%, ele ajudou quando alguma coisa na Internet estava incomodando ou chateando a criança.

Quando a questão se inverteu, ou seja, quando foi perguntado se a criança ou o adolescente já havia sugerido formas de uso seguro da Internet a um amigo (Tabela E13), o percentual se reduziu: 47% disseram que sim, e 53% disseram que não – ou seja, entre os entrevistados, a percepção é que mais foram ajudados do que ajudaram.

Esse grupo de respostas é particularmente interessante, quando relacionado ao modo de viver contemporâneo, em que a interlocução entre amigos é alta para aprender, desenvolver habilidades, sociabilizar-se, receber estímulos e *feedbacks* de seus pares.

A pesquisa também quis saber da criança ou do adolescente se o professor já deu orientação sobre o uso da Internet: 51% disseram que sim, que o professor explicou por que alguns *sites* são bons e outros ruins; 46% identificaram que o professor conversou diretamente sobre o que ele(a) faz na Internet; 44% disseram que o professor sugeriu formas de usar a Internet com segurança; 10% apontaram que tiveram ajuda do professor quando alguma coisa o(a) estava chateando ou incomodando. De certa maneira, pouco mais da metade (51%) das crianças e jovens percebem que estão tendo algum tipo de orientação e/ou ajuda de seus professores, o que pode ser uma boa notícia. Por outro lado, quase a metade não apontou nenhuma participação do professor em questões dessa natureza.

Quando questionados a respeito da origem dos conselhos recebidos sobre uso seguro da Internet, as crianças e jovens mencionaram outros parentes e o professor como os atores mais presentes (59% e 55%, respectivamente) e consideram (33%) que a mídia tradicional (televisão, rádio, jornais) e as lojas são origens de conselhos recebidos pelo uso seguro da Internet. Aqui há uma interessante diferença, provavelmente geracional, quanto a fontes de informação qualificada a respeito de informações do uso seguro da Internet. Para os pais e responsáveis, a mídia tradicional ocupa maior espaço e relevância (52%).

MAIORES OPORTUNIDADES DE APRENDIZAGEM, MAIORES RISCOS

Mas, existiria uma forma “correta” para o jovem usufruir apenas as oportunidades da Internet? Há uma questão muito importante a ser pensada aqui: o tipo de acesso determina o uso. Uma coisa é acessar meia hora a cada duas semanas, outra é ter acesso à banda larga de fato, cinco dias por semana. Os esforços para aumentar as oportunidades podem também aumentar os riscos. Por outro lado, os esforços para minimizar os riscos podem restringir as oportunidades para a criança ou para o adolescente.

O jovem de hoje que já mantém um contato estreito com as inovações tecnológicas quer usufruir de seus benefícios, sociabilizar-se, conversar com pessoas de origens diferentes, e isso é fundamental para o processo de desenvolvimento de sua subjetividade, da consciência de si, da descoberta de seus interesses e vocações. Para isso, tem que conhecer, experimentar, investigar, testar, posicionar-se, ter *feedbacks* principalmente de seus pares – e infelizmente a escola nos moldes tradicionais de ensino não é mais o espaço fundamental para isso.

Em geral, o ensino ministrado nas escolas é pouco atrativo para uma juventude ansiosa por aprender coisas novas e desenvolver habilidades e conhecimentos, e a escola está ocupando muito pouco esse lugar do interesse, da motivação para aprender.

Os estudantes estão aprendendo a viver, a pensar junto, a ter uma opinião, e há um grande incentivo fora da sala de aula para descobrir coisas novas. Cabe também aos pais incentivar e acompanhar o processo de aprendizagem dos filhos, convivendo mais de perto com essa realidade que não fazia parte de seu tempo de criança e adolescente.

O acesso aos celulares, por exemplo, não diz respeito apenas ao acesso à tecnologia e comunicação recreacional. A explosão de aplicativos atrelados à geolocalização, por exemplo, começa a interferir na maneira como as pessoas (jovens principalmente) veem e habitam o espaço em que vivem. A inteligência coletiva começa a ser entendida não só como ações e criação de *sites*, redes sociais e aplicativos colaborativos, mas também como ação coletiva e coordenada no espaço físico das cidades.

Por sua vez, a escola é um lugar especial e que dispõe de certa proteção para as conexões na rede, o que é positivo. Entretanto, faz sentido, nos dias atuais, o jovem viver descolado dos processos da vida em geral, absorvendo informações, conceitos gramaticais, ciências e artes selecionados e ordenados linearmente, obedecendo a hierarquias reproduzidas por um longo período de suas vidas?

Professores e alunos devem conversar não sobre notas, mas sobre quem eles são. E como eles fazem as coisas que fazem. São pessoas que estão trabalhando juntas, buscando resolver problemas comuns. Ambos, estudante e professor, precisam interessar-se mais um pelo outro, e desenvolver, mais do que habilidades tecnológicas, capacidades analíticas, pensamento, discussão, sociabilidade e relacionamento humano. Para isso, é fundamental que exista um contexto de observação. *Design* de escuta e observação, de si e do outro.

O papel dos pais é essencial para a canalização e potencialização dos interesses individuais dos seus filhos que buscam uma reinvenção da aprendizagem por meio de processos de pesquisa e busca de um conhecimento específico que possam desenvolver suas habilidades e ampliar também a capacidade de discernimento, não restringindo o certo e o errado apenas pelas versões oficiais do currículo escolar.

Nesse contexto, a presença massiva de crianças e adolescentes na Internet pode ser interpretada como um espaço a ser pensado para o exercício de uma política pública na área da educação destinada ao desenvolvimento de toda a sociedade. Em vez de tratar a questão de forma isolada ou como um fardo, a escola pode ser pensada como uma estratégia de responsabilidade social e mediadora de uma rede de pessoas e instituições mais distribuídas. Como implicar os estudantes em processos de cidadania e intervenção na vida de fato? Qual é a sociedade que se deseja construir?

Por fim, cabe mencionar a análise comparativa feita por Cristina Ponte entre as pesquisas Kids Online de Portugal e do Brasil (PONTE, 2012). Segundo a pesquisadora, na sociedade brasileira, apesar do veloz crescimento da rede e da posição de liderança de crianças e adolescentes, registram-se acentuadas diferenças em relação à sociedade portuguesa que merecem ser observadas: o fato de que um elevado número de pessoas continua ainda digitalmente excluído e a acentuada diferença social nas condições de acesso, nos recursos e na intensidade de frequência entre os que acessam a Internet. A partir desses dados, ela pergunta: como é que essas diferenças influenciam os usos, as atividades, as habilidades, as práticas de consumo? Que estratégias de inclusão digital promover?

Esses são, ainda, desafios que nós – pesquisadores, ativistas da inclusão digital, atores em rede – estamos dispostos a superar.

REFERÊNCIAS

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. *Dimensões e características da Web brasileira: um estudo do .gov.br*. Disponível em: <<http://www.cgi.br/publicacoes/pesquisas/govbr/cgibr-nicbr-censoweb-govbr-2010.pdf>>.

_____. *Pesquisa sobre o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil: TIC Crianças 2010*. Disponível em: <<http://op.ceptro.br/cgi-bin/indicadores-criancas2010?pais=brasil&estado=sp&academia=academia&ag>>.

COSTA, Rogério. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. In: *Interface – comunicação, saúde, educação*, v. 9, n. 17, p. 235-48, mar/ago 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, v. 1, 1997.

DIMANTAS, Hernani. *Linkania: a sociedade da colaboração*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

GIARDELLI, Gil. *Você é o que você compartilha*. São Paulo: Editora Gente, 2012.

GUZZI, Drica. *Web e Participação: a democracia no século XXI*. São Paulo: Senac, 2010.

_____. Para desvendar as novas formas de fazer política. *Outras Palavras*, 2012. Disponível em: <<http://www.outraspalavras.net/2012/10/04/para-desvendar-as-novas-formas-de-politica/>>.

ITO, M.; HORST, H.; BITTANI, M.; BOYD, D.; HERR-STEPHENSON, B.; LANGE, P. G.; PASCOE, C. G.; ROBSON, L. et al. *Vivendo e aprendendo com os Novos Meios de Comunicação: Resumo das Descobertas do Projeto Juventude Digital*. Illinois (EUA): The MacArthur Foundation, 2008.

LATOUR, Bruno. *Reassembling the social: an introduction to actor- network-theory*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2005.

_____. *Jamais fomos modernos*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2008.

LIVINGSTONE, S.; ÓLAFSSON, K.; STAKSRUD, E. *Social networking, age and privacy*. Londres. 2011. Disponível em: <<http://www2.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/EU%20Kids%20Online%20reports.aspx>>

MILLER, Geoffrey. *Darwin vai às compras – Sexo, evolução e consumo*. Rio de Janeiro: Editora Best Business, 2012.

PASSARELLI, Brasilina. *Interfaces digitais na educação*. São Paulo: Escola do Futuro da USP, 2007. p. 39-40.

PASSARELLI, Brasilina; AZEVEDO, José (Org.). *Atores em Rede: Olhares Luso-Brasileiros*. São Paulo: Editora Senac, 2010. p. 10-14

PASSARELLI, Brasilina; GUZZI, Adriana Araújo et al. *Poline 2009*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Núcleo de Pesquisa das Novas Tecnologias de Comunicação Aplicadas à Educação – Escola do Futuro, Observatório da Cultura Digital, 2009.

PONTE, Cristina. Kids Online na Europa e no Brasil. Desafios para a pesquisa comparada sobre as práticas de crianças e adolescentes na Internet. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*. São Paulo: ESPM, 2012. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/310/pdf>>.

PAIS, FILHOS E INTERNET: A PESQUISA TIC KIDS ONLINE BRASIL 2012, NA PERSPECTIVA DA EDUCOMUNICAÇÃO

Ismar de Oliveira Soares¹ e Claudemir Edson Viana²

A análise da recente pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012, realizada sob o comando do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), leva a uma surpreendente revelação: os pais brasileiros parecem estar absolutamente confiantes quanto à competência de seus filhos quando o assunto é a Internet, acessada em casa ou fora do lar. Em sua maioria, não identificam perigos, pois entendem que suas crias sabem conviver galhardamente com os instrumentos da cibercultura. Afinal, elas nasceram nesse ambiente. Como consequência, os progenitores supervalorizam as oportunidades oferecidas pelos novos recursos, desconhecendo os possíveis riscos que trazem para os incautos.

Os dados e as opiniões foram coletados junto a uma amostra de 1.580 crianças e adolescentes usuários de Internet, com idade entre 9 e 16 anos, bem como junto a uma amostra de adultos, representada por igual número de pais ou responsáveis, em 111 municípios, distribuídos por 25 estados do país, entre abril e julho de 2012.

Pelo exame dos resultados da pesquisa TIC Domicílios 2011, na faixa etária de 10 a 15 anos, 67% são usuários de Internet. Os dados apontam, contudo, para diferentes níveis de contato: quanto maior a renda familiar, tanto maior também é a frequência de uso da Internet pelos sujeitos pesquisados. As crianças e jovens mais abonados têm a própria residência como local privilegiado de acesso diário, enquanto os demais buscam espaço de uso fora do lar. A frequência de uso entre crianças e jovens que acessam a Internet impressiona: 47% das crianças e jovens pesquisados afirmam que acessam todos os dias; 38% entram no sistema uma ou duas vezes por semana; 10%, uma ou duas vezes por mês; apenas 5% o fazem menos de uma vez por mês. Em outras palavras, 85% das crianças e jovens usuários de Internet do país já mantêm um relacionamento com o mundo da Internet com alguma regularidade.

¹ Professor titular da Universidade de São Paulo (USP), coordenou a criação da Licenciatura em Educomunicação na Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP) e atualmente é coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE). É presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais da Educomunicação (ABPEducom).

² Doutor em Comunicação pela ECA/USP e pesquisador colaborador nos projetos de educomunicação do NCE desde 2001. Atua na ONG Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec) como gestor de redes sociais educativas e é secretário executivo da ABPEducom.

No caso das crianças e jovens das classes com baixo poder aquisitivo, bem como seus pais, o acesso vem sendo garantido por ambientes coletivos, como as escolas e as *lanhouses* (42% do público infanto-juvenil entrevistado acessa a Internet na escola). É interessante notar que a casa de amigos representa igualmente espaço privilegiado de acesso (34%) para os jovens mais pobres, facilidade com a qual os pais ou responsáveis pouco contam. O fato indica o papel significativo que a sociabilidade e/ou a solidariedade entre as crianças e jovens de baixa renda representa nos processos de aprendizagem sobre o uso da Internet. Boa parte dos pais ou responsáveis permanece, contudo, desinformada sobre as práticas de acesso utilizadas pelos seus filhos.

A referida pesquisa buscou construir um painel sobre as habilidades do público analisado no que se refere ao uso da Internet, procurando saber se crianças e adolescentes demonstram dispor de discernimento sobre o que fazem na rede. Nesse sentido, o público infanto-juvenil usuário de Internet revela possuir atitudes proativas no uso da Internet, ou seja, afirma saber explorar os recursos dos navegadores e das plataformas virtuais, ajustando-as a seus interesses particulares.

Trata-se da parte da amostra que domina recursos que a torna capaz de pesquisar, comparar, fazer escolhas, aventurar-se sempre mais no uso do instrumento, ou mesmo disfarçar suas escolhas de uso, deletando, por exemplo, o registro e o histórico dos *sites* visitados. Hipoteticamente, essas crianças e esses jovens dispõem de conhecimento técnico para defender-se do que não seja adequado para sua formação. Para tanto, certa maturidade psicológica e um mínimo de determinação de vontade são requeridos. Algo que permanece, contudo, uma incógnita, considerada a pouca preocupação de seus pais, responsáveis ou, mesmo, dos educadores nas escolas com esse tipo de problema de natureza eminentemente educacional.

(AUTO)IMAGEM POSITIVA

O auxílio dos adultos para uma justa introdução ao universo da Internet não é exatamente o que os jovens estão procurando. Efetivamente, a sensação de familiaridade com a nova mídia já faz parte da cultura do público infanto-juvenil. No caso dos respondentes da pesquisa, 57% das crianças e jovens cultivam uma imagem positiva sobre suas próprias descobertas nessa área, considerando-se – a si mesmos – não apenas como usuários aptos da Internet, mas também como melhores conhecedores do tema do que seus respectivos pais ou responsáveis.

Pelo que foi dado a conhecer pela pesquisa, os adultos convivem com essa visão otimista de seus filhos, alimentando, em consequência, um confortável cenário de confiança no bom aproveitamento que seus dependentes estão fazendo dos novos veículos interativos de comunicação. É o que ficou constatado quando a eles foram apresentadas algumas situações de uso dos recursos tecnológicos disponíveis para crianças e jovens, seguindo-se perguntas sobre as habilidades dos filhos no manuseio dos equipamentos, assim como sobre suas atitudes frente aos perigos que por ventura se apresentam.

Vejamos os números: para 71% dos pais ou responsáveis, seus filhos utilizam a Internet com segurança; para 68% deles é pouco ou nada provável que seus filhos venham sofrer incômodos na Internet; já um total de 58% dos progenitores/responsáveis acha que seus tutelados estão

seguros porque são “muito” ou “suficientemente capazes” de lidar com situações constrangedoras no ciberespaço.

Os dados levam a crer que muitos pais apenas reforçam um senso comum muito difundido e pouco discutido sobre as propriedades culturais dos novos meios de comunicação, concebidos como instrumentos neutros, em termos culturais e morais, simplesmente porque fruto do avanço tecnológico, ao que se somaria a natural esperteza das novas gerações em contornar dificuldades de convívio com o novo ambiente. O que mais causa estranheza, contudo, é o fato de que a maior parte dos pais ou responsáveis ouvidos pela pesquisa – ou seja, 53% dos entrevistados – declara não usar a Internet, desconhecendo por completo como fazer uso de uma ferramenta muito difundida como, por exemplo, o correio eletrônico.

INTENSA INTEGRAÇÃO AO MUNDO DA INTERNET

A relativa tranquilidade em que se encontram os pais ou responsáveis pode ser explicada pelo desconhecimento sobre a intensidade com que seus filhos e educandos fazem uso das redes sociais e nela expõem sua identidade, o que reforça a dimensão de vulnerabilidade em que crianças e adolescentes se encontram. Para alterar o quadro de acomodação dos adultos, a pesquisa contribui ao esclarecer que 68% do público infanto-juvenil frequenta redes sociais, executando ações como publicar fotos, vídeos e músicas (40%), postar mensagem num *site* (24%), criar avatares (16%) e participar de bate-papos (12%). É importante observar que o relacionamento interpessoal e a publicação de material são, na verdade, as atividades mais frequentes, ou seja, são realizadas todos os dias, ou, quando não, uma ou duas vezes por semana.

Tal presença ativa no ciberespaço revela o protagonismo desses jovens usuários, que se apresentam como autores de produções individuais ou coletivas, atuantes, portanto, como sujeitos no contexto da rede mundial. Nesse ecossistema, são fortes consumidores de produtos culturais nas diferentes mídias como o YouTube, por exemplo (66%). Particularmente, os *games* (54%) e o *e-mail* (49%) aparecem como significativas modalidades de uso no cotidiano dessas crianças e desses jovens. Até mesmo tendências podem ser detectadas, como certa diminuição do uso do *e-mail*, substituído pelas redes sociais virtuais que exercem função semelhante de transmissão de dados e informações a públicos seletos, de uma maneira mais visual, ágil e afetiva.

É intenso também o uso que crianças e jovens fazem das redes sociais. Entre os que possuem o próprio perfil nas redes sociais, a maioria usa as seguintes plataformas: o Facebook (61%) e o Orkut (39%). E mais: conforme aumenta a idade dos sujeitos entre 9 e 16 anos, cresce também o número dos que possuem perfil próprio nas redes (70% dos entrevistados declaram-se possuidores de perfil em alguma plataforma de rede social). Por outro lado, fica evidente uma prática de simulação: considerando que 54% dos entrevistados têm idade igual ou maior de 13 anos, e levando em conta o percentual que declara ter perfil em rede social cuja idade mínima exigida é de 13 anos, identificamos que até 16% dos perfis podem ser de crianças que simulam uma idade diferente da real. Trata-se de um aspecto da questão que demonstra nível de habilidade técnica associada a uma tentativa de ludibriar os possíveis sistemas de vigilância. Os pais desconhecem e, quando não, pactuam com essa realidade.

A pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012 também atentou para alguns aspectos sobre como o público infanto-juvenil explora recursos dos aplicativos que constituem a plataforma da rede social. Por exemplo, quanto à configuração do perfil referente à exposição pública, 42% dos entrevistados dizem restringir apenas aos amigos o que publicam em seu perfil. Já 31% expandem aos amigos dos amigos a permissão. Por outro lado, 86% dos respondentes dizem expor suas fotos no perfil. Os riscos dessa exagerada exposição têm sido objeto frequente de reportagens em diferentes veículos de comunicação, não alcançando, contudo, mobilizar os pais ou responsáveis.

É importante lembrar que, ao lado da multifuncionalidade instrumental que a tecnologia recente vem oferecendo, contamos com a multiplicação dos artefatos que permitem o acesso cada vez mais rápido aos aplicativos que levam às redes, hoje disponíveis a todos, inclusive ao público infanto-juvenil. É o caso dos *laptops*, dos *tablets* e dos celulares em especial, que assumem presença cada vez mais frequente no cotidiano das crianças e jovens brasileiros, embora o custo ainda represente o maior obstáculo para a universalização de seu uso.

HABILIDADES INSTRUMENTAIS. SUFICIENTES?

Ao lembrar e reproduzir dados estatísticos, estamos tratando imediatamente dos aspectos instrumentais da relação entre o público infanto-juvenil e a rede mundial de computadores. A questão que se coloca, contudo, é mais abrangente. Trata-se da dúvida, não trabalhada pela pesquisa, sobre o potencial das crianças e jovens de desenvolver habilidades valorativas em relação aos conteúdos socialmente construídos e materializados nos produtos e nos suportes disponibilizados da Internet. Esse passa a ser o aspecto que precisa ser considerado para se ter mais clareza sobre a efetiva relação das TIC com o cotidiano infanto-juvenil no atual contexto cultural.

Com essa dúvida, a partir dos dados apresentados pela pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012 e de outras contribuições da sociedade e de especialistas sobre o uso da Internet pelas crianças e jovens, temos várias questões que merecem a atenção, em particular dos educadores. É o que buscamos introduzir na sequência.

EDUCOMUNICAÇÃO, PARA ALÉM DO 2.0

Na perspectiva da educomunicação – definida como área da prática social preocupada com a natureza dos ecossistemas comunicativos em que os sujeitos sociais estão inseridos, objetivando não apenas garantir o acesso aos recursos da informação, mas essencialmente facilitar que o domínio dos novos instrumentos esteja sintonizado com um projeto político que garanta o exercício universal do direito à expressão, no contexto de uma sociedade solidária que faça a cidadania prevalecer sobre o mercado (SOARES, 2011) –, o que importa identificar é o potencial transformador que se estabelece nas relações entre as novas gerações as novas tecnologias.

A educomunicação não se preocupa, pois, com as TIC, em si mesmas, e suas ferramentas de interatividade, como é o caso da Web 2.0, trabalhadas por outras áreas das ciências sociais aplicadas. Volta-se precipuamente à natureza das relações dos sujeitos sociais que delas se apropriam coletivamente, sejam eles adultos, sejam crianças e jovens, ou mesmo todos eles juntos, trabalhando colaborativamente com o mesmo propósito. No caso – para a educomunicação –, o valor de pesquisas como a TIC Kids Online Brasil 2012 está, por exemplo, em sinalizar o impacto das avaliações que filhos e pais fazem a respeito do poder de cada grupo frente às decisões que as famílias, as escolas e as políticas públicas necessitam tomar em relação ao uso da Internet, seja do ponto de vista das oportunidades, seja do ponto de vista dos riscos.

No caso, a própria pesquisa passa a ser matéria para um diálogo entre o poder público, o sistema educacional, os pais e os jovens estudantes. O conhecimento sobre a realidade focada permitirá que se avance sobre o cenário que se queira modificar ou criar. Em outras palavras, a educomunicação não pergunta sobre a atualidade dos equipamentos instalados numa escola ou mesmo sobre o tipo de treinamento que se deve oferecer a professores e alunos – isso já faz parte do ideário que preside a modernização do ensino –, mas, essencialmente, sobre como pais, professores e alunos devem transformar os recursos da rede em instrumentos de estreitamento de suas relações em benefício do potencial solidário que esse consórcio pode gerar em benefício do conjunto da comunidade educativa e da sociedade em geral.

Definitivamente, deve ser questionado como se forma a tranquilidade dos pais e educadores em relação ao envolvimento dos filhos e/ou discípulos com as novas tecnologias, colocando em debate o princípio alimentado pelo *marketing* educativo – e adotado como argumento pedagógico por muitos adeptos acrílicos das tecnologias –, segundo o qual os conhecimentos práticos sobre o manuseio de ferramentas midiáticas já carregam embutida a maturidade cultural indispensável para que o manuseio dos instrumentos digitais se converta em instrumento de crescimento pessoal e coletivo.

Nessa linha de pensamento, e na busca de outras contribuições, é interessante considerar o que segue:

- 1) Ninguém duvida que as tecnologias, com seus artefatos e seus conteúdos, vêm trazendo para a educação do século 21 um formidável desafio: formar sujeitos sociais que tenham como parte de sua identidade a capacidade de conviver com o mundo digital e o universo simbólico nele construído e, sobretudo, que sejam aptos a atuar, individual ou coletivamente, nas redes sociais, para além das expectativas que as regras pré-estabelecidas pelo sistema de governança do ciberespaço já definiram como as mais adequadas. Em decorrência, o que se espera é uma redobrada atenção tanto dos pesquisadores como dos pedagogos e educadores com o fenômeno social das tecnologias a fim de conhecê-lo melhor e, assim, poder agir de maneira positiva e, até mesmo, inovadora. No caso da educomunicação, a inovação significa exatamente isso: alfabetização midiática, seguida de apropriação coletiva das modalidades de produção e do sentido de se produzir. Tal atenção redobrada exige um olhar apurado para as múltiplas mediações que se fazem presentes na constituição dos tipos de interações possíveis entre o público infanto-juvenil e as novas mídias;
- 2) Uma dessas mediações pode ser canalizada pela educação formal, por meio da escola – espaço público por excelência. Nesse cenário particular, espera-se que possamos ter crianças e jovens cada vez mais conectados, explorando os inúmeros aplicativos e

produtos da cultura digital, atuando como produtores, autores e coautores do processo cibercultural. E mais: fazendo isso com habilidades técnicas avançadas, aprendidas no processo de incorporação dos instrumentos tecnológicos, no ato mesmo de viver e produzir em comunidade, com a necessária assistência de seus mestres e a indispensável solidariedade de seus colegas;

- 3) A partir dessa perspectiva educacional, o relacionar-se, o brincar, o estudar, o pesquisar, o ouvir músicas, enfim, a imersão tecnológica empreendida pelo público infanto-juvenil – na escola e fora dela, em suas casas, nas casas de amigos ou nas *lanhouses* – farão os pais ou responsáveis descobrirem o que, efetivamente, os seus filhos estão fazendo e com que intenções. Passarão eles a ter condições de identificar que uma nova geração pode estar reconstruindo a ordem comunicativa rigidamente estruturada pelo sistema mercadológico, naturalizada com herança pretensamente imutável. Isso será visível quando, juntamente ao afã dos jovens em acessar e em meter-se em rede – o que é próprio da sociabilidade infanto-juvenil –, forem desenvolvidos por eles mesmos valores que permitam agregar ao empoderamento digital a disposição para o serviço a causas coletivas e maiores;
- 4) O que é preciso ocorrer para que essa utopia faça a diferença entre o modo tradicional de acessar o ciberespaço e o modo educacional de apoderamento das tecnologias digitais? O exercício de superar o cenário dicotômico por meio do qual crianças e jovens são introduzidos ao mundo da Internet na velocidade oposta à da adesão de seus pais ou responsáveis à nova lógica comunicacional, o que os impede de saber exatamente o que esperar de seus filhos em relação ao mundo da cibercultura. No caso, uma alfabetização digital dos adultos, nessa mesma linha educacional, se faz absolutamente necessária;
- 5) O problema é vigente também na relação entre professores e alunos. Trata-se, na verdade, de uma dicotomia que se evidencia toda vez que observamos a realidade da maioria das escolas brasileiras no que diz respeito à presença e aos usos pedagógicos da Internet nos processos de ensino formal, como mostram os resultados da pesquisa TIC Educação, também liderada pelo Cetic.br (CGI.br, 2012). Para superá-la, é preciso ir além da introdução das ferramentas digitais no ambiente escolar e do treinamento de professores e de alunos para o uso prático das novas linguagens. A forma de promover a gestão dos equipamentos prevê pensar, antes de tudo, nas razões de uso. No caso, basicamente e em primeiro lugar, coloca-se o problema da “razão de ser” e do “para que fazer”. Para que tais transformações ocorram, são absolutamente necessárias políticas públicas no campo da educação, da comunicação e da cultura que favoreçam a inserção crítica e educativa dos recursos tecnológicos digitais, de seus produtos culturais e da Internet, como parte dos processos educativos a cargo especialmente das escolas do Ensino Básico;
- 6) E o maior desafio será desenhar um modelo social, democrático, participativo e dialógico de trabalhar os conteúdos na Internet como atividades educativas voltadas para a compreensão e a construção do mundo, a partir do núcleo escolar. Não se trata, assim, só de inserção das TIC na educação a partir de uma abordagem instrumental, sombreada pela representação moral atribuída às situações de uso desses recursos tecnológicos, mas fundamentalmente de ampliar o coeficiente comunicativo das ações educativas, protagonizadas por uma ação solidária entre os mestres e seus discípulos.

REFERÊNCIAS

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. *Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil: TIC Domicílios e Empresas 2011*. São Paulo: CGI.br, 2012. Coord. Alexandre F. Barbosa. Trad. Karen Brito. Disponível em: <<http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-domicilios-e-empresas-2011.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

_____. *Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil: TIC Educação 2011*. São Paulo: 2012, CGI.br. Disponível em: <<http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-educacao-2011.pdf>> Acesso em: 20 fev. 2013.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Paulinas, 2011.

USOS E APROPRIAÇÕES DA INTERNET POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Jane A. Marques¹

A pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012, realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), teve por objetivo “medir usos e hábitos da população brasileira usuária de Internet de 9 a 16 anos em relação às tecnologias de informação e de comunicação (TIC), focando as oportunidades e riscos relacionados ao uso da Internet”. Foram realizadas 1.580 entrevistas pessoais com crianças e adolescentes usuários de Internet e 1.580 com pais ou responsáveis, utilizando-se de um questionário estruturado, elaborado a partir do modelo de mensuração europeu que foi adaptado à realidade brasileira.

Os resultados aqui apresentados foram extraídos das tabelas dessa pesquisa, que permitiam várias possibilidades de análise. Considerando a limitação do tema a ser abordado, adotou-se selecionar as que ajudassem a explicar o perfil dos usuários entrevistados, adotando-se, quando possível, alguns cruzamentos (por exemplo, classe social, faixa etária e renda familiar), visando identificar quais usos e apropriações da Internet são mais comuns às crianças e aos adolescentes.

Segundo dados do Cetic.br, a posse de Internet nas residências brasileiras tem aumentado a cada ano: de 18%, em 2008, passou a 38%, em 2011 (CGI.br, 2012). Pode-se constatar que os adolescentes de mais idade (de 14 a 16 anos) dedicam-se mais do que os mais jovens (até 13 anos), o que possivelmente resulta da maior autonomia dada pelos pais aos mais velhos (Tabela 1). Isso também deve explicar o fato de os adolescentes de mais idade acessarem com maior frequência a Internet (Tabela 2).

TABELA 1
PROPORÇÃO DE UTILIZAÇÃO DA
INTERNET PELOS RESPONDENTES

Idade	Uso Internet (%)
10 anos	52
11 anos	64
12 anos	63
13 anos	68
14 anos	77
15 anos	73
16 anos	71

¹ Mestre e doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do curso de Pós-Graduação em Estética e História da Arte e do curso de graduação em Marketing, ambos da Universidade de São Paulo. Professora convidada da Universidade Federal do Pará (UFPA), compondo o quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA).

No que se refere à frequência de uso da Internet (Tabela 2), percebe-se que a maioria dos respondentes (85% da amostra) acessa a Internet pelo menos uma vez por semana. A maioria das crianças e dos adolescentes de maior renda familiar (66%) e das classes sociais AB (69%) acessa a Internet todos os dias ou quase todos os dias, sendo que a maioria das classes mais baixas (DE, com 53%) mencionou acessar a Internet com menos frequência, ou seja, uma ou duas vezes por semana. Esses resultados indicam que a Internet é muito presente na vida dessas crianças e desses adolescentes, especialmente os de mais idade: mais da metade mencionou acessar todos os dias ou quase todos os dias: 13 e 14 anos, 53%; 15 e 16 anos, 56%.

TABELA 2
FREQUÊNCIA DE USO DA INTERNET POR FAIXA ETÁRIA E CLASSE SOCIAL

Frequência	Geral (%)	Faixa Etária (%)				Classe Social (%)		
		9-10 anos	11-12 anos	13-14 anos	15-16 anos	AB	C	DE
Todos os dias ou quase todos os dias	47	36	43	53	56	66	45	17
Uma ou duas vezes por semana	38	45	41	34	32	29	39	53
Uma ou duas vezes por mês	10	12	12	9	8	3	10	24
Menos de uma vez por mês	5	7	4	4	4	1	6	7
Não sei	-	-	1	-	-	-	-	-

A idade em que crianças e adolescentes acessaram a Internet pela primeira vez não apresenta grandes distinções entre os entrevistados (Tabela 3), destacando-se apenas o fato de aumentar nos anos logo após a alfabetização, quando ganham mais autonomia para buscar seus interesses e passam a ter mais facilidade de uso. Essa é uma prática mais recorrente entre os 8 e 10 anos (46%), como se constata nas respostas obtidas entre os respondentes mais jovens (56% dos respondentes com 9 e 10 anos e 54% dos respondentes de 11 e 12 anos) mencionaram ter acessado a rede mundial de computadores pela primeira vez nessa faixa etária. Isso indica também que acessar a Internet é uma prática cada vez mais frequente entre os mais jovens.

TABELA 3
IDADE EM QUE ACESSOU A INTERNET PELA PRIMEIRA VEZ POR FAIXA ETÁRIA

Idade	Geral (%)	Faixa Etária (%)			
		9-10 anos	11-12 anos	13-14 anos	15-16 anos
Até 6 anos	9	14	12	5	5
7 anos	8	21	8	4	2
8 anos	13	23	13	11	6
9 anos	14	24	17	11	7
10 anos	19	9	24	22	18
11 anos	9	0	13	16	7
12 anos	10	0	8	12	17
Mais de 12 anos	12	0	0	11	32
Não lembro	7	9	5	7	5

Há diferentes equipamentos para acesso à Internet (Tabela 4): alguns entrevistados mencionaram utilizar o celular (21%), que, em geral, é de uso pessoal, ou um computador de mesa exclusivo para seu uso (20%). No entanto, o mais comum entre os entrevistados é compartilhar com a família um computador de mesa (38%) ou um *laptop/notebook* (9%) para acessar a Internet. O acesso à Internet por outros tipos de equipamentos (*videogame*, *tablet* ou televisão) é pouco citado, o que indica não serem ainda comuns no Brasil, entre o público entrevistado, essas possibilidades de acesso à rede mundial de computadores.

TABELA 4
EQUIPAMENTOS UTILIZADOS PARA ACESSAR A INTERNET POR RENDA FAMILIAR E CLASSE SOCIAL

Equipamentos	Geral (%)	Renda Familiar (%)				Classe Social (%)		
		Até 1SM	Mais de 1SM até 2SM	Mais de 2SM até 3SM	Mais de 3SM	AB	C	DE
Um computador de mesa que a sua família divide	38	13	31	28	59	60	33	14
Um celular para navegar na Internet	21	14	16	21	26	25	22	12
Um computador de mesa que seja seu	20	12	16	21	27	26	20	9
Um <i>laptop/notebook</i> que seja seu ou que você use bastante e que você possa levar para seu quarto	10	7	4	7	19	16	8	3
Um <i>laptop/notebook</i> que a sua família divide e que você não pode levar para seu quarto	9	6	8	8	10	15	8	3
Usa um videogame, como o PlayStation, para navegar na Internet	3	1	2	4	4	5	3	1
Usa <i>tablets</i> para navegar na Internet	2	1	1	1	5	3	2	-
Usa uma televisão (TV) para navegar na Internet	1	-	1	1	1	3	1	-
Outros	16	37	22	8	5	4	16	42

As principais diferenças sobre o local (Tabela 5) onde crianças e adolescentes acessam a Internet estão relacionadas às oportunidades disponíveis: os de maior renda familiar (51%) e das classes socioeconômicas AB (49%) possuem maior acesso à Internet nos diferentes locais de investigação, excluindo-se *lanhouses*, o que se pressupõe tratar de alunos de escolas privadas e/ou mais equipadas com recursos tecnológicos. Da mesma forma, ocorre com os que mencionaram acessar a Internet em casa, em ambiente coletivo, como a sala de estar (61%), ou no seu próprio quarto (38%). É interessante que são também os respondentes de maior classe social que mencionaram acessar na casa de parentes (45%) ou de amigos (36%). Mais da metade dos entrevistados de menor renda (53%) mencionou acessar a Internet a partir de *lanhouses* ou *cybercafés*.

Os que mais mencionaram acessar a Internet na rua ou pelo celular são os de mais idade: 13 e 14 anos (25%) e 15 e 16 anos (26%), e de classes mais altas (AB, 20%) e média (C, 18%). Isso indica que o acesso à Internet ocorre em locais mais reservados do que em locais públicos.

TABELA 5
LOCAL DE ACESSO À INTERNET POR RENDA FAMILIAR E CLASSE SOCIAL

Local de acesso	Geral (%)	Renda Familiar (%)				Classe Social (%)		
		Até 1SM	Mais de 1SM até 2SM	Mais de 2SM até 3SM	Mais de 3SM	AB	C	DE
Na escola	42	41	36	43	51	49	39	39
Na sala da casa (ou outro ambiente coletivo)	40	20	28	48	63	61	36	12
Na casa de parentes	38	31	37	40	45	45	38	23
Na lanhouse ou cybercafé	35	53	40	29	18	15	39	57
Na casa de amigos	34	27	35	31	38	36	34	26
No quarto da criança (ou outro quarto da casa)	26	13	22	28	39	38	25	10
Na rua pelo celular	18	12	14	17	23	20	18	11
Numa biblioteca pública ou em outro local público	4	4	4	2	7	2	5	4
No telecentro	1	2	1	1	1	-	1	2

Outro aspecto que merece destaque é o tempo despendido na Internet pela criança ou adolescente, participante da pesquisa, em um dia de semana (Tabela 6), que é, no geral, de 1 hora (54%), e sobe se considerar até 2 horas (74%). No entanto, dentre os de mais idade (de 13 anos em diante), 26% chegam a utilizar mais de 4 horas em um dia de semana. Comparando os dados dos que mais utilizam, a faixa etária e a classe social indicam algumas distinções entre os entrevistados. Dos respondentes mais jovens (até 12 anos), a maioria fica até 1 hora conectada na rede mundial: 71% entre os de 9 e 10 anos de idade, e 56% entre os de 11 e 12 anos de idade. Os que possuem mais de 13 anos demonstram dedicar mais tempo de acesso à Internet, o que pode sugerir menor controle por parte dos pais e/ou responsáveis.

A maioria dos pertencentes às classes DE (70%) mencionaram acessar a Internet até 1 hora em um dia de semana, enquanto apenas 43% das crianças e dos adolescentes das classes AB citaram esse tempo como máximo. Como 57% dos entrevistados de classes mais baixas utilizam lugares públicos, do tipo *lanhouses* ou *cybercafés* (Tabela 4), que provavelmente exigem pagamento para acesso, eles provavelmente otimizam o tempo para se restringir ao período de até 1 hora de uso.

TABELA 6
TEMPO DESPENDIDO NA INTERNET NOS DIAS DE SEMANA POR FAIXA ETÁRIA E CLASSE SOCIAL

Tempo	Geral (%)	Faixa Etária (%)				Classe Social (%)		
		9-10 anos	11-12 anos	13-14 anos	15-16 anos	AB	C	DE
Até 1 hora	54	71	56	48	41	43	54	70
De 1 hora e meia a 2 horas	20	14	25	20	21	22	20	15
De 2 horas e meia a 3 horas	9	7	7	9	14	11	10	2
De 3 horas e meia a 4 horas	4	2	2	6	7	7	4	1
Mais de 4 horas	8	1	5	12	14	14	7	3
Nenhuma das alternativas	3	4	3	3	3	2	4	4
Não sabe	1	2	2	1	1	0	1	4

Ao se comparar o tempo despendido na Internet pelos respondentes (Tabela 7), durante a semana e nos finais de semana, nota-se que a utilização por mais horas aumenta nos finais de semana, o que pode levar à dedução de que os respondentes têm mais tempo para se dedicar a essa tarefa e, possivelmente, a mais atividades que se aproximem de lazer e/ou entretenimento.

TABELA 7
TEMPO DESPENDIDO NA INTERNET NOS DIAS DE SEMANA E AOS FINAIS DE SEMANA

Tempo	Dias de Semana (%)	Finais de Semana (%)
Até 1 hora	54	30
De 1 hora e meia a 2 horas	20	22
De 2 horas e meia a 3 horas	9	11
De 3 horas e meia a 4 horas	4	8
Mais de 4 horas	8	16
Nenhuma das alternativas	3	12
Não sabe	1	2

Observa-se, portanto, que nos finais de semana o tempo despendido pelos entrevistados na Internet é maior (Tabela 8), no entanto, os de menor idade (44% das crianças com 9 e 10 anos) mencionaram ficar conectados só até 1 hora. À medida que aumenta a faixa etária, há maior dispêndio de tempo de utilização de Internet nos finais de semana, o que pode indicar que se trata de lazer e/ou entretenimento para esses jovens adolescentes. Isso tende a se intensificar entre os respondentes das classes sociais mais elevadas (AB), pois 26% mencionaram dedicar mais de 4 horas ao acesso à Internet.

TABELA 8
TEMPO DESPENDIDO NA INTERNET AOS FINAIS DE SEMANA POR FAIXA ETÁRIA E CLASSE SOCIAL

Discriminação	Geral (%)	Faixa Etária (%)				Classe Social (%)		
		9-10 anos	11-12 anos	13-14 anos	15-16 anos	AB	C	DE
Até 1 hora	30	44	28	27	23	23	31	40
De 1 hora e meia a 2 horas	22	16	26	26	20	20	23	25
De 2 horas e meia a 3 horas	11	8	13	10	12	13	11	4
De 3 horas e meia a 4 horas	8	7	6	8	7	10	7	2
Mais de 4 horas	16	6	12	17	26	26	14	4
Nenhuma das alternativas	12	17	12	9	11	7	13	20
Não sabe	2	1	3	1	1	1	1	5

Dos entrevistados, 70% afirmaram possuir um perfil próprio em um *site* de rede social, com maior incidência entre os de mais idade (13 e 14 anos, 80%; 15 e 16 anos, 83%). O Facebook (61%) aparece com maior incidência entre os respondentes que possuem perfil em uma rede social, em especial entre os adolescentes de mais idade (15 e 16 anos, 72%; e 13 e 14 anos, 67%), seguida pelo Orkut, que possui 39% de menções (Tabela 9). Este último é mais comum entre os mais jovens (9 e 10 anos, 54%; 11 e 12 anos, 51%), e de classes socioeconômicas mais baixas (DE), com 64% de menções.

TABELA 9
RESPONDENTES QUE TÊM PERFIL PRÓPRIO EM UM *SITE* DE REDE SOCIAL POR FAIXA ETÁRIA E CLASSE SOCIAL

Rede social	Geral (%)	Faixa Etária (%)				Classe Social (%)		
		9-10 anos	11-12 anos	13-14 anos	15-16 anos	AB	C	DE
Facebook	61	46	49	67	72	76	57	36
Orkut	39	54	51	32	28	24	42	64
Google+	-	-	-	1	-	-	-	-

Quase metade da amostra (49%) declarou ter ao menos 101 contatos em seus perfis nas redes sociais, e eles são os de menor idade (9 e 10 anos, 86%) e os de classes sociais menos elevadas (DE) – 56%, conforme apresentado na Tabela 10. Os que têm até 50 contatos em seu perfil na rede social são os mais jovens (63%) e os de classes sociais menos elevadas (37%).

TABELA 10
QUANTIDADE DE CONTATOS QUE OS RESPONDENTES POSSUEM NO PERFIL DA REDE SOCIAL
POR FAIXA ETÁRIA E CLASSE SOCIAL

Quantidade	Geral (%)	Faixa Etária (%)				Classe Social (%)		
		9-10 anos	11-12 anos	13-14 anos	15-16 anos	AB	C	DE
Até 10	6	12	8	5	2	4	6	8
11-50	21	51	28	16	8	21	20	29
51-100	22	23	25	23	17	17	24	19
101-300	29	9	28	32	36	34	26	28
Mais de 300	21	4	10	24	36	23	22	15
Não sei / Não lembro	1	0	1	1	2	1	2	1

Os entrevistados não demonstraram preocupação com as informações que disponibilizam nas redes sociais (Tabela 11), pois pouco mais de metade da amostra (56%) declarou manter suas informações abertas, de forma que seus “amigos” e “amigos dos amigos”, ou “todo mundo” consiga visualizar. Praticamente todos os respondentes (98%) demonstraram conhecer a configuração de privacidade que possuem em seu perfil na rede social, pois apenas 2% não sabiam qual tipo de configuração possuíam.

TABELA 11
TIPO DE CONFIGURAÇÃO DE PRIVACIDADE QUE OS RESPONDENTES POSSUEM NO PERFIL DA REDE SOCIAL

Tipo de configuração	Geral (%)
De um jeito que apenas seus amigos consigam ver / parcialmente privado	42
De um jeito que os amigos dos amigos ou suas redes consigam ver	31
De um jeito que todo mundo consiga ver / público	25
Não sei	2

Dentre as atividades realizadas na Internet pelos usuários entrevistados (Tabela 12), destacam-se: utilizar para trabalho escolar (82%); visitar perfis/páginas de uma rede social, como Facebook ou Orkut (68%); e assistir vídeos, por exemplo, no YouTube (66%). Em relação à faixa etária, pode-se constatar que, à medida que aumenta a idade dos usuários, mais atividades eles passam a desempenhar na Internet. A atividade mais citada pelos mais jovens (de 9 a 10 anos de idade) foi realizar trabalhos escolares (68%) e jogar *games*/jogos com outras pessoas na Internet (59%), ou seja, a diversão/entretenimento também é frequente para eles.

TABELA 12
ATIVIDADES REALIZADAS NA INTERNET PELOS RESPONDENTES POR FAIXA ETÁRIA E CLASSE SOCIAL

Atividades	Geral (%)	Faixa Etária (%)				Classe Social (%)		
		9-10 anos	11-12 anos	13-14 anos	15-16 anos	AB	C	DE
Usar a Internet para trabalho escolar	82	68	85	87	87	81	83	82
Visitar um perfil/página de uma rede social, como o Orkut, Facebook	68	44	66	77	80	76	68	49
Assistir a vídeos (por exemplo, no YouTube)	66	53	65	69	76	77	66	44
Jogar games/jogos com outras pessoas na Internet	54	59	60	48	51	63	50	52
Usar mensagens instantâneas com amigos ou contato	54	28	52	64	69	65	52	38
Enviar/receber e-mails	49	19	48	59	67	57	49	34
Baixar músicas ou filmes	44	18	36	56	63	53	41	39
Ler/assistir às notícias na Internet	42	16	36	47	66	48	40	40
Colocar (ou postar) fotos, vídeos ou músicas	40	14	35	51	57	49	39	30
Colocar (ou postar) uma mensagem num site	24	9	20	32	33	31	23	15
Fiquei um tempo num mundo virtual	17	12	21	18	16	21	16	13
Criar um personagem, bicho de estimação ou avatar	16	10	22	17	15	18	17	13
Usar uma webcam	14	6	13	16	18	20	12	6
Entrar em salas de bate-papo	12	5	11	13	16	10	12	12
Escrever em um blog ou diário on-line	10	5	6	15	13	16	8	3
Usar sites de compartilhamento de arquivos	6	1	4	7	12	7	7	1

Considerando que o usuário de mais idade pode ter maior grau de autonomia no acesso à rede social, foi também aferida a frequência de uso da Internet pelos usuários de 11 a 16 anos. Como se pode notar (Tabela 13), a maioria utiliza a Internet todos os dias ou quase todos os dias para relacionamentos pessoais, sejam estes por redes sociais ou por e-mail, com 53% cada um, respectivamente. O menor percentual (13%) dentre as atividades que os adolescentes realizam todos os dias ou quase todos os dias é o uso da rede mundial para fazer trabalhos escolares, o que é ainda mais frequente para os mais jovens.

TABELA 13
FREQUÊNCIA COM QUE OS RESPONDENTES DE 11 A 16 ANOS REALIZAM AS ATIVIDADES NA INTERNET

Discriminação	Todos os dias ou quase todos os dias	Uma ou duas vezes por semana	Uma ou duas vezes por mês	Não sei
Visitar um perfil/página de uma rede social, como o Orkut, Facebook	53	35	12	0
Usar mensagens instantâneas com amigos ou contato	53	35	11	0
Colocar (ou postar) uma mensagem num site	39	46	14	1
Enviar/receber e-mails	39	46	15	0
Assistir a vídeos (por exemplo, no YouTube)	37	44	19	0
Jogar games/jogos com outras pessoas na Internet	35	45	19	1
Baixar músicas ou filmes	32	48	19	1
Ler/assistir às notícias na Internet	31	47	21	1
Colocar (ou postar) fotos, vídeos ou músicas	24	43	31	1
Usar a Internet para trabalho escolar	13	49	38	0

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados apresentados constata-se que a Internet é utilizada e tem sido apropriada pelas crianças e pelos adolescentes cada vez com maior frequência, e as atividades por eles desenvolvidas nesse ambiente tendem a aumentar conforme vão adquirindo mais autonomia e conhecimentos.

É interessante destacar que, embora a Internet não esteja ainda tão acessível, em termos de custos, ela já é uma realidade no Brasil, pois mesmo os usuários de menor renda familiar e de menos idade mencionaram utilizá-la pelo menos por acesso em locais públicos (*lanhouses*, *cybercafés*, ou mesmo na escola). É preciso, pois, investimentos na área de tecnologia para que os de menor renda e/ou classe social possam ter condições de acesso similares aos demais jovens de famílias com mais recursos financeiros. Outra oportunidade é prover equipamentos (microcomputadores e/ou *notebooks*) com acesso à Internet em todas as escolas (públicas ou privadas) para que todos possam ter as mesmas condições de utilização, haja vista boa parte dos respondentes mencionar que a utilizam para realizar seus trabalhos escolares. Sem dúvida, há muitas informações que estão disponíveis e que, com boa orientação, tendem a ampliar os conhecimentos adquiridos.

Destaca-se, ainda, que na realidade brasileira, marcada por desigualdades em todos os aspectos, poucos resultados indicam maior frequência e/ou facilidades ora no Sudeste e Sul, ora no Nordeste, mas o fato é que a Internet também está bem disseminada entre os jovens, não mere-

cendo destaque nesta análise, que privilegiou os aspectos que mais diferenciam os usuários: faixa etária e renda familiar e/ou classe social.

Dadas essas diferenças, entende-se que se faz necessário adotar medidas de políticas públicas para que o acesso seja mais democrático e que a utilização seja mais consciente por parte das crianças e dos adolescentes, que estão em contato com e pela Internet cada vez mais cedo (a partir dos 6 anos, as crianças já estão sendo alfabetizadas e passam a utilizar a rede muitas vezes sem controle), para que não incorram em prejuízos pessoais e/ou familiares, com exposição de informações pessoais em redes sociais, por exemplo, atividade que também é comum a praticamente todos os respondentes da pesquisa.

REFERÊNCIAS

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. *Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil: TIC Domicílios e Empresas 2011*. São Paulo: CGL.br, 2012. Coord. Alexandre F. Barbosa. Trad. Karen Brito. Disponível em: <<http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-domicilios-e-empresas-2011.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

CRIANÇAS E ADOLESCENTES: USANDO A INTERNET COM SEGURANÇA

Lucimara Desiderá¹ e Miriam von Zuben²

A Internet, um dos pilares da Revolução Digital, foi um elemento precursor de grandes mudanças na sociedade. Ela já faz parte do cotidiano de grande parcela da população³ e para muitas pessoas é inconcebível viver sem os inúmeros benefícios trazidos por essa tecnologia, dentre eles, as facilidades de comunicação, as oportunidades de socialização e o acesso a serviços públicos, financeiros e comerciais.

Embora se tenha convencionado chamar tudo que está associado à Internet de “virtual”, e que se possa ter a falsa impressão de que este mundo virtual é desconexo da realidade, a Internet em si (rede de computadores), as pessoas e as empresas a ela conectadas, bem como as informações que por ela transitam, são elementos reais e presentes do nosso cotidiano e constituem um ambiente que, como qualquer outro, apresenta riscos e requer cuidados.

Assim como os pais desde cedo orientam os filhos para não conversarem com estranhos, olharem para os dois lados ao atravessar a rua e não aceitarem bala de desconhecidos, eles também devem conscientizar seus filhos sobre os riscos de uso da Internet. A melhor prevenção, neste caso, é a informação, pois de nada adianta impor restrições em casa se eles não as têm fora do convívio familiar.

No transcorrer deste artigo serão analisados os dados da pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012 sob a ótica do uso seguro da Internet, buscando entender a percepção deste conceito pelo público entrevistado e sua real aplicação frente às melhores práticas. Essas análises serão seguidas de algumas dicas práticas sobre os cuidados a serem tomados por crianças, adolescentes, pais e responsáveis para que todos possam fazer pleno uso da Internet.

¹ Analista de Segurança no Centro de Estudos, Resposta e Tratamento de Incidentes de Segurança (CERT.br). Atua na área de conscientização em segurança para Internet. Bacharel em Física pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e mestre em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

² Analista de Segurança do CERT.br. Atua nas áreas de resposta a incidentes e de projetos. Atualmente é a principal mantenedora da Cartilha de Segurança para Internet (<<http://cartilha.cert.br/>>) e desenvolve materiais relacionados à documentação e à conscientização de usuários.

³ Segundo a pesquisa TIC Domicílios 2011 (CGI.br, 2012), cerca de 45% da população brasileira é usuária de Internet e 66% dos usuários acessam-na diariamente.

PRINCIPAIS RISCOS APRESENTADOS PELO USO DA INTERNET

De maneira resumida e simplificada⁴, alguns dos principais riscos a que os usuários se expõem ao utilizar a Internet são: invasão de privacidade, furto ou perda de dados, acesso a conteúdo impróprio ou ofensivo, contato com pessoas mal-intencionadas, personificação (furto de identidade), violência psicológica, plágio e violação de direitos autorais, uso excessivo (vício) e perda financeira, entre outros.

Além disso, a Internet possui também características intrínsecas que podem potencializar o impacto associado a certos riscos, como a velocidade e a falta de controle sobre a propagação das informações, memória irrestrita e distribuída (difícilmente consegue-se eliminar totalmente um conteúdo publicado na Internet) e a volatilidade de certos conteúdos (por exemplo, mudança da política de privacidade dos *sites*).

Outro elemento agravante é a diferença de gerações entre os usuários da Internet: de um lado temos os chamados “nativos digitais”⁵, aqueles que, desde a tenra infância, tiveram acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC); de outro lado, temos uma grande quantidade de usuários que tiveram contato tardio com essas tecnologias. Enquanto o primeiro grupo mais facilmente pode desenvolver habilidades, o segundo necessitou se adaptar, reaprender e mudar o comportamento.

Essa diferença de gerações, em se tratando de questões de mediação no uso da Internet pelos pais ou responsáveis, pode trazer outros problemas, como dificuldades de percepção de riscos e barreiras de comunicação. Tal cenário torna-se ainda mais nítido quando se observa que 75% das crianças e dos adolescentes usuários de Internet consideram que sabem mais sobre a Internet que os pais ou responsáveis e que menos da metade dos pais ou responsáveis (47%) são usuários da Internet, sendo que, destes, somente 44% acessam a rede diariamente.⁶

Utilizar a Internet de maneira segura requer que todos estejam conscientes dos riscos aos quais estão expostos e de como se proteger, sendo preocupante observar que 18% dos pais ou responsáveis nem mesmo buscam informações a respeito (chegando a 25% entre os pais ou responsáveis com menor nível de escolaridade).

PERCEPÇÃO SOBRE O USO SEGURO DA INTERNET

Para melhor analisar essa questão de percepção de segurança, tomamos por base uma das perguntas da pesquisa, na qual pais ou responsáveis e crianças e adolescentes foram questionados sobre o que entendem por “usar a Internet com segurança”. As respostas a essa pergunta, divididas em categorias, são mostradas na Tabela 1.

⁴ Os riscos que o uso da Internet pode representar são apresentados detalhadamente na Cartilha de Segurança para Internet. Disponível em: <<http://cartilha.cert.br/>>.

⁵ Costuma-se chamar de “nativo digital” ou “geração Internet” os que nasceram e cresceram na mesma época da popularização das novas TICs e da Internet comercial. Cronologicamente, consideram-se os nascidos após 1990.

⁶ Tais percentuais são totais gerais que, se analisados parcialmente, são diretamente proporcionais ao grau de escolaridade dos pais ou responsáveis e à renda familiar.

TABELA 1
COMPREENSÃO DO CONCEITO DE “USO SEGURO DA INTERNET”

Resposta Espontânea/múltiplas respostas	Pais ou Responsáveis % sobre o total de pais ou responsáveis	Crianças e adolescentes % sobre o total de usuários de Internet de 9 a 16 anos
Não falar com pessoas desconhecidas	55	52
Não entrar em sites que tenham conteúdos sexuais/pornográficos	32	22
Privacidade/Não passar informações pessoais	31	30
Sites inapropriados para a idade dos filhos	31	29
Não entrar em sites com conteúdo violento	17	15
Cuidado com vírus	11	33
Ter cuidado com senhas	9	9
Ter cuidado com hackers	4	4
Outros	7	4
Não sei	5	4

A seguir, vamos examinar algumas observações que podem ser feitas sobre esses dados.

- **Não falar com pessoas desconhecidas:** essa foi a resposta mais comum para ambos os grupos e relatada por pouco mais da metade dos respondentes. Esse é um princípio básico de segurança que se transpõe do mundo físico para o digital e que demonstra ser consenso entre pais ou responsáveis e crianças e adolescentes. Ainda assim, vale atentar que 23% das crianças e dos adolescentes usuáries de Internet de 11 a 16 anos relataram ter tido contato na Internet com alguém que não conheciam pessoalmente, e, destes, 23% relataram ter encontrado pessoalmente com alguém que conheceram primeiro na Internet, ao passo que apenas 1% dos pais ou responsáveis relatou que o filho foi se encontrar pessoalmente com alguém que havia conhecido pela Internet.
- **Privacidade e não divulgação de informações:** essa foi a terceira resposta espontânea mais comum, tanto para pais ou responsáveis como para crianças e adolescentes. Ao relacionarmos essa resposta com o tipo de permissão concedida pelos pais ou responsáveis no que se refere a dar informações pessoais para outras pessoas na Internet, a taxa de “nunca posso fazer isso” é de 70%, segundo a declaração da criança ou do adolescente. É interessante notar que esse percentual varia consideravelmente conforme a idade das crianças e dos adolescentes, sendo bem mais elevado entre os mais novos (82% para idade 9-10) e bem mais reduzido entre os mais velhos (59% para idade 15-16), além de ser, nesta última faixa, a maior divergência nas respostas entre pais ou responsáveis e filhos (75% dos pais ou responsáveis de adolescentes entre 15-16 anos responderam que seus filhos nunca deveriam fornecer informações pessoais).
- **Cuidado com vírus:** no que diz respeito à segurança do próprio computador, crianças e adolescentes se mostram mais preocupados que seus pais ou responsáveis. São 33% das crianças e dos adolescentes que espontaneamente se lembraram da necessidade de ter cuidado com vírus de computador, ao passo que somente 11% dos pais ou responsáveis

citaram esse item de segurança, ressaltando que 26% das crianças e dos adolescentes usuárias de Internet de 11 a 16 anos relataram ter tido problemas com vírus de computador. A questão de infecção por *malware* é bastante significativa, e a preocupação das crianças e dos adolescentes é pertinente, como podemos observar em outras pesquisas:

- na pesquisa TIC Domicílios 2009, os ataques de vírus ou outro programa malicioso foram os problemas de segurança encontrados mais relatados (35%) pelos usuários da Internet;
 - na pesquisa TIC Empresas 2010, os problemas relacionados aos diferentes tipos de códigos maliciosos, como vírus (59%), cavalos de Tróia (50%) e *worms/bots* (19%), estão entre os problemas de segurança identificados mais relatados.
- **Cuidado com senhas:** no que tange à preocupação com senhas, tanto pais ou responsáveis quanto crianças e adolescentes lembram menos dessa questão (apenas 9%), ressaltando que 7% das crianças e dos adolescentes usuários de Internet de 11 a 16 anos responderam que “alguém usou minha senha para acessar informações pessoais minhas ou para se passar por mim”. A elaboração e a guarda adequadas das senhas são cuidados primordiais para evitar a personificação fraudulenta (furto de identidade), a divulgação indevida e/ou perda de informações e a exploração da rede de contatos para propagação de *spams* e códigos maliciosos.

SEGURANÇA EM REDES SOCIAIS

Ao observarmos as informações que são compartilhadas no perfil da rede social da criança ou do adolescente, chama a atenção que, entre os usuários de Internet de 9 a 16 anos que possuem o próprio perfil na rede social:

- 86% das crianças e dos adolescentes publicam uma foto que mostra claramente o rosto;
- 69% publicam o sobrenome;
- 57% utilizam uma idade que não é a sua idade verdadeira (especialmente entre os mais novos, para burlar a idade mínima necessária no *site*);
- 42% configuram a opção de privacidade de tal maneira a restringir o acesso aos seus dados (ou seja, de um jeito que somente os amigos tenham acesso) ao passo que um quarto (25%) deixam seu perfil totalmente público;
- 28% declaram a escola onde estudam;
- 13% revelam o endereço;
- 12% publicam seu número de telefone.

Deixar o perfil público pode representar ainda mais informações (como álbum de fotos, *e-mail* de contato, mural de notícias, *status*, localização geográfica etc.) acessíveis a qualquer um na rede, demonstrando que as crianças e os adolescentes estão tomando pouco cuidado com as informações que deixam públicas sobre si próprios, e que pode haver consequências, visto que 4% das crianças e dos adolescentes usuários de Internet de 11 a 16 anos relataram que alguém utilizou suas informações pessoais de forma que não gostaram.

Além disso, dois elementos devem ser ressaltados:

- **Desrespeito à idade mínima** – 42% das crianças e dos adolescentes entre 9-10 anos e 71% entre 11-12 anos possuem perfil próprio, não respeitando a idade mínima estipulada pelos *sites* (como Facebook e Orkut) que é de 13 anos.⁷ Nesta última faixa etária destaca-se que os respondentes declararam menos habilidades, sendo que 37% têm conhecimento de como alterar configurações de privacidade no perfil da rede social;
- **Contato com desconhecidos/ falta de critério na seleção de contatos** – aproximadamente 36% das crianças e dos adolescentes usuárias de Internet de 11 a 16 anos adicionaram pessoas que nunca conheceram pessoalmente à lista de amigos ou contatos nos últimos 12 meses. Tal percentual cresce proporcionalmente à idade, sendo aproximadamente 25% (um em cada quatro) entre as crianças e os adolescentes de 11 a 13 anos e subindo a 46% (quase metade) entre os adolescentes de 15 a 16 anos.

HABILIDADES E SEGURANÇA

O uso seguro da Internet requer, além de conhecer e entender os riscos, habilidades no uso do computador a fim de ser capaz de utilizar as ferramentas disponíveis para proteção.

Embora exista o fator “nativos digitais”, é somente com a prática extensiva que se desenvolvem as habilidades. Nesse sentido, há que se observar que os mais jovens (faixa de 11 a 12 anos) não apenas possuem menos habilidades de segurança – visto que em apenas duas das oito habilidades pesquisadas aproximadamente 50% das crianças e dos adolescentes responderam afirmativamente –, mas também demonstram menos confiança. Ao serem questionados sobre a afirmação “Eu sei muitas coisas sobre como usar a Internet”, 17% das crianças e dos adolescentes na faixa de 11 a 12 anos responderam que não era verdadeira, 35% disseram que era “mais ou menos verdadeira”, e 48%, menos da metade, consideraram a sentença verdadeira.

E não se trata apenas de saber manusear ferramentas, mas também de senso analítico e crítico, já que menos da metade (41%) se considerou hábil a comparar *sites* para distinguir se as informações são verdadeiras. Tais números variam consideravelmente com a idade, sendo que, entre os mais jovens, aproximadamente um em cada quatro (27%) possui tal habilidade, ao passo que, entre os mais velhos, a taxa dobra para um em cada dois (54%).

Sobre as fontes de orientação acerca do uso seguro, 56% das crianças e dos adolescentes relataram que seus pais ou responsáveis sugeriram formas de usar a Internet com segurança, 44% receberam orientações de professores, e 41% as receberam de amigos. Todavia, quando se trata de buscar ajuda em questões mais práticas, como algo que não tinha entendido, a fonte mais apontada foram os amigos (61%), seguida dos pais (45%) e professores (42%). Chega a 14% a parcela das crianças e dos adolescentes que utiliza as fontes *on-line* (*websites*) com informações sobre segurança, e 2% declaram esta como a principal fonte de informações.

Já quanto aos pais ou responsáveis, 52% utilizam como fonte de informações sobre o uso seguro da Internet as mídias tradicionais (televisão, rádio, jornais e revistas); 37% obtêm dados

⁷ Em virtude da regulamentação Americana da *Federal Trade Commission – Children’s Online Privacy Protection Act (COPPA)*.

sobre o tema entre familiares e amigos; 28% têm como fonte a escola de seus filhos; apenas 8% utilizam as fontes *on-line* (*websites*) com informações sobre segurança. Quando indagados sobre as fontes desejadas para obtenção de tais informações, 61% apontaram a escola dos filhos, 57%, as mídias tradicionais, e 30%, o governo. Tais índices podem ser de grande valia na elaboração de campanhas de conscientização.

RECOMENDAÇÕES DE SEGURANÇA

O primeiro passo para se prevenir dos riscos relacionados ao uso da Internet é estar ciente de que ela não é “virtual”. Tudo o que ocorre ou é realizado por meio da Internet é real: os dados são reais, e as empresas/pessoas com as quais interagimos são as mesmas que estão fora dela. Desta forma, os riscos aos quais estamos expostos ao usá-la são os mesmos presentes em nosso dia a dia, e os golpes que são aplicados por meio dela são similares àqueles que ocorrem na rua ou por telefone.

É preciso, portanto, que levemos para a Internet os mesmos cuidados e as mesmas preocupações que temos no nosso dia a dia.

É necessário ter consciência de que a Internet é um local público, no qual o grau de controle que se exerce sobre a divulgação das informações publicadas é muito pequeno. Uma vez que informações sejam postadas, qualquer um na sua rede de contatos pode divulgá-las e, estando públicas, qualquer um tem acesso a elas.

A divulgação indevida de informações pode levar a diversas consequências indesejadas, como:

- Danos à imagem/reputação, problemas psicológicos e de sociabilização, que podem perdurar indefinidamente, pois publicações relacionadas podem ficar armazenadas em incontáveis computadores e serem localizadas a qualquer momento pelas ferramentas de busca *on-line*;
- Danos à integridade física (como sequestros⁸), em virtude da divulgação indevida de informações sobre hábitos, atividades e localização geográfica.

Para tentar reduzir os riscos e se proteger, é importante adotar uma postura preventiva e fazer com que a atenção à segurança seja um hábito incorporado à rotina, independente de questões como local, tecnologia ou meio utilizado.

Alguns cuidados que devem ser tomados são:

- Manter o computador seguro, com todas as atualizações aplicadas e os programas instalados com as versões mais recentes;
- Instalar e manter atualizados mecanismos de segurança, como antivírus, *antispam* e *firewall* pessoal;

⁸ Um caso que chamou muita atenção foi o de Ivan Kaspersky, filho de Eugene Kaspersky (cofundador da companhia de Segurança Kaspersky Lab), sequestrado em abril de 2011, em virtude da divulgação excessiva de dados em rede social e em serviços de localização geográfica. Disponível em: <<http://www.facebook.com/notes/eugene-kaspersky/talk-to-your-children-about-privacy-in-social-networks-now/10150169499355998>>.

- Ser cuidadoso ao elaborar as senhas;
 - Usar senhas longas, contendo números aleatórios e diferentes tipos de caracteres;
 - Evitar usar dados pessoais (como nomes, sobrenomes, contas de usuário, datas, números de documentos, placas de carros e números de telefones), dados que possam ser obtidos em redes sociais e páginas *web*, sequências de teclado e palavras que façam parte de listas publicamente conhecidas (como nomes de músicas, times de futebol, personagens de filmes e dicionários de diferentes idiomas).
- Jamais repassar senhas. Senhas são pessoais e intransferíveis.

Alguns cuidados adicionais que devem ser tomados por crianças e adolescentes ao usarem a Internet são:

- Pensar bem antes de colocar informações na Internet. Depois de postar algo, dificilmente será possível apagar aquilo completamente mais tarde. É bem provável que, anos depois, aquele conteúdo ainda esteja por lá;
- Evitar divulgar a localização, pois isso pode ser usado por pessoas mal-intencionadas para saber onde a pessoa está ou para onde ela vai;
- Nunca marcar encontros com desconhecidos (ou conhecidos apenas da Internet) sem estar acompanhado de um adulto de confiança e sempre em lugares com bastante movimento;
- Não permitir ser filmado, não mandar fotos para desconhecidos e informar imediatamente um adulto de confiança caso alguém solicite isso;
- Avisar imediatamente um adulto de confiança caso alguém tenha atitudes inadequadas ou o faça se sentir constrangido ou ameaçado. Desconfiar também se alguém conhecido via Internet pedir “segredo” de algo;
- Não repassar e nem escrever mensagens que possam humilhar, ofender ou prejudicar alguém;
- Ter cuidado ao postar informações sobre amigos e familiares, por exemplo, onde os pais ou responsáveis trabalham ou quando eles não estarão em casa;
- Respeitar os limites de idade;
- Ser cuidadoso ao navegar na Internet.

Algumas atitudes que pais ou responsáveis podem tomar para proteger seus filhos dos riscos de uso da Internet são:

- Manter o computador em um local público da casa (por exemplo, na sala ou próximo à cozinha). Assim, mesmo a distância, é possível observá-los, orientá-los e participar juntamente com eles das atividades;
- Configurar a função “controle para pais” disponibilizado em alguns sistemas para tentar evitar que os filhos tenham contato com conteúdo indevido;
- Alguns jogos bastante apreciados pelos filhos permitem que você controle as ações que eles podem tomar e podem auxiliá-lo a protegê-los.

CONCLUSÕES

Utilizar a Internet de maneira segura requer que todos estejam conscientes dos riscos aos quais estão expostos e de como se protegerem. Além disso, divergências entre teoria e prática, por exemplo, quando se observa que grande parte dos jovens sabem que não devem passar informações para desconhecidos, mas deixam o perfil da rede social publicamente acessível a todos na Internet, demonstram que há ainda bastante esforço a ser empregado para melhorar o nível de conscientização acerca dos riscos e as formas de proteção no uso da Internet.

A deficiência de habilidades das crianças e dos adolescentes no uso seguro da Internet, especialmente entre os mais novos, aliada à expectativa de 61% dos pais ou responsáveis (cuja maioria não é usuária de Internet) de que a escola traga informações sobre o uso seguro da Internet, podem representar a necessidade de políticas públicas que incluam tal tema ao currículo básico das escolas.

Apesar de existirem ferramentas que permitem o controle e os acompanhamentos das ações que são executadas pelos usuários do computador, tais mecanismos podem ser burlados ou não estarem disponíveis em todos os equipamentos ou locais de acesso que a criança e o adolescente utilizam para se conectar e usar a Internet. Por isso, uma das principais recomendações do CERT.br para o uso seguro da Internet é a conscientização e a educação.

REFERÊNCIAS

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. *Cartilha de Segurança para a Internet*. Publicada em 2012. Disponível em: <<http://cartilha.cert.br/>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

_____. *Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil: TIC Domicílios e Empresas 2011*. São Paulo: CGI.br, 2012. Coord. Alexandre F. Barbosa. Trad. Karen Brito. Disponível em: <<http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-domicilios-e-empresas-2011.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

INFÂNCIA E INTERNET: A PERSPECTIVA DA MÍDIA-EDUCAÇÃO

Maria Luiza Belloni¹

1. *A criança terá direito à liberdade de expressão. Esse direito incluirá a liberdade de procurar, receber e divulgar informações e ideias de todo tipo, independentemente de fronteiras, de forma oral, escrita ou impressa, por meio das artes ou de qualquer outro meio escolhido pela criança.*
2. *O exercício de tal direito poderá estar sujeito a determinadas restrições, que serão unicamente as previstas pela lei e consideradas necessárias:*
 - a) *para o respeito dos direitos ou da reputação dos demais; ou*
 - b) *para a proteção da segurança nacional ou da ordem pública, ou para proteger a saúde e a moral públicas.*

Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança e do Adolescente (CIDCA), Artigo 13.

INFÂNCIA E INTERNET: PROTEÇÃO E RESPONSABILIDADES

Em qualquer cultura, a formação das novas gerações (que a sociologia descreve e analisa com o conceito de *socialização*) é responsabilidade de toda a sociedade: “Precisa de toda uma aldeia para educar uma criança”. Há, porém, instituições especializadas: a família, a escola, as mídias, cuja importância e responsabilidades são imensas frente aos desafios da sociedade contemporânea. O avanço científico e tecnológico vertiginoso – especialmente a informática, a inteligência artificial, a biotecnologia, a nanotecnologia e as telecomunicações – vem provocando mudanças radicais em todas as esferas da vida social, colocando imensos desafios aos campos da comunicação e da educação e desestabilizando a instituição familiar.²

¹ Doutora e mestre pela Universidade de Paris–Sorbonne e pós-doutora em Comunicação Política (Centre National de la Recherche Scientifique – CNRS) e Educação a Distância (Universidade Aberta de Portugal). Foi pesquisadora do CNPq e professora em diversas universidades federais brasileiras. Atualmente aposentada, continua atuando junto ao grupo de pesquisa Comunic, ligado ao Laboratório de Novas Tecnologias, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

² As reflexões aqui apresentadas decorrem de análises de dados estatísticos e de resultados de pesquisas qualitativas realizadas ao longo de muitos anos, no Brasil e no mundo, especialmente na Europa, a partir de uma abordagem sociológica que privilegia as “lógicas dos usos” e não as lógicas de produção de *hardwares* ou de *softwares*, sejam técnicas ou industriais e econômicas. Tal perspectiva se explica pela convicção de que a sociedade (poderes públicos, sociedade civil) deve assegurar, por todos os meios, especialmente pela educação, os direitos da criança e do adolescente, frente à enorme e crescente importância das mídias digitais na vida social. Acredito que tais reflexões possam contribuir, ainda que modestamente, com a construção de cenários de mudança que possibilitem à escola e às mídias cumprirem seu papel de instâncias formadoras da cidadania e de inclusão de todas as crianças e todos os adolescentes nos benefícios do desenvolvimento típicos da sociedade do século 21.

Mais de duas décadas após a promulgação da Convenção Internacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CIDCA), observamos profundas transformações nas sociedades, quanto à situação real e ao estatuto legal das novas gerações. As duas principais instituições responsáveis pela socialização das novas gerações, a família e a escola, estão perdidas, perplexas, frente a crianças e jovens cada vez mais “empoderados”, informados, participantes e conscientes (mesmo que confusamente) de seus direitos, além de serem digitalmente competentes e de se mostrarem totalmente à vontade frente a essas novas tecnologias.

Decorre daí a necessidade urgente de ações efetivas de mídia-educação, como o melhor caminho para uma proteção realmente eficaz da infância e da juventude frente aos desafios trazidos pela Internet, bem como para formar o jovem cidadão capaz de exercer com responsabilidade essa nova liberdade de criar e se expressar por meio da Internet. Embora possam ser eficazes, sobretudo para proteção de crianças menores, as soluções puramente técnicas (filtros, bloqueios etc.) são ineficientes quando se trata de adolescentes, não apenas tecnicamente competentes (capazes de driblá-las), mas imbuídos de seus direitos (“empoderados”) e psicologicamente inclinados à transgressão. Somente a reflexão e a conscientização podem levar crianças e jovens à autoproteção e à autonomia, ou seja, a comportamentos responsáveis e sem riscos.

Quanto à responsabilidade, é preciso considerá-la também do ponto de vista da autonomia e protagonismo característicos de crianças e jovens de hoje: de tanto ver publicados conteúdos violentos (reais nos telejornais, ou ficcionais em todas as mensagens de entretenimento, inclusive clipes musicais e publicitários) e imagens alusivas a uma sexualidade duvidosa (quando não claramente violenta e/ou perversa, quase sempre machista), crianças e jovens acabam por acreditar que eles também podem – têm o direito de – publicar esse tipo de imagem envolvendo pessoas reais, seus colegas, seus amigos, a(o) namorada(o), seus professores. Os apelos à telerrealidade na televisão e à imersão em ambientes virtuais via Internet borram as fronteiras entre realidade e ficção, reforçando um sentimento difuso de poder e impunidade. Ora, o ciberespaço é um espaço público, onde devem existir regras para a liberdade de expressão no limite do respeito ao outro e de sua própria integridade física e psicológica: não se pode publicar qualquer coisa na Internet. Desenvolver tais atitudes exige muita reflexão e aprendizagens específicas, que envolvem crianças, jovens e adultos (comunicadores, educadores, famílias, artistas).

Enquanto as estatísticas vão mostrando o enorme crescimento do número de usuários jovens, pesquisas qualitativas revelam algumas tendências de comportamentos – por exemplo, a publicação nas redes de mensagens (com imagens) agressivas, que humilham ou agridem pessoas reais e próximas, e uma falta de consciência dos jovens quanto às consequências destes atos, aos danos que podem causar aos outros. Paradoxalmente, embora capazes de identificar situações de *bullying* real e virtual, os jovens tendem a não considerar a publicação das imagens que eles próprios produzem como *bullying*, pois tudo é *just for fun*, brincadeira, humor, derrisão.³ A geração Internet também poderia ser chamada de geração LOL (DAGNAUD, 2009). Na maior parte dos casos, não o fazem por maldade, mas apenas para se divertir, embora haja cada vez mais casos de ações deliberadas de violência virtual e real com

³ Ver mais na pesquisa “Interação, criatividade e aprendizagens autônomas nos usos da Internet” (Lantec/CED/UFSC, 2010). Muitas dessas pesquisas estão referenciadas no livro *Crianças e mídias no Brasil. Cenários de Mudança*. Papirus, 2010.

consequências catastróficas entre adolescentes. Como sabemos, diversão e entretenimento são valores altamente positivos em nossas sociedades contemporâneas, difundidos por todas as mídias, especialmente pela publicidade, funcionando, pois, como elementos significativos na construção das identidades infantis e adolescentes.

Criar condições para que a formação dos jovens – para a autoproteção e responsabilidade – ocorra e seja efetiva é responsabilidade de todos: poderes públicos, escola, sociedade civil organizada e famílias. Trata-se de qualificar o “empoderamento” das novas gerações frente às TIC: não se pode tratar a técnica apenas com meios puramente técnicos (filtros, bloqueios, sites segurizados, etc.). É necessário ir além da esfera puramente técnica e transcender o nível tecnocientífico da discussão para chegar à reflexão crítica e distanciada, que coloca a questão em termos filosóficos e existenciais, identificando e discutindo a ética e a estética que caracterizam as mensagens midiáticas, sejam elas produzidas e distribuídas em escala industrial e planetária ou na escala pessoal (individual ou grupal) das redes sociais.

O fato de reconhecer suas inegáveis virtudes democratizadoras da cultura, da informação e do conhecimento não deve obnubilar a compreensão dos grandes perigos trazidos pela Internet para crianças e adolescentes, pois, como bem lembra a CIDCA, tratam-se de “seres humanos em formação com fragilidades devidas à sua pouca maturidade e experiência física, intelectual e psicológica”. Por isso, ao reconhecer a importância para os jovens de acessar às diferentes fontes de informação, a ONU enfatiza a obrigação (da sociedade, dos estados, das famílias) de assegurar sua proteção, ajuda e assistência especial. Buscar o equilíbrio entre o princípio de emancipação, pelo acesso às mídias e à informação, e uma responsabilidade necessária do Estado (via políticas públicas de educação, de informação e de regulamentação da comunicação), das famílias e dos próprios jovens é condição *sine qua non* para assegurar os direitos da criança e do adolescente “pela noção, erigida em valor primordial, do interesse superior da criança” (DOCUMENTATION FRANÇAISE, 2005).

SOCIEDADE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

A humanidade sempre criou objetos técnicos que os seres humanos em ação, construindo seus processos sociais (trabalho, educação, comunicação, política...) integraram em suas práticas para aperfeiçoá-las e seguir desenvolvendo-se. Por outro lado, o temor de uma “revolta das máquinas” sempre assombrou o imaginário humano (por exemplo, os mitos do Golem e do Frankenstein). No século 20, a literatura e o cinema de ficção científica mostram uma forte dose de pessimismo quanto à possibilidade de o avanço técnico trazer o bem para a humanidade; por exemplo: *O Admirável Mundo Novo* (A. Huxley); *1984* (G.Orwell); *2001, Uma Odisseia no Espaço* (Arthur Clark e Stanley Kubrick); *Blade Runner* (Philip K. Dick e Ridley Scott); *Matrix/Neuromancer* (William Gibson, Andy e Larry Wachowski); *Inteligência Artificial* (Brian Aldiss, Steven Spielberg e Stanley Kubrick), para citar apenas os mais conhecidos.

Tais ficções funcionam como contraponto ao vertiginoso progresso técnico e ao otimismo tecnicista que caracterizam as sociedades modernas, nas quais as relações homem/máquina vêm se transformando e adquirindo matizes nunca dantes imaginados, como por exemplo: a ideia

e a produção de seres híbridos de natureza e máquina (*ciborg*)⁴; o notável desenvolvimento da biotecnologia, permitindo criar e modificar a vida; ou os avanços da inteligência artificial e das ciências cognitivas que podem implicar um reducionismo no estudo da mente, voltado exclusivamente para criação de máquinas inteligentes.

Neste início do século 21, o termo tecnociência tornou-se banal, combinando duas visões diferentes: cognitiva e técnica. Esse termo evoca uma mutação na relação entre ciência e técnica: esta teria deixado de ser dependente e subordinada àquela e as prioridades ter-se-iam invertido, como sugere a ordem da palavra composta (BENSAUDE-VINCENT, 2009). O advento e sucesso da tecnociência está associado à pós-modernidade, que se caracteriza por uma crescente primazia da técnica e uma perda de confiança com relação à ciência (que seria apenas mais uma das “narrativas” possíveis). Paradoxalmente, crenças e mitologias, místicas novas e antigas, ganham importância, revelando que a humanidade continua a necessitar dos mitos como histórias sagradas que dão sentido à vida.

É preciso, porém, ter consciência de que, se as inovações técnicas são incontornáveis, e sua produção obedece a uma lógica capitalista que se impõe a nós, os usos e apropriações que delas fazemos dependem de nossa capacidade de compreender e analisar criticamente tais objetos e seus contextos de produção e de neles intervir. Tais reflexões fazem parte do cotidiano de nossas sociedades, e os jovens são confrontados com elas, necessitando desenvolver a reflexividade, essa característica do homem moderno que lhe permite tomar decisões e fazer escolhas com base não mais em crenças religiosas, mas em informações científicas pelo uso de sua razão (GIDDENS, 1997; BELLONI, 2009).

A Internet surge e se desenvolve num contexto de globalização da economia e mundialização da cultura, ao mesmo tempo em que contribui fortemente para o aprofundamento desses processos: nunca antes a noção de aldeia global de McLuhan foi tão espetacularmente real. Ao contrário, porém, do que esperava o visionário sociólogo canadense, essa amplitude planetária não cria necessariamente condições para a diversidade e a criatividade: os conteúdos culturais são cada vez mais uniformizados pela indústria cultural globalizada. Tais conteúdos (mercadorias abstratas, imateriais: mensagens) são retomados e recriados pelos jovens, na construção de suas identidades e seus imaginários, consolidando uma nova ética (violência e sexo banalizados; consumismo e individualismo exacerbados; narcisismo e egocentrismo...) e uma nova estética (violência e sexualidade espetacularizadas e estetizadas).

A utopia do iluminismo – a crença de que a democratização do conhecimento esclareceria os homens e possibilitaria o acesso de todos à cidadania – parece reengendrar-se nas infinitas possibilidades da *web*. As propostas do positivismo e do cientificismo do século 19 – a primazia da razão e a crença no progresso infinito da humanidade, identificado com o progresso da ciência e da tecnologia – tornam-se realidade da Wikipédia, gerando utopias de inteligência coletiva e solidariedade colaborativa. *Mainstream* na sociologia hoje, ideologia dominante que legitima e informa as lógicas técnicas e a economia de mercado, a tecnociência (herdeira do estrutural-funcionalismo e da ideologia tecnocrática) considera a sociedade como conjunto de redes sociotécnicas e o ser humano como um dos elementos dessas redes, organizadas e funcionando segundo uma lógica puramente técnica.

⁴ Para Bruno Latour (1997), a sociedade é formada por redes sociotécnicas compostas de seres híbridos de natureza e cultura. Donna Haraway (2000) criou, nos anos 1980, o termo *cyborg*, que integra *cyber* e organismo, para representar uma entidade que é parte humana e parte técnica.

As virtudes da Internet são conhecidas e, sobretudo, estão integradas à nossa vida cotidiana: democratização do acesso à informação, à cultura, ao saber, à criação; possibilidades inéditas de comunicação interpessoal e de difusão de mensagens; inteligência coletiva; criatividade potencializada; *softwares* livres; criação compartilhada nas redes *peer-to-peer*. *Copy left* em lugar do tradicional *copy right*. Surgimento de novas formas perceptivas, cognitivas, novos modos de aprender, novas formas sociais: a lista é longa, e seria supérfluo elencar todas essas virtudes decorrentes das infinitas possibilidades de expressão e comunicação oferecidas pelas ferramentas presentes na rede mundial de computadores.

Os riscos, no entanto, não são nem evidentes nem fáceis de identificar: muitas variáveis estão em jogo, e tudo depende das mediações que envolvem as crianças e os jovens. A perspectiva da mídia-educação implica formar crianças e jovens não apenas para a apropriação das virtudes comunicacionais e criativas da Internet, mas também colocar em evidência seus riscos e perigos. Não apenas aqueles mais aparentes: riscos comportamentais para crianças e jovens (*safe Internet*), fraudes e/ou pirataria; mas, sobretudo, aqueles perigos disfarçados de virtudes ou benefícios, para os quais nem atentamos. É preciso lembrar que a Internet permite virtualmente o controle (quase) absoluto dos comportamentos humanos (possibilita tecnicamente a realização dos cenários mais concentracionários jamais imaginados pelos autores de ficção científica, como Orwell, Huxley, Dick, Gibson, Ruffin): Google e Facebook são bancos de dados que estocam, entre outras coisas, todas as atividades de seus usuários na rede. Por exemplo, quando um adolescente posta uma foto de sua (ex) namorada em situação humilhante ou desairosa, ela permanecerá na rede, na nuvem, nos bancos de dados, nos perfis, por tempo indeterminado, podendo causar sérios danos morais e psicológicos. Quanto às vantagens dessas informações para a publicidade e os negócios, elas são imensas.

CULTURAS JOVENS: NOVAS IDENTIDADES, NOVOS MODOS DE SER E ESTAR NO MUNDO

As culturas infantis e juvenis de hoje são marcadas por uma presença predominante das imagens. Imagens criam significados em todo tipo de comunicação. Embora a palavra escrita tenha recuperado sua importância (quase) perdida na era da televisão, graças à Internet, as novas gerações percebem e se expressam via imagens. Imagens produzidas e distribuídas tecnicamente são elementos extremamente significativos na construção dos imaginários infanto-juvenis e, portanto, das identidades e representações. Podemos dizer, então, que as culturas jovens são fundamentalmente audiovisuais. Além disso, os novos modos de aprender desenvolvidos pelas crianças no convívio com as TIC, fora da escola e à sua revelia, desafiam educadores e pesquisadores do campo da Pedagogia e da Educação: crianças aprendem cada vez mais por ensaio e erro, de modo lúdico, autônomo e colaborativo (BELLONI, 2010; BELLONI; GOMES, 2008).

Gerações mutantes, nativos digitais, *e-generation*, geração Y, seres híbridos de organismo e máquina, *ciborgs*... muitas têm sido as tentativas de definição dessas novas gerações nascidas na era da informática e das telecomunicações. Todas elas deixam a desejar, pois definem o fenômeno a partir do suporte técnico, colocando a tecnologia no centro do processo, como o fator essencial de mudança e negligenciando os fatores socioculturais e psicológicos.

Do ponto de vista da sociologia da infância e da educação, todavia, a questão é compreender como as mensagens midiáticas, que invadem o espaço privado e constroem o espaço público, concorrem para a construção das identidades infantis e adolescentes. Crianças e jovens apropriam-se dessas mensagens produzidas por adultos profissionais, reinterpretando-as e construindo a partir delas suas culturas, uma nova ética e uma nova estética, um imaginário povoado de seres virtuais que lhes fornecem exemplos, valores e modelos de comportamento, mas também formas estéticas do que é belo e desejável.

A grande inovação dos anos 2000 é, sem dúvida, a incrível difusão das redes sociais e a adesão incontestável da quase totalidade dos jovens a essa nova forma de interagir com os pares. As redes sociais são hoje, provavelmente, o mais poderoso instrumento de formação de uma “cultura de pares” *on-line*. Essa horizontalidade e a democratização do acesso à participação ativa geram uma transformação radical nos modos de comunicação interpessoal. As redes sociais funcionam como novos espaços culturais, onde se tecem novas formas de relações sociais. “Espaços *on-line* como Facebook, World of Warcraft e YouTube fornecem aos adolescentes novos contextos para explorar identidades e avaliar outras respostas” (DELICADO, 2010).

As redes sociais se tornaram um dentre muitos “*playgrounds on-line*”, disponíveis na Internet para as crianças de hoje. As redes sociais não apenas fornecem uma convergência inédita de atividades (*e-mail*, copiar músicas e/ou vídeos, escrever diários, álbuns de fotos), mas criam oportunidades de autoexpressão, sociabilidade e criatividade para muitos. Segundo Livingstone (2008), essa possibilidade de criação de conteúdos por todos os usuários facilita o aparecimento de uma *peer culture* inovadora entre os jovens, em nível local e global.

Embora enquadrados pelos conteúdos e veículos (mídias) técnicos, os jovens interagem com pessoas reais, seus pares, e constroem novas formas sociais a partir da exposição da intimidade e da construção de personagens alternativos e identidades outras. Páginas do Facebook são verdadeiros diários “*êxtimos*”, que invertem as direções das relações afetivas: o que antes só se contava à melhor amiga agora se publica no Facebook. A distanciação psicológica permitida pela ferramenta técnica tende a gerar uma ausência de superego, uma liberação de todos os códigos sociais (“pode tudo na rede”) que, na net, facilita a passagem ao ato transgressivo. Assim, “a mídia da ‘abolição da mediação’ não é apenas liberdade feliz, mas pode também se tornar regressão infeliz” (DAGNAUD, 2009).

A tecnificação intensa e rápida da vida social, difundida em escala planetária por todas as mídias pode também levar ao esvaziamento do sentido da vida (sensibilidades e valores substituídos por lógicas técnicas). A difusão em massa de imagens de situações de extrema violência física e psicológica tende a gerar uma dessensibilização do ser humano em formação com relação aos sentimentos e necessidades do outro, ao sofrimento de outras pessoas, à banalização e à espetacularização da violência e da sexualidade e ao enfraquecimento da solidariedade.

A individualização exacerbada, sob a aparência de interações multiplicadas ao infinito (gerações mutantes; nativos digitais; crianças constantemente plugadas) vai substituindo aos poucos as redes convencionais de interações reais sociais e afetivas. Desenvolve-se um consumismo “adictivo”, típico de um sistema que promete a felicidade na mercadoria, especialmente nas mercadorias abstratas que são as mensagens midiáticas.⁵ Nossas crianças são seres huma-

⁵ Segundo pesquisas de mercado recentemente publicadas na Europa, o sonho de consumo dos jovens deixou de ser o carro para ser o *tablet*.

nos constantemente ligados (plugados) a alguma máquina de comunicar: crianças sem tempo livre (livre da presença adulta, mesmo virtual), que não conseguem mais viver (brincar, sonhar, se construir) sem a ajuda de algum desses dispositivos técnicos, altamente sofisticados, planejados para... para o quê? Afinal, para que serve a Internet?

Tal reflexão é o único caminho para que os jovens humanos coloquem as máquinas a serviço de suas aspirações e de sua criatividade e não se coloquem sob influência delas como partes de redes sociotécnicas governadas pela lógica técnica da máquina e pela lógica econômica do mercado. Escapar do domínio dessas lógicas e da ingenuidade de pensar que as virtudes democratizantes das redes técnicas levam automaticamente à *democratização* da sociedade exige formação, reflexão, ou seja, mídia-educação.

REFERÊNCIAS

- BELLONI, M. L. *Crianças e Mídias no Brasil. Ensaios de sociologia da infância*. Papyrus, 2010.
- . *O que é Sociologia da Infância*. Papyrus, 2009.
- . *O que é Mídia-Educação*. Campinas: Editora Autores Associados, 2001.
- . Estética da Violência. *Revista Comunicação e Educação*, São Paulo, n. 12, 1998.
- . Infância, máquinas e violência. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, CEDES, n. 87, 2004.
- BELLONI, M.L.; BEVORT, E. Mídia-educação: conceitos, história, perspectivas. *Revista Educação e Sociedade*, n. 108, 2009.
- BELLONI, M.L.; GOMES, N. G. Infância, mídias e aprendizagens: cenários de mudança. *Revista Educação e Sociedade*, n. 104, 2008.
- BELLONI, M. L.; GOMES, N.G. et al. *Caracterização do público jovem das tecnologias de Informação e Comunicação (1ª fase)*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, Relatório de pesquisa apresentado ao CNPq, 2004.
- BELLONI, M. L.; GOMES, N.G. et al. *Caracterização do público jovem das tecnologias de Informação e Comunicação: Autodidaxia e Colaboração (2ª fase)*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, Relatório de pesquisa apresentado ao CNPq, 2007.
- BENSAUDE-VINCENT, B. *Les vertiges de la technoscience*. Paris: Editions La Découverte, 2009.
- DAGNAUD, M. *Génération Y: les jeunes et les réseaux sociaux, de la dérision à la subversion*. Paris: Presses de Sciences Politiques, 2011.
- CROSNIER, H. (Org.). *Internet: la révolution des savoirs*. Paris: La documentation Française, 2010.
- DELICADO, A. ; ALMEIDA ALVES, N. *Children, internet, cultures and online networks*. Paper apresentado ao Colloque International Enfances & Cultures, Ministère de la Culture et de la Communication, AISLF, Université Paris Descartes, 2010. Disponível em: <<http://www.enfanceetcultures.culture.gouv.fr>>.
- DOCUMENTATION FRANÇAISE. *Protection de l'Enfant & Usages de l'Internet*, Rapport remis au Ministère des Solidarités, de la Santé et de la Famille. Paris, 2005.
- FALEIROS, V. *Estatuto da criança e do adolescente: 18 anos*. Disponível em: <<http://www.cecria.org.br>>. Acesso em: 10 jul. 2008.

- GIDDENS, A. *Modernidade e Identidade Pessoal*. Oeiras (Portugal): Celta editora, 1997.
- GIDDENS, A. *As transformações da intimidade*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- GONNET, J. *Educação e mídias*. São Paulo: Loyola, 2004.
- HABERMAS, J. *L'Avenir de la Nature Humaine. Vers un Eugénisme Libéral?* Paris: Gallimard, 2002.
- HARAWAY, D. *Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*. Belo Horizonte : Ed.Autêntica, 2000.
- LARDELLIER, P. *Le pouce et la souris (enquête sur la culture numérique des adolescents)*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 2006.
- LÉVY, P. *World Philosophie*. Paris: Editions Odile Jacob, 2000.
- LASCH, C. *La culture du Narcissisme*. Flammarion, 2006.
- LATOUR, B. *Nous n'avons jamais été modernes*. Paris: La Découverte, 1997.
- LIMA, L. O. *Mutações em Educação segundo Mc Luhan*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- LINARD, M. *Des Machines et des Hommes*. Paris: L'Harmattan, 1996.
- LURÇAT, L. *Violence à la télé: l'enfant fasciné*. Mesnil-sur-l'Estrée: Editions Syros, 1989.
- PERRIAULT, J. *Education et Nouvelles Technologies*. Saint-Germain-du-Puy: Nathan, 2002.
- PONTE, C.; JORGE, A.; SIMÕES, J. A.; CARDOSO, D.S. (Org.). *Crianças e Internet em Portugal*. Coimbra: Ed. MinervaCoimbra, 2012.
- PRETTO, N.; ROSSINI, C.; SANTANA, B. (Org.). *Recursos Educacionais Abertos*. São Paulo: Casa da Cultura Digital/Salvador: EDUFBA, 2012.
- SOUDOPLTOFF, S. *Le monde avec internet*. Paris: FYP Éditions, 2012.
- TURKLE, S. *A vida no Ecrã*. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.
- _____. *Les enfants de l'ordinateur*. Paris: Denoël, 1984.
- UNESCO. *L'Éducation aux Médias*. Actes, synthèse et recommandations do Encontro Internacional de Paris, 2007.
- _____. *L'Éducation aux Médias*. Actes e synthèse do Seminário Euro-mediterrâneo. Paris, 2005.
- _____. *A Criança e a Mídia – imagem, educação, participação*. Ulla Carlsson e Cecilia von Feilitzen (Org.). São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2002.
- _____. *International Conference Educating for the Media and Digital Age*. Vienna, 1999.
- _____. *Éducation aux Médias*. Paris: Unesco, 1984.

O USO DAS TIC POR CRIANÇAS E O IMPACTO PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA: UMA PEDAGOGIA PARA O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA

Maria Paulina de Assis¹

Crianças de todas as idades e até mesmo bebês se encantam com pequenos aparelhos digitais portáteis como celulares e *tablets*, que são agora parte das listas de presentes de Natal e de outras datas. E para as crianças são tão atrativos como jogos e brinquedos eletrônicos.

Com o barateamento dos aparelhos e o maior acesso a bens de consumo por uma camada maior da população, nos últimos anos, observa-se uma crescente tendência na aquisição e no uso desses aparelhos por pessoas de todas as idades e classes sociais. Os pequenos aparelhos que antes se configuravam como recursos de interação entre as pessoas – sendo considerados tecnologias de informação e comunicação (TIC), – que proporcionavam suporte principalmente para assuntos de trabalho e outros de caráter mais formal, agora oferecem funções que proporcionam, além de informação e comunicação, o entretenimento. Cada vez menores, mais ergonômicos e mais versáteis, os *tablets*, por exemplo, substituem múltiplos aparelhos, como rádio, televisão, telefone, câmera e computador, dentre outros, possibilitando, ainda, a conexão com a Internet.

Está na moda possuir um *smartphone*. Discussões sobre as funções de um *tablet* comparadas às de um *notebook* são frequentes no mundo do trabalho, no meio estudantil e em outros ambientes sociais. Isso porque esses equipamentos possibilitam a realização de um sem número de tarefas que podem ser relacionadas ao trabalho, à pesquisa, aos estudos, à aquisição de novas informações e conhecimentos, além de exercerem uma função de companhia e proporcionar distração. Portanto, não é para menos que provoquem o encantamento e despertem nas pessoas o desejo de posse.

Por serem usados em praticamente todos os lugares e situações, os pequenos aparelhos desafiam a etiqueta, os costumes, as normas e as leis. E, como não poderia deixar de ser, essas maravilhas tecnológicas estão presentes também nas escolas, nas mãos de professores, funcionários e de alunos, até das crianças pequenas. Entretanto, embora úteis, celulares e *tablets*, além de computadores pessoais como *laptops*, têm trazido vários desafios para a educação formal, sobretudo quando se trata do ensino público.

¹ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sendo que parte da pesquisa foi feita no London Knowledge Lab. Mestre em *ICT in Education* pela Universidade de Londres e também em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Atualmente é pesquisadora do projeto Um Computador por Aluno (UCA), no grupo de pesquisa do Programa Educação/Currículo da PUC-SP.

TIC E EDUCAÇÃO

O uso das tecnologias na educação pública tem sido tema recorrente no Brasil desde os anos 1980, quando se iniciou pesquisa acadêmica e formação de professores para a implantação de projetos que propunham a inserção do computador como recurso pedagógico. Em décadas posteriores, o computador foi para os laboratórios das escolas e vários programas de formação de professores foram implantados. Políticas públicas foram criadas, dentre elas, recentemente, o projeto Um Computador por Aluno (UCA), patrocinado pelo MEC, que propõe a distribuição de computadores portáteis, sendo na proporção 1:1 (um por aluno).² No Brasil, o projeto tem como princípio básico o uso do computador portátil com função pedagógica, a partir da orientação do professor, podendo o seu uso, pela criança, ser feito exclusivamente na escola ou agregando atividades fora dela.

Resultados de pesquisas têm demonstrado que, além da inserção das TIC nas escolas, o seu uso pedagógico é um desafio constante, tanto para educadores como para pesquisadores. A pesquisa TIC Educação, por exemplo, revela os mais diversos problemas, como questões relacionadas à parca infraestrutura tecnológica, as dificuldades da gestão escolar para integrar essas tecnologias ao cotidiano da escola e, por fim, os desafios da ação pedagógica propriamente dita, com foco principalmente nas dificuldades dos professores para a adoção das TIC e sua apropriação visando à integração ao currículo (CGI.br, 2012). Há que se citar também a fragilidade da implementação das políticas públicas no nível da escola e da sala de aula: a escola pública tem sempre vários projetos a serem implementados, e a inserção das tecnologias para uso pedagógico acaba sendo muitas vezes atropelada por necessidades mais imediatas no âmbito da sala de aula e da gestão escolar. Dessa forma, a presença das tecnologias na escola acaba sendo geradora de problemas e não de soluções.

Com o desenvolvimento acelerado da tecnologia nos últimos anos e o surgimento de aparelhos digitais portáteis cada vez mais sofisticados, além do acesso cada vez mais facilitado às novas tecnologias, evidencia-se um descompasso entre o que os alunos têm nas mãos e a capacidade da escola de usar as TIC com propósitos pedagógicos. Enquanto os alunos levam seus celulares para a sala de aula, os professores muitas vezes não têm à disposição computadores e conexão com a rede mundial para a realização de tarefas básicas como, por exemplo, a busca de informações na Internet. Também ocorrem situações em que, no UCA, por exemplo, cada aluno tem um *laptop* à sua disposição, mas a escola não possui infraestrutura elétrica para carregar as máquinas, a conexão com a Internet é precária e, além disso, o suporte tecnológico deixa a desejar no que se refere às necessidades do professor. No entanto, essa situação poderia ser diferente, como proposto a seguir.

² Originado a partir do OLPC (*One Laptop Per Child*), o projeto Um Computador por Aluno (UCA) teve como objetivo ser um projeto educacional utilizando tecnologia e inclusão digital. As escolas receberam infraestrutura para acesso à Internet e implantaram-se cursos para capacitação de gestores e professores no uso da tecnologia. Leia mais em: <<http://www.uca.gov.br/institucional/projeto.jsp>>.

O USO DAS TIC POR CRIANÇAS EM CASA, NA ESCOLA E COM OS AMIGOS

De maneira mais específica, a presença das TIC nas mãos das crianças traz algumas questões que podem ser colocadas sob três dimensões: o uso na escola, em casa e com os colegas e amigos. Na escola, e mais especificamente na sala de aula, para onde as crianças levam equipamentos, principalmente celulares, eles são causadores de situações conflituosas, muitas vezes consideradas como indisciplina, por atrapalharem o andamento das aulas. Em casa, o uso das tecnologias pelas crianças nem sempre ocorre com a supervisão dos pais, familiares ou pessoas mais velhas e, mesmo quando há supervisão, em virtude do desconhecimento das potencialidades dessas tecnologias, os adultos nem sempre têm a compreensão de seus perigos. Além disso, em geral, os adultos mais aprendem com as crianças do que ensinam a elas sobre o uso das tecnologias, o que pode deixá-los em condição de inferioridade no que se refere à autonomia no uso e também na orientação sobre questões éticas e de segurança no uso de equipamentos e no acesso à Internet. O uso de aparelhos portáteis – e, entre eles, *tablets* e celulares – tem sido cada vez mais frequente para ações como jogar, ouvir música, acessar as redes sociais e outras atividades lúdicas por crianças de todas as idades; dessa maneira, elas têm entretenimento e se relacionam, estabelecendo vínculos com novos “amigos”, o que pode trazer risco para a integridade dessas crianças.

IMPACTOS DO USO DAS TIC POR CRIANÇAS: O NOVO PAPEL DA ESCOLA

O uso cada vez maior das TIC, principalmente de telefones celulares, na sociedade e, conseqüentemente, nas escolas, tem provocado problemas para professores e gestores, pois as crianças estão levando esses equipamentos para a sala de aula. Levando-se em conta que, nas escolas públicas, os professores têm sido desafiados a usar computadores e, ultimamente, os computadores portáteis, para inserir as tecnologias em suas práticas pedagógicas, esse novo fenômeno da invasão dos celulares provoca mais um desafio à dinâmica da sala de aula. Como devem os professores se comportar diante dessa questão? Devem tolerar o uso desses equipamentos, mesmo sendo proibidos por força de lei? Devem proibir terminantemente o seu uso e lidar com a frustração dos alunos? Devem negociar, permitindo que os alunos usem para fins que lhes interessam?

A princípio um problema, esse fenômeno poderá se transformar em potencial para a introdução de inovações educativas, trazendo mais motivação para a aprendizagem na sala de aula e além dela. Neste texto, proponho algumas formas de atuação, uma nova pedagogia para o uso da tecnologia na sala de aula e em outros espaços da escola, que se expande para o uso em casa e com a família e também para outros ambientes. O princípio básico que norteia esta proposta é uma abertura do professor para conviver com o fato de que os alunos podem saber lidar melhor com as tecnologias, estando abertos também a novas formas de ensinar, além daquelas que preveem que os alunos estejam dentro da sala de aula, com cada aluno sentado em sua carteira, ouvindo o que o professor fala e prestando atenção ao que está escrito no quadro negro. Essa proposta contém linhas básicas, que podem ser adequadas a cada contexto escolar, necessitando-se apenas de uma disposição para a experimentação de novas maneiras de se relacionar com a tecnologia buscando integrá-la ao currículo escolar.

Em primeiro lugar, quanto ao uso das TIC dentro da sala de aula: em nossa experiência na formação de docentes no âmbito do projeto UCA, os professores têm à disposição computadores portáteis para os alunos. Com frequência, eles se queixam de que propõem atividades para os alunos e, por certas dificuldades, acabam desistindo de retomar o uso dos equipamentos. Dentre essas dificuldades, há uma bastante recorrente, que é aquele tipo de trabalho em que o professor propõe aos alunos uma “pesquisa” na Internet para buscarmos imagens para ilustrar um texto sobre um determinado tema. Com frequência há problemas de baixa conexão, o que causa frustração e dificuldades para a concretização da tarefa.

O que poderia ser feito em situações semelhantes? Dependendo do tema a ser tratado, de maneira mais criativa, poderá o professor repensar ou mudar radicalmente a forma de propor a atividade e, em vez de escreverem textos ilustrados por imagens, os alunos podem sugerir outras formas de falar sobre o tema. O professor poderá propor aos alunos que explorem o computador e descubram por si próprios outras maneiras de criar formas e imagens que possam ser articuladas com textos, usando aplicativos disponíveis no próprio *laptop* ou até mesmo nos telefones celulares.

As atividades também podem extrapolar a sala de aula, e a aprendizagem pode se dar pela coleta de informações nos corredores da escola, no pátio e em outras dependências, até mesmo em seus arredores. Os alunos planejam as técnicas e recursos que usarão, podendo ser a criação de arquivos em áudio, vídeos, com a realização de entrevistas, reportagens em locais de interesse da matéria que está sendo estudada, dentre outras possibilidades. Dessa maneira, os alunos podem fazer trabalhos em grupos, cada um fazendo o que sabe melhor e ensinando ou ajudando os outros na composição do trabalho. Certamente esse tipo de procedimento tem chance de dar certo, pois as crianças já estão habituadas a esse tipo de troca quando se trata de aprender coisas de seu próprio interesse. Provavelmente os alunos ficarão mais motivados para a tarefa, e isso, por consequência, pode contribuir para uma melhor aprendizagem. Além dos conhecimentos previstos no currículo, as crianças têm a chance de desenvolver habilidades tecnológicas e de relacionamento, pela exploração de novas possibilidades de aprender o novo, aprendendo também a trabalhar de maneira colaborativa.

Duas outras formas interessantes de motivar os alunos a participarem das atividades escolares com o uso das TIC são os projetos de alunos monitores de tecnologia e a organização de eventos nos quais os alunos têm oportunidade de mostrar suas habilidades. Em projetos de alunos monitores, esses são formados para atuarem como apoio para os professores nas aulas em que usarão computadores e outros equipamentos, ou ainda para ajudar e ensinar os colegas no manejo das tecnologias. Em nossa pesquisa temos relatos de trabalhos realizados com alunos monitores que obtiveram sucesso, promovendo também a motivação dos participantes.

Sobre a organização de eventos: eles podem ser realizados para as famílias e a comunidade, com as crianças apresentando trabalhos que realizaram durante um período escolar – por exemplo, um semestre letivo –, usando as TIC. Temos exemplos de projetos interdisciplinares em que, ao final do ano letivo, a escola chama as famílias e a comunidade para participarem de uma mostra dos trabalhos realizados, incluindo músicas e vídeos que os próprios alunos produziram. Além desses exemplos, podemos citar também a criação de jornais *on-line*, *blogs* e livrinhos de receitas, entre outros.

Um tema recorrente na formação de professores e na pesquisa acadêmica é o fato de que crianças têm mais facilidade do que os adultos na apropriação das novas tecnologias. Essa

constatação revela um problema que pode ser o uso inadequado das TIC por crianças em casa, devido ao descompasso entre as competências das crianças e dos adultos responsáveis no uso da Internet. A facilidade que as crianças têm para acessar a Internet e, por consequência, as redes sociais, *sites* impróprios e ainda *sites* de compras, pode acarretar sérios problemas, como relacionamentos com pessoas de má índole, compras *on-line* e *bullying*, colocando em risco a integridade e segurança das crianças. Por essas razões, seria bom que os pais e adultos responsáveis pelas crianças pudessem supervisionar o uso da Internet e orientá-las sobre as formas mais seguras e saudáveis de usar a Internet.

Mas, o que fazer em relação à pouca fluência dos adultos com as tecnologias e ainda com o possível desconhecimento das questões de insegurança trazidas pela Internet? A escola poderá promover projetos de integração dos pais a projetos pedagógicos, nos quais a família participaria de programas sobre uso apropriado das novas tecnologias e da Internet, incluindo-se orientações sobre como participar das tarefas escolares dos filhos. Dessa forma, pais ou adultos responsáveis aprenderiam junto com as crianças, dentro da escola e também em casa. Uma parceria entre escola e família, incluindo a criança, e dando ênfase à sua motivação para a aprendizagem a partir de coisas do interesse da própria criança, sendo ela o centro da ação educativa.

Uma terceira forma de abordar o uso das TIC pelas crianças está no âmbito de seus relacionamentos com outras crianças, em ambientes que não a escola ou a residência, e isso inclui o uso para o entretenimento, em momentos que ela pode estar com colegas e amigos, nas casas destes ou em *lanhouses*, por exemplo. Esses podem ser momentos potenciais de aprendizagem de novas habilidades com as tecnologias, mas também de formas como evitar situações de risco, em que a criança poderá transmitir bons valores para seus colegas e amigos. Isso dependerá, certamente, dos valores aprendidos na escola e em casa. Daí a importância do papel da família na orientação e supervisão desses momentos em que a criança poderá estar desacompanhada de um adulto. Mais importante ainda é o papel do professor, dada a sua responsabilidade na orientação dos pais e da família.

IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DA PROPOSTA

Abordando as questões do uso das TIC pelas crianças no ambiente escolar, em casa e em outros ambientes, proponho aqui uma abordagem pedagógica das TIC pelos professores que extrapola o uso dessas tecnologias apenas como recurso para estratégias didáticas convencionais. As TIC devem ser integradas ao currículo por meio de uma pedagogia voltada para o aluno, tendo as motivações para a aprendizagem como centro da atenção do professor. Dessa forma, a proposta tem o sentido de uma nova relação do professor no que se refere aos desafios do uso das TIC: suas dificuldades na apropriação das novas tecnologias deixam de ser um problema se ele compartilha com os alunos a decisão sobre uso das tecnologias nas tarefas escolares, atuando como mediador e orientador. Assim, o professor fica mais atento aos objetivos de aprendizagem, à provisão de informações e orientações quando necessário, ao acompanhamento dos resultados, à avaliação, à observação de comportamentos e atitudes dos alunos que necessitam de intervenção, tendo um papel mais de mediador da aprendizagem do que de transmissor de conhecimentos.

Nessa proposta, as tarefas de casa são planejadas para terem a participação dos pais ou adultos responsáveis, podendo eles aprender sobre tecnologia com os filhos, ao mesmo tempo em que os ajudam nas tarefas. As crianças, por terem facilidade para o desenvolvimento de competências para uso das novas tecnologias, devem ser ensinadas sobre cuidados a serem tomados no manejo destas, principalmente no acesso à Internet. Para tal, os professores e a família têm cada um suas responsabilidades no ensino de normas e valores, orientando sobre possíveis riscos do uso inadequado da Internet. O uso das TIC, o manejo de equipamentos, *softwares*, redes sociais etc. para a realização das atividades escolares, sob a perspectiva aqui apresentada, provoca mudanças nas práticas pedagógicas, devendo integrar outras áreas da vida da criança, contribuindo para sua formação como pessoa e cidadão.

Este artigo abordou uma visão sobre maneiras de usar as TIC na educação, focando no âmbito da escola pública, enfatizando o papel do professor e uma parceria da escola com as famílias no que se refere a responsabilidades pelo uso das novas tecnologias. Propõe uma pedagogia para o uso das TIC centrada no aluno, tendo o professor um papel de mediador da aprendizagem, organizando as estratégias didáticas junto com os alunos, delegando a eles a exploração e escolha de recursos tecnológicos à disposição. Dessa maneira, é necessária uma revisão do papel do professor como transmissor de conhecimentos, relativizando as suas dificuldades no uso das TIC para propósitos pedagógicos. As TIC devem ser integradas ao currículo, envolvendo a participação da família, dentro de uma nova abordagem em que a criança, a família e a escola aprendem e ensinam mutuamente.

REFERÊNCIAS

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. *Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil: TIC Educação 2011*. São Paulo: CGI.br, 2012. Coord. Alexandre F. Barbosa. Trad. Karen Brito. Disponível em: <<http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-educacao-2011.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

DESAFIOS, DILEMAS E INTERPRETAÇÕES SOBRE OS USOS DA INTERNET POR CRIANÇAS, ADOLESCENTES E JOVENS BRASILEIROS

Regina de Assis¹

Em 2012, foi bastante significativa a repercussão da criação de uma página no Facebook elaborada por uma adolescente brasileira e que focava os problemas de sua escola pública. O chamado “Diário de Classe” obteve visibilidade em diversos órgãos de imprensa e trouxe benesses e dissabores à sua jovem criadora e respectiva família.

Provocou uma onda de seguidores e imitadores por todo o país, estabelecendo uma polêmica sobre os alcances e limites dos direitos de uso da Internet por uma adolescente, até então desconhecida.

A escola pública focalizada reagiu por ações da direção e de alguns professores e alunos, provocando um debate local e, até certo ponto, nacional, sobre a eficácia e pertinência da iniciativa da aluna adolescente, respaldada por sua família.

Em certos momentos, houve até recursos um tanto violentos contra a aluna e membros de sua família, e o que poderia ser resolvido, de parte a parte, construtivamente, tornou-se um problema conflituoso, que levanta várias indagações sobre a autonomia legal de uso da Internet.

Este caso da estudante e seu “Diário de Classe”, aparentemente bem intencionado e até certo ponto, ingênuo, é contraditório porque envolve questões éticas de política e gestão educacional, que estão além do que uma página no Facebook ou um *blog* de uma aluna possam resolver.

Se o contrário acontecesse, ou seja, se professores criassem um *blog* para discutir o comportamento e o desempenho dos estudantes, isso seria impensável, por ferir a ética profissional e o direito à privacidade.

Problemas como os apontados, publicamente, pela estudante se resolveriam de forma bem mais construtiva e menos conflituosa, se os pais tivessem se responsabilizado por, coletivamente, exigir da escola os aperfeiçoamentos e mudanças necessárias, certamente com a contribuição de alunos mais conscientes como ela.

¹ Mestre e doutora em Educação pela Universidade de Harvard e pela Universidade de Columbia, nos Estados Unidos. Professora aposentada da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 2009. Foi secretária municipal de Educação do Rio de Janeiro entre 1993 e 1996. Fundadora e presidente da Empresa Municipal de Múltiplos do Rio de Janeiro (MULTIRIO) entre 2001 e 2008. É consultora em Educação e Mídia desde 1998 junto a órgãos de governo, empresas e organizações sociais.

Dar publicidade e denegrir o bom nome de uma instituição pública ou privada só pode ser um direito se atender ao dever de haver realizado tentativas anteriores para resolver problemas apontados, sem obter a necessária consideração. E, mesmo assim, há que considerar os alcances e limites legais de uma ação como a da página do Facebook da estudante. Pode resultar demagógica uma ação que é fácil de ser disparada pela Internet e saudada, avidamente, por milhares de pessoas, sem respeitar os direitos básicos dos cidadãos e de suas instituições envolvidas no conflito.

Embora esse seja um caso um tanto atípico, abre um precedente sobre discussões necessárias no âmbito dos direitos e deveres de quem usa a Internet em nosso país.

Nessa direção, os resultados da pesquisa realizada pelo CGI.br por intermédio do NIC.br, a TIC Kids Online Brasil 2012, que revela hábitos de usos das tecnologias de informação e comunicação dos usuários da Internet de 9 a 16 anos no Brasil, contribui, decisivamente, para conhecer e atuar sobre a questão, gerando a possibilidade de constituição de políticas públicas para esse contexto.

Um dos dados da pesquisa revela que 86% dos indivíduos da amostra pesquisada possuem o próprio perfil em uma rede social e expõem fotos que mostram claramente seu rosto, sendo que 69% fornecem seu sobrenome e 57% indicam uma idade que não é a sua idade verdadeira. Por outra parte, 37% dos pais ou responsáveis crêem que é nada provável que seus filhos passem por algum incômodo ou constrangimento na Internet nos próximos seis meses, enquanto 31% crêem que é pouco provável que isso aconteça.

Ou seja, a posição dos pais e responsáveis é ingênua ou desinformada sobre os riscos e danos a que seus filhos se expõem no Facebook ou outras redes sociais, sem um controle ou mediação mais próximos, mesmo que maximizando os benefícios advindos do uso da Internet.

O que está em jogo, nas palavras da pesquisadora inglesa Sonia Livingstone (2009), são os riscos, mas, também, os direitos e as responsabilidades de todos: adultos, crianças, adolescentes e jovens. Ela acrescenta que, se houver uma superavaliação das habilidades e capacidades da população de 9 a 16 anos para lidar com a Internet, corremos o risco de subestimar o apoio de que ela necessita e não compreender suas práticas culturais.

Aqui, estamos diante de um dilema a ser enfrentado em vários contextos em que haja um trabalho educacional, seja na família, na escola, ou pela participação de organizações sociais, dos meios de comunicação e de setores governamentais.

O pesquisador inglês David Buckingham (2007) discorre longamente sobre a questão dos direitos das crianças e dos adolescentes estabelecidos pela Convenção dos Direitos das Crianças pelas Nações Unidas. O texto da convenção qualifica curiosamente como *crianças* todas as pessoas com menos de 18 anos.

Nesse sentido, há que se considerar o próprio conceito de criança, que, como sabemos, não pode ser padronizado, pois as diferenças de características de idade entre 9 e 18 anos são muito acentuadas e distintas. Além disso, há que se tomar em conta as distinções étnicas, culturais, de gênero e de condição socioeconômica, bastante analisadas, recentemente, pela pesquisadora portuguesa Cristina Ponte (2012).

Essas diferenças são bem explícitas nos resultados da pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012 e indicam a necessidade de aprofundamentos de novas pesquisas qualitativas, desejavelmente,

também, por parte das universidades brasileiras, para que se possam adensar melhor os dados que dizem respeito à inclusão e qualidade no uso da Internet.

Porém, retornando à questão dos direitos de uso da Internet levantada por Buckingham (2007), o autor faz uma distinção entre os direitos básicos de crianças, adolescentes e jovens à provisão e à proteção (alimentação, saúde, cuidados familiares e segurança) e os direitos de participação, que exigiriam competências e, acrescentaríamos, deveres. Estes últimos dependem da educação para seu pleno desenvolvimento e exercício.

Tanto Buckingham (2007) como Livingstone (2009) e Ponte (2012) são favoráveis a um acolhimento das capacidades de crianças, adolescentes e jovens como elementos indispensáveis para a própria compreensão do uso que farão da Internet, como prática cultural. Dessa forma, suas atitudes e interações no mundo virtual são parte de sua “vida real”, pois a Internet e suas múltiplas possibilidades de viabilizar conhecimentos, informações, trocas sociais, consumo e entretenimento estão intrinsecamente ligadas à sua concepção de existência no contexto da sociedade em que vivem.

Essa primeira geração de nativos digitais pode e quer ensinar muito à geração dos analógicos, e a de seus pais e professores, qualificadas como Gerações X e Y.

No entanto, como propõem Fantin e Girardello, o enfrentamento da barreira digital pode ser enriquecido pelas mediações culturais:

“Nesse sentido, discutem as possibilidades de uma abordagem culturalista de mídia/educação para promover uma inclusão digital que seja experiência de cidadania, pertencimento e participação crítica e criativa na cultura” (2009: 69).

Certamente nossa bem intencionada internauta adolescente, citada no início deste artigo, além de outros milhares de crianças, adolescentes e jovens brasileiros e seus educadores, pais, responsáveis e professores, muito se beneficiarão com um tipo de ação coletiva como a proposta por Fantin e Girardello (2009).

Ainda nessa direção foi realizado em 2012, em Estocolmo, na Suécia, o Fórum da Juventude Nórdica na Euro DIG (*European Dialogue on Internet Governance*), com a finalidade de criar no âmbito dos cinco países nórdicos (Dinamarca, Finlândia, Islândia, Noruega e Suécia) uma plataforma jovem para discutir o tema da governança da Internet. O Fórum de Governança da Internet (IGF, 2012) da Juventude Nórdica visava:

1. Propiciar a discussão da governança da Internet pelos jovens, em seus próprios termos;
2. Permitir sua participação nos debates da Conferência EuroDig;
3. Deixar que suas ideias fluíssem por meio de um relatório (NORDICOM, 2012), para que fossem conhecidas no Internet Governance Forum (IGF) em Baku, no Azerbaijão, em 2012, e, posteriormente, em outras regiões do planeta.

Algumas das ideias propostas trataram dos seguintes tópicos:

- Segurança na Internet se obtém com o conhecimento;
- A Internet é um lugar para exercer a liberdade;
- A informação é ridiculamente fácil de ser manipulada;
- É preciso aproximar as distintas gerações para mais perto;
- Se alguém está fora do mundo *on-line*, está fora da vida social também;

- Na Internet é mais fácil roubar do que comprar;
- É preciso facilitar o uso da Internet;
- É preciso colocar atenção nos temas relativos à privacidade.

Concluindo, os jovens nórdicos pediram mais educação para o uso da mídia e propuseram os seguintes objetivos (NORDICOM, 2012):

1. Os pais e responsáveis devem ser educados e “empoderados” para dialogar com seus filhos, em vez de confiar que isso seja feito por programas de computadores, empresas ou ações regulatórias;
2. As escolas devem ensinar às crianças, adolescentes e jovens como pensar criticamente, como acessar informação e determinar que fontes são confiáveis;
3. Os políticos devem agir. “Eles precisam entender que a Internet tornou-se uma enorme parte de nossas vidas. Eles têm a oportunidade de ensinar-nos como surfar com segurança”;
4. Por último, mas não menos importante: os jovens querem que seu conhecimento seja reconhecido e usado.

Entre o que crianças, adolescentes e jovens brasileiros também revelaram em suas respostas à pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012 está o fato de que 75% dos entrevistados percebem saber mais sobre a Internet que seus pais e responsáveis, e que suas habilidades em seu uso são altas. A variedade de atividades que realizam é significativa, porém aquelas que lidam com jogos, entretenimento e redes sociais são as preferidas.

Mesmo percebendo saber mais que seus pais ou responsáveis sobre a Internet, são eles (64%) as principais fontes de aconselhamento (explicando por que alguns *sites* são bons e outros ruins), seguidos pelos professores (51%), o que coincide com a primeira e a segunda conclusão dos jovens nórdicos, levando-nos a reiterar a importância da educação em todo o processo que leva aos hábitos de uso da Internet.

Essas reflexões nos encaminham a concluir que os resultados da pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012 consolidam um momento importante para a tomada de decisões por parte de vários setores da sociedade brasileira, como os meios de comunicação, as organizações sociais, as universidades – em especial os cursos de graduação e pós-graduação em Pedagogia, Comunicação, Informática, Letras e Artes, entre outros –, na definição de medidas e iniciativas que facilitem o diálogo e as consequentes ações entre adultos responsáveis junto à população de 9 a 16 anos.

Esses resultados das pesquisas sugerem a realização de séries regulares de seminários, fóruns e encontros regionais, nacionais e internacionais, para discutir a aplicação dos resultados apresentados à elaboração de políticas públicas. Sugerem ainda:

- Campanhas pontuais de esclarecimentos para pais, responsáveis e professores pela mídia impressa, audiovisual e digital;
- Uma vigorosa reavaliação do papel das universidades brasileiras, alavancando novas pesquisas e o desenvolvimento de estratégias de enriquecimento de seus currículos para professores, visando à integração do uso de mídia aos projetos político-pedagógicos das escolas, especialmente as públicas;

- Atividades nas escolas de Ensino Fundamental e Médio conectadas pela Internet e inclusão das crianças, adolescentes e jovens em fóruns específicos em preparação a sua participação nos encontros regionais e seminários regionais, nacionais e internacionais.

A empreitada é de bom tamanho, mas os resultados justificarão os esforços. Mãos à obra, pois.

REFERÊNCIAS

BUCKINGHAM, D. *Crescer na era das mídias eletrônicas*. São Paulo: Loyola, 2007.

NORDICOM. University of Gothenburg. BUTCH, C.; EDSTRÖM, M. (Org.). *Youth have their say on Internet Governance*. Nordic Youth Forum at EuroDIG. Estocolmo (Suécia): Nordicom, 2012.

FANTIN, M.; GIRARDELLO, G. Diante do abismo digital: mídia/educação e mediações culturais. *Revista Perspectiva*, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 69-96, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.perspectiva.ufsc.br>>.

JENKINS, H. *Risks, Rights and Responsibilities in the Digital Age: An Interview with Sonia Livingstone (Part One and Two)*. Disponível em: <http://www.henryjenkins.org/2009/06/an_interview_with_sonia_living.html>. Acesso em: 15 jan. 2013.

LIVINGSTONE, S. *Sonia Livingstone on Children and the Internet*. Social Science Bites. Disponível em: <<http://www.socialsciencebites.com>>. Londres (Reino Unido), 2012.

PONTE, C. *Crianças & Mídia: Pesquisa Internacional e contexto português do Século XIX à actualidade*. Lisboa (Portugal): ICS, Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

DESAFIOS NA INTEGRAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS À AGENDA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E LETRAMENTO DIGITAL NO BRASIL

Rodrigo Nejm¹

Artigo 227 – É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

(Constituição Federal do Brasil)

Artigo 17 – Os Estados Partes reconhecem a função importante desempenhada pelos meios de comunicação e zelarão para que a criança tenha acesso a informações e materiais procedentes de diversas fontes nacionais e internacionais, especialmente informações e materiais que visem promover seu bem-estar social, espiritual e moral e sua saúde física e mental.

(Convenção sobre os Direitos da Criança)

Artigo 15 – A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

(Estatuto da Criança e do Adolescente)

A intensidade de uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil merece atenção, mesmo considerando as variações por faixa etária e renda familiar. A apropriação massiva das tecnologias de informação e comunicação (TIC) nessa fase da vida traz uma série de desafios aos pais, educadores e também à agenda das políticas públicas. Sabemos que são incontáveis as oportunidades e o potencial que a Internet nos oferece, independentemente da idade. Porém, parece ainda muito forte no Brasil o efeito do “pânico moral” em torno das situações de risco e crimes que vitimizam crianças e adolescentes nas relações mediadas pelas TIC. Esse estudo sobre riscos e oportunidades *on-line* realizado pelo Cetic.br, com base na pesquisa EU Kids Online, representa um marco na consolidação de um olhar mais nítido sobre os hábitos de

¹ Psicólogo, mestre em Gestão e Desenvolvimento Social e doutorando em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Membro do grupo de pesquisa sobre Interações, Tecnologias Digitais e Sociedade (GITS/UFBA), é diretor de Prevenção e Atendimento da SaferNet Brasil.

navegação de crianças e adolescentes brasileiros, permitindo que possamos refletir simultaneamente sobre riscos e oportunidades e fundamentando as análises dos fenômenos de forma mais cautelosa e científica.

Neste artigo, propomos uma breve reflexão sobre os resultados da TIC Kids Online Brasil 2012, enfatizando os desafios que provocam na elaboração, implementação e monitoramento das políticas públicas de promoção e proteção de direitos das crianças e dos adolescentes no Brasil. Essa relação parece adequada, já que uma das propostas da pesquisa é compreender as relações entre riscos, danos e oportunidades não como situações excludentes, mas como partes integrantes das experiências *on-line*. Esse conjunto de dados produzidos com o alto rigor do Cetic.br nos oferece uma oportunidade ímpar para desmistificar parte do “pânico moral”, sem deixar de destacar as situações de vulnerabilidade que exigem atenção de todos os setores da sociedade. Assim, podemos estruturar melhor as ações que visam maximizar as oportunidades que a Internet pode trazer ao desenvolvimento saudável, livre e seguro da infância e da adolescência das chamadas gerações digitais no Brasil.

MÚLTIPLAS CONEXÕES, MÚLTIPLAS MUDANÇAS E MÚLTIPLAS INFÂNCIAS

Presenciamos profundas mudanças psicossociais na infância, na adolescência e na juventude contemporâneas, produzidas por muitos fatores, dentre eles (mas não apenas) pelo uso intenso das TIC. A mudança na configuração dos espaços urbanos, por exemplo, com destaque para a violência, provoca alterações significativas nos hábitos de vida das crianças e dos adolescentes, que ficam cada vez mais confinados no espaço doméstico ou expostos diretamente à violência cotidiana.

Considerando que os domicílios possuem cada vez um número maior de TIC e que cada vez mais equipamentos permitem acesso à Internet, a tendência da massificação continua trazendo novos usuários de Internet e celular nas mais diferentes classes sociais e faixas etárias. Certamente a Internet representa uma tecnologia de destaque na transformação do lazer, do estudo, do comunicar e do brincar das novas gerações, mas as mudanças também são radicais no âmbito do universo de consumo, no conflito entre gerações, na configuração das famílias e na concepção de crianças e adolescentes como sujeitos de direitos.

O debate sobre a promoção e a defesa dos direitos humanos das crianças e dos adolescentes brasileiros precisa urgentemente de novo fôlego para aproveitar o momento singular de disseminação das TIC. Mais do que focar nos perigos e violações, ainda em destaque na imprensa massiva, pretendemos aqui destacar os potenciais da Internet como ambiente fértil para ampliar a consolidação de direitos e o monitoramento de políticas públicas, com direta participação das crianças e dos adolescentes. Os trechos citados no início deste texto podem nos ajudar a nortear a discussão, sem nos limitarmos ao debate jurídico. Parece-nos que um dos maiores desafios é conciliar as estratégias de proteção/prevenção de direitos com a promoção de direitos como liberdade, privacidade e participação, analisando os fenômenos com cautela para equilibrar as forças e perspectivas. Mais explicitamente, não acreditamos que sejam tão produtivos os discursos radicais que atribuem à Internet apenas violências, riscos e ameaças ao desenvolvimento saudável das crianças e dos adolescentes, seja como paraíso de criminosos sexuais ou como território de uma cultura supostamente inferior.

Reconhecendo que temos um marco legal que atribui à família, ao Estado e toda a sociedade o dever, com prioridade absoluta, de zelar pela garantia da segurança das crianças e dos adolescentes, não podemos desconsiderar que esse zelo exige a manutenção de direitos como o de liberdade de expressão, respeito à intimidade e participação nas decisões comunitárias e políticas, o que inclui participar do controle social das políticas públicas relacionadas às tecnologias e aos meios de comunicação, novos ou velhos.

Aprender a usar um *site* de rede social, criar um *blog*, fazer vídeos e manipular imagens são tarefas que as crianças conseguem aprender relativamente rápido e até sozinhas. No entanto, acreditamos que a percepção de que a Internet configura-se como um ambiente digital no qual devem valer também os direitos humanos fundamentais, como os acima destacados, ainda não é clara nem para os pequenos internautas (e seus pais) e nem mesmo para muitos gestores públicos. Compreender a dimensão pública dos ambientes digitais parece um passo fundamental na busca de um equilíbrio entre oportunidades e riscos na Internet. Na própria pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012 percebemos sinais claros da diluição das fronteiras entre o mundo *on* e *off-line*, antes considerados paralelos e independentes. Cada vez mais os ambientes digitais se tornam extensões das relações sociais cotidianas, potencializadas, sim, pelos elementos técnicos, mas evidenciando dinâmicas de socialização e interação do mesmo mundo em que temos leis, regras de convivência, regulamentações e o compromisso com o exercício da cidadania. Não podemos desprezar as inúmeras inovações tanto técnicas como sociais que as TIC potencializam, a exemplo das reconfigurações da noção de privacidade e de laços de amizade, mas os marcos legais de direitos humanos continuam sendo poderosos dispositivos para mediar a elaboração, implementação e monitoramento de políticas públicas também relacionadas ao uso da Internet por crianças e adolescentes. Sem poder aprofundar essa questão crucial da configuração da esfera pública no ciberespaço (BLOTTA, 2008) e a força das novas discursividades que nela circulam, podemos reconhecer que a Internet precisa ser reconhecida pelos internautas, famílias e pelo Estado em sua dimensão pública, como espaço legítimo de participação com respeito aos deveres e direitos implícitos nas sociedades democráticas. Em seu estudo sobre a participação de adolescentes norte-americanos em *sites* de redes sociais (SRS), Danh Boyd (2008) aponta que eles se movimentam, sem problemas, entre diferentes espaços – mediados e não mediados –, e sua participação mais efetiva está intrinsecamente ligada aos encontros não mediados. Muitos dos amigos/pares conectados nos SRS são os mesmos que participam das demais interações em diferentes contextos:

“As performances que acontecem *on-line* não são atos isolados, desconectados dos cenários físicos, mas sim, atos conscientes, pautados em contextos que se estendem pelos ambientes mediados e não mediados e que envolvem pessoas que se conhecem em ambos os cenários” (BOYD, 2008, p. 128).

O mesmo tipo de compreensão sobre a continuidade entre os ambientes digitais e os demais contextos de interação de crianças e adolescentes é apontado pela coordenadora da EU Kids Online, Sonia Livingstone (2009). Acreditamos que seja coerente ter essa compreensão nítida para poder pensar, de forma integrada, as políticas públicas de massificação do acesso à Internet, as ações de letramento digital, as tecnologias educacionais, bem como as ações de defesa e promoção de direitos humanos das crianças e dos adolescentes, reconhecendo as singularidades dos ambientes digitais, mas em sintonia direta com os demais ambientes.

OS BRASIS NOS DADOS BRASILEIROS

O fato de a pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012 apontar que as crianças e os adolescentes brasileiros de 9 a 16 anos têm o celular como segundo equipamento mais utilizado para acessar à Internet (21%), atrás apenas do uso do computador compartilhado pela família (38%), sinaliza uma tendência de massificação do acesso pelos dispositivos móveis no Brasil, pulando algumas etapas de uso por meio de *desktop* ou *laptop/notebook* pessoais destacadas nos dados do cenário europeu.² Dados como esse permitem algumas reflexões sobre os diferentes tipos de mediação e de contextos nos quais crianças e adolescentes brasileiros se apropriam das TIC. Apesar de a escola (42%), a própria casa (40%) e a casa de parentes (38%) aparecerem como os principais locais de acesso à Internet, espaços como *lanhouses* e casas de amigos também são relevantes, já que podem produzir diferentes condições de uso, bem como diferentes vivências em relação às oportunidades e riscos.

Um pequeno recorte nos locais de uso a partir da classe social já revela importantes disparidades no cenário brasileiro. O uso da Internet pela *lanhouse* é o mais frequente para crianças e adolescentes das classes DE (57%), enquanto apenas 15% da classe AB o fazem. A mesma disparidade ocorre em relação ao uso por meio de computador na sala da própria casa, comum para 61% nas classes AB e para apenas 12% nas classes DE. Já com relação ao acesso na rua a partir do celular, a disparidade, ainda que muito significativa, é menor entre as classes, já que esse local é comum para 20% das crianças e dos adolescentes das classes AB e para 11% nas classes DE. Esse pequeno exemplo destaca a importância de compreendermos a diversidade de contextos que caracterizam o que é infância e adolescência no Brasil, sendo difícil generalizar hábitos e percepções. Além das notáveis diferenças de hábitos de uso no que diz respeito aos locais de acesso, a crescente mobilidade reforça ainda mais a integração entre os ambientes *on* e *off-line*. Considerando os investimentos de infraestrutura prometidos para os grandes eventos a serem realizados no país, como a Copa do Mundo de 2014 e a Olimpíada de 2016, provavelmente haverá um salto significativo dos acessos à Internet via celular, permitindo ainda maior diluição das fronteiras *on* e *off-line* no cotidiano das diferentes classes sociais. Tal contexto exige a criação de estratégias mais sólidas de educação e sensibilização para que os internautas tenham melhores condições de enfrentar os riscos sem que sofram danos, bem como demanda melhor compreensão sobre a singularidade dos “conteúdos e dos hábitos relacionados aos dispositivos móveis”.

As complexas diferenças socioeconômicas entre crianças e adolescentes brasileiros certamente provocam diferenças nos hábitos de uso da Internet, bem como os diferentes agentes mediadores (famílias, escolas, amigos, empresas e outras mídias) favorecem diferentes habilidades. Nosso foco aqui não será a análise comparativa entre classes ou entre Brasil e Europa, mas não podemos deixar de considerar alguns desafios que essas diferenças trazem para aqueles que se dedicam à elaboração, implementação ou monitoramento das políticas públicas que visam à promoção do uso seguro e cidadão das TIC por crianças e adolescentes.

² Na Europa, os dados da EU Kids Online (2010) apontam os seguintes equipamentos mais usados para acesso à Internet entre crianças entrevistadas de 9 a 16 anos que usam a Internet: computador de mesa/*desktop* compartilhado pela família (55%), computador de mesa/*desktop* próprio (34%); celular (28%); *laptop/notebook* pessoal ou que se possa usar no quarto (23%). Dados disponíveis em: <<http://lse.ac.uk/EUKidsOnlineReports>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

Como a riqueza e amplitude dos dados disponibilizados na TIC Kids Online Brasil 2012 não pode ser integralmente contemplada nesta breve reflexão, destacaremos alguns pontos que ilustram as habilidades das crianças e dos adolescentes para lidar com conteúdos e situações de risco na Internet. Em relação ao tão temido contato com estranhos por meio dos *sites* de redes sociais, os dados indicam que a maior parte (83%) se concentra em contatos com pessoas que já conhecem pessoalmente em vez de interagir com desconhecidos. Mesmo a interação com amigos de amigos não é tão intensa, sendo mais significativa a partir dos 13 anos de idade, já que entre 11 e 12 anos apenas 15% dos entrevistados fizeram, pelos *sites* de redes sociais, contatos com pessoas que primeiro conheceram na Internet, mas que eram conhecidos de pessoas que conheciam. Entre os mais velhos, com 15 e 16 anos, 30% deles têm esse tipo de contato com amigos de amigos. Chama atenção a diferença significativa entre classes sociais, já que esse tipo de contato é comum para 43% das crianças e dos adolescentes das classes AB e apenas para 13% das classes DE. O grau de risco de contato com pessoas conhecidas exclusivamente pela Internet também é maior nas classes mais abastadas (8%), em relação aos 3% nas classes DE. Os *sites* de jogos se apresentam como os ambientes mais propícios para contato com pessoas que não têm nenhuma outra ligação com a vida das crianças e dos adolescentes, sendo que 16% dos entrevistados entre 11 e 16 anos o fizeram nesse contexto. Esse pequeno exemplo ajuda a desconstruir um preconceito potencial na elaboração de políticas públicas e estratégias de promoção do uso seguro da Internet: a noção de que sempre há maior grau de risco entre as classes menos favorecidas. Como já ilustrado nos resultados da EU Kids Online, quanto maior a intensidade de uso, maior a probabilidade de experiências de risco, ao mesmo tempo em que há maior probabilidade de desenvolvimento de habilidades para desfrutar das oportunidades.

O fato de 71% das crianças usuárias de Internet entre 11 e 12 anos possuírem perfil em *sites* de redes sociais, geralmente restritos para menores de 13 anos (como no caso do Facebook e do Orkut), confirma as observações sobre a precocidade e intensidade de uso dos *sites* de redes sociais por crianças e adolescentes. O uso destes *sites* cresce significativamente com a idade e é menos frequente entre as classes menos favorecidas. Notem-se as diferenças na escolha dos *sites* de redes sociais, sendo que, entre as crianças de 9 a 16 anos que usam a Internet, o Orkut é preferido entre os nordestinos, os que possuem responsáveis de menor escolaridade, os de menor idade e de classe social mais baixa. Dados como esses sinalizam para a importância de esforços de educação e campanhas de prevenção que sejam singulares, exigindo certa diversidade nas políticas públicas que permitam a construção de materiais e estratégias adequadas aos diferentes perfis de crianças, adolescentes e pais. Para conseguir englobar a diversidade e a singularidade nas políticas públicas, parece importante que haja engajamento nas diferentes esferas federativas e o reconhecimento das diferenças regionais não apenas na infraestrutura, mas também nos hábitos culturais.

Em relação à configuração de privacidade do perfil da rede social, apesar de não haver tantas diferenças entre as faixas etárias, as disparidades em relação à classe social novamente chamam atenção. Entre crianças e adolescentes usuários de Internet (9 a 16 anos) de classe DE, o perfil totalmente aberto (público) é comum para 32% dos entrevistados, sendo de 21% nas classes AB. Ainda em termos de classe social, com exceção do nome da escola e do sobrenome, crianças e adolescentes das classes DE parecem expor mais dados pessoais do que as de classes mais favorecidas, com destaque para a exposição do endereço, que chega a ser três vezes mais frequente em relação às classes AB e mais do que o dobro da média geral. Em geral,

o grau de exposição de informações é significativo, já que 86% publicam fotos com o rosto, 69%, o sobrenome, 28%, o nome da escola, 13%, o endereço, e 12%, o número de telefone. A exposição de dados pessoais merece destaque devido à complexidade de fatores associados. Ao mesmo tempo em que esse tipo de exposição pode aumentar a vulnerabilidade relativa a diferentes situações de risco e vitimização, o compartilhamento de informações pessoais é o motor da própria dinâmica das redes sociais, inclusive no desenho dos aplicativos e *sites*.

O conceito de públicos em rede³ ilustra bem essa dinâmica singular dos *sites* de redes sociais que podem ser considerados públicos por padrão, mesmo que haja possibilidades de configuração da privacidade. Além dos fatores sociotécnicos, vale destacar ainda a força de valores culturais no que diz respeito à própria noção do que são informações e espaço privado. Não podemos nos deixar levar por conclusões fáceis que indicam a morte da privacidade ou seu completo abandono pelos adolescentes que usam os SRS. Em um país onde o culto às celebridades e à erotização precoce da infância são cada vez mais intensificados pelas diferentes mídias, não podemos isolar a Internet em relação aos demais fluxos informacionais e culturais que compõem o repertório existencial das crianças e dos adolescentes brasileiros. Na Internet, o culto às celebridades massificado com a televisão e o cinema ganha mais força com as microcelebridades (MARWICK; BOYD, 2011) e complexifica ainda mais os limites entre o que é público e privado, entre os riscos e oportunidades associados à exposição de dados e da vida íntima na Internet (SIBILIA, 2008). Novamente precisamos destacar a importância de um olhar mais preciso como suporte vital à criação e implementação de políticas públicas dedicadas aos melhores interesses da criança e do adolescente também na Internet.

De volta aos dados, é interessante notar que, entre os internautas de 11 e 16 anos, 74% concordam que há muitas coisas boas para eles na Internet, e 75% concordam que sabem mais sobre Internet do que seus pais. Quando o assunto são as habilidades de uso da Internet, novamente notamos as diferenças não apenas de acordo com a idade, mas também de acordo com a classe social e escolaridade dos responsáveis. Apenas 54% dos internautas entre 11 e 16 anos das classes DE sabem alterar suas configurações de privacidade nas redes sociais (67% nas classes AB); 59% sabem bloquear mensagens de pessoas indesejadas (74% nas classes AB); 44% sabem bloquear propaganda e/ou lixo eletrônico (55% nas classes AB).

No que diz respeito à capacidade de encontrar informações sobre uso seguro da Internet, a diferença continua significativa, já que essa habilidade é comum para 63% nas classes AB e para apenas 40% nas classes DE. Quando o fator é a escolaridade dos responsáveis, a diferença na habilidade de encontrar as informações sobre uso seguro da Internet também é considerável, sendo uma habilidade comum para 49% daqueles com responsáveis com nível fundamental I e para 61% daqueles com pais com nível médio ou mais.

Apesar de a percepção geral das crianças e dos adolescentes sobre a existência de coisas que podem incomodá-las na Internet seja mais equilibrada, com exceção da menor percepção na região Nordeste, as diferenças de classe social e de escolaridade dos pais parecem interferir

³ O conceito de *networked publics* (BOYD, 2011) faz-se relevante, já que é utilizado para descrever algumas dessas singularidades, particularmente em *sites* de redes sociais. A partir desse termo, a autora aponta a peculiaridade do público reestruturado pelas tecnologias digitais em rede, destacando duas características simultâneas do chamado *networked public*. São elas: (1) trata-se de um público construído a partir das tecnologias digitais em rede e (2) formado a partir de uma coletividade imaginada que emerge como resultado da interseção entre pessoas, tecnologias e práticas.

diretamente na capacidade deles de mediar o uso para orientar e maximizar as oportunidades dos filhos. Os dados sobre experiências incômodas na Internet são relativamente baixos, mas não desprezíveis, principalmente quando destacamos que, entre os internautas de 11 a 16 anos, 14% tiveram contato com mensagens de ódio, 10%, com conteúdos de apologia a transgênicos alimentares, e 7%, com conteúdos sobre formas de machucar a si mesmo. A vivência de situações problemáticas também se mostrou relativamente baixa quando se pensa no destaque que elas ganham na imprensa e no senso comum. Mas também exigem atenção ao percebermos que 18% já tentaram passar menos tempo na Internet e não conseguiram, 11% se sentiram mal quando não puderam entrar na Internet, e 7% já deixaram de comer ou dormir por causa da Internet (todas as ocorrências citadas como “frequentes” ou “muito frequentes”). Considerando a dificuldade de obter informações tão sensíveis diante dos pais ou responsáveis e dos pesquisadores, a incidência dessas experiências não pode ser desprezada.

Apesar de a maior parte dos responsáveis de todas as classes conversarem sobre o uso da Internet, as maiores diferenças entre as classes sociais se dão na proporção de crianças e adolescentes que afirmam ser estimulados diretamente pelos pais ou que navegam juntos, sendo muito inferior nas classes DE. Já quanto ao grau de permissão dos pais em relação às atividades das crianças e dos adolescentes, a restrição parece ligeiramente maior nas classes DE, com maior incidência da proibição de algumas atividades. Por fim, um dado significativo na análise da mediação dos pais é reconhecer que 53% dos pais não usam a Internet. Nas classes DE, essa proporção chega a 88%, levantando novamente o debate sobre a urgência de esse tema ser pautado com a devida qualidade e seriedade na agenda das políticas públicas. As orientações sobre uso seguro da Internet chegam aos pais principalmente por meio da TV, rádio, jornais ou revistas (52%), e apenas 7% dos pais informam que o governo foi fonte desse tipo de orientação. No entanto, quando indagados sobre as fontes desejadas para receber essas orientações, a escola se destaca (61%), ao lado da TV, rádios e jornais (57%) e do governo (30%). Em geral, 47% dos pais das classes DE consideram que têm pouca ou nenhuma capacidade de ajudar os filhos com situações de incômodo na Internet, sendo que o mesmo ocorre com apenas 20% nas classes AB.

NOVAS LENTES PARA ENCONTRAR EQUILÍBRIOS POSSÍVEIS

As políticas públicas que gravitam em torno dos direitos das crianças e dos adolescentes, bem como aquelas que focalizam na promoção da infraestrutura e serviços relacionados às TIC, podem encontrar caminhos em sintonia para que se fortaleçam de forma equilibrada. Apesar da facilidade das novas gerações para aprender sozinhas a desfrutar de muitas oportunidades oferecidas pela Internet, adotar uma postura ética, crítica e responsável no uso desses serviços e aparatos tecnológicos digitais dependerá do grau de mediação e da construção conjunta de valores possibilitados pela conexão entre as gerações. É vital, ainda, que haja a articulação dos diferentes setores da sociedade, focando nas oportunidades, mas sem tratar de forma excludente riscos *versus* oportunidades, segurança *versus* liberdade, e, sim, integrando esforços para maximizar as oportunidades com cidadania, respeito e proteção.

Neste sentido é que consideramos urgente a apropriação pedagógica das TIC também como ferramentas para a promoção dos direitos humanos e da cidadania desde o primeiro clique, seja qual for o local de acesso. O Brasil possui interessantes dispositivos e marcos legais que

permitem dar diretrizes para as políticas públicas, como o próprio Estatuto da Criança e do Adolescente, o Plano Nacional de Direitos Humanos e o Plano Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, que já contemplam as TIC; além do Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (Eixo Mídia e Educação); os Princípios para a Governança da Internet no Brasil, propostos pelo Comitê Gestor da Internet; os programas de massificação nacional da banda larga nas residências e nas escolas; os atuais debates para consolidação do Marco Civil da Internet.

Além dos marcos legais e diretrizes, podemos destacar os diferentes esforços de organizações da sociedade civil para oferecer serviços de interesse público para orientar crianças, adolescentes, pais e educadores sobre as situações de risco na Internet, por meio da própria Internet, a exemplo das ações da SaferNet Brasil: projeto Helpline BR⁴; mobilizações do Dia Mundial da Internet Segura no Brasil⁵; operação da Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos, focando delitos contra os direitos humanos na Internet; formação de jovens e educadores multiplicadores; disseminação de recursos educacionais abertos dedicados ao uso seguro da Internet.

Num país com tanta diversidade social, econômica e cultural, um dos maiores desafios parece ser justamente o de conseguir articular as ações e instituições engajadas na temática. Apesar de haver importantes ações em curso e marcos legais disparadores de novos processos, a articulação entre diferentes políticas públicas e instituições para coordenar a implementação e monitoramento não é nada simples. A ampliação dos investimentos em infraestrutura precisa ser acompanhada de investimentos em estudos que fortaleçam as evidências científicas e projetos inovadores que possam apontar novos caminhos para políticas públicas integradoras e exequíveis. A exemplo dos pequenos trechos que abriram o presente artigo, não nos faltam textos inspiradores. Também não nos faltam exemplos inspiradores em outros países, como na Inglaterra, com o *UK Council for Child Internet Safety*, e na União Europeia, com o *Safer Internet Programme*, as pautas de segurança no *Digital Agenda for Europa*, as ações do *Data Protection* da Comissão Europeia⁶ e as recomendações da Unesco para a educação no século 21.

Esta pesquisa de excelente qualidade e rigor realizada pelo Cetic.br é, portanto, um marco importante para que possamos avançar na consolidação de uma arena democrática mais rica e equilibrada para o debate em torno das oportunidades e riscos de crianças e adolescentes na Internet. Uma arena brasileira para o debate que facilite a tão urgente integração das políticas públicas de promoção e proteção aos direitos humanos das crianças e dos adolescentes com as políticas públicas de massificação do acesso à Internet, já que *on* e *off-line* representam duas faces de um único mundo. Mundo no qual precisamos favorecer o desenvolvimento saudável, livre, seguro e cidadão de crianças e adolescentes brasileiros, empoderados para saber lidar com os riscos e habilitados para aproveitar as oportunidades trazidas pelas TIC. Além de a própria Internet ser uma aliada poderosa nesse processo de integração e fortalecimento das políticas públicas, não podemos deixar de destacar a ainda mais poderosa força que advém da participação direta e qualificada de crianças e adolescentes com suas vozes, cliques, toques e críticas.

⁴ Disponível em: <<http://www.canaldejuda.org.br>>.

⁵ Disponível em: <<http://www.diadainternetsegura.org.br>>.

⁶ Disponível em: <http://ec.europa.eu/justice/data-protection/index_en.htm>.

REFERÊNCIAS

BOYD, D. Social Network Sites as networked publics : Affordances, Dynamics, and implications. In: PAPACHARISSI, Z. (Ed.). *A Networked Self : Identity, Community and Culture on Social Network Sites*. Londres: Routledge, 2011.

_____. *Taken out of context : American teen sociality in networked publics*. PhD Dissertation, University of California, Berkeley, 2008. Disponível em: <<http://www.danah.org/papers/TakenOutOfContext.pdf>>.

BLOTTA, V. S. L. Mídia e Cidadania: contribuições de leituras habermasianas da comunicação de massa para a retomada da esfera pública em sociedades complexas. *Eptic On-Line*, Universidade Federal de Sergipe, v. 10, p. 5, 2008.

LIVINGSTONE, S. *Children and Internet: Great Expectations, Challenging Realities*. Cambridge: Polity, 2009.

MARWICK, A.; BOYD, D. I tweet honestly, I tweet passionately: Twitter users, context collapse, and the imagined audience. In: *New Media Society OnlineFirst*, 07 July 2010. Sage, 2010. Disponível em: <<http://nms.sagepub.com/content/early/2010/06/22/1461444810365313>>.

SIBILIA, P. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

FATORES ASSOCIADOS AO USO SEGURO DA INTERNET ENTRE JOVENS

Rosália Duarte¹, Rita Migliora², Emerson Santos³

INTRODUÇÃO

Este texto apresenta e analisa resultados da pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012, realizada pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic.br), e tem como foco principal identificar fatores favoráveis ao desenvolvimento de habilidades para o uso seguro da Internet, entre jovens de 11 a 16 anos. A pesquisa entende uso seguro ou navegação segura como a competência necessária para se proteger de possíveis riscos ao fazer uso da Internet: manter controle dos dados pessoais (nome completo, endereço, documentos de identificação, informações que possam prejudicar a imagem pessoal, entre outros); usar os recursos disponíveis para prevenção de vírus ou de quaisquer programas invasivos que possam causar danos ao sistema operacional do computador pessoal ou possibilitar acesso a dados privados; selecionar os contatos nas redes sociais que podem ter acesso às postagens; evitar o assédio de adultos mal-intencionados; prevenir danos psicológicos causados por *cyberbullying* ou quaisquer formas de discriminação ou incitação de violência, entre outros. O questionário adotado na pesquisa apresenta questões que buscam captar a percepção dos jovens acerca de sua competência pessoal nesses tópicos.

Trabalhamos com a hipótese, consolidada nos estudos internacionais (MEDIAPPRO, 2009; EU KIDS ONLINE II, 2012; KREDENS; FONTAR, 2010), de que quanto maiores forem essas habilidades, maiores serão as oportunidades de usufruir, prazerosa e produtivamente, de tudo que o mundo *on-line* tem a oferecer.

Nossos estudos relativos a fatores associados ao consumo de televisão por crianças indicaram que idade, local de uso, repertório de uso (grau de conhecimento dos recursos da mídia utilizada) e, em especial, a mediação – dos pais e dos pares – têm efeito significativo no

¹ Professora do Departamento de Educação da PUC-Rio e coordenadora do Grupo de Pesquisa Educação e Mídia.

² Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e membro do Grupo de Pesquisa Educação e Mídia.

³ Mestre em Engenharia de Produção na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP). É coordenador de Estatísticas e Métodos Quantitativos do Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic.br).

desenvolvimento das competências necessárias para analisar, criticamente, o conteúdo da programação (MIGLIORA, 2007). Pesquisa realizada com cerca de 4 mil jovens de escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro (DUARTE; CASELLI; COIMBRA; MIGLIORA, 2013), sobre as habilidades de uso de computador e Internet, indicaram que fatores como idade, posse de mídia em casa, consumo cultural, tempo de uso, local e frequência de uso aumentam a probabilidade de desenvolver as habilidades necessárias ao uso mais produtivo da Internet – que, no caso dessa pesquisa, dizia respeito à aquisição de novos conhecimentos e à ampliação de redes de relacionamento sociais.

Isso nos levou a optar por um procedimento de análise dos dados da pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012 que nos permitisse avaliar o grau de relacionamento entre os fatores acima citados e a habilidade de navegar com segurança na Internet. Para tanto, utilizamos procedimentos de estatística não paramétrica para criar uma escala que nos permitiu captar os diferentes graus de habilidade dos jovens que responderam ao questionário e, desse modo, identificar os mais habilidosos. Em seguida, avaliamos quais das variáveis que representam os fatores acima mencionados explicam a habilidade dos jovens para uso seguro da Internet. Apresentamos, neste texto, os resultados que obtivemos, priorizando, na discussão, os efeitos positivos da mediação dos pais no uso seguro da Internet.

ESCOLHAS METODOLÓGICAS E TRATAMENTO DOS DADOS

A partir do questionário da TIC Kids Online Brasil 2012 – aplicado para aproximadamente 1.500 jovens e seus respectivos pais ou responsáveis –, foram obtidas as informações utilizadas neste estudo. Incluem-se dados sobre os jovens: gênero, idade, tempo de uso, local de uso (quarto, sala, escola, *lanhouse*, biblioteca, casa de amigos, casa de parentes e na rua, pelo celular) e frequência de uso (todos os dias ou quase todos os dias, uma ou duas vezes por semana, uma ou duas vezes por mês, ou menos de uma vez por mês); informações sobre o domicílio ou do responsável por ele – renda familiar, classe social e escolaridade, número de moradores; além dos itens relacionados aos três constructos (habilidade, modos de uso e mediação). Para estes constructos utilizou-se a Teoria da Resposta ao Item Não Paramétrica (TRIN) para criar e validar escalas, conforme será descrito a seguir. Por fim, foi possível verificar o relacionamento entre a habilidade e as demais variáveis por um modelo de regressão logística.

Em geral, trabalha-se com construtos teóricos, pois não é possível utilizar instrumentos diretos para medir certas dimensões. Para avaliar estes constructos ou validar o instrumento de coleta (questionário) existem diversas metodologias e, entre elas, a Teoria da Resposta ao Item (TRI), que, assim como a Análise Fatorial Confirmatória (AFC), é útil na validação de escalas para construtos e para resumir a informação de um questionário.

A TRI modela a probabilidade de resposta do indivíduo a determinado item do questionário pela curva de resposta do item, ou seja, relaciona o traço latente do indivíduo e a probabilidade de resposta. A TRIN é a versão não paramétrica da TRI, a sua formulação é menos restritiva do que na versão paramétrica e não impõe uma função bem definida para a curva de resposta. Neste trabalho, foi utilizada a TRIN para um estudo da escalonabilidade dos construtos. Para cada escala, foi calculado o coeficiente de escalonabilidade (H) e o nível de confiança. Todas as escalas foram pelo menos razoáveis (coeficientes acima de 0,4), conforme resumo a seguir.

A princípio foram consideradas cinco perguntas para formar o bloco sobre habilidades; esse grupo de perguntas foi composto por 20 itens, um deles com três opções de resposta e os demais com duas opções. A partir desse conjunto de dados foram obtidas três escalas, sendo a primeira delas escolhida para representar a habilidade, e as outras duas não foram consideradas por representarem outros constructos (jogos e percepção sobre a Internet). Por fim, a escala de habilidade foi formada por 14 itens relacionados a: comparar diferentes *sites*, alterar preferências de filtro, adicionar *sites* favoritos, bloquear *spam*, apagar histórico, mudar configurações de privacidade, bloquear pessoa, procurar informações de segurança, enviar ou receber *e-mails*, usar rede social, usar mensagens instantâneas (como MSN), visitar uma sala de bate-papo, fazer ou receber ligações telefônicas (como Skype) e postar mensagem em *site*. Esse conjunto de itens formou uma escala com $H = 0.437$ e confiabilidade de 0,86.

O bloco temático sobre os modos de uso foi constituído a partir de três perguntas com 16 itens, que ofereceram duas opções de resposta cada. A partir desse conjunto de dados foram obtidas duas escalas, sendo descartada uma delas, que também representava um constructo relacionado a jogos. A escala escolhida para representar o modo de uso foi formada por 14 itens relacionados a: usar a Internet para trabalho escolar, assistir a vídeos, baixar músicas ou filmes, ler ou assistir às notícias na Internet, enviar ou receber *e-mails*, usar rede social, usar mensagens instantâneas (como MSN), ficar um tempo num mundo virtual e visitar salas de bate-papo, usar uma *webcam*, postar mensagem em *site*, escrever em um *blog* ou diário *on-line*, postar fotos, vídeos ou músicas e usar *sites* de compartilhamento de arquivos. Esse conjunto de itens formou uma escala com $H = 0.449$ e confiabilidade de 0,84.

Para a medição foi considerado o bloco formado por três perguntas com 12 itens, a maioria com duas opções de resposta e um deles com quatro opções. Esse conjunto de itens formou uma escala com $H = 0.543$ e confiabilidade de 0,89. Os itens relacionados com mediação do responsável da relação do jovem com a Internet: conversar com ele sobre o que ele faz na Internet; sentar, ou ficar, ou fazer atividades com ele enquanto usa a Internet; ajudar seu filho a fazer ou encontrar alguma coisa na Internet; explicar por que alguns *sites* são bons e outros, ruins; sugerir formas de usar Internet com segurança; dar sugestões de como se comportar na Internet com outras pessoas; ajudar quando alguma coisa na Internet incomodou; e conversar se algum dia alguma coisa na Internet incomodasse.

FATORES QUE IMPACTAM POSITIVAMENTE O USO SEGURO DA INTERNET

Um modelo de regressão logística foi estimado para avaliar a associação entre a habilidade e as variáveis: gênero e idade; tempo, local e frequência de uso; renda familiar, classe social e escolaridade do responsável; número de moradores; modos de uso e mediação parental. A habilidade foi considerada como uma variável dicotômica, ou seja, cada jovem foi classificado como tendo maior habilidade se respondeu “sim” para sete ou mais itens entre os 14 definidos na escala e como tendo menor habilidade caso contrário (respondeu “sim” para até seis itens). Assumimos a suposição de que todos os 14 itens possuem o mesmo peso para compor a habilidade; assim, não importa o item em si, mas o número praticado pelo jovem. Da mesma forma, a variável “modos de uso” classifica cada jovem como tendo diversas maneiras de uso se respondeu “sim” para sete ou mais itens entre os 14 definidos na escala e a variável mediação se respondeu “sim” para cinco ou mais itens entre os 10 definidos na escala.

O modelo de análise nos possibilita agrupar as variáveis e avaliar o grau de coerência que existe nesse agrupamento e, ao mesmo tempo, perceber o quanto essas variáveis, em conjunto, impactam as habilidades de navegação segura. A Tabela 1 apresenta o modelo adotado e indica o grau de significância de cada variável:

TABELA 1
ESTIMATIVAS PARA O MODELO DE REGRESSÃO LOGÍSTICO
- HABILIDADE É A VARIÁVEL DEPENDENTE

Intercepto	- 4,4 (0,73)***
Feminino	- 0,07 (0,14)
Idade	0,24 (0,05)***
Tempo de Uso	0,09 (0,04)*
Modos de uso	1,73 (0,16)***
Mediação	0,46 (0,17)**
Número de moradores	- 0,09 (0,05)
Local do uso	
Quarto	0,25 (0,19)
Sala	0,49 (0,19)**
Escola	0,07 (0,16)
Lanhouse	0,42 (0,18)*
Biblioteca	0,001 (0,37)
Casa de amigos	0,55 (0,18)**
Casa de parentes	- 0,03 (0,17)
Na rua com celular	0,33 (0,2)
Frequência do uso	
Uma ou duas vezes por semana	- 0,04 (0,18)*
Uma ou duas vezes por mês	- 1,06 (0,29)***
Menos de uma vez por mês	- 1,62 (0,49)***

*** p < 0.1%; ** p < 1%; * p < 5%; erro-padrão entre parênteses; AIC=1172

Os resultados que obtivemos nos permitem dizer que a idade do jovem, associada ao tempo de uso da Internet, à frequência com que esse uso se dá (todos os dias ou quase todos os dias, comparada com menores frequências de uso), ao local de uso (na sala de casa ou na casa de amigos, comparados ao uso na escola ou no próprio quarto), ao modo de uso (maior repertório de atividades) e à mediação dos pais, impacta positivamente as habilidades necessárias a uma navegação segura na Internet. Em outras palavras, ter mais idade, usar a Internet há mais tempo, usar todos os dias ou quase todos os dias, ter maior repertório de atividades, usar em determinados locais, como na sala de suas casas ou na casa dos amigos e com orientação dos pais, aumenta significativamente a probabilidade de o jovem vir a adotar procedimentos mais seguros na navegação na Internet.

O que isso nos diz sobre medidas que favoreçam a navegação segura? Em primeiro lugar, que não é preciso esperar que as crianças cresçam para permitir que façam uso da Internet; ao contrário, se o tempo de uso favorece a segurança, quanto mais cedo aprenderem a navegar e quanto mais tempo puderem fazer isso em sua vida cotidiana, maiores serão as chances de

aprenderem a se defender de eventuais riscos e, portanto, de usufruírem melhor das oportunidades oferecidas pelo acesso à rede. E, mais do que isso, se esses fatores forem combinados com a supervisão de adultos da família e realização de atividades colaborativas – que é o impacto positivo do uso da Internet na casa de amigos.

Nenhum dos modelos testados indicou impacto significativo de variáveis associadas à classe social, renda familiar e escolaridade dos pais ou responsáveis, que compõem, em última análise, o que pode ser definido como fator socioeconômico. Causa estranheza, sem dúvida, que esse fator não tenha impacto direto sobre o desenvolvimento de habilidades de uso da Internet, especialmente em um país com enorme desigualdade social, como é o nosso.

A partir dos dados utilizados, não foi possível tirar conclusões a respeito da influência da escolaridade dos pais ou responsáveis, classe social e renda familiar na habilidade dos jovens, porém levantamos algumas hipóteses explicativas para isso.

Em primeiro lugar, é difícil estabelecer parâmetros precisos para configuração de classes sociais no Brasil, visto que o fator renda, além de ser um dado considerado difícil de ser coletado — em geral, quem recebe mais afirma receber menos e vice-versa — sofre influência das políticas recentemente adotadas de distribuição indireta de renda, tais como Bolsa Família, entre outros, que, embora integrem a renda familiar, não são computados como renda pelos que os recebem quando estes respondem ao quesito nas entrevistas de pesquisa. Além disso, a posse de bens duráveis — carro, moto, geladeira, fogão, telefone celular, computador, entre outros —, outro parâmetro importante para a definição da classe social, vem sendo ampliada no país por medidas de redução de impostos e de juros para créditos pessoais, que, em geral, favorecem a população de menor renda.

Em relação à escolaridade dos pais ou responsáveis, esperávamos que, quanto maior fosse a escolaridade dos pais, maiores seriam as probabilidades de os jovens desenvolverem habilidades de uso da Internet, visto que o uso mais adequado dos recursos da rede parece estar, em princípio, associado à escolarização. É possível que tanto escolaridade como renda familiar tenham sido anulados, no modelo, pela variável “mediação parental”. Essa variável é composta por itens do questionário que buscam captar a percepção que os adolescentes têm do tipo de orientação dada pelos adultos da família acerca do uso da Internet. Os adolescentes responderam a perguntas relativas a: interesse que percebem que os pais tenham nas atividades que realizam na Internet; tipo de conversa que os pais costumam ter com eles a esse respeito; orientações que recebem dos pais sobre como agir e como se comportar na Internet com outras pessoas, entre outras dessa natureza.

Assim, outros estudos são necessários para verificar a relação entre essas variáveis e a mediação, inclusive para verificar se a relação não é inversamente proporcional à escolaridade, ou seja, que, quanto menor a escolaridade dos pais, menor seja o conhecimento do que ocorre nos ambientes *on-line* e, portanto, maior seja a preocupação com as atividades que os filhos realizam ali e os riscos a que possam ser expostos.

Estudo realizado por Migliora (2007), com cerca de 800 crianças, de classes populares, do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, sobre a relação que elas tinham com a televisão, indicou alto grau de mediação dos pais. Cerca de 70% das crianças que responderam ao questionário informaram ter mais de um aparelho de televisão em casa, e uma em cada três informou ter televisão no quarto. Ainda assim, 68% dessas crianças informaram que viam televisão com pelo menos

um adulto da família, quando não com toda a família, no horário do jantar. De acordo com as respostas ao item sobre com quem a criança assistia à televisão, elas o faziam prioritariamente com os adultos, os irmãos e os primos, por opção; a maioria delas informou que assistiam a seus programas preferidos com o pai e/ou com a mãe, o que sugere que a apropriação dos conteúdos dos programas estava sendo, de alguma forma, mediada pelos valores da família.

Pesquisas sobre desempenho escolar realizadas no Brasil (MARTURANO, 2006; ANDRADE; LAROS, 2007; BONAMINO; ALVES; FRANCO; CAZELLI, 2010) vêm detectando indicadores significativos de diálogo familiar sobre as atividades escolares das crianças, em famílias de baixa renda, de crianças com melhor desempenho, o que evidencia que a preocupação dos pais com a vida escolar das crianças pode ter efeito positivo no desempenho delas nos estudos.

Estudos feitos em outros países (PEREIRA et al, 2012; MENDONZA, 2009; STRASBURGER et al, 2009) indicam que os pais exercem influência nos modos de consumir as mídias, bem como nas aprendizagens que ocorrem a partir desses usos. Alguns desses estudos sugerem que os pais devem ser sensíveis às necessidades dos filhos e devem buscar recursos de como tratar as experiências deles com as mídias.

O estudo acima mencionado (MIGLIORA, 2007) identificou índices significativos de diálogo familiar sobre o conteúdo da programação de televisão: 55,7% das crianças que participaram da pesquisa afirmaram que os pais conversavam com elas “algumas vezes e quase sempre” sobre o que viam na televisão, 36,1% afirmaram que os pais faziam isso “sempre”, e apenas 6,3% disseram “nunca ou raramente” conversar sobre o assunto com adultos da família. Nesse contexto, o diálogo familiar aponta a coesão da fonte de mediação da família, que é a primeira formadora de parâmetros e valores, orientando as crianças dentro dos pressupostos do grupo social a que pertencem.

Pesquisa realizada pela Unesco⁴, em parceria com o Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística (Ibope), analisou o que o Brasil pensa da televisão, com o objetivo de contribuir com as discussões acerca da classificação indicativa para programas de TV.⁵ Os resultados indicaram que, muitas vezes, o conteúdo dos programas atuava como catalisador para a discussão de temas polêmicos e/ou constrangedores no âmbito familiar. Indicaram, também, que, especificamente junto às classes de menor poder aquisitivo, a televisão atuava como um estímulo para manter os filhos em casa, amenizando os riscos associados ao mundo externo, onde a violência e o uso de drogas se apresentavam como ameaças bastante próximas.

O efeito positivo da mediação parental nas habilidades para uso seguro da Internet, evidenciado na análise que fizemos dos dados da pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012, sugere que o padrão adotado pelas famílias com relação à televisão pode estar sendo transferido para a relação com a Internet, no interior dos lares. Cabe mencionar que 52% dos pais que responderam ao questionário da pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012 declararam que obtêm na televisão informações sobre como orientar o uso que as crianças fazem da Internet. De fato, telenovelas e seriados de ficção produzidos no Brasil nos últimos anos têm inserido, com alguma

⁴ Resultado da pesquisa extraído do site Observatório da Imprensa. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>>.

⁵ Classificação indicativa é aquela que o poder público fornece sobre os espetáculos e diversões públicas, incluindo-se programas de televisão informando sobre a natureza deles, as faixas etárias a que não se recomendem, locais e horários em que sua apresentação se mostre inadequada. É regulada pela Portaria nº 264, de 9 de fevereiro de 2007.

regularidade, situações que alertam os pais sobre os riscos a que podem estar expostas as crianças que utilizam a Internet sem orientação de adultos. Um *merchandising* desse tipo foi inserido em um dos episódios do seriado *A Grande Família*, da Rede Globo de Televisão, exibido no período em que os dados da pesquisa estavam sendo coletados.

Ao que tudo indica, a tradição das famílias de classes populares brasileiras de fazer pelo menos uma refeição diária em conjunto e de conversar sobre o conteúdo do que é veiculado pelos meios de comunicação de massa — especialmente a televisão — parece estar sendo adotada na relação com a Internet, sobretudo se considerarmos o impacto positivo, também significativo, do uso da Internet por adolescentes na sala de suas casas.

O que observamos até aqui sugere que políticas públicas destinadas a favorecer o desenvolvimento de habilidades necessárias ao uso seguro da Internet deveriam, por um lado, gerar medidas que propiciem a toda a população o acesso a computadores conectados, reduzindo a desigualdade que se constata hoje entre classes sociais e entre regiões geográficas. Por outro lado, é necessário estimular pais e responsáveis a permitir que as crianças, desde cedo, façam uso regular da Internet, orientando e acompanhando, mais do que controlando, a exploração e as descobertas que elas fazem na rede mundial de computadores.

REFERÊNCIAS

ANDRADE; LAROS. Fatores associados ao desempenho escolar: estudo multinível com dados do SAEB/2001. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v.23, n.1, p. 33-41, 2007.

BONAMINO; ALVES; FRANCO; CAZELLI. Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman. *Revista Brasileira de Educação*, v.15, n.45, p. 487-499, 2010.

DUARTE; CAZELLI; COIMBRA; MIGLIORA. Jovens estudantes do Rio de Janeiro e sua relação com mídias digitais. In: CARRANO; FÁVERO (Coord.). *Narrativas Juvenis e Espaços Públicos: olhares de pesquisas em educação, mídia e ciências sociais*. RJ: EdUFF, 2013.

EU KIDS ONLINE II. *Enhancing Knowledge Regarding European Children's Use, Risk and Safety Online*. Publicado em 2011. Disponível em: <<http://www2.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/Home.aspx>>. Acesso em: 5 jan. 2013.

FONTAR, B.; KREDENS, E. *Comprendre le comportement des enfants et adolescents sur Internet pour les protéger des dangers*. Publicado em 2010. Disponível em: <<http://www.isjm.fr/docs/apel/rapport%20Prevention%20nouv%20techno.pdf?PHPSESSID=304ba8420f5eb5bf6ce3fcf6dd3ae5ab>>. Acesso em: 5 jan. 2013

MARTURANO, E. O inventário de recursos do ambiente familiar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 19, n. 3, p. 498-506, 2006.

MEDIAPPRO. *The appropriation of new media by youth. Final Report*. Publicado em 2006. Disponível em: <<http://www.mediapro.org/publications/finalreport.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2013.

MENDONZA, K. Surveying parental mediation: connections, challenges and questions for media literacy. *Journal of media literacy education*, n. 1, p. 28-41, 2009. Disponível em: <www.jmle.org>. Acesso em: 10 dez. 2012.

MIGLIORA, R. *Crianças e Televisão: um Estudo de Audiência Infantil e de Fatores Intervenientes*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007.

PEREIRA, S; PINTO, M.; PEREIRA, L. Recursos para La alfabetización mediática: investigación y propuestas para niños. In: *Comunicar*, 39, p. 91-99, 2012. Disponível em <<http://www.revistacomunicar.com>>.

STRASBURGER, V.; WILSON, B.; JORDAN, A. *Children, Adolescents and the Media*. Thousand Oaks: Sage Publications, 2009.

**TIC KIDS ONLINE
BRASIL 2012**

RELATÓRIO METODOLÓGICO

INTRODUÇÃO

Diante da necessidade de compreender o uso da Internet entre as crianças e os adolescentes de 9 a 16 anos de idade, o CGI.br resolveu realizar uma pesquisa anual em todo o território nacional – TIC Kids Online Brasil – para entender riscos e oportunidades que se relacionam com a proteção da criança no ambiente *on-line*.

A metodologia utilizada na pesquisa está alinhada com o referencial desenvolvido pela London School of Economics no projeto EU Kids Online.¹

Foi adotada uma abordagem quantitativa com base numa pesquisa amostral realizada por meio de entrevistas presenciais nos domicílios e a partir de questionários estruturados.

OBJETIVO

O principal objetivo da pesquisa TIC Kids Online Brasil é compreender de que forma a população de 9 a 16 anos de idade utiliza a Internet e também como lida com questões relevantes, como os riscos e as oportunidades decorrentes do uso da Internet.

Os objetivos específicos da pesquisa são os seguintes:

- Entender como crianças e adolescentes acessam e utilizam a Internet, os riscos *on-line*, sua percepção em relação à segurança *on-line*;
- Delinear as experiências, práticas e preocupações dos pais ou responsáveis relacionadas ao uso da Internet por parte dos seus filhos.

¹ Saiba mais sobre os parâmetros da pesquisa em <<http://www2.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/Home.aspx>>.

INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os questionários utilizados na pesquisa TIC Kids Online Brasil se basearam nos instrumentos de coleta desenvolvidos para a EU Kids Online. Os questionários europeus foram traduzidos para o português a partir dos questionários-modelo em inglês. Na sequência, foram adaptados ao contexto brasileiro. A fim de garantir que os conceitos abordados pela pesquisa fossem compreendidos pelos entrevistados brasileiros, foram realizados testes cognitivos e pré-testes. Com esse mesmo objetivo, a metodologia da pesquisa também foi discutida por um grupo de especialistas.

TESTES COGNITIVOS

Foram realizadas oito entrevistas cognitivas para testar perguntas críticas e os conceitos que sustentam essas questões. O objetivo dos testes foi entender o caminho cognitivo dos respondentes e a compreensão deles sobre os conceitos investigados. Os testes cognitivos foram importantes para identificar dificuldades em relação à tradução, à compreensão de termos específicos e à duração do questionário.

Foram testados os questionários para crianças e adolescentes (tanto os de autopreenchimento quanto os aplicados face a face por um entrevistador) e os questionários para os pais ou responsáveis.

PRÉ-TESTE

Além disso, foram realizadas 20 entrevistas de pré-teste em diferentes regiões geográficas e com entrevistados de diferentes idades para testar a fluidez do questionário, avaliar o tempo de resposta, a complexidade relacionada ao preenchimento do questionário e também para ajustar questões e categorias de respostas.

REUNIÃO DO GRUPO DE ESPECIALISTAS E WORKSHOP SOBRE A TIC KIDS ONLINE BRASIL

Com o objetivo de validar a metodologia de pesquisa, realizou-se um encontro com um grupo de especialistas para debater questões relacionadas à pesquisa TIC Kids Online Brasil. O evento reuniu mais de 25 especialistas sobre o tema, incluindo acadêmicos e representantes do governo e de organizações internacionais.

Além disso, a fim de discutir a implementação do referencial europeu no Brasil, foi organizado um *workshop* com a presença de especialistas internacionais que estiveram diretamente envolvidos na pesquisa EU Kids Online. Esses participantes forneceram lições inestimáveis a partir do que aprenderam por meio de sua experiência na condução dessa pesquisa na Europa.

INFORMAÇÕES SOBRE O QUESTIONÁRIO

Os dados foram coletados por meio de questionários com perguntas estruturadas e pré-definidas (respostas únicas ou múltiplas) para a faixa etária de 9 a 16 anos. As crianças e os adolescentes responderam a dois questionários diferentes: um aplicado por um entrevistador (face a face) e outro de autopreenchimento. O questionário de autopreenchimento abrange assuntos mais sensíveis e foi desenhado para que a criança ou adolescente pudesse responder perguntas sem a interferência de outras pessoas, de modo a proporcionar um ambiente mais confortável e evitar declarações distorcidas. A pesquisa incluiu dois tipos de questionários de autopreenchimento desenhados de acordo com diferentes faixas etárias: de 9 a 10 anos de idade e de 11 a 16 anos de idade.

Além do questionário para crianças e adolescentes, a pesquisa incluiu um questionário adicional para os pais ou responsáveis, conforme ilustrado (Figura 1). Todos os questionários foram aplicados em papel impresso (*Paper Administered Personal Interviewing – PAPI*).

FIGURA 1
INFORMAÇÕES SOBRE OS QUESTIONÁRIOS DA PESQUISA TIC KIDS ONLINE BRASIL 2012



PLANO AMOSTRAL

O plano amostral da pesquisa TIC Kids Online Brasil abrangeu todos os aspectos relativos à especificação e seleção da amostra. O plano amostral descreve os cadastros utilizados, o desenho da amostra e os procedimentos de seleção e ponderação da amostra.

POPULAÇÃO-ALVO

A população-alvo da pesquisa são crianças e adolescentes brasileiros entre 9 e 16 anos e usuários da Internet, isto é, que tivessem usado a Internet nos três meses anteriores à pesquisa.

UNIDADE DE REFERÊNCIA

A unidade de referência da pesquisa TIC Kids Online Brasil é a população de usuários de Internet com idades entre 9 a 16 anos e os pais ou responsáveis mais bem informados sobre as suas rotinas e utilização da Internet.

CADASTROS E FONTES DE INFORMAÇÃO

As fontes de dados utilizadas para obter informações sobre a população-alvo para fins do desenho amostral foram o Censo 2010 – a base para a seleção aleatória de municípios e setores censitários – e o Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (CNEFE)² – utilizado como referência para a seleção dos domicílios.

DESENHO DA AMOSTRA

O desenho amostral da pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012 considerou os princípios básicos da teoria da amostragem, tais como conglomerados, estratificação e seleção com probabilidades desiguais para posterior seleção de unidades.

O plano amostral da pesquisa considerou amostragem por conglomerados em três estágios pelo método de probabilidade proporcional ao tamanho (PPT) e a estratificação das unidades de amostragem.

Os três estágios resumem-se a seguir.

² O Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (CNEFE) contém uma lista de 78 056 411 endereços em áreas urbanas e rurais, distribuídos ao longo de 316 574 setores censitários e classificados por tipo: unidades residenciais, unidades de ensino, unidades de saúde e outros. Os dados da lista incluem apenas endereços com nome da rua, número, complemento e coordenadas em áreas rurais. Não fornece informação econômica ou social relativa ao endereço correspondente. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/cnefe/default_cnefe.shtm>.

ESTÁGIO 1 – Seleção de municípios

- Estratificação por região geográfica e seleção sistemática de municípios em cada estrato com probabilidade proporcional ao tamanho;
- A medida de tamanho utilizada foi o total de crianças e adolescentes com idade entre 5 e 16 anos nos municípios.

ESTÁGIO 2 – Seleção do setor censitário

- Seleção sistemática dos setores censitários com probabilidade proporcional ao tamanho;
- A medida de tamanho utilizada foi o total de crianças e adolescentes com idade entre 5 e 16 anos nos setores.

ESTÁGIO 3 – Seleção dos domicílios

- Permutação aleatória do CNEFE, seguida pela seleção de domicílios por amostragem inversa.

ALOCAÇÃO E SELEÇÃO DA AMOSTRA

Seleção de Municípios

O primeiro estágio da seleção da amostra que trata da seleção dos municípios envolveu uma seleção sistemática dentro dos estratos TIC definidos (ver Anexo I).

Foram formados dois ou três estratos de municípios. O critério utilizado foi a divisão político-administrativa do território brasileiro, composto por 27 unidades federativas (UF), incluindo o Distrito Federal. Essas unidades foram subdivididas em grupos menores no caso de três dos 27 estados (São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais), enquanto outros foram agrupados (Rondônia, Roraima, Acre, Amapá e Tocantins; Mato Grosso e Mato Grosso do Sul). Todos os municípios localizados fora dessas áreas foram considerados municípios do interior.

- O **Estrato 1** foi formado pelas 27 capitais das unidades federativas brasileiras.
- O **Estrato 2** foi formado por três regiões metropolitanas (RM): São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Os Estratos 1 e 2 foram incluídos com certeza na amostra. A distribuição das entrevistas dentro da região metropolitana foi proporcional ao tamanho da população dos municípios em cada região.
- O **Estrato 3** foi formado por todos os municípios que não se enquadram nos Estratos 1 e 2 e foi denominado interior. Os municípios foram selecionados pelo método de probabilidade proporcional ao tamanho (PPT). Os municípios foram selecionados com base na estratificação implícita por mesorregião, a fim de assegurar que a amostra incluísse municípios com menor chance de serem selecionados. Isso garantiu o espalhamento das entrevistas.

Seleção dos setores censitários³

Os setores censitários foram selecionados para cada um dos municípios do primeiro estágio. Empregou-se o método de estratificação implícita utilizando o código de setor censitário, cuja composição possui códigos da UF, cidade, distrito, subdistrito e bairro. Após a estratificação implícita, a seleção foi feita com base no método da probabilidade proporcional ao tamanho (PPT).

Seleção dos domicílios

Em cada setor censitário, os domicílios a serem abordados foram selecionados com base no CNEFE. A lista dos endereços dos domicílios a serem visitados foi permutada aleatoriamente para que fosse seguida pelo entrevistador naquela ordem até ter concluído 10 entrevistas com crianças e adolescentes usuários da Internet com idades na faixa etária de 9 e 16 anos ou então ter visitado 100 domicílios da lista, na ordem preestabelecida. Essa forma de seleção de domicílios é denominada amostragem inversa. Foram previstas três voltas/visitas, sendo uma delas em um dia diferente, isto é, o domicílio seria visitado em pelo menos dois dias diferentes.

Os estabelecimentos pertencentes às seguintes categorias não foram incluídos na lista de 100 visitas:

- Domicílios cujos moradores são todos estrangeiros;
- Domicílios vagos ou casas de veraneio;
- Comércio, igrejas ou escolas;
- Demolição ou domicílios em construção;
- Domicílios não encontrados.

Seleção dos respondentes

Após a seleção e a identificação dos domicílios elegíveis – aqueles com usuários de Internet na faixa etária de 9 e 16 anos – as entrevistas eram realizadas com a criança ou o adolescente e um dos pais ou responsáveis. No caso de famílias com mais de um filho na mesma faixa etária, o critério utilizado para escolher a criança ou o adolescente a ser entrevistado foi o método do próximo aniversário, ou seja, elegia-se a criança cuja data de aniversário estava mais próxima.

DIMENSIONAMENTO DA AMOSTRA

Definiu-se um plano amostral de até 2.500 crianças e adolescentes e seus respectivos pais ou responsáveis, com instrumentos de coleta diferentes para cada grupo de respondentes. Para que as respostas fossem válidas, a coleta deveria necessariamente contemplar a entrevista da criança ou adolescente e a entrevista dos respectivos pais ou responsáveis no mesmo domicílio.

³ De acordo com a definição de Censo Demográfico fornecida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), um setor censitário é a menor unidade territorial formada por uma área contínua e com limites físicos identificados, em área urbana ou rural, com dimensão apropriada para a coleta de dados. O conjunto de todos os setores censitários em um país representa todo o território nacional.

COLETA DE DADOS EM CAMPO

PERÍODO DE COLETA DE DADOS

A pesquisa de campo foi realizada entre abril e julho de 2012.

MATERIAIS DE APOIO EM CAMPO

Os seguintes materiais de apoio foram utilizados em campo de modo a explicar os objetivos da pesquisa aos entrevistados selecionados e melhorar a taxa de resposta:

- Foi criado um *hotsite* com dúvidas frequentes (*FAQ Website*);
- Foram enviadas cartas aos residentes, síndicos de prédios residenciais e delegados da polícia para descrever a pesquisa, explicar a sua importância e fornecer contatos para maiores informações;
- Uma vez concluída a pesquisa, folhetos com dicas de segurança na Internet foram distribuídos aos entrevistados.

FIGURA 2
HOTSITE – DÚVIDAS FREQUENTES – FAQ WEBSITE (<http://cetic.br/criancas2012/>)



FIGURA 3
CARTAS PARA EXPLICAR A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA



FIGURA 4
DICAS DE SEGURANÇA NA INTERNET PARA CRIANÇAS, ADOLESCENTES E PAIS



PROCESSAMENTO DE DADOS

PONDERAÇÃO

Os cálculos de probabilidade de inclusão levam em consideração o método de seleção. Assim, os três estágios da pesquisa foram ponderados. Para os Estágios 1 e 2 – a seleção dos municípios e dos setores – os fatores de ponderação foram calculados com base na abordagem descrita anteriormente. Cada unidade amostral (município e setor) recebeu um fator de ponderação proporcional ao tamanho relativo da população com idades entre 5 a 16 anos na respectiva unidade, com base na estratificação.

Para o Estágio 3 – seleção de domicílios por amostragem inversa –, as probabilidades de inclusão levaram em consideração três fatores na probabilidade de seleção:

- Probabilidade de ser visitado;
- Probabilidade de ser elegível, dado que foi visitado;
- Probabilidade de ocorrer entrevista, dado que é elegível e foi visitado.

O produto das três probabilidades forneceu a base para o cálculo da probabilidade de uma entrevista em um domicílio elegível. O inverso da probabilidade forneceu o peso básico para o uso na expansão da amostra no terceiro estágio. Como tal, a não resposta foi considerada no cálculo das probabilidades, ressaltando a necessidade de maximizar os esforços para realizar as entrevistas.

Detalhamento do Procedimento de Ponderação

ESTÁGIO DE PONDERAÇÃO 1

Sendo D_{ij} o j° domicílio localizado no setor i – de acordo com o cadastro de endereços (CNEFE/IBGE) –, o cálculo do peso amostral de um domicílio deve empregar um algoritmo em três etapas.

Cálculo da probabilidade de seleção do município k no estrato TIC:

$$\Pr(M_k \in s) = n \times P_k / P$$

onde:

M_k é o k° município no estrato de seleção TIC;

s é a amostra de municípios selecionados no estrato de seleção TIC;

n é o número de municípios selecionados no estrato de seleção TIC do município k ;

P_k é a medida de tamanho (população) do k° município num estrato de seleção TIC;

$P = \sum_{k \in U} P_k$ é a soma das medidas de tamanho (população) dos municípios do estrato de seleção TIC;

U representa o conjunto de todos os municípios do estrato de seleção TIC.

ESTÁGIO DE PONDERAÇÃO 2

Cálculo da probabilidade condicional de seleção do setor i no município k selecionado:

$$\Pr(S_{ki} \in s_k) = m_k \times D_{ki} / D_k$$

onde:

S_{ki} é o i° setor do município k ;

s_k é a amostra de setores do município k ;

m_k é o número de setores selecionados no município a que pertence o setor;

D_{ki} é a medida do tamanho (número de domicílios particulares permanentes) do i° setor do município k ;

$D_k = \sum_{i \in U_k} D_{ki}$ é a soma dos tamanhos de todos os setores no município k ;

U_k representa todos os setores no município k .

ESTÁGIO DE PONDERAÇÃO 3

Cálculo da probabilidade condicional de seleção do domicílio j no setor i dentro do município k :

$$\Pr(d_{kij} \in s_{ki}) = \frac{n_{ki}}{N_{ki}} \times \frac{m_{ki}}{n_{ki}} \times \frac{a_{ki}-1}{m_{ki}-1}$$

caso o número de endereços domiciliares selecionados for igual ou inferior a 100, ou:

$$\Pr(d_{kij} \in s_{ki}) = \frac{n_{ki}-1}{N_{ki}-1} \times \frac{m_{ki}}{n_{ki}} \times \frac{a_{ki}}{m_{ki}}$$

caso o número de endereços domiciliares selecionados for igual a 100, onde:

d_{kij} é o j° setor do município k ;

s_{ki} é a amostra de domicílios no setor i do município k ;

n_{ki} é o número de endereços selecionados no setor i do município k ;

N_{ki} é o número de endereços domiciliares existentes no setor i do município k ;

m_{ki} é o número de endereços domiciliares selecionados no setor i do município k ;

a_{ki} é o número de domicílios entrevistados no setor i do município k ;

Convém notar que o número n_{ki} de endereços selecionados no setor i do município k pode ser superior a 100, dado que a amostragem em um setor era interrompida quando o número m_{ki} de endereços domiciliares selecionados no setor i do município k atingisse o valor 100.

No cálculo, o primeiro fator do produto é a probabilidade de um endereço ser selecionado no setor. O segundo fator é a probabilidade de ser um endereço domiciliar. O terceiro fator é a probabilidade de um domicílio ser efetivamente entrevistado.

A fim de calcular um peso básico do desenho para um domicílio entrevistado, as probabilidades de seleção calculadas nos três estágios devem ser multiplicadas e, depois, o inverso deste produto deve ser calculado.

No caso dos indicadores sumarizados para crianças e adolescentes, a probabilidade condicional de seleção da criança ou adolescente no domicílio *j* do setor *i* do município *k* também foi calculada. Esse cálculo levou em consideração a probabilidade de uma criança ser selecionada em um domicílio.

TRATAMENTO DE NÃO RESPOSTA

A pesquisa adotou dois níveis de tratamento de não resposta que estão descritos abaixo.

NÃO RESPOSTA À UNIDADE

A não resposta à unidade ocorre quando uma pessoa não pode ser entrevistada em um domicílio previamente selecionado em função da sua recusa ou indisponibilidade. Após três voltas racionais nos domicílios em diferentes períodos do dia (manhã/tarde/noite), o entrevistador passa ao domicílio seguinte da lista até atingir sua meta de entrevistas ou até visitar 100 domicílios.

NÃO RESPOSTA AO ITEM

A não resposta ao item ocorre quando o entrevistado selecionado deixa de responder uma pergunta específica. Na maioria das questões, foi disponibilizada uma opção aos entrevistados para abranger essa situação. Isso possibilitou a medição da taxa de não resposta para um determinado indicador e a aplicação de procedimentos de ponderação. Os dados são apresentados em cada indicador no campo “Não sabe/Não respondeu”.

ERRO AMOSTRAL

As margens de erro devem levar em consideração o plano amostral estabelecido para a pesquisa.

Foi utilizado o método do conglomerado primário (do inglês, *ultimate cluster*) para estimação de variâncias para estimadores de totais em planos amostrais de múltiplos estágios. Proposto por Hansen, Hurwitz e Madow (1953), o método considera apenas a variação entre informações disponíveis no nível das unidades primárias de amostragem (UPA) e pressupõe que elas tenham sido selecionadas da população com reposição.

Com essa ideia simples, pode-se considerar a estratificação e seleção com probabilidades desiguais tanto para as unidades primárias quanto para as demais unidades de amostragem.

As premissas para a utilização desse método são: a que haja estimadores não viciados dos totais da variável de interesse para cada um dos conglomerados primários selecionados; e que pelo menos dois deles sejam selecionados em cada estrato (se a amostra for estratificada no primeiro estágio).

O método fornece a base para vários pacotes estatísticos especializados em cálculo de variâncias considerando o plano amostral.

A partir das variâncias estimadas, optou-se por divulgar os erros amostrais expressos como pela margem de erro. Para a divulgação, as margens de erro foram calculadas para um nível de confiança de 95%. Isso indica que os resultados com base nessa amostra são considerados precisos, dentro do intervalo definido pelas margens de erro, 19 de cada 20 vezes. Assim, se a pesquisa fosse repetida várias vezes, em 95% delas o intervalo poderia conter o verdadeiro valor populacional. Normalmente também são apresentadas outras medidas derivadas dessa estimativa de variabilidade, tais como erro padrão, coeficiente de variação e intervalo de confiança.

O cálculo da margem de erro considera o produto do erro padrão (a raiz quadrada da variância) por 1,96 (valor de distribuição amostral que corresponde ao nível de significância escolhido de 95%). Esses cálculos foram feitos para cada variável em todas as tabelas. Portanto, todas as tabelas de indicadores têm margens de erro relacionadas a cada estimativa apresentada em cada célula da tabela.

DISSEMINAÇÃO DOS DADOS

Os dados e resultados da pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012 são publicados em formato de livro e são disponibilizados no *site* do Cetic.br – <http://www.cetic.br> – para fornecer informações ao governo, a acadêmicos e a outros interessados.

No caso de alguns resultados, o arredondamento provocou que a soma das categorias parciais excedesse 100% para perguntas de resposta única. A soma das frequências nas perguntas de respostas múltiplas normalmente excede 100%.

REFERÊNCIAS

- BOLFARINE, H.; BUSSAB, W. O. *Elementos de amostragem*. 1. ed. São Paulo: Editora Blucher, 2005.
- COCHRAN, W. G. *Sampling Techniques*. 3.ed. Nova Iorque: John Wiley & Sons, 1977.
- KISH, L. *Survey Sampling*. Nova Iorque: Wiley, 1965.
- LONDON SCHOOL OF ECONOMICS. *EU Kids Online: Enhancing Knowledge Regarding European Children's Use, Risk and Safety Online*. Disponível em: <<http://www.eukidsonline.net>>. Acesso em: 20 fev. 2013.
- VASCONCELLOS, M. T. L.; NASCIMENTO SILVA, P. L.; SZWARCOWALD, C. L. Sampling design for the World Health Survey in Brazil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, s. 1, p. S89-S99, 2005.

ANEXO I
DISTRIBUIÇÃO DAS ENTREVISTAS POR REGIÃO GEOGRÁFICA E ESTRATO TIC

Região	Estrato TIC	População com idade de 5-16 anos*	População com idade de 5-16 anos (%)	Amostra Kids Online Brasil
Norte		4 083 272	10%	270
1	Rondônia/Roraima/Acre/Amapá/Tocantins	1 199 671	3%	100
2	Amazonas - Total	938 575	2%	70
3	Pará - Total	1 945 026	5%	100
Nordeste		12 006 892	31%	810
4	Maranhão - Total	1 679 423	4%	110
5	Piauí - Total	706 804	2%	60
6	Ceará - Total	1 896 905	5%	120
7	Pernambuco - Total	1 912 053	5%	120
8	Rio Grande do Norte - Total	674 828	2%	60
9	Paraíba - Total	808 535	2%	60
10	Alagoas - Total	771 785	2%	60
11	Sergipe - Total	472 615	1%	50
12	Bahia - Total	3 083 944	8%	170
Sudeste		14 947 004	38%	870
13	Minas Gerais - RM BH	1 000 955	3%	70
14	Minas Gerais - Interior	2 815 241	7%	160
15	Espírito Santo - Total	689 913	2%	60
16	Rio de Janeiro - RM RJ	2 130 798	5%	130
17	Rio de Janeiro - Interior	789 085	2%	60
18	São Paulo - RM SP	3 640 807	9%	190
19	São Paulo - Interior	3 880 205	10%	200
Sul		5 178 669	13%	330
20	Paraná - Total	2 059 137	5%	130
21	Santa Catarina - Total	1 175 210	3%	80
22	Rio Grande do Sul - total	1 944 322	5%	120
Centro-Oeste		2 894 012	7%	220
23	Mato Grosso/Mato Grosso do Sul - Total	1 166 576	3%	80
24	Goiás - Total	1 219 911	3%	90
25	Distrito Federal - Total	507 525	1%	50
Total Nacional		39 109 849	100%	2 500

* Sinopse Preliminar de Setores Censitários - Censo 2010 (IBGE)

PERFIL DA AMOSTRA

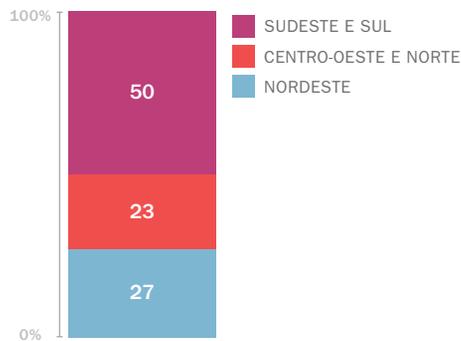
A pesquisa foi realizada com 3.160 respondentes, sendo 1.580 crianças e adolescentes usuários da Internet e 1.580 pais ou responsáveis. As entrevistas foram realizadas em 1.580 domicílios em todo o Brasil. Os dados a seguir descrevem o perfil da amostra de domicílios e dos usuários de Internet de 9 a 16 anos.



REGIÃO

Em relação à localização dos domicílios segundo a região geográfica, 50% se encontravam nas regiões Sudeste e Sul do país, 23% nas regiões Centro-Oeste e Norte, e 27% na região Nordeste.

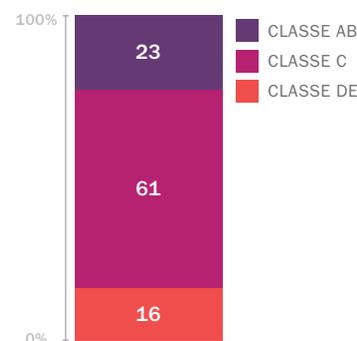
GRÁFICO 1
 PERFIL DA AMOSTRA, SEGUNDO REGIÃO (%)



CLASSE SOCIAL

Ao analisar o perfil dos domicílios por classe social – com base no critério de classificação social da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (Abep)¹ –, observa-se que 61% dos domicílios se enquadravam na classe C, 23% na classe AB e 16% na classe DE.

GRÁFICO 2
 PERFIL DA AMOSTRA, SEGUNDO CLASSE SOCIAL (%)



¹ A definição de classe social dessa pesquisa é baseada no critério da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (Abep). O Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) é um instrumento de segmentação econômica que utiliza o levantamento das características dos domicílios (presença e quantidade de determinados itens de conforto doméstico, além do grau de escolaridade do chefe de família) para classificar a população. O critério atribui pontos de acordo com cada característica e soma esses valores. A faixa da pontuação no critério é relacionada com um dos oito estratos de classificação econômica: A1, A2, B1, B2, C1, C2, D e E. Mais informações em <<http://www.abep.org/novo/Content.aspx?ContentID=301>>.

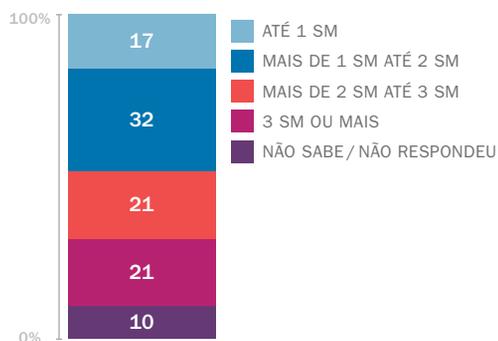


RENDA FAMILIAR

Dados sobre a renda familiar mostram que 17% dos domicílios da amostra tinham renda de até 1 salário mínimo (1 SM), 32% mais de 1 até 2 salários mínimos, 21% mais de 2 até 3 salários mínimos e 21% acima de 3 salários mínimos.²

² O salário mínimo de referência na época da pesquisa era de R\$ 622,00

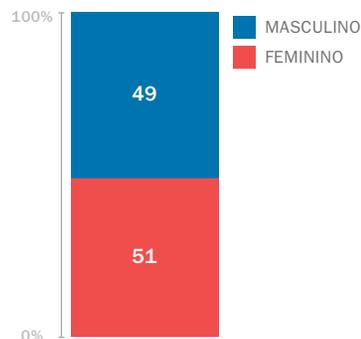
GRÁFICO 3
PERFIL DA AMOSTRA, SEGUNDO RENDA FAMILIAR (%)



SEXO

Do total de 1.580 crianças e adolescentes entrevistados em todo o Brasil, 49% eram meninos e 51% eram meninas.

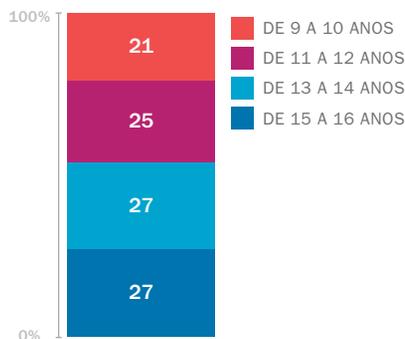
GRÁFICO 4
PERFIL DA AMOSTRA, SEGUNDO SEXO (%)



FAIXA ETÁRIA

A distribuição por faixa etária foi a seguinte: 21% da amostra tinha entre 9 e 10 anos, 25% entre 11 e 12 anos, 27% entre 13 e 14 anos, e os 27% restantes correspondiam a entrevistados entre 15 e 16 anos.

GRÁFICO 5
PERFIL DA AMOSTRA, SEGUNDO FAIXA ETÁRIA (%)



ANÁLISE DOS RESULTADOS

APRESENTAÇÃO

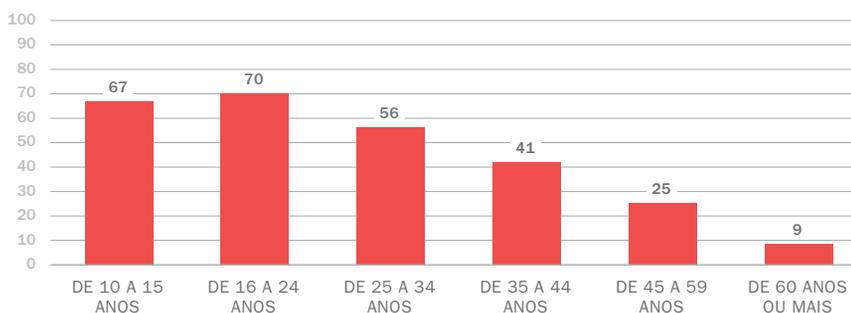
A intensidade com que crianças e adolescentes fazem uso e se apropriam da Internet em seu cotidiano tem chamado a atenção de inúmeros estudiosos dos impactos sociais das novas tecnologias. As pesquisas sobre o acesso e uso da Internet no Brasil produzidas pelo Comitê Gestor da Internet (CGI.br), TIC Domicílios e TIC Educação, evidenciam que este grupo de usuários acessa a rede para a realização de diversas atividades, com destaque para o suporte à formação escolar, entretenimento ou participação em redes de relacionamento.

A pesquisa TIC Domicílios, iniciada em 2005, tem indicado que a proporção de usuários de Internet na faixa etária de 10 a 15 anos se mantém acima da média da população como um todo (de 10 anos ou mais). Se, em 2011, 45% dos brasileiros eram usuários de Internet, esta proporção chegou a 67% se considerarmos apenas os indivíduos de 10 a 15 anos (Gráfico 1).

A grande penetração do uso da Internet entre crianças e adolescentes também pode ser aferida pela pesquisa TIC Educação, que investiga os usos e apropriações da Internet nas escolas públicas e privadas brasileiras. Em 2011, 94% dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e do 2º ano do Ensino Médio eram usuários de Internet, ou seja, fizeram uso da rede nos últimos 3 meses anteriores à pesquisa – o que reforça o papel da escola no que se refere à inclusão digital.

Na medida em que estamos diante uma geração de “nativos digitais”, como ficaram conhecidos os indivíduos que se desenvolvem e sociabilizam em contato com a Internet, a promoção do uso seguro da rede por parte desse público configura-se em uma agenda fundamental para o governo, as famílias e a sociedade em geral.

GRÁFICO 1
PROPORÇÃO DE USUÁRIOS DE INTERNET, SEGUNDO FAIXA ETÁRIA (2011)
Percentual sobre o total da população



Fonte: TIC Domicílios 2011

Para subsidiar esse debate foi realizada pela primeira vez no Brasil, em 2012, a pesquisa TIC Kids Online, com o objetivo central de mapear oportunidades e riscos associados ao uso da Internet por crianças e adolescentes brasileiros de 9 a 16 anos de idade.

O presente relatório faz uma breve descrição dos principais indicadores coletados na pesquisa, compondo uma apresentação geral dos resultados. Cabe ressaltar que as inúmeras leituras possíveis sobre os números não se encerram nessa análise. Ela está aberta para que novas questões e interpretações sejam aprofundadas em outras oportunidades e em outros formatos.

Para tanto, discute temas como a natureza do acesso *on-line* das crianças e adolescentes, por meio de sua forma de uso, atividades realizadas e os possíveis riscos associados a esse uso. Além disso, tem como objetivo identificar as experiências, práticas e preocupações dos pais ou responsáveis a respeito do uso que seus filhos/tutelados fazem da Internet.

ACESSO E USO DA INTERNET

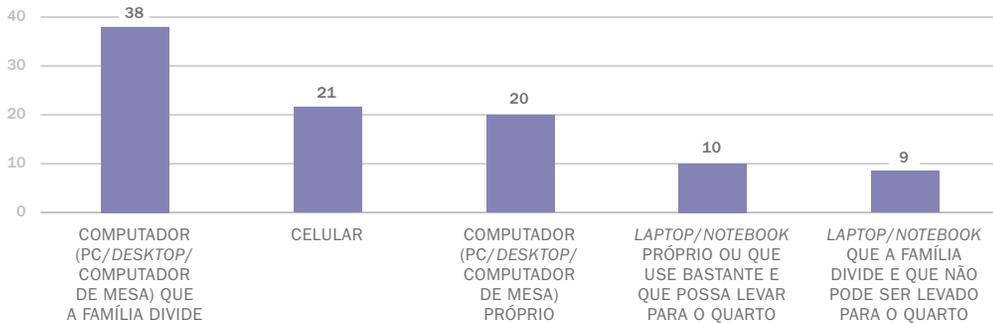
Qualificar o acesso e o uso da Internet por crianças e adolescentes exige, cada vez mais, um esforço de apreensão do fenômeno da convergência entre diversas mídias. Os resultados da pesquisa TIC Kids Online Brasil sugerem que crianças e adolescentes começam a utilizar diferentes dispositivos para acessar a rede. Os dados indicam que 24% das crianças e adolescentes declaram acessar a rede por mais de um tipo de dispositivo (tais como computadores de mesa, *laptops*, celulares, ou *tablets*, por exemplo), mesmo em se tratando de um país com profundas desigualdades na posse de equipamentos TIC.

Entre os equipamentos mais utilizados estão os computadores de mesa compartilhados pela família, usados por 38% das crianças e adolescentes. A pesquisa também mostra que 21% utilizam celular e 20% acessam a Internet por meio de um computador de mesa que seja próprio (Gráfico 2). Cabe destacar que o uso de celular para acessar a Internet é maior entre os adolescentes de 13 a 14 anos (29%) e os de 15 a 16 anos (30%). Apesar de apenas 10% das crianças utilizarem o seu próprio *laptop*, observa-se uma variação relevante quando considerada a renda familiar. Os resultados apontam que 19% das crianças e dos adolescentes com renda familiar acima de três salários mínimos acessam a Internet através de um computador portátil próprio. Os dados, portanto, indicam que as desigualdades socioeconômicas brasileiras ainda constituem barreiras importantes para a universalização do acesso à Internet.

O perfil de uso da Internet segundo os dispositivos utilizados para esse acesso tem implicações relevantes para a forma como esses indivíduos lidam com a rede e se relacionam com aspectos de privacidade e monitoramento do uso pelos mediadores, como pais e professores. A proporção de crianças e adolescentes que acessa a Internet por meio de um dispositivo móvel como o celular indica, por exemplo, que uma parcela significativa de crianças pode usufruir de um acesso que tende a ser menos supervisionado.

GRÁFICO 2

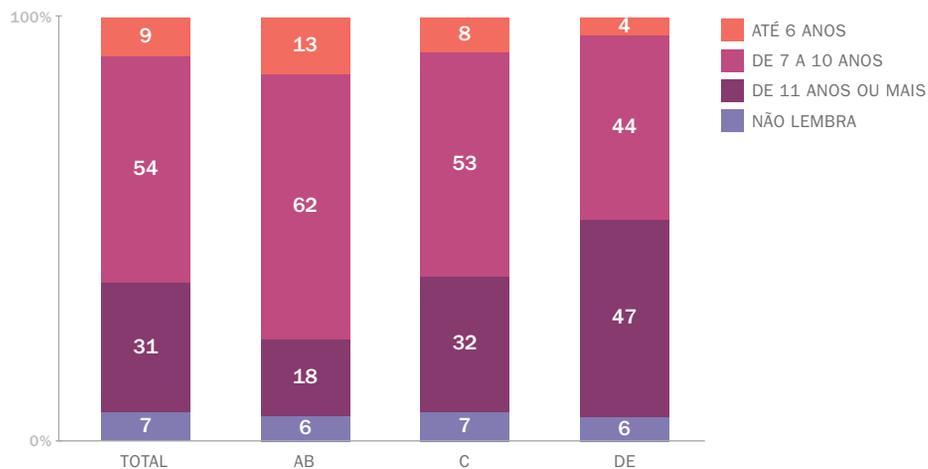
TIPOS DE EQUIPAMENTOS UTILIZADOS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES PARA ACESSAR A INTERNET (2012)
Percentual sobre o total de usuários de Internet de 9 a 16 anos



Os resultados da pesquisa TIC Kids Online Brasil também revelam que, em média, os usuários de Internet entre 9 e 16 anos de idade tiveram contato com a Internet pela primeira vez entre 9 e 10 anos. O fator econômico também influencia nesse aspecto: quanto mais alta a classe social, mais cedo a criança ou adolescente inicia o uso da Internet. Se na classe AB 75% das crianças já tiveram contato com a Internet até os 10 anos de idade, na classe DE menos de 50% declararam o primeiro uso da Internet nessa mesma faixa etária (Gráfico 3).

GRÁFICO 3

IDADE EM QUE AS CRIANÇAS OU OS ADOLESCENTES ACESSARAM A INTERNET PELA PRIMEIRA VEZ, SEGUNDO CLASSE SOCIAL (2012)
Percentual sobre o total de crianças e adolescentes usuários de Internet



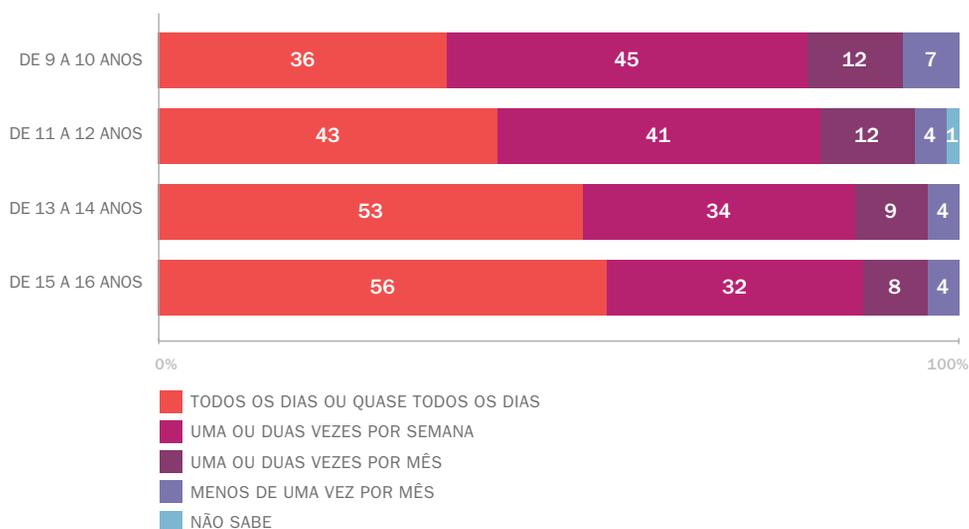
FREQUÊNCIA DE USO

A maioria das crianças e adolescentes que são usuários de Internet declara acessar a rede frequentemente, sendo que 47% delas usam todos os dias ou quase, 38% utilizam uma vez por semana e apenas 5% utiliza a Internet menos de uma vez por mês. Uma agregação dos dados revela o assíduo perfil de uso das crianças e dos adolescentes: 85% utilizam a Internet, no mínimo, uma vez por semana.

Em se tratando do aspecto regional, o Sul e o Sudeste do país apresentam uso mais frequente: pouco mais da metade dos indivíduos (53%) dessas regiões acessam a Internet diariamente ou quase todos os dias. As diferenças sociais trazem outro impacto significativo na frequência de uso. Enquanto 66% das crianças e adolescentes da classe AB utilizam a Internet todo dia ou quase todos os dias, essa proporção é de apenas 17% na classe DE. Ainda que na classe DE a frequência de uso seja mais baixa, pouco mais da metade das crianças e adolescentes (53%) usam a Internet uma ou duas vezes por semana.

Também é evidente o gradual envolvimento com a Internet entre as crianças e adolescentes de faixas etárias superiores (Gráfico 4). Enquanto 36% das crianças de 9 a 10 anos de idade acessam a Internet todos os dias ou quase, essa proporção é de 43% na faixa de 11 a 12 anos, 53% entre 12 e 13 anos e 56% de 15 a 16 anos. Os dados mostram, portanto, que jovens nas faixas etárias mais elevadas navegam na Internet com maior frequência, o que indica que a experiência adquirida pelo indivíduo no uso frequente da Internet pode potencializar as oportunidades *on-line*.

GRÁFICO 4
FREQUÊNCIA DE USO DA INTERNET POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES, SEGUNDO FAIXA ETÁRIA (2012)
Percentual sobre o total de usuários de Internet de 9 a 16 anos



É importante mencionar que não foi encontrada associação entre a frequência de uso das crianças e adolescentes e a frequência de uso dos pais ou responsáveis.¹ Isso significa que não necessariamente as crianças que acessam diariamente possuem pais ou responsáveis que sejam usuários frequentes.

Além da frequência, a quantidade de horas que as crianças e adolescentes navegam na Internet também revela aspectos importantes sobre o seu perfil de uso. Nos finais de semana, a utilização diária da Internet é mais intensa se comparada aos dias úteis, normalmente os dias letivos.

Nos dias de semana, apesar de pouco mais da metade (54%) navegar até uma hora, 18% das crianças e adolescentes utilizam a Internet por três horas ou mais. Nos finais de semana, o uso é ainda mais intenso, quando 31% navegam por três horas ou mais. Cabe destacar que nos finais de semana, 16% das crianças e adolescentes usam a Internet por mais de quatro horas, proporção duas vezes maior do que aquela registrada nos dias úteis. Assim, na medida em que crianças e adolescentes passam grande parte de seu tempo livre conectados, é fundamental o desenvolvimento de ações e políticas voltadas para a promoção de um uso seguro.

Ainda no que se refere ao número de horas acessando a Internet, os usuários de classes sociais mais altas declararam despende mais tempo conectados do que os que pertencem às demais classes sociais. A pesquisa mostra que 14% das crianças da classe AB, por exemplo, navegam mais de 4 horas em dias de semana, enquanto o valor total é de 8%. Ademais, as crianças mais velhas também acessam a rede por mais horas em relação ao total: 12% dos adolescentes de 13 a 14 anos e 14% dos que têm 15 e 16 anos permanecem na Internet por mais de quatro horas.

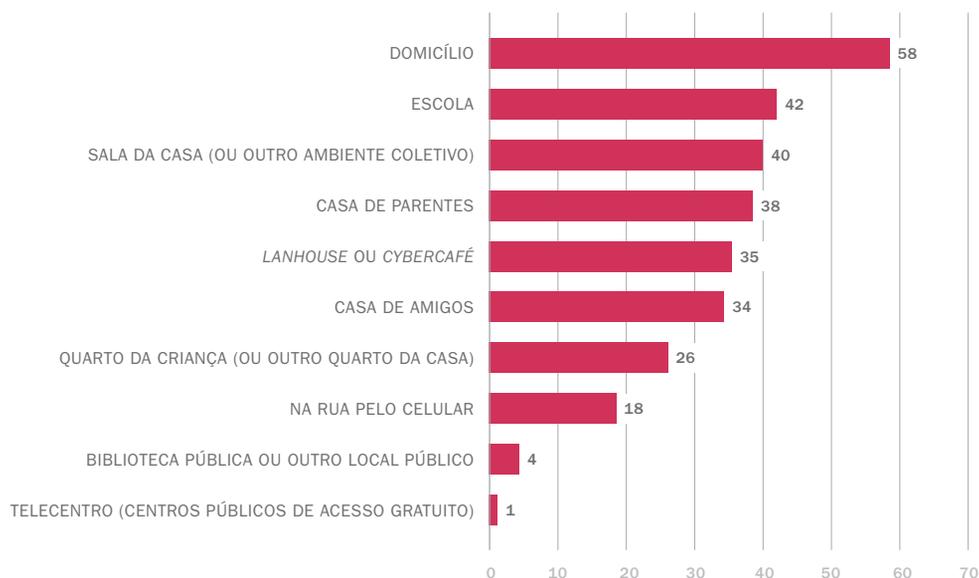
LOCAL DE ACESSO

O local de acesso também é um aspecto de grande relevância, em especial para compreender a relação das crianças e dos adolescentes com os principais mediadores de uso da Internet: pais, irmãos, amigos e professores (Gráfico 5). No Brasil, a maioria (58%) dos jovens usuários de Internet, entre 9 e 16 anos, acessa a Internet em seus domicílios. Em seguida, está a escola, citada por 42% dos entrevistados, e a casa de parentes (38%). Surgem também as *lanhouses* (35%) e a casa de amigos (34%) como importantes locais de acesso à Internet entre esse público, e que apresentam patamares próximos de menções entre os usuários de Internet de 9 a 16 anos.

O acesso à Internet no domicílio pode ocorrer em ambientes coletivos, como a sala de estar, onde a tendência é haver maior fluxo de pessoas. Também pode se dar em ambientes que tendem a ser mais privados, como o quarto da criança ou do adolescente. A pesquisa revela que 40% dos usuários de 9 a 16 anos acessam a Internet na sala de estar ou em outro ambiente coletivo do domicílio, e 26% dos usuários de 9 a 16 anos de idade acessam a Internet no seu próprio quarto.

¹ A hipótese de associação foi refutada a partir do teste de qui-quadrado, que permite investigar a associação entre variáveis e assim, verificar a dependência ou independência entre as variáveis consideradas.

GRÁFICO 5
LOCAL DE ACESSO À INTERNET POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES (2012)
Percentual sobre o total de usuários de Internet de 9 a 16 anos



O uso de celular para acessar a Internet na rua é expressivo entre os entrevistados e foi citado por 18% das crianças e adolescentes. Dentre os fatores importantes para explicar o acesso à Internet via celular, a idade se apresenta como elemento de destaque: 26% dos jovens de 15 e 16 anos utilizam a Internet na rua por meio do celular, oito pontos percentuais acima da proporção total de crianças e adolescentes usuários.

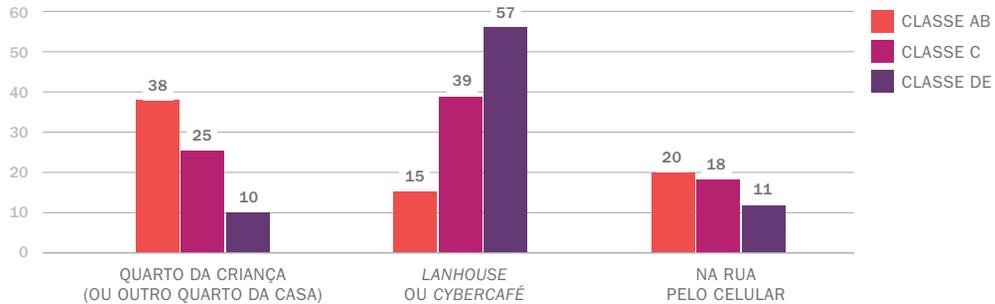
Expondo a relação entre frequência e local de acesso, observou-se que o quarto da criança é local em que ocorre o uso mais frequente pelas crianças. Segundo os dados da pesquisa, 72% das crianças que acessam a Internet desse local usam a Internet todos os dias. Em seguida, fica a sala de estar ou outro ambiente coletivo da casa: 68% das crianças que acessam desse local o fazem todos os dias. A mobilidade também ganha destaque diante da relação com a frequência de uso, porque 65% das crianças que usam a Internet na rua via celular fazem isso diariamente.

É importante ressaltar o fato de que dois dos lugares mais frequentes de acesso (no quarto e na rua através do celular) se caracterizam por propiciar mais privacidade à criança/adolescente e tendem a um uso nem sempre mediado por pais ou responsáveis. Se, por um lado, a posse de aparelhos celulares conectados à Internet ou de computadores localizados no quarto dos jovens facilita o acesso às potencialidades da utilização da Internet, por outro lado isso permite que a criança acesse a Internet com menor supervisão, tornando-a mais exposta.

Os pontos de acesso com maior privacidade e mobilidade são acessados em maior proporção pelas crianças de classes sociais mais altas (Gráfico 6). Enquanto 38% dos jovens da classe AB usam a Internet em seus próprios quartos, essa proporção é de apenas 10% na classe DE. O acesso via celular também é mais elevado entre as crianças da classe AB – 20%, sendo que na classe DE essa proporção é de 11%.

GRÁFICO 6

LOCAL DE ACESSO À INTERNET POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES, SEGUNDO CLASSE SOCIAL (2012)
Percentual sobre o total de usuários de Internet de 9 a 16 anos



Ainda a respeito da influência da classe social, as *lanhouses* são os locais mais acessados pelos jovens menos favorecidos economicamente. Enquanto 57% das crianças de classe DE usuárias de Internet acessam a rede por meio de *lanhouses*, essa proporção é de apenas 15% na classe AB.

Os dados sobre locais de acesso sugerem um comportamento próximo ao dos países europeus, especialmente no que tange à tendência de crescente acesso em ambientes de uso com maior privacidade, como o domicílio. A grande diferença em relação aos demais países que aplicaram a metodologia Kids Online é a presença importante das *lanhouses* – centros de acesso que se configuram como um fenômeno brasileiro e assumem um papel relevante na inclusão digital dos jovens, sobretudo aqueles economicamente menos favorecidos.²

ATIVIDADES REALIZADAS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA INTERNET

Conhecer o que as crianças e adolescentes fazem na Internet, o que costumam acessar e como se sociabilizam no ambiente virtual são questões relevantes para compreender como as oportunidades criadas pelo uso da rede se materializam. Também gera indícios importantes para a composição de padrões de comportamento que podem se converter em riscos para crianças e adolescentes.

Em relação às atividades realizadas na Internet no último mês, os dados coletados mostram que a grande maioria dos entrevistados (82%) afirma ter feito trabalhos escolares – sendo esta a atividade mais mencionada (Gráfico 7). A prevalência de atividades ligadas à pesquisa escolar está alinhada com os resultados da EU Kids Online, que identifica a realização de atividades escolares na Internet como porta de entrada dos jovens ao ambiente virtual.

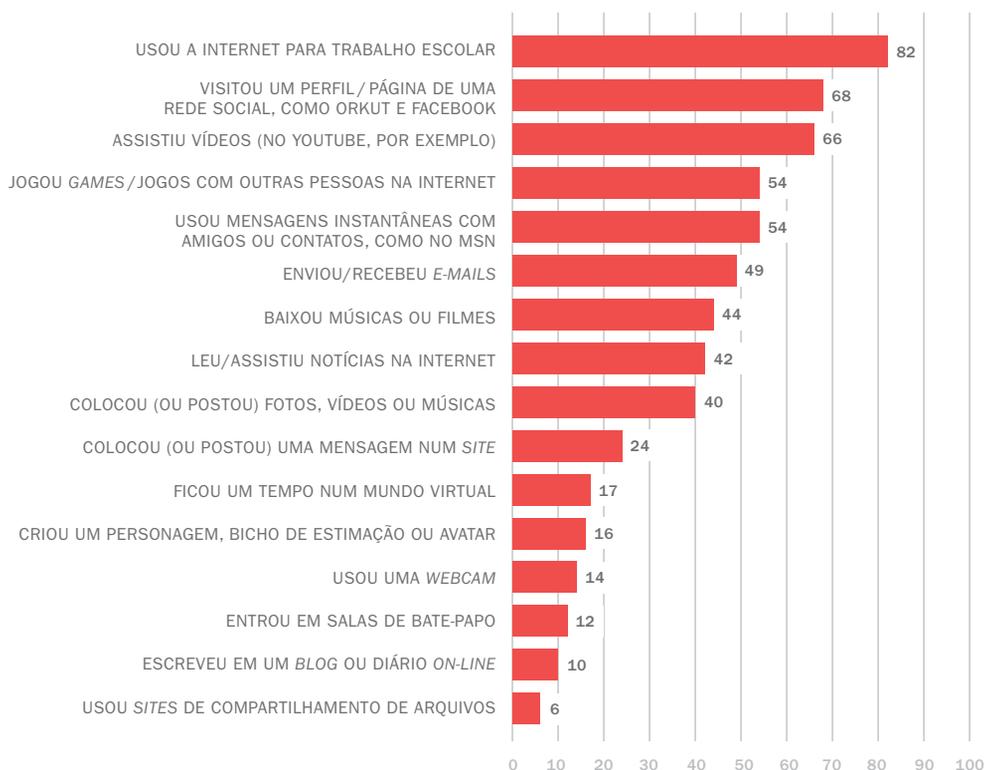
A visita a perfis/páginas de redes sociais é a segunda atividade mais popular entre os usuários de 9 a 16 anos. Quando questionados sobre o que fizeram na Internet no último mês, 68%

² *Lanhouse* é um estabelecimento comercial em que é possível pagar para utilizar um computador com acesso à Internet. É comum que esse estabelecimento ofereça também uma série de serviços, como impressão, xerox, digitação, entre outros. No Brasil, a denominação *lanhouse* é a mais corrente, mas também pode ser chamada de *cybercafé* ou Internet café. Mais informações em: <<http://www.cetic.br/publicacoes/>>.

declaram ter visitado redes sociais, atividade que supera em quase 20 pontos percentuais a proporção dos que afirmaram ter recebido ou enviado *e-mails* no mesmo período (49%). Esse dado é bastante ilustrativo do perfil de uso desse público, que ingressa no universo da Internet por meio das redes sociais sem necessariamente fazer uso de formas mais tradicionais de comunicação *on-line*, como é o caso dos *e-mails*.

As atividades ligadas à comunicação e ao entretenimento são também mencionadas com destaque pelos jovens usuários de Internet: assistir a vídeos no YouTube (66%), jogar com outras pessoas *on-line* (54%) e trocar mensagens instantâneas na Internet (54%) estão entre as atividades mais citadas. Além disso, 44% das crianças e adolescentes afirmaram ter baixado músicas ou filmes e 42% lido ou assistido notícias pela Internet. As postagens de fotos, vídeos ou músicas (40%) são mais comuns do que a inserção de mensagens em *sites* (24%), bem como do ato de escrever em um *blog* ou diário *on-line* (10%) (Gráfico 7).

GRÁFICO 7
ATIVIDADES REALIZADAS NA INTERNET POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO ÚLTIMO MÊS (2012)
Percentual sobre o total de usuários de Internet de 9 a 16 anos

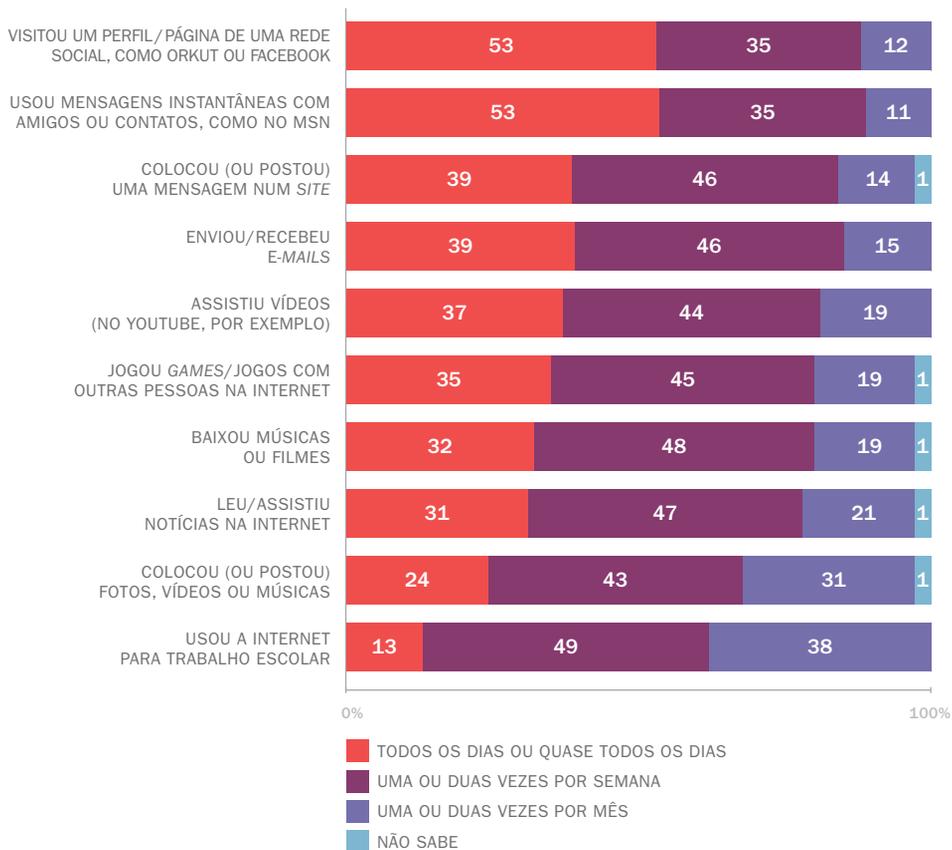


No que se refere ao recorte por faixas etárias, podemos identificar algumas diferenças marcantes no rol de atividades realizadas pela Internet. De forma geral, a realização de atividades aumenta conforme a idade dos usuários: o envio e recebimento de *e-mails*, a utilização de mensagens instantâneas e o uso de redes sociais são mais citados entre os usuários mais velhos. Entre os mais jovens, têm destaque atividades mais lúdicas, como “jogar jogos com outras pessoas na Internet”.

Ainda em se tratando dos tipos de uso, não foram identificadas diferenças significativas por gênero, com exceção do acesso a vídeos *on-line*, mencionado com maior frequência por meninas (71%) do que por meninos (61%). No que diz respeito às atividades, as crianças e adolescentes das classes sociais mais favorecidas, de maneira geral, tendem a reportar uma variedade maior de atividades.

Para além da relação de atividades realizadas, é fundamental uma análise sobre a frequência de realização de cada uma delas – o que apresenta importantes indícios sobre o comportamento de crianças e adolescentes na Internet (Gráfico 8). A produção de trabalhos escolares a partir da Internet é a atividade menos frequente em relação às demais: 13% das crianças entre 11 e 16 anos afirmaram acessar a Internet todos os dias ou quase todos os dias com essa finalidade, enquanto 49% disseram realizar esse tipo de atividade pela Internet pelo menos uma vez por semana.³ Fica claro também que a realização de trabalhos escolares é uma atividade de perfil mais esporádico, que não ocorre diariamente.

GRÁFICO 8
FREQUÊNCIA DE ATIVIDADES REALIZADAS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA INTERNET NO ÚLTIMO MÊS (2012)
Percentual sobre o total de usuários de Internet de 11 a 16 anos que realizaram cada atividade



³ As questões sobre frequência de atividades não foram aplicadas para a faixa de 9 a 10 anos, tendo em vista a dificuldade de indivíduos dessa idade responderem perguntas sobre frequência temporal.

Em relação ao acesso a conteúdo audiovisual, 37% das crianças entre 11 e 16 anos afirmaram assistir a vídeos *on-line* todos os dias ou quase todos os dias, enquanto 44% afirmaram fazer isso ao menos uma vez por semana. Também é significativo o percentual de crianças e adolescentes entre 11 e 16 anos que baixa filmes ou músicas pelo menos uma vez por semana (48%), bem como o daqueles que acessa conteúdos de perfil informativo pelo menos uma vez por semana (47% afirmaram ler ou assistir a notícias *on-line*).

Ainda que, como já exposto, as atividades mais voltadas à produção de conteúdos por parte de crianças e adolescentes não estejam entre as mais citadas, são atividades levadas a cabo com frequência entre aqueles que a realizam: 85% postaram mensagens em um *site* pelo menos uma vez por semana e 67% postaram vídeos, fotos ou músicas pelo menos uma vez por semana. Os dados coletados pela pesquisa TIC Kids Online Brasil não permitem identificar qual o perfil socioeconômico desse usuário mais proativo em termos de geração de novos conteúdos, devido ao tamanho restrito da amostra de entrevistados. Os dados sobre a frequência, contudo, já indicam que esse público está atento às oportunidades de expressão e comunicação possibilitadas pelo uso da Internet.

A pesquisa também investigou como as crianças e adolescentes estabelecem contatos com conhecidos e desconhecidos via Internet. Para tanto, os usuários de 11 a 16 anos responderam algumas questões específicas sobre a maneira como fazem contato com diferentes pessoas na Internet:

- 4% afirmaram terem trocado *e-mails* com pessoas que conheceram na Internet e com as quais nunca tiveram outro tipo de contato além do virtual; 7% o fizeram via redes sociais e 16% via jogos. Esses resultados podem ser analisados, por um lado, como um indicador de como a Internet propicia a oportunidade de estabelecimento de novas relações e de contato com comunidades de interesse que muitas vezes estão em outras cidades ou mesmo outros países. Por outro lado, não deve ser negligenciado o risco inerente a esses contatos, na medida em que esses indivíduos estão compartilhando informações com desconhecidos.
- Por outro lado, a maior parte das relações estabelecidas na Internet é com pessoas com as quais as crianças e adolescentes já conheciam pessoalmente: 95% dos indivíduos de 11 a 16 anos que usam a Internet para enviar *e-mails* afirmaram entrar em contato com pessoas que já conheciam pessoalmente; 83% disseram entrar em contato por redes sociais com pessoas que já conheciam pessoalmente, enquanto essa proporção é de 82% e 69%, respectivamente, para mensagens instantâneas e jogos *on-line*.

REDES SOCIAIS

Em todo o mundo, crianças e adolescentes tornaram-se um público assíduo das redes sociais, fenômeno que é particularmente marcante no caso do Brasil. Em 2012, 70% das crianças e adolescentes entre 9 a 16 anos que são usuários de Internet afirmaram possuir um perfil em redes sociais. É um número bastante relevante, especialmente se comparado com a média dos países da Europa, onde 57% das crianças com essas mesmas características possuíam seu perfil em alguma rede social em 2010.⁴ É fundamental, portanto, um olhar cuidadoso sobre a

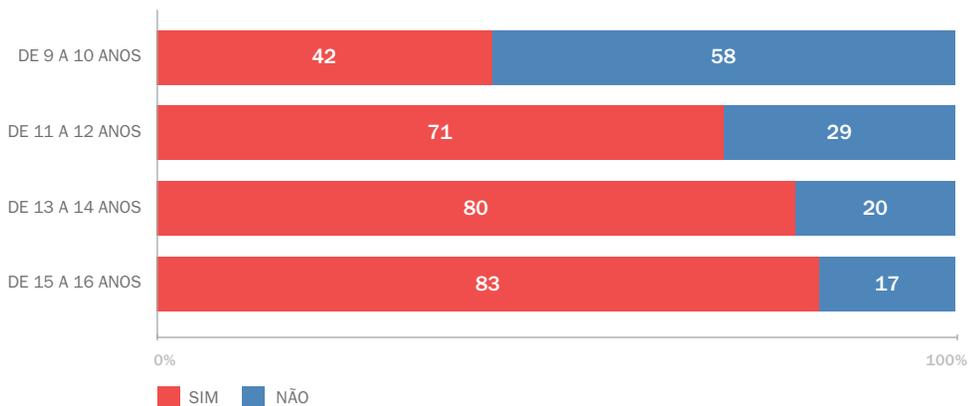
⁴ Período de referência de realização da pesquisa EU Kids Online.

atuação desse público nas redes sociais, que apresenta relação com características culturais e socioeconômicas do Brasil.

Os dados revelam, por um lado, que a condição socioeconômica é variável importante para compreensão da posse de perfil em redes sociais. Enquanto 79% das crianças de 9 a 16 anos da classe AB afirmaram possuir perfil em redes sociais, essa proporção é de 49% entre as da classe DE. Apesar das diferenças, os resultados mostram que mesmo entre as classes mais baixas a penetração das redes sociais é significativa, o que indica que este fenômeno está presente no cotidiano de meninos e meninas de todas as faixas de renda.

Além disso, há diferenças em relação à faixa etária dos usuários. Entre os mais novos, a proporção de posse de perfil é menor, como indica o Gráfico 9: 42% das crianças entre 9 e 10 anos afirmaram possuir perfil em redes sociais; 71% das crianças e adolescentes entre 11 e 12 anos; 80% dos adolescentes entre 13 e 14 anos e 83% dos adolescentes entre 15 e 16 anos.

GRÁFICO 9
PROPORÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE POSSUEM PERFIL PRÓPRIO
NUM SITE DE REDE SOCIAL, SEGUNDO FAIXA ETÁRIA (2012)
Percentual sobre o total de usuários de Internet de 9 a 16 anos



As crianças e adolescentes brasileiros que possuem perfil em redes sociais utilizam como redes preferenciais o Facebook (61%) e o Orkut (39%). As redes sociais mais utilizadas são associadas às faixas etárias e às diferenças socioeconômicas. Os resultados apontam que o Orkut é proporcionalmente mais utilizado entre as crianças mais novas e de classes sociais de menor renda. Já os adolescentes com maior poder aquisitivo preferem o Facebook. Não foram identificadas diferenças significativas de gênero quanto à preferência por determinadas redes sociais.

Dentre os usuários de Internet que possuem um perfil nas redes sociais, 27% afirmam possuir mais de um perfil na rede social que mais utiliza. Por um lado, o número significativo de crianças e adolescentes que possuem mais de um perfil em uma mesma rede social é um indicador da forma como esse público se apropria dessas redes, criando identidades múltiplas. Cabe ressaltar, além disso, que essa é uma variável que não apresenta diferenças marcantes por gênero, idade ou classe social.

Além da multiplicidade encontrada no número de perfis que uma criança ou adolescente tem em uma mesma rede social, o número de contatos que as crianças possuem em seu perfil é um elemento que ajuda a caracterizar seu grau de interação e exposição na Internet. Do total de crianças e adolescentes com perfil em redes sociais, metade (50%) possui mais de 100 contatos em seu perfil, enquanto mais de 20% mantém perfis com mais de 300 contatos.

Ainda no que diz respeito às redes sociais, 42% dos que possuem um perfil próprio declararam mantê-lo totalmente privado, ou seja, configurado de maneira que só os amigos podem visualizar. Já para 31%, o perfil é parcialmente privado, de forma que os amigos dos amigos podem visualizá-lo. Um quarto (25%) das crianças que possuem perfil em redes sociais afirmou que este está aberto ao público, ou seja, configurado de maneira que qualquer pessoa possa ter acesso – inclusive aos conteúdos e imagens compartilhados pelas crianças e adolescentes. Por fim, 2% das crianças e adolescentes não souberam responder à questão.

Dentre o total de crianças e adolescentes que possuem perfil em redes sociais (70% das crianças usuárias de Internet entre 9 e 16 anos), 86% declararam ter em seu perfil uma foto que mostra claramente seu rosto, 69% afirmaram explicitar seu sobrenome, 57% apresentam uma idade que não a sua verdadeira, 28% têm informações sobre sua escola no seu perfil, 27% indicam sua idade correta, 13% seu endereço e 12% seu número de telefone.

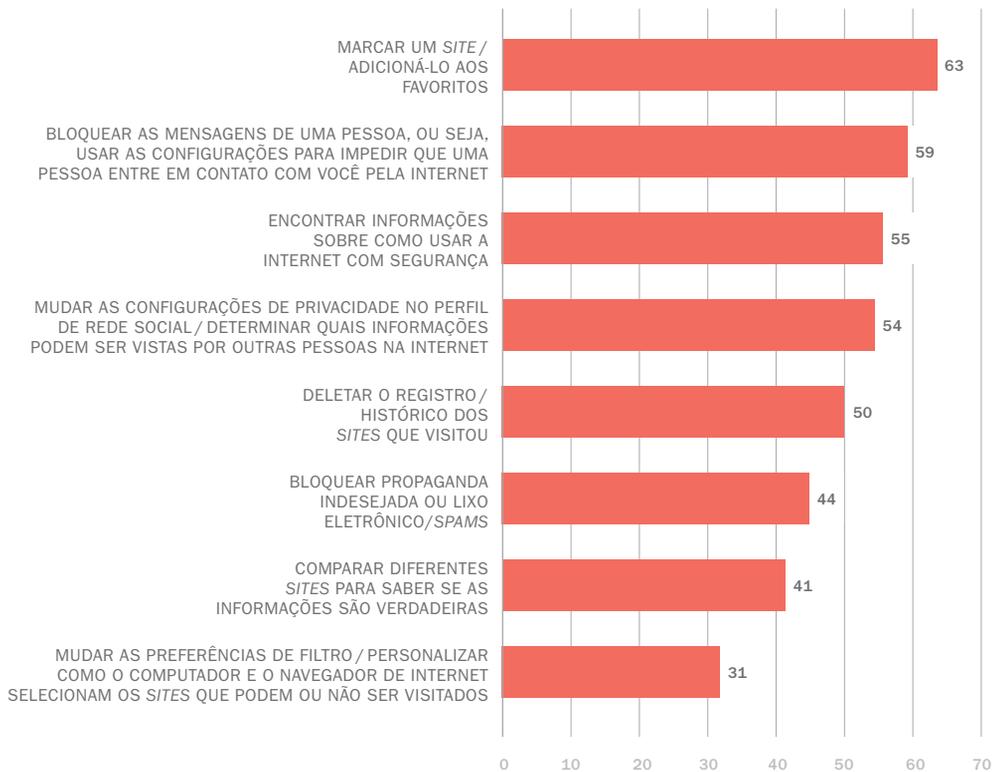
A enorme potencialidade comunicacional das redes – que certamente pode trazer benefícios à socialização de crianças e adolescentes – também produz riscos do ponto de vista da privacidade, na medida em que boa parcela dos usuários de redes sociais faz um compartilhamento irrestrito de informações de caráter pessoal.

AS HABILIDADES PARA O USO SEGURO DA REDE

Um aspecto central do debate sobre o papel das TIC para o desenvolvimento humano (na sigla em inglês, ICT4Dev) é a necessidade de se considerar não somente o acesso e uso efetivo da Internet, mas também o desenvolvimento de capacidades e habilidades que permitam a ampliação das oportunidades que esses novos meios apresentam. A pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012 também buscou ilustrar esse debate por meio da investigação de um *set* definido de habilidades, mais ou menos complexas.

Os dados indicam que um conjunto de habilidades mais instrumentais é citado com bastante frequência (Gráfico 10) – resultado similar aos dados obtidos pela EU Kids Online em 2010. A maioria das crianças e adolescentes de 11 a 16 anos está habilitada a marcar um *site*, adicionando-o à sua lista de *sites* favoritos (63%); também a bloquear as mensagens de uma pessoa, ou seja, operar configurações para impedir que uma pessoa entre em contato pela Internet (59%); ou a mudar as configurações de privacidade em seu perfil de rede social (54%). Metade das crianças e adolescentes de 11 a 16 anos declara ser capaz de deletar o registro/histórico dos *sites* visitados. Foram reportadas com menor intensidade as habilidades relacionadas ao bloqueio de propaganda indesejada ou lixo eletrônico/*spams* (44%) e de mudança das preferências de filtro (31%). Cabe notar que as faixas de idade mais altas reportam em maior proporção a existência de habilidades com o uso da Internet.

GRÁFICO 10
HABILIDADES DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES NO USO DA INTERNET (2012)
Percentual sobre o total de usuários de Internet de 11 a 16 anos



A pesquisa também buscou identificar a presença de habilidades relacionadas à busca por informações específicas e a capacidade de confrontar informações de fontes diferenciadas – que tendem a indicar um uso mais crítico da Internet. Encontrar informações sobre como usar a Internet com segurança é uma habilidade declarada por 55% dos jovens de 11 a 16 anos; enquanto comparar diferentes *sites* para saber se as informações são verdadeiras foi reportada por 41%. Estas habilidades, contudo, estão presentes de forma desigual segundo a idade, escolaridade e classe social. A capacidade de encontrar informações sobre uso seguro da Internet entre adolescentes de 15 a 16 anos (66%) e de jovens das classes AB (74%) está acima do total verificado para esse público. O mesmo ocorre com a comparação entre informações de *sites* diferentes, que é maior entre os usuários com maior idade (54% para a faixa de 15 a 16 anos) e os de classes mais abastadas (52% na classe AB). Além disso, todas as habilidades citadas apresentaram alta correlação estatística entre si. Isso significa dizer que cada par de habilidades possui uma relação positiva, ou seja, é razoável concluir que quem possui uma habilidade provavelmente possui as outras.⁵

⁵ Foram calculadas correlações especiais (correlação tetracórica) como medida de associação entre as habilidades. Todas foram consideradas altas, ficando acima de 0,8.

Além de investigar a presença de habilidades específicas, a pesquisa buscou medir a percepção de crianças e adolescentes sobre suas habilidades de uso. A maioria dos respondentes de 11 a 16 anos, por exemplo, afirma que sabe “muitas coisas sobre como usar a Internet” (57%). Já a percepção sobre a capacidade de uso é ainda mais exacerbada quando comparada às habilidades dos pais ou responsáveis: 75% dos jovens declaram que “sabem mais sobre a Internet que seus pais”. Mesmo entre as crianças e adolescentes da classe AB – que tendem a ter pais mais escolarizados – mais de dois terços declaram ter mais conhecimento sobre a rede que os pais (68%).

Os dados, portanto, mostram que, como seres em desenvolvimento, crianças e adolescentes adquirem maiores habilidades na medida em que se tornam usuários mais experientes e em que avançam na formação escolar. Por outro lado, uma parcela importante dos jovens usuários ainda convive com a Internet sem o domínio de habilidades básicas para a sua segurança e privacidade. A grande desigualdade com relação às classes sociais mostra que o tema – mesmo em se tratando de “nativos digitais” – precisa ser alvo de políticas públicas específicas.

Adicionalmente, cabe ressaltar que crianças e adolescentes usuários de Internet mostram conhecimento sobre a existência de oportunidades e riscos no uso da rede. Por um lado, a pesquisa identificou que 74% dos entrevistados de 11 a 16 anos reconhecem que há muitas coisas na Internet que são boas para jovens de sua idade. Em contrapartida, 72% das crianças e adolescentes de 9 a 16 anos afirmam que existem coisas que podem incomodar jovens de sua idade.

RISCOS E DANOS

A Internet é uma fonte geradora de oportunidades de aprendizagem e crescimento, mas também de contato com situações de risco que podem se converter em consequências danosas (quando o risco se converte em um prejuízo efetivo ao desenvolvimento e ao processo de socialização dos usuários).

Medir as experiências pessoais de risco *on-line* entre jovens por meio de um questionário estruturado é um grande desafio, dado que envolve a coleta de informações bastante sensíveis para o entrevistado. Seguindo a metodologia adotada na EU Kids Online, a pesquisa TIC Kids Online Brasil optou por abordar essas questões por meio de um questionário preenchido pelo próprio respondente, a fim de proporcionar uma situação de maior privacidade e conforto ao reportar experiências pessoais vividas na Internet. Ao final da entrevista, o questionário de autopreenchimento era lacrado e anonimizado, de forma que o respondente não pudesse ser identificado. Apesar de eventuais limitações inerentes a essa forma de coleta, os indicadores sobre fatores de risco são de grande valia para apontar indícios sobre as diferentes situações vivenciadas na Internet entre os usuários de 9 a 16 anos.

Para compreender os fatores de risco e potenciais danos sofridos por crianças e adolescentes na Internet, as perguntas investigaram situações presentes no cotidiano, incluindo a vida de meninos e meninas fora da Internet. Inicialmente, crianças e adolescentes responderam se tinham passado por alguma situação que os aborreceu, chateou ou os incomodou nos últimos 12 meses, de maneira geral, sendo que 22% delas disseram que sim. Dentre os que sofreram alguma chateação, 47% disseram ainda já ter sofrido chateações ou aborrecimentos pela

Internet. Isso significa que quase metade das crianças e adolescentes que passou por alguma situação de chateação disse que isso também ocorreu pela Internet.

Ainda que seja reduzida a porcentagem de crianças e adolescentes que afirmaram ter passado por alguma situação *on-line* ofensiva ou que tenha os chateado nos últimos 12 meses, a grande maioria dos jovens percebem que há coisas na Internet que podem incomodar de alguma forma crianças ou adolescentes de sua idade (72% para a faixa de 9 a 16 anos).

Adicionalmente, por meio de uma questão aberta, foram relacionados os tipos de situações e conteúdos que incomodariam, chateariam ou assustariam pessoas de sua idade, sendo que 73% do total de usuários de Internet de 9 a 16 anos relatou ao menos um aspecto.

Após uma codificação dos resultados, observa-se que crianças e adolescentes reportaram uma gama de situações de incômodo muito diversificada. São frequentes as menções associadas a *bullying* (32%), que se referem a incômodos como “comentários maldosos” ou “mentiras sobre minha pessoa”. Conteúdos de situações reais de violência também foram muito citados (18%), tais como “assassinatos”, “espancamentos” e “brigas de torcidas”. Além disso, os jovens fizeram menção a conteúdos sexuais (18%), tais como “imagens de pessoas nuas” e “vídeos de sexo” e a questões ligadas a assédio sexual (14%), tais como “pessoas se oferecendo”. Também foram citadas respostas sobre invasão de privacidade (12%), como, por exemplo, “alguém entrar no meu Facebook” e “alguém se passar por mim”.

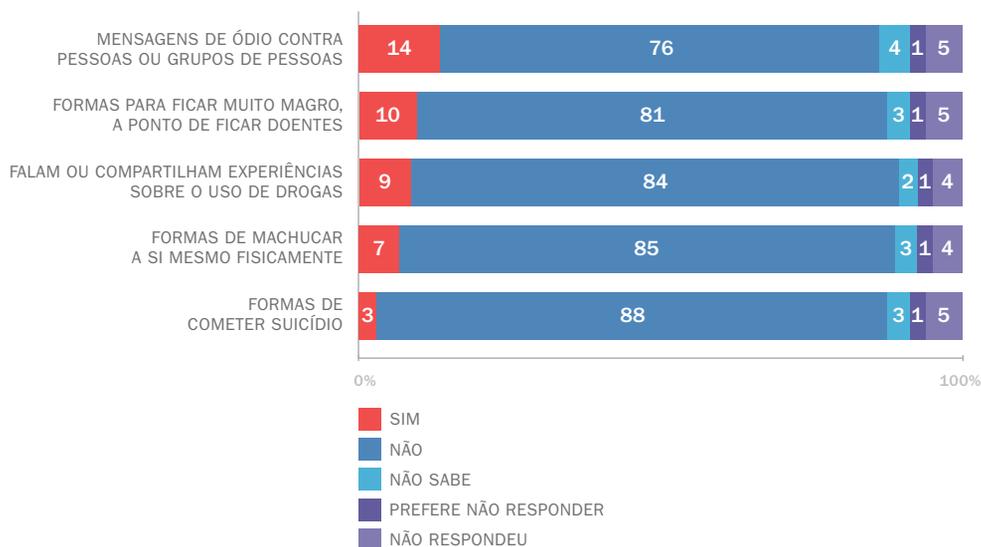
Além disso, entre as menções estão conteúdos que são de desagrado do usuário como “fotos feias” ou “vídeos estrangeiros”. Conteúdos de terror também foram lembrados, como os “vídeos de fantasmas” e “bruxas” que podem assustar os mais jovens. Outra situação de incômodo citada está relacionada à sua imagem e à popularidade nas redes sociais: “Alguém ter mais seguidores do que eu no Twitter”.

A pesquisa abordou também o contato das crianças e adolescentes com conteúdos de natureza sexual. Para aferir apenas a proporção de crianças que tiveram acesso a esse tipo de conteúdo, a questão foi feita inicialmente sobre o acesso ao conteúdo em qualquer ambiente, seja ele virtual ou não, e em seguida se foi acessado via Internet. A pesquisa revelou que 26% das crianças e adolescentes de 11 a 16 anos entrevistados afirmaram ter visto imagens sexuais nos últimos 12 meses. Dentre aqueles que afirmaram ter visto algum tipo de conteúdo sexual nos últimos 12 meses, seja *on-line* ou *off-line*, 44% afirmaram tê-lo visto pela Internet.

Todas as crianças e adolescentes entre 11 e 16 anos responderam a questões sobre se viram determinados conteúdos específicos na Internet nos últimos 12 meses (Gráfico 11). Observa-se que 14% afirmaram ter visto mensagens de ódio contra pessoas ou um grupo de pessoas; 10% afirmaram ter visto *sites* sobre formas para ficar muito magro, a ponto de adoecer (como ter anorexia, por exemplo); 7% tiveram acesso a *sites* que disponibilizavam conteúdos sobre formas de machucar a si mesmo fisicamente; 9% viram *sites* nos quais pessoas falavam ou compartilhavam experiências sobre uso de drogas e 3% tiveram acesso a conteúdos sobre formas de cometer suicídio.

GRÁFICO 11

TIPO DE CONTEÚDO ENCONTRADO EM SITES POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES NOS ÚLTIMOS 12 MESES (2012)
Percentual sobre o total de usuários de Internet de 11 a 16 anos

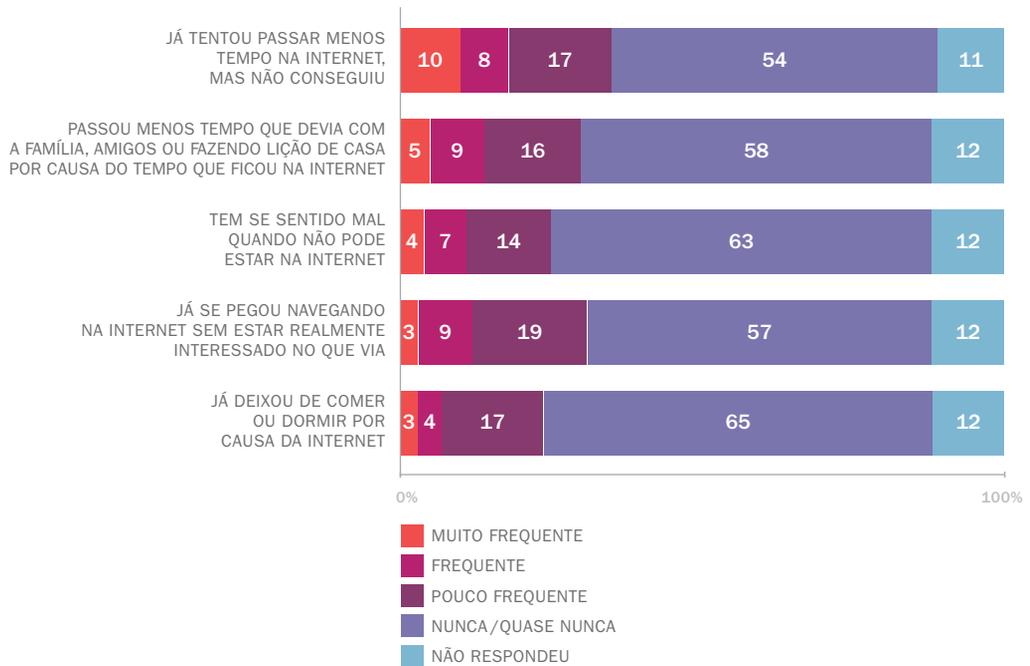


Além disso, questões foram feitas também sobre situações vivenciadas na Internet e que são potencialmente danosas: 26% das crianças afirmaram que o computador que usam já pegou vírus; 7% afirmaram que alguém já usou sua senha para acessar informações; 4% mencionaram que alguém usou suas informações pessoais de forma que ela não gostou e 2% do total de crianças e adolescentes entre 11 e 16 anos afirmaram ter perdido dinheiro ao serem enganados na Internet.

Outro ponto explorado na pesquisa trata de possíveis efeitos do uso da Internet no dia a dia das crianças e adolescentes (Gráfico 12). Uma série de questões foi realizada sobre a frequência com que esses efeitos ocorrem com os jovens, e os resultados são expressivos:

- 18% das crianças e adolescentes afirmaram que, de maneira frequente ou muito frequente, já tentaram passar menos tempo na Internet e não conseguiram;
- 11% afirmaram que, de maneira frequente ou muito frequente, têm se sentido mal quando não podem estar na Internet;
- 7% das crianças deixam de comer ou dormir por causa da Internet de maneira frequente ou muito frequente;
- 14% disseram que, de maneira frequente ou muito frequente, passam menos tempo que deviam com a família, amigos ou fazendo lição de casa pelo tempo que ficam na Internet.

GRÁFICO 12
FREQUÊNCIA DE SITUAÇÕES VIVIDAS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM DECORRÊNCIA DO USO DA INTERNET (2012)
Percentual sobre o total de usuários de Internet de 11 a 16 anos



Em suma, ainda que seja grande o desafio metodológico de investigar temas sensíveis, como os tratados pela pesquisa TIC Kids Online, os dados mostram que esses fatores de riscos estão presentes em alguma medida no cotidiano desses jovens. O contato com conteúdos inadequados para a sua idade e as situações reportadas pelos entrevistados são aspectos que merecem atenção, pelos impactos significativos que podem gerar no desenvolvimento desses indivíduos. Isto reforça a necessidade de promoção de um uso mediado da Internet, que necessita do suporte da escola, das famílias e da sociedade em geral.

MEDIAÇÃO

Além de traçar o perfil dos jovens que usam a Internet no Brasil, a pesquisa TIC Kids Online Brasil buscou conhecer também o uso que a mãe, pai ou responsável fazem da Internet.⁶ Do total de usuários entre 9 e 16 anos, 55% vivem em famílias nas quais nenhum dos responsáveis usa a Internet e 45% têm ao menos um dos responsáveis que faz uso da Internet. Essa proporção varia de acordo com a classe social dos respondentes: enquanto na classe AB 75% dos pais ou responsáveis afirmaram usar a Internet, essa proporção é de 43% na classe C e é de apenas 14% na classe DE.

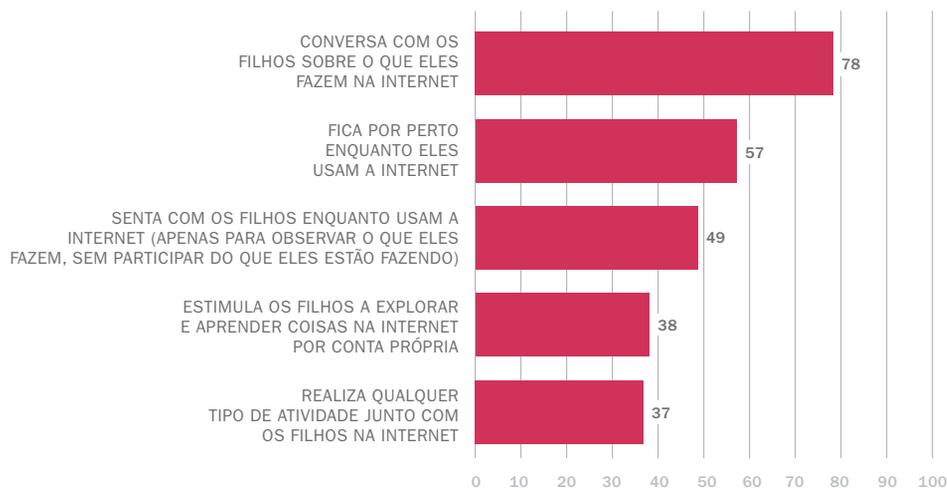
⁶ Vale lembrar que a pesquisa foi aplicada apenas com um dos responsáveis pela criança ou adolescente. Optou-se por entrevistar prioritariamente aquele que mais participasse do dia a dia da criança, de sua rotina, e que melhor pudesse descrever a relação do filho ou tutelado com a Internet.

Dentre pais, mães e responsáveis que declararam usar a Internet, a grande maioria o faz em casa (85%), mas também acessam a rede no trabalho ou universidade (20%), em *lanhouses* (10%) e telecentros (1%). A frequência do uso da Internet está relacionada à situação socioeconômica da família. No geral, entre pais ou responsáveis que usam a Internet, 44% afirmaram utilizar todos os dias ou quase todos os dias. Essa proporção de uso frequente é mais alta na classe AB (59%) do que entre os pertencentes às classes C (35%) e DE (8%).

Os pais ou responsáveis dos usuários de 9 a 16 anos reconhecem a importância da escola no provimento de informações sobre uso seguro da Internet. Enquanto 28% declaram obter esse tipo de informação nas escolas, mais da metade dos pais ou responsáveis (55%) elencam esta como a principal fonte onde eles gostariam de obter orientações sobre segurança *on-line*. Os pais ou responsáveis atualmente contam com o suporte dos familiares e amigos (37%) no provimento de informações sobre o uso seguro e, principalmente, com a televisão, rádio, jornais ou revistas (52%). Tendo em vista a grande demanda por informações, o CERT.br⁷ desenvolveu a Cartilha de Segurança para Internet, que contém recomendações e dicas sobre como aumentar a segurança na rede. O material pode ser baixado pelo público geral e disseminado entre os interessados, a fim de ampliar os conhecimentos sobre o tema.

A pesquisa TIC Kids Online Brasil também perguntou aos pais ou responsáveis como estes se relacionam com os filhos ou tutelados no que diz respeito ao uso da Internet. Dentre as atividades de mediação, a mais comum segundo a declaração dos pais é a conversa sobre o que os filhos fazem na Internet (Gráfico 13). Apesar de ser a atividade mais mencionada (78%), ainda há 22% de pais que sequer chegam a conversar com seus filhos sobre o uso que fazem.

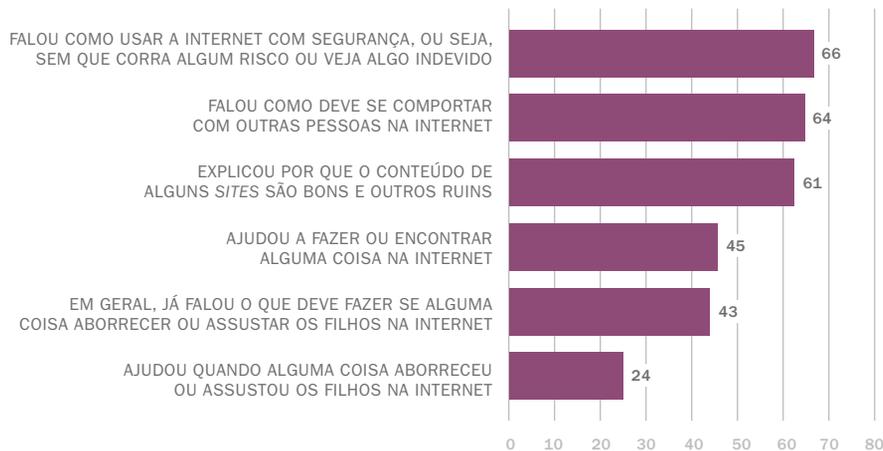
GRÁFICO 13
TIPO DE ORIENTAÇÃO QUE PAIS OU RESPONSÁVEIS COSTUMAM DAR AOS FILHOS PARA O USO DA INTERNET (2012)
Percentual sobre o total de pais ou responsáveis



⁷ O Centro de Estudos, Resposta e Tratamento de Incidentes de Segurança no Brasil (CERT.br) é um Grupo de Resposta a Incidentes de Segurança para a Internet brasileira, mantido pelo Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br). É responsável por tratar incidentes de segurança em computadores que envolvam redes conectadas à Internet brasileira. Mais informações em: <<http://www.cert.br/sobre/>>. Elaborada pelo CERT.br, a Cartilha de Segurança para Internet está disponível em: <<http://cartilha.cert.br/>>.

A segunda forma de mediação mais citada pelos pais ou responsáveis (57%) é ficar por perto enquanto os filhos ou tutelados utilizam a Internet. Em relação às atividades mais interativas de mediação, 37% afirmaram fazer atividades junto com seus filhos na Internet e 38% afirmaram estimular seu filho a explorar e aprender coisas na Internet por conta própria. De maneira complementar, os entrevistados também indicaram que tipo específico de orientação já foi dada aos filhos (Gráfico 14). Do total de pais ou responsáveis, 61% afirmaram já ter explicado aos seus filhos porque o conteúdo de alguns *sites* são bons e outros ruins e 66% já falaram a seus filhos sobre como deveriam utilizar a Internet sem que corram riscos. Por fim, 43% conversaram com seus filhos sobre o que deveriam fazer se algo os aborresse na Internet.

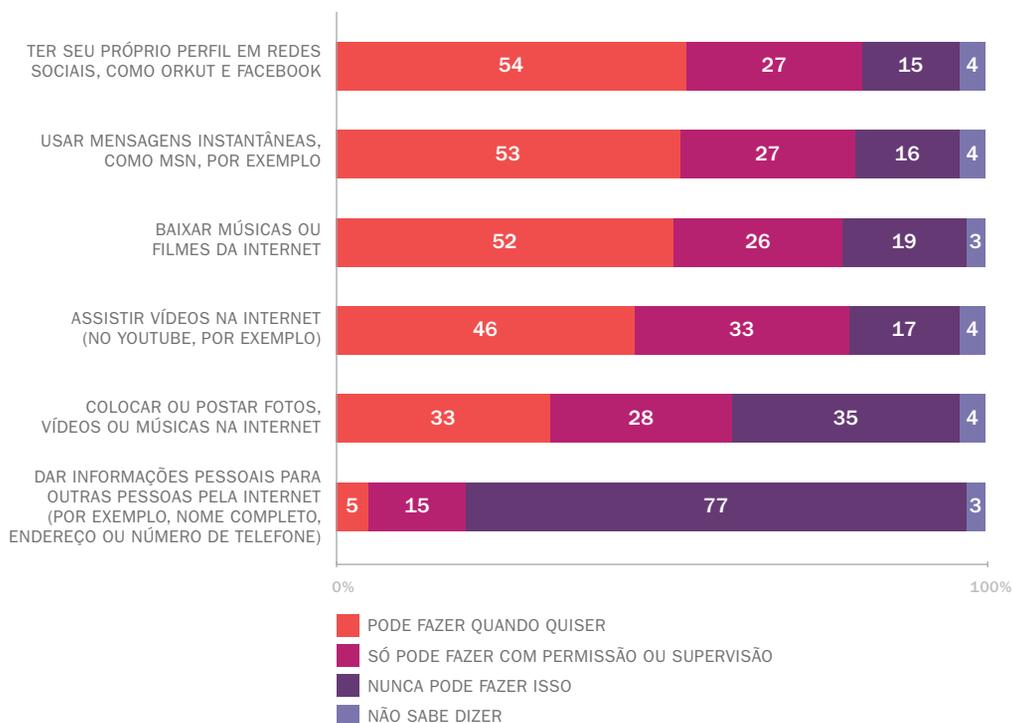
GRÁFICO 14
TIPO DE ORIENTAÇÃO DADA POR PAIS OU RESPONSÁVEIS PARA O USO DA INTERNET PELOS FILHOS (2012)
Percentual sobre o total de pais ou responsáveis



Além das estratégias gerais de mediação, os pais ou responsáveis também reportaram sobre o tipo de permissão concedida aos filhos ou tutelados sobre as atividades que realizam na Internet. Para cada atividade, perguntou-se se era permitida sua realização na Internet quando o filho quisesse; se era permitida, mas apenas com sua autorização ou supervisão (ou de seu parceiro/outro responsável); ou se era proibida. Os resultados sobre as atividades permitidas sem a necessidade de supervisão ou autorização estão elencados a seguir e também no Gráfico 15:

- 54% dos pais afirmaram que os filhos podem ter perfil em redes sociais quando quiserem;
- 52% dos pais afirmaram que seus filhos podem usar mensagens instantâneas (como o MSN) quando quiserem;
- 52% dos pais afirmaram que seus filhos podem baixar músicas ou filmes na Internet quando quiserem;
- 46% dos pais disseram que os filhos podem assistir a vídeos na Internet quando quiserem;
- 33% dos pais afirmaram que seus filhos podem postar fotos, músicas e vídeos na Internet quando quiserem;
- 5% afirmaram que seus filhos podem dar informações pessoais pela Internet.

GRÁFICO 15
TIPO DE PERMISSÃO CONCEDIDA POR PAIS OU RESPONSÁVEIS
PARA ATIVIDADES REALIZADAS NA INTERNET PELOS FILHOS (2012)
Percentual sobre o total de pais ou responsáveis



De forma geral, quando questionados sobre os riscos na Internet, os pais ou responsáveis apresentam uma visão distinta daquela declarada por seus filhos em relação ao uso que fazem da Internet. Os dados mostram que apenas 6% dos pais ou responsáveis acreditam que seu filho possa ter passado por alguma situação de incômodo ou constrangimento ao usar a Internet nos 12 meses prévios à pesquisa. Ainda segundo a percepção dos pais, 68% creem ser nada ou pouco provável que seus filhos passem por alguma situação como essa nos próximos seis meses.

A reduzida percepção dos pais sobre os possíveis riscos na Internet contrasta com a visão dos jovens, que, como vimos, apresentaram um olhar mais crítico sobre a questão: 72% dos usuários de Internet de 9 a 16 anos concordam com a afirmação de que há coisas na Internet que incomodam pessoas de sua idade. Isso aponta para a importância de que o uso seguro da Internet seja colocado em destaque no debate público para que pais e jovens usuários de Internet tenham conhecimento dos possíveis riscos e para que possam utilizá-la melhor, usufruindo de seus benefícios e oportunidades.

Os dados também reforçam a necessidade de posicionar esse tema na agenda de prioridade dos decisores públicos, como estímulo à formulação e à implementação de políticas pautadas pela promoção do uso seguro da Internet e pela potencialização das inúmeras oportunidades de desenvolvimento da rede.

REFERÊNCIAS

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. *Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil: TIC Domicílios e Empresas 2011*. São Paulo: CGI.br, 2012. Coord. Alexandre F. Barbosa. Trad. Karen Brito. Disponível em: <<http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-domicilios-eempresas-2011.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

_____. *Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil: TIC Educação 2011*. São Paulo: CGI.br, 2012. Coord. Alexandre F. Barbosa. Trad. Karen Brito. Disponível em: <<http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-educacao-2011.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

LONDON SCHOOL OF ECONOMICS. *EU Kids Online: Enhancing Knowledge Regarding European Children's Use, Risk and Safety Online*. Disponível em: <<http://www.eukidsonline.net>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

ENGLISH

FOREWORD

The rapidity with which children and young people are gaining access to online, convergent, mobile, and networked technologies is unprecedented in the history of technological innovation and diffusion. These changes pose parents, teachers and children the significant task of acquiring, learning how to use, and finding a purpose for the internet within their daily lives.

The benefits are to be found in relation to learning, participation, creativity, and communication. Such online opportunities are also the focus of considerable public and private sector activity, with diverse and ambitious efforts underway in many countries to promote digital learning technologies in schools, e-governance initiatives, digital participation, and digital literacy.

Along with the benefits, this access has brought exposure to a wide array of online risks, some of which are familiar in the offline world (e.g. bullying, pornography, and sexual exploitation) and some of which are new, or at least substantially reconfigured in the lives of ordinary children (e.g. grooming, abuse of personal data and privacy, geo-location tracking, unwelcome forms of sexual messaging and harassment, and facilitation of self-harm).

The rapid adoption of the Internet and other online technologies presents policy makers, governments, and industry the significant task of identifying the risks associated with Internet use. They must also develop strategies and tools to ensure that any harm associated with such risks is appropriately minimized. In recent years, children have gained access first to dial-up, then broadband and mobile Internet access at home, school, and elsewhere, acquiring new skills and expertise as a result.

The EU Kids Online network now includes 150 researchers in 33 countries in Europe. It produces and publicizes the evidence base that can underpin policy, education, and awareness-raising initiatives nationally, regionally, and internationally. It has been a pleasure to collaborate with the Center of Studies on Information and Communication Technologies (Cetic.br) to enable the conduction of a parallel study in Brazil. The findings are fascinating and important, and we hope they are widely used to help improve children's use of the Internet in Brazil.

Sonia Livingstone

Director of the EU Kids Online network and
professor in the Department of Media and Communications
London School of Economics and Political Science

INTRODUCTION

While access to the new information and communication technologies (ICT) has become essential for socioeconomic development in Brazil, the public policy agenda for digital inclusion still falls short of guaranteeing universal access. In recent years, although public policies such as the National Broadband Plan (PNBL), the Digital Cities Program, the Telecenters Program, the National Program for ICT in Education (Proinfo) and the National Broadband in Schools Program (PBLE) have fostered the growth of Internet access, they have not been able to eliminate regional and social differences concerning digital inclusion in the country.

Digital inclusion in Brazil still presents enormous disparities in ICT access and use between different geographical regions and social classes. According to the ICT Households 2011 survey, the proportion of households with Internet access in the South and Southeast regions (49% and 45%, respectively) is more than double that for the North and Northeast regions (22% and 21%). Also noteworthy is the fact that, while Internet access in social classes AB has reached European standards (96% and 97%, respectively), the less privileged classes linger at levels verging on total exclusion, since only 5% of households in classes DE have Internet access.

On the other hand, within a scenario of increasing Internet access, the debate on the digital inclusion of children gains special attention. With 27.7% of its population below the age of 16, according to data from the 2010 Census of the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), Brazil can still be considered a predominantly young country. Increasingly, these young Brazilians are using the Internet intensely in their daily life, progressively incorporating new access technologies such as notebooks, mobile phones and tablets.

With such significant levels of Internet use among the younger population, it has now become essential to understand the challenges brought about by this reality. The various types of online activities and modes of Internet use provide children with great opportunities for learning and personal growth; however, they also present situations of risk that may result in negative or even harmful experiences for users. How and where do children access the Internet? What are the consequences of this use? What is the relation between the various access devices, such as notebooks, tablets and mobile phones, and privacy in Internet use? What mediation strategies do parents or legal guardians use to help their children browse the Internet safely? In order to understand children's uses and habits, the Brazilian Internet Steering Committee (CGI.br) decided to conduct the ICT Kids Online survey, carried out in Brazil for the first time in 2012. Its main objective is to investigate the opportunities and risks associated with Internet use by Brazilian children between the ages of 9 and 16. The specific objectives are:

- To understand how children access and use the Internet, the online risks involved and how they perceive online safety.

- To outline the experiences, practices and concerns of parents and legal guardians in relation to their children's use of the Internet.

As in other CGI.br surveys conducted by the Brazilian Network Information Center (NIC.br) through its Center of Studies on Information and Communication Technologies (Cetic.br), the ICT Kids Online Brazil survey will have annual editions covering urban and rural areas throughout the country.

Aiming at adopting international frameworks and producing internationally comparable data, the NIC.br signed in 2011 a cooperation agreement with the London School of Economics (LSE), from the United Kingdom, that shared the methodological procedures for applying the EU Kids Online survey in Brazil. The conceptual and methodological framework developed by the EU Kids Online Network, led by the LSE, was applied in 27 European countries in 2010. Outside Europe, the same survey was conducted in Australia, the United States, Russia, and now Brazil. Moreover, the main result of this cooperation is the possibility of conducting comparative studies on an international scale, with Brazilian and European researchers sharing the microdata of the surveys.

This publication describes the main indicators collected in the survey and presents an analysis of these data. It should be mentioned that these figures offer vast opportunities for more in-depth interpretations which go beyond the scope of the present analysis. Thus, the results presented here refer to how children use the Internet, the activities they develop online, the risks and possible harm related to online experiences and the mediation of accessible Internet content carried out by parents and the children themselves.

The survey investigates not only children's uses and habits, but also those of their parents.

In the 2012 edition, 49 indicators have been published related to Internet use by children as well as 25 indicators on its use by parents and legal guardians.

The ICT Kids Online Brazil 2012 survey is structured as follows:

Part 1 – Articles: texts written by guest academics and experts, addressing issues related to the scope of the survey from different perspectives. They discuss, among other topics, the results of the ICT Kids Online Brazil 2012 survey with the aim of characterizing Internet use and appropriation by children and comparing data with the results of the EU Kids Online survey; the relationship between media and education, educommunication, digital literacy and the impact of ICT on pedagogical practices; Internet safety, studying factors associated with safe Internet use among children and describing strategies to encourage safe Internet use; and the development and implementation of public policy from the perspective of inclusion and the promotion of human rights.

Part 2 – Methodological report and analysis of results: a description of the sample plan of the survey, the sample profile and an analysis of its main results. In the methodological report of the study, readers will find all the information related to the sample plan and the processes of field data collection. The analysis of results includes a discussion on the main results of the survey and their implications regarding the opportunities and risks involved in Internet use.

Part 3 – Tables: selected indicators for the main respondents of the survey – “children” and “parents.” The tables of results are broken down by geographic region, age group and sex of the child, among other variables.

In its first edition, the ICT Kids Online Brazil 2012 survey brings important contributions to the debate on the relationship between technology and childhood, revealing evidence that should be heeded by those responsible for implementing public policy related to the protection and rights of young Internet users.

We hope the reading of the results of this first edition of the ICT Kids Online Brazil 2012 survey will inspire readers to reflect on the social implications of Internet use in Brazilian society.

Alexandre F. Barbosa

Center of Studies on Information and
Communication Technologies – Cetic.br

ARTICLES

COMPARING RESULTS ON INTERNET ACCESS AND USE: BRAZIL, PORTUGAL AND EUROPE

Cristina Ponte¹ and José Alberto Simões²

INTRODUCTION

Comparing uses of the Internet and other digital technologies in various regions of the world avoids misconceptions such as believing that our country is unique when it is not necessarily so, or thinking that it similar to others when it might not be (HASEBRINK et al, 2009). However, the task faces limitations inherent to comparative analyses such as the variability of national (and regional) contexts, and how they influence the results and their interpretation (LIVINGSTONE, 2003). This invites reflection concerning this brief comparison between results of the EU Kids Online 2010 survey, conducted in 25 European countries, and the ICT Kids Online Brazil 2012 survey. Even though the issues surveyed are identical, this does not solve problems arising from national specificities.

For obvious reasons we will focus on the Portuguese case, as well as for its specificity in the European context. One of its peculiarities is the significant public investment in digital technologies in the early 2000s. Between 2005 and 2010, digital infrastructures were setup, public services were computerized, and public access networks were created. This “technology shock”³ also resulted in equipped schools, teacher training, and facilitated access for students and teachers to low-cost laptops. Adoption by Portuguese families with lower incomes has led to a real democratization of access to these goods: in a country with around 10 million inhabitants, more than 1.6 million laptops (including 400,000 *Magalhães*⁴) had been acquired by 2010.

¹ Doctoral degree in Communication Sciences and a certified professorship in Media Studies and Journalism. Professor in the Department of Communication Sciences in the College of Social Sciences and Humanities at the New University of Lisbon and a member of the Media and Journalism Research Center (CIMJ). She coordinates the Portuguese EU Kids Online survey team.

² Doctoral degree in Sociology from the College of Social Sciences and Humanities at the New University of Lisbon, where he lectures in the Sociology Department. Researcher at the New University Center for Sociology Studies (CESNOVA) and member of the EU Kids Online survey network.

³ See <http://www.planotecnologico.pt/document/Programa_EstabilidadeCrescimento.pdf>. Accessed on: May 20, 2011.

⁴ A netbook developed for 6- to 11-year old children with educational software.

The impact of this measure is evident in the country's leadership in terms of laptops to access the Internet and in the high proportion of references to the bedroom as a place where Portuguese children access the Internet, as will be shown. While these measures have helped to alleviate the "digital gap" in Portuguese society, critics have pointed to their political opportunism, coupled with the rhetoric of the "information and knowledge society", which tends to overrate technology and emphasize acquisition rather than use.

Because it is necessary to examine practices and contexts surrounding the appropriation of technologies, in this chapter we will analyze conditions and resources associated with access, skill and uses declared by children in Brazil and Europe.

A DIGITAL GENERATION?

Although the proportion of young Europeans who use the Internet and other technologies is significantly higher in many countries than that of later generations, the data also reveal heterogeneity of access and use by the younger population, associated with distinct social contexts. This fact illustrates why it is not correct to generalize with the term "digital natives".

DiMaggio, Hargittai et al (2001) present five dimensions that may make a difference: the technical means available (hardware, software and content, and Internet connection quality), autonomy of use (location of access and the freedom to use the medium for preferred activities), usage patterns (the most frequent and most sporadic types of use), social support networks (availability of others to help with use and the size of networks that encourage use), and skills (the ability to actually use the medium).

As such, the question of "to have or not to have", one of the first approaches to the "digital gap" problem between populations (VAN DIJK, 2006), has been replaced by the question of use – i.e. how each person makes use of the available technologies (DIMAGGIO et al, 2004; HARGITTAI, 2008; HARGITTAI and HINNANT, 2010). Thus appears the distinction proposed by Hargittai (2002, 2008) of two levels of "digital divide": the first considers access to digital technologies based on their possession and frequency of use, and the second focuses on the usage profiles and presupposed skills. Even if access corresponds to the basic and necessary conditions "digital inclusion", it is not sufficient to ensure equal opportunities to exploit the available technologies.

Considering the factors at play as a whole, the questions of access and the skills and abilities needed to take advantage of such access are not simply determined by technology. If the home environment favors a more personal use and experimentation centered on individual interests, places such as schools or youth centers may provide environments for training and digital literacy that many families cannot provide.

A FIRST LEVEL OF DIGITAL DIVIDE: ACCESS, RESOURCES, AND FREQUENCY OF USE

The European survey focused on children (9-16 years old) who had used the Internet at least once in the previous twelve months. Eurostat estimates indicated four southern countries having Internet access below 70% (Italy, Greece, Turkey, and Cyprus). Portugal rated 78%, reflecting the impact of recent policies.

Two distinct groups – North European countries (Denmark, Finland, Ireland, the Netherlands, and the UK) and the East European countries that transitioned to market economies in the 1990s (Bulgaria, the Czech Republic, Slovenia, Estonia, Hungary, Lithuania, and Poland) – achieved proportions over 90%. While in the northern countries, adults led in most frequent use of the Internet, in the eastern countries, children entered rapidly in the digital world, resulting in a more pronounced gap between generations than in the south (for differences in European families see Paus-Hasebrink et al, 2012). Thus, the digital landscape in Europe is far from homogeneous.

The socioeconomic differences of the more than 25 thousand households interviewed, selected by the level of education and occupation of the head of the household, indicate a relatively balanced distribution: 34% hold high socioeconomic status, 42% medium, and 19% low. Portugal stands out for having a pyramidal shape: 53% hold low socioeconomic status, 32% medium, and 15% high.

In 2011, while Europe was in a period of economic stagnation or even recession – particularly serious in southern countries – Brazil emerged in a phase of economic dynamism. Cetic.br data for this year show that among classes AB Internet access in homes ranged between 76% and 96%. Among class C homes 35% had Internet access at home, while in class DE homes the proportion remained residually at 5%. On the other hand, for an estimated 45% with Internet access in the population, children were in the leadership: around two-thirds of those between 10 and 24 years old had accessed the Internet in the previous three months, while for 5- to 9-year-olds this proportion was 24%.

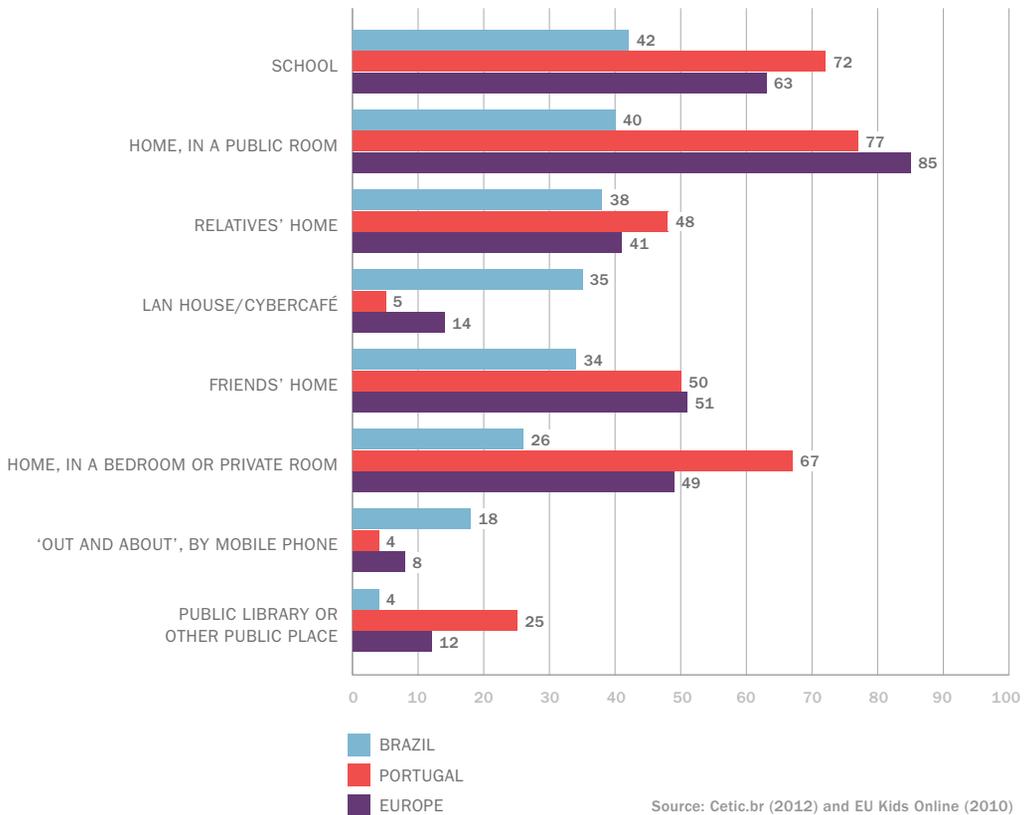
AGE AT FIRST ACCESS

The length of digital experience is a differentiating factor for skills and an indicator of the level of Internet penetration in a country. In 2010, the European average for first Internet access was 9 years old, ranging from 7 in Sweden to 11 in Greece. In Portugal, it was 10 years old. In Brazil, in 2012 children below 10 years old accounted for 44% of respondents, but nearly a third (31%) had begun to use the Internet at 11 or more years of age. These differences are particularly evident in social classes: among those who began using the Internet after 11 years of age, 18% are in classes AB, about a third are class C, and almost half are classes DE (47%). This emphasizes the inequality of starting points among these “digital generations”.

LOCATION OF ACCESS

Among Brazilian children who use the Internet, the home stands out as the main location of access (60%), although with numbers well below the European average (87%) and that of Portugal (92%) – here for the previously mentioned reason of access to personal laptops. For the different location of access inside and outside the home (Chart 1), the school ranks first, followed by a public room in the home, friends' homes, and LAN houses. More private access, such as in the bedroom, is well below European results and far from the Portuguese. On the other hand, Internet access via mobile phone is quite ahead of the European average, which might have resulted not only from mobile phone incentive policies but also from the two-year gap separating the European and Brazilian surveys.

CHART 1
LOCATION OF ACCESS IN BRAZIL, PORTUGAL AND EUROPEAN AVERAGE



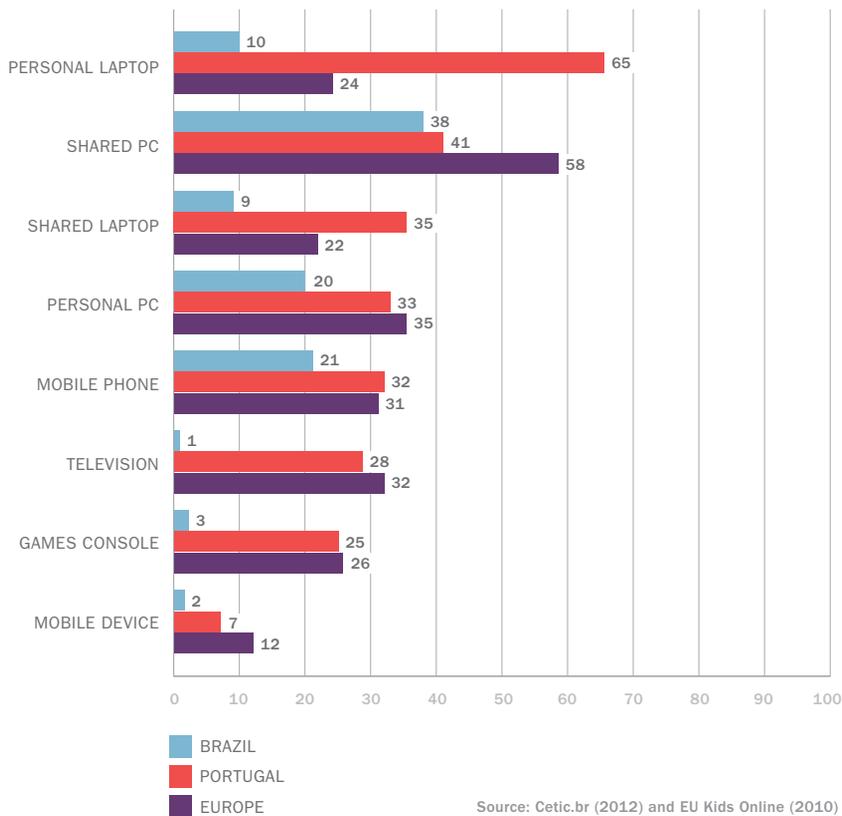
However, the question remains as to how the diversity of access options is used. For example, do those with mobile phone access only use this method? Do those who access the Internet in public rooms in the home also access it in their bedrooms? Do some only have access at school or in LAN houses?

Portuguese children appear among the most frequent users of free Internet access in libraries and other public places: 25% (fourth, behind Finland, Lithuania, and Estonia) against the European average of 12%. These digital spaces in libraries and youth centers may constitute important contexts for a less restrictive use than that of schools or some homes, allowing for learning and practicing skills while conducting mobilizing projects. Even so, this was not revealed in the 2011 survey in Portugal (PONTE, 2011).

TECHNOLOGICAL RESOURCES FOR ACCESS

As seen in Chart 2, while Portugal differs from the European average in access to laptops, personal or shared, Brazil coincides when shared PCs are placed first, but the reasons for this coincidence may vary. Mobile phones come ahead of personal PCs, TV access is quite low, and the high weighting of the “other” category corresponds to computers used outside the home, in LAN houses, for example.

CHART 2
EQUIPMENT USED TO ACCESS THE INTERNET IN BRAZIL, PORTUGAL AND EUROPEAN AVERAGE



These results on equipment also raise questions of distribution: who accesses the Internet solely through private means, whether mobile or PC? Who does not have any access, and who has an array of means? How does this vary by age, gender, or social class?

FREQUENCY OF USE

Frequency of access allows us to investigate to what extent the Internet is part of everyday life. Despite favorable access conditions and ownership of means of access, frequent Internet use (“every day or almost every day”) in Portugal is below the European average (57%), with 52% among users with fewer socioeconomic resources.

In Brazil, frequent use is at 47%. While 66% of classes AB access every day or almost every day, less than half of class C (45%) and only 17% of classes DE are frequent users. Of these, nearly one third (31%) reported accessing the Internet once or twice per month or less.

In summary, in this first level of digital divide, despite the rapid growth of Internet penetration in Brazilian society and the leadership position of children, significant differences were found among the youngest: a high number still remains digitally excluded, and among those who access the Internet, there is a marked social difference regarding privacy of equipment and location as well as of frequency.

A SECOND LEVEL OF DIGITAL DIVIDE: ACTIVITIES AND SKILLS

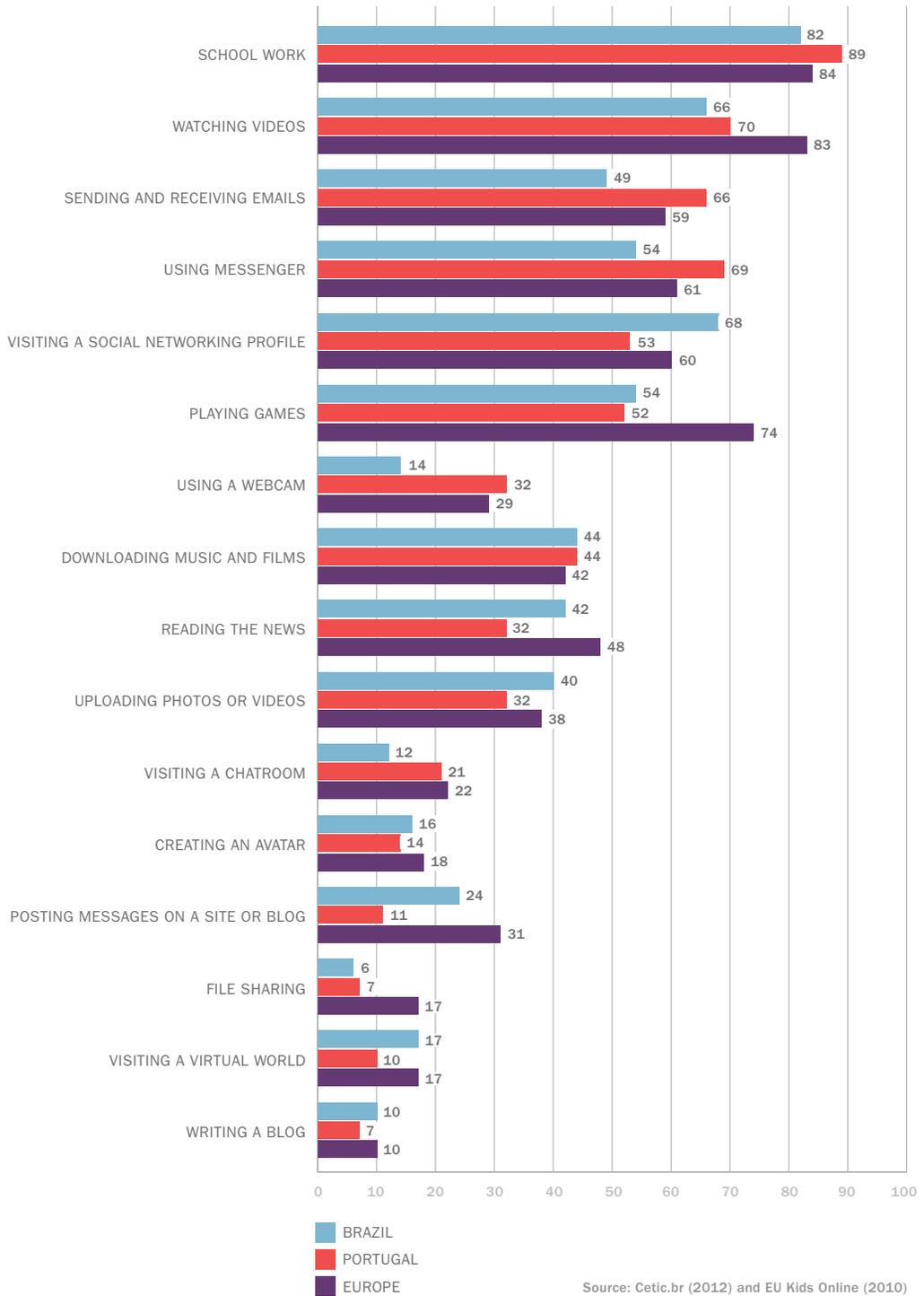
One of the most common expressions used to describe Internet activities is “ladder of opportunities”, with children progressing children, from the lower rungs to the top level (LIVINGSTONE; HELSPER, 2007). The first step – seeking and receiving available information – defines basic use; the second is moderate use, adding games and email; the third, extended use, includes instant messaging and downloading music; and the fourth, full use, is characterized by interactive, diverse and creative activities. Only a minority reaches the top, which now includes attention to social networking. This hypothesis is extremely useful to distinguish types of use. On this point, the European survey revealed differences by age (principally) and gender, rather than social inequalities (HASEBRINK, 2012).

Chart 3, which presents the range of activities reported by children for Brazil, Portugal, and Europe (in average), shows greater proximity than previous charts. Despite differences in access, we have a culture of Internet uses that almost always coincide with the rungs of the “ladder of opportunities”.

The range of activities is indeed narrow. Of the 17 suggested in this survey, six are cited by more than half of respondents in a transnational denominator: school work, watching videos, exchanging emails, instant messaging, games, and social networking. For Europe, in addition to school work, the leading activities are those related to content available on the Internet (YouTube and games). For Portugal, communication practices via email and instant messaging stand out, while for Brazil this position is occupied by social networking. Here again the effects of time may be felt, popularizing social networks.

The six activities that incite exploration of virtual space, creativity, and participation generally cover less than one-fifth of Internet users. Thus, the highest rung of the “ladder of opportunities” is occupied by only a small minority.

CHART 3
ACTIVITIES CITED IN BRAZIL, PORTUGAL AND EUROPEAN AVERAGE



In Brazil, Internet use for schoolwork, the most cited activity, is nevertheless a sporadic practice: 49% perform it once or twice a week and 38% once or twice per month. At the other extreme, social networking and messaging are daily practices for more than half of respondents (53%). More than a third mentions Internet uses associated with games, music, and communication (posting messages and sending e-mails). Seeking contact and using the web for consumer practices are more common among Brazilian children, and activities related to school learning are secondary – a separation of spheres.

In comparison with the European results (LIVINGSTONE; ÓLAFSSON; STAKSRUD, 2011), and not forgetting the time difference between surveys, social networking among younger Brazilian children is notable. In 2012, for 9- to 10-year-olds, almost half are already there – 42% compared to the 2010 European average of 24%. However, this difference diminishes among teenagers. The lack of social networks geared towards children and young students (such as Nasza-Klasa, Poland, and Schüler VZ, Germany), so very popular in some European countries, the desire to integrate with peers and the pressure to be on the social network “where everyone else is” seem to have a very strong expression among Brazilian children, defying a better understanding of their practices and how such practices can be performed safely.

DIGITAL SKILLS AND LITERACY

The investigation on digital literacy considered variety and intensity of Internet activity frequency, self-assessment of personal effectiveness (in questions such as: “I know many things about the Internet” and “I know more about the Internet than my parents”) and eight actual safety skills were considered. The latter applied only to those over 11 years of age.

The comparison between the European and Brazilian results reveals proximity in skills such as bookmarking favorite sites (64%-63%, respectively), changing privacy settings (56%-54%), clearing browsing history (52%-50%), or changing filter preferences (28%-31%). However, Brazilian teenagers cite less knowing how to block unwanted advertisement (51%-44%), finding information on how to use the Internet safely (63%-55%), and comparing different sites to decide if information is true (56%-41%).

Three quarters of Brazilian children believe they know more about the Internet than their parents, and this statement varies little by social class: 68% of children in classes AB, 77% in class C, and 78% in classes DE. These values suggest a generational difference that is felt more in Brazil than in Portugal and Europe (in average). Indeed, in Portugal only 28% of children with better socioeconomic standing think they know more than their parents, and that figure grows to 65% in less advantaged households.

This second digital divide level seems to reveal a “transnational culture” based more on wanting to be in contact with others and following what “everyone follows” than on taking advantage of the potential uses of the Internet to be more creative and participatory. The generational difference is even clearer in Brazil, affecting children of all social standings. This result may be one of the most important issues for future studies on generational relations in Brazilian families.

CONCLUSION

Despite the sharp increase in Internet penetration in Brazil and in various European countries, and the fact that children and young people are the biggest users in many countries, there remain differences in access conditions and means that reflect social inequalities between (and within) countries. "Digital natives" are not a homogeneous group, and a part of the younger population remains offline or with less favorable access options. Even though the differences between Brazil and Europe are notable in terms of access, they tend to diminish in terms of use and skills. Although this brief comparison presents differences and similarities between children in Brazil and Europe in Internet access and use, a need still exists for more in-depth comparative analyses that explore other paths. We are committed to working together for these analyses.

REFERENCES

- DIMAGGIO et al. Social Implications of the Internet. *Annual Review of Sociology*, n. 27, p. 307-336, 2001.
- DIMAGGIO et al. Digital Inequality: From Unequal Access to Differentiated Use. In: NECKERMAN, K. (Org.). *Social Inequality*. Nova York: Russell Sage Foundation, p. 355-400, 2004.
- HARGITTAI, E. Second-level digital divide: difference in people's online skills. *First Monday*, n. 7, v. 4, 2002. Available at: <<http://webuse.org/pdf/Hargittai-SecondLevelFM02.pdf>>.
- HARGITTAI, E. The Digital Reproduction of Inequality. In: Grusky, D. (Org.). *Social Stratification*. Boulder: Westview Press, p. 936-944, 2008.
- HARGITTAI, E.; HINNANT, A. "Digital Inequality: Differences in Young Adults' Use of the Internet". *Communication Research*, v. 35, n. 5: p. 602-621, 2008.
- HASEBRINK, U. Young Europeans' online environments: a typology of user practices. In: LIVINGSTONE, S.; HADDON, L.; GÖRZIG, A. (Org.). *Children, risk and safety on the Internet*. Bristol: The Policy Press, p. 127-139, 2012.
- HASEBRINK, U.; LIVINGSTONE, S.; HADDON, L.; ÓLAFSSON, K. (Org.) *Comparing children's online opportunities and risks across Europe: Crossnational comparisons for EU Kids online*. London: EU Kids online/LSE, 2009. Available at: <<http://www.eukidsonline.net>>.
- LIVINGSTONE, S. On the Challenges of Cross-National Comparative Media Research. *European Journal of Communication*, v. 18, n. 4, p. 477-500, 2003.
- LIVINGSTONE, S.; HELSPER, E. J. Gradations in digital inclusion: children, young people and the digital divide. *New Media & Society*, n. 9, p. 671-696, 2007.
- PAUS-HASEBRINK, I.; BAUWENS, J.; DUREGER, A; PONTE, C. Exploring types of parental-child relationship and Internet use across Europe. *Journal of Children and Media*, n. 6, v. 6, 2013. DOI:10.1080/017482798.2012.739807.
- PONTE, C. A rede de espaços Internet: entre paradoxos e desafios da paisagem digital. *Media e Jornalismo*, n. 19, p. 39-58, 2011. Available at: <http://www.cimj.org/images/stories/docs_cimj/cp_19.pdf>.
- VAN DIJK, J. Digital divide research, achievements and shortcomings. *Poetics*, 2006, 34(4-5), p. 221-235.

CHALLENGES FOR PUBLIC POLICY: RISKS AND OPPORTUNITIES GO HAND IN HAND

Drica Guzzi¹

Initiatives such as the ICT Kids Online 2012 survey, the result of an agreement between the Center of Studies on Information and Communication Technologies (Cetic.br) and the London School of Economics (LSE) to bring to Brazil the methodology used in the European EU Kids Online survey, clearly foster a more active approach and articulation between Brazilian and international researchers. Moreover, the direct effect of aligning certain indicators enables comparative analyses, thus increasing the understanding of Internet use and its consequences.

In analyzing and developing understanding and meaning, we must also beware of falling into universalizing simplifications or easy ideological/fundamentalist positioning. The complexity of modern times requires caution and subtlety in interpreting data and versions of the facts. We are facing a multiplicity of versions (or subversions?) and are constantly challenged to produce coherent narratives in ambivalent and transitory contexts. As such, this study is a major opportunity (and a major risk) to broaden our understanding of the Internet universe and its relations involving parents and children, teachers and students, and friends and relatives. The hope is that this will at least encourage debates and therefore more intelligent public policies on significant issues.

Abusing the limits of synthesis and generalization, we have the following situation²: Children are “programmed” to learn and and evolve, in order to take part in the game of life – be beautiful, grow up, earn their daily bread, make friends, care for relatives, avoid danger, fight enemies, find partners, raise children, become old and wise, and die. However, people, as children, stumble upon a bizarre new world full of frustrating responsibilities and counterintuitive ideas: at school, for example, they must be silent and learn math (nothing against math). Later, young people must find jobs, perhaps live far from friends, ignore relatives, drive cars, drop off the kids at daycare, and become burdens in old age.

¹ Master's degree and doctoral candidate in Communication and Semiotics from the Pontifical Catholic University of São Paulo (PUC-SP). Researcher at the New Education Communication Technologies Center – School of the Future, at the University of São Paulo (USP). She is the author of *Web e Participação: a democracia do século XXI*, published by Editora Senac and awarded third place at the 2011 Prêmio Jabuti.

² Passage taken and adapted from *Darwin vai às compras – Sexo, evolução e consumo* (*Spent: sex, evolution, and consumer behavior*), by Geoffrey Miller.

Children face this new world with minimal guidance. In general, parents are out all day earning money, buying things, and becoming more beautiful and more special to attract the attention of other men and women. High school teachers rarely explain the (ambivalent) world of consumerism, and at university the lectures are usually histrionic and disturbing.

Thus, nearly everyone grows up confused, goes through life confused, and dies confused.

INTERNET USE AND RISK PERCEPTION: THE ROLE OF PARENTS IN INTERNET LEARNING AND SAFETY

This paper has two objectives. The first is to describe and indicate some possibilities to interpret the ICT Kids Online 2012 Brazil survey data in the context of mediation of use and perception of online risks (considering that mediation by parents, teachers, and friends directly affects the manner in which children conduct their Internet activities – access conditions, habits, attitudes, and digital skills). The second objective is to suggest some ways to, based on the analysis of the indicators, better combine the best aspects of social life with the new and modern information and communication technologies.

IS IT POSSIBLE TO KNOW “WHERE” YOUR CHILD IS NOW?

The increasing integration of children with the Internet and the appropriation of knowledge through Internet use have substantially affected forms of formal and informal learning and consequently students' relationship with the school. As such, in facing these new challenges, children, parents, teachers, and educators must adopt new behaviors.

With the advent and expansion of broadband, in addition to falling computer prices and advances in mobile telephony, the Internet has become much more accessible to a great part of the population that enjoys an average standard of living. The survey shows that accessing the Internet at home from locations other than the living room (such as the bedroom, or via mobile phone through wireless connection) is now possible at any time.

According to the ICT Households 2011 survey, 38% of Brazilian households have Internet access (up from 18% in 2008), and the percentage of Internet users (with access in the three months prior to the survey) is 45% – up from 34% in 2008. This is a significant increase, but it is worth noting that we are still far from having universal and quality access in Brazil.

If we analyze Internet users by age, the proportion of young people is high: around 70%, among 13- to 16-year-olds. Additional to Internet access is the mobile phone phenomenon in Brazil. The survey shows that mobile technology is the second most present in households, only behind television. It is part of everyday life for 87% of households in the country, while TV reaches 98%. In 2008, only 72% of households had mobile phones.

Today, children may be in the digital world while in the living room or bedroom, in front of a computer or laptop, or talking, texting, or posting pictures via mobile phone. In short, they are living in the 21st century.

Likewise, public and private schools can no longer conceive of young people's learning without considering this contemporary global context. The physical space of the classroom and school is no longer adequate to support the essential assumptions of educators and students for transforming the global educational model.

A little over a decade ago, the vast majority of educators and parents could hardly imagine the radical transformation that would occur in learning, bringing irrefutable benefits, but neither could they predict the potential "risks" of ceaseless interconnection.

Are parents able to monitor what their children do when they are on the Internet? On the other hand, do children realize how much their parents know what they are doing when they are online? Do the young want their parents to be more interested, or less? According to the perceptions of children, how do parents usually guide Internet use? To what extent do parents authorize the use of the Internet for online chatting, sending messages, posting pictures etc.? Do parents verify which sites their children visit or their emails and instant messages? Do parents interfere with the information contained in their children's social networking profiles and other online communities?

According to the ICT Kids Online Brazil 2012 survey, 37% of parents or legal guardians believe it not at all likely that their children will experience being bothered or embarrassed by online content over the next six months: 31% think it not very likely, 14% think it fairly likely, and 7% think it very likely. Adding the percentage of those who believe their children will not be bothered or embarrassed and of those that believe it unlikely results in a total of 68%, which may indicate that parents or legal guardians have a certain degree of tranquility or confidence about their children's safety from bothersome material on the Internet. Yet when asked about their ability to help their children deal with situations that might bother or embarrass them, 25% believe themselves a lot capable, and 35% consider themselves fairly able to do so.

Analyzing both answers together, it is clear that, on the one hand, nearly 70% believe their children will not suffer some kind of embarrassment in the next six months, while on the other, almost 40% believe themselves able to provide little or no help (2% do not know if they could or not).

This suggests a few hypotheses: most parents (68%) trust that their children will not suffer embarrassment – because they think their children use the Internet safely, or that it is secure, or because their children do not get into trouble either online or offline. In short, this perception may be not only in relation to the Internet but also to life in general.

When asked if they believe their children use the Internet safely, 71% said yes, while 30% said no (22%) or do not know (8%). If the vast majority of parents are not alarmed but confident about their children's safety on the Internet, it is clear that the fact that 30% are in doubt about their children's safety is an issue that deserves special attention by parents and educators.

The proportion of parents or legal guardians who believe their child has gone through an embarrassing or bothersome situation when using the Internet in the last 12 months was only 6%, while 89% believe not, and 4% do not know. Again, although the proportion of parents or legal guardians who responded "yes" is much lower than of those who answered "no", 6% is a significant result and deserves greater consideration, depending on the type of bother

or embarrassment that the child has suffered. Another important point is that the high rate of response from parents who do not believe their child has gone through an embarrassing or bothersome situation may indicate a detachment between parents and their children's activities, which would hinder the reporting of any such situation.

When questioned about their own Internet use, 47% of parents or legal guardians said they use it, and 53% said they do not. Of those who use the Internet, 44% access it every day or almost every day, 35% access it once or twice a week, 12% access it once or twice a month, 6% use it less than once a month, and 2% responded that they do not know.

It is interesting to observe here that adding the percentage of parents who use it once or twice a month, of those who use it less than once a month, and of those who did not know (considering this an indication of low frequency of use) to the percentage of parents who do not use the Internet, the result shows that for 62% of parents the Internet has no or virtually no presence in their lives. And in fact, these are the parents who must deal with this new condition of possibilities that is the Internet in the lives of their children.

The results for the multiple-choice question asking parents or legal guardians which sources they used to obtain information about safe Internet use showed that television, radio, newspapers, and magazines are the means for 52%. 37% learn from family and friends, 28% from their children's school, 9% from Internet service providers, 8% from websites with safety information, 7% from the government, and 7% from their children. 18% said they did not seek information on Internet safety.

These results demand consideration by researchers, analysts of academic and government studies, parents, educators, and the media in general – in short, all those who are responsible for or depend on the Internet.

Although many parents believe children can learn more about the Internet than they themselves, the responses indicate that parents look elsewhere for information on safe Internet use. Perhaps this is a symptom of lack of dialogue or of detachment from the processes involving Internet use (at home, at school, or 'out and about'), and, going a bit further, from their children's process of learning in school and in social environments they may find outside the home.

The next question on sources desired by parents or legal guardians to obtain information on safe Internet use provides a better understanding of parents' expectations as mediators of their children's Internet use. The answers to this multiple-choice question are quite revealing.

If, in the previous question about which sources parents or legal guardians actually use for information on safe Internet use, the school rated 28%, when asked from which sources they would like to receive information, the majority (61%) indicated the school as the main source for this information. The gap between reality and desire – between 28% and 61% – is 33 percentage points, which, in a survey such as this, is highly significant. This result indicates how much the school can move forward as a space for qualified dialogue addressing, among other issues, Internet use and safety. Another consideration is whether this expectation is an idealization of the school or a transference of responsibility.

Another revealing result (and, in our view, an important one) is that 30% want the government to provide more information on safe Internet use. Here, the gap between reality and desired is less than that for schools, but it is quite high (23 percentage points). Government at all levels

should pay attention to this fact because it also demonstrates the survey population's confidence in governmental actions to assist in parent or educator mediation in youth development.

The desire to obtain information from children is 8% (practically the same as the 7% who cite the child as the actual source). If, on the one hand, there is virtually no gap between reality and desire, the fact that the child as a source comes in last place for desired source of information on safe Internet use may lead to certain hypotheses – i.e. either a decreased sense of authority or a feeling of inferiority in parents, the possibility of children taking greater risks when they realize their parents do not understand much on the subject, parents not being in the habit of learning from their children, communication difficulties on both sides (parents and children), the view that parents should educate and children should obey, children's arrogance in considering themselves more knowledgeable than their parents, and, finally, historical, social, cultural, and economic issues that constitute and influence the habits, values, and customs of society in general.

CHILDREN IN RELATION TO INTERNET USE AND THEIR PARENTS

The data in the ICT Kids Online Brazil 2012 survey tables on mediation (Tables E1 to E15) showing the children's point of view on Internet use and safety habits are important material for research and further analyses about Internet learning mechanisms. As they are broken down by region, gender, education of parent or legal guardian, age group (9-10, 11-12, 13-14, 15-16), family income, and social class (AB, C, DE), the data offer many possibilities for cross-correlating and closely observing specific aspects of the life of young people and parents or legal guardians based on their choices in the digital world.

For example, when children were asked how much they think their parents know what they do on the Internet, 38% responded a lot, 35% responded quite a bit, 17% responded just a little, and 10% responded do not know.

When asked about what Internet activities they performed in the last month, with the option of multiple responses, the highest percentages were for school work (82%), visiting social networking profiles (68%), watching videos (66%), playing games with others on the Internet (54%), and instant messaging (54%). The other answer choices were below 50%.

When children were asked if they wanted parents or legal guardians to take more or less interest in what they do on the Internet, the following picture emerges: 19% want much more, 24% want a bit more, 50% think it is fine the way it is, and the final 8% are split between a little less (5%), a lot less (2%) and do not know (1%).

Although exactly 50% want everything to remain as it is, 43% want their parents to be either more, or a little more, interested in what they do on the Internet. The desire that parents be much more interested is higher for younger children (9- to 10-year-olds) and classes DE. This indicates that although the question refers specifically to what they do on the Internet, perhaps this desire for greater parental interest is not only about what they do on the Internet, but in their lives in general. The wish for increased concern regarding Internet use decreases as children grow older.

According to the children's perception of the kind of guidance that parents or legal guardians usually give their children for Internet use (multiple choice question), 74% reported that their parents talk about it, 54%, that they stay nearby when the Internet is being used, 45% sit together (watching what is done but not joining in), 35% encourage exploring and learning things on the Internet without help, and 35% do shared activities on the Internet. Apparently, there is a perception of parental presence in guiding Internet usage, although children wish that this presence were intensified.

The data for stimulated response Item E12, asking if the children received guidance on Internet use from a friend, are revealing. 61% responded that a friend helped them do something on the Internet that the child did not understand, 41% said a friend suggested ways to use the Internet safely, 40% said a friend explained why some sites are good and others bad, 31% said a friend suggested how to behave with others on the Internet, and 19% said a friend helped when the child found something bothersome or upsetting on the Internet.

When the question was reversed – i.e. when children were asked if they had suggested ways of safe Internet use to a friend (Table E13) – the percentage dropped: 47% said yes and 53% said no. In other words, among respondents the perception is that they were helped more than they helped.

This group of responses is particularly interesting when related to contemporary way of living, in which dialogue among friends is significant in learning, developing skills, socializing, and receiving encouragement and feedback from peers.

The survey also asked children if teachers gave guidance on Internet use. 51% said the teacher explained why some sites are good and others bad, 46% said the teacher talked directly about what the child does on the Internet, 44% said the teacher suggested ways to use the Internet safely, 10% indicated they had help from the teacher when something was bothering or troubling them. It seems that slightly more than half (51%) of children perceive some kind of guidance and/or help from their teachers, which could be good news. On the other hand, nearly half did not indicate any teacher involvement in matters of this nature.

When asked about advice sources on safe Internet use, children mentioned other relatives and teachers as the most common (59% and 55%, respectively), and 33% considered traditional media (television, radio, and newspapers) and shops as sources of advice on safe Internet use. This is an interesting difference (probably generational) on qualified information sources on Internet safety. For parents or legal guardians traditional media holds greater importance (52%).

GREATER LEARNING OPPORTUNITIES, GREATER RISKS

However, is there a “right” way for young people to enjoy only the opportunities offered by the Internet? This raises a very important issue: type of access determines use. It is one thing to access the web half an hour every two weeks and quite another to have broadband access five days a week. Efforts to increase opportunities may increase risks, and, conversely, efforts to minimize risks may limit opportunities for children.

Young people today who stay up-to-date with technological innovations want to enjoy their benefits, socializing and communicating with people from different backgrounds, and this is fundamental to developing their subjectivity and self-awareness as well as allowing them to discover their own interests and vocations. To do this requires knowing, experiencing, investigating, testing, taking stands, receiving feedback (primarily from their peers). Unfortunately the school, following traditional education molds, is no longer the fundamental space for this.

In general, the education provided in schools is not attractive to young people eager to learn new things and develop skills and knowledge, and the school is losing its position as a place of interest in and motivation for learning.

Students are learning to live, to think together, and to have opinions, and there is great incentive outside the classroom for discovering new things. It is also up to parents to encourage and monitor their children's learning process, living closer to this reality that was not part of their own childhoods.

Access to mobile phones, for example, is not only about access to technology and recreational communication. The explosion of geolocation applications, for example, is starting to affect the way people (especially young people) see and inhabit the space in which they live. Collective intelligence is beginning to be understood not only as website actions and creation, social networking, and collaborative applications, but also as coordinated action in the physical space of cities.

In turn, the school is a special place that offers some protection for Internet connections, which is positive. However, does it make sense nowadays for young people to spend much of their lives disconnected from life processes in general, absorbing information, grammatical concepts, science, and arts that are selected and linearly ordered?

Teachers and students should not talk about grades, but about who they are, and how they do the things they do. These are people who are working together, trying to solve common problems. Both students and teachers should be more interested in each other. Their focus should be not only on developing technological skills but on analytical skills, thinking, discussion, sociability and human relationships. For this, a context of observation is fundamental – a design of listening to and observing oneself and others.

The role of parents is essential in channeling and empowering the individual interests of their children, who seek a reinvention of learning through search processes and want specific knowledge that can develop their skills and also expand their discerning capacity, not restricting right and wrong only to official versions of the school curriculum.

Thus, with the massive presence of children on the Internet, it can be seen as a space for the exercise of a public education policy aimed at developing society as a whole. Instead of addressing the issue in isolation or as a burden, the school may be thought of as a social responsibility strategy and mediator of a more distributed network of people and institutions. How can we involve students in processes of citizenship and intervention in real life? What kind of society do we want to build?

Finally, Cristina Ponte's comparative analysis between Kids Online research in Portugal and Brazil (PONTE, 2012) should be mentioned. According to her, despite the rapid growth of Internet connections and the leadership position of children, Brazilian society registers marked differences compared to Portuguese society that should be noted: the fact that a large number of people still remain digitally excluded and the significant social differences in access, resources, and frequency of Internet access. Based on these data, she asks, "How do these differences influence uses, activities, skills, and consumption practices, and what strategies of digital inclusion should be fostered?"

These are still challenges that we – researchers, digital inclusion activists, networked players – wish to overcome.

REFERENCES

BRAZILIAN INTERNET STEERING COMMITTEE. *Dimensions and characteristics of the Brazilian Web a study of the gov.br*. Available at: <<http://cgi.br/publicacoes/pesquisas/govbr/cgibr-nicbr-censoweb-govbr-2010-en.pdf>>.

_____. *Survey on the use of Information and Communication Technologies in Brazil – ICT Kids 2010*. Available at: <<http://op.cepro.br/cgi-bin/cetic/tic-criancas-2010.pdf>>.

COSTA, Rogério. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. In: *Interface - comunicação, saúde, educação*, v. 9, n. 17, p. 235-48, Mar/Aug, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trans. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, v. 1, 1997.

DIMANTAS, Hernani. *Linkania: a sociedade da colaboração*. Dissertation (Masters in Communication and Semiotics) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

GIARDELLI, Gil. *Você é o que você compartilha*. São Paulo: Editora Gente, 2012.

GUZZI, Drica. *Web e Participação: a democracia no século XXI*. São Paulo: Senac, 2010.

_____. Para desvendar as novas formas de fazer política. *Outras Palavras*, 2012. Available at: <<http://www.outraspalavras.net/2012/10/04/para-desvendar-as-novas-formas-de-politica/>>.

ITO, M.; HORST, H.; BITTANI, M.; BOYD, D.; HERR-STEPHENSON, B.; LANGE, P. G.; PASCOE, C. G.; ROBSON, L. et al. *Vivendo e aprendendo com os Novos Meios de Comunicação: Resumo das Descobertas do Projeto Juventude Digital*. Illinois (EUA): The MacArthur Foundation, 2008.

LATOUR, Bruno. *Reassembling the social: an introduction to actor- network-theory*. New York: Oxford University Press, 2005.

_____. *Jamais fomos modernos*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2008.

LIVINGSTONE, S.; ÓLAFSSON, K.; STAKSRUD, E. *Social networking, age and privacy*. London. 2011. Available at: <<http://www2.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/EU%20Kids%20Online%20reports.aspx>>

MILLER, Geoffrey. *Darwin vai às compras – Sexo, evolução e consumo (Spent: sex, evolution, and consumer behavior)*. Rio de Janeiro: Editora Best Business, 2012.

PASSARELLI, Brasilina. *Interfaces digitais na educação*. São Paulo: Escola do Futuro da USP, 2007. p. 39-40.

PASSARELLI, Brasilina; AZEVEDO, José (Org.). *Atores em Rede: Olhares Luso-Brasileiros*. São Paulo: Editora Senac, 2010. p. 10-14.

PASSARELLI, Brasilina; GUZZI, Adriana Araújo et al. *Poline 2009*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Núcleo de Pesquisa das Novas Tecnologias de Comunicação Aplicadas à Educação – Escola do Futuro, Observatório da Cultura Digital, 2009.

PONTE, Cristina. Kids Online na Europa e no Brasil. Desafios para a pesquisa comparada sobre as práticas de crianças e adolescentes na Internet. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*. São Paulo: ESPM, 2012. Available at: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/310/pdf>>.

PARENTS, CHILDREN AND THE INTERNET: THE ICT KIDS ONLINE BRAZIL 2012 SURVEY FROM AN EDUCOMMUNICATION STANDPOINT

Ismar de Oliveira Soares¹ and Claudemir Edson Viana²

Reviewing the recent ICT Kids Online Brazil 2012 survey, conducted by the Brazilian Internet Steering Committee (CGI.br), leads to a startling revelation: Brazilian parents seem to be absolutely confident in their children's skills with the Internet, whether accessed at home or outside the home. For the most part, they do not identify dangers because they believe that their children know how to interact well with the instruments of cyberculture. After all, they were born in this environment. As a result, parents overestimate the opportunities offered by the new resources and are blind to the possible risks they pose to the unwary.

The data and opinions were collected from a sample of 1,580 Internet users between 9 and 16 years of age, and an equal-sized sample of their parents or legal guardians, in 111 municipalities spread over 25 states of the country, between April and July 2012.

According to the results of the ICT Households 2011 survey, for children between 10 and 15 years of age, 67% are Internet users. However, the data indicate different levels of contact: the higher the income, the greater the frequency of Internet use by survey respondents. More affluent children have daily access in their homes, while the rest use places outside the home. The frequency of use among children who access the Internet is impressive: 47% of the children surveyed say they access it every day, 38% access it once or twice a week, 10% access it once or twice a month, and only 5% access it less than once a month. In other words, 85% of young Internet users in the country already have a relationship with the Internet world with some regularity.

¹ Professor Emeritus of the University of São Paulo (USP), he coordinated the creation of the Degree in Educommunication in the School of Communication and Arts (ECA/USP) and he is currently the coordinator of the Communication and Education Center (NCE). President of the Brazilian Association of Educommunication Researchers and Professionals (ABPEducom).

² Doctoral degree in Communication from ECA/USP and researcher and collaborator in NCE educommunication projects since 2001. He works with the Nongovernmental Center of Studies and Research in Education, Culture, and Communitarian Action (Cenpec) managing socio-educational networks and is the executive secretary for ABPEducom.

For children in lower income classes, as with their parents, access has been guaranteed by collective environments such as schools and LAN houses (42% of the young respondents access the Internet at school). Interestingly, access at friends' homes is also high (34%) for lower class children – a resource rarely used by their parents or legal guardians. This indicates the significant role that sociability and/or solidarity among low-income children plays in the learning process for Internet use. A good number of parents or legal guardians, however, remain unaware of their children's Internet access practices.

The aforesaid survey's aim was to establish an overview of the skills of those interviewed regarding Internet use – learning whether children show any discernment regarding what they do on the Internet. According to the data, the young Internet user public presents proactive attitudes in Internet use – i.e. they state they know how to exploit the capabilities of browsers and virtual platforms, adjusting them to their particular interests.

These respondents have mastered the resources that allow them to search, compare, make choices, venture ever further in using the instrument, and even mask their usage choices, for example, deleting the records and histories of websites visited. Hypothetically, these children possess the technical knowledge to defend themselves against what is not suitable for their development level. This requires a certain degree of psychological maturity and a minimum of will power. This is something, however, that remains a mystery, given the little concern shown by their parents, legal guardians or even educators in schools with this eminently educational type of problem.

POSITIVE (SELF)IMAGE

Young people do not exactly seek help from adults to gain a proper introduction to the online world. Indeed, the sense of familiarity with new media is already part of the youth culture. In the case of survey respondents, 57% of children cultivate a positive image about their own discoveries in this area, considering themselves not just as skilled Internet users, but also as having a better understanding of the subject than their parents or legal guardians.

From what the survey shows, adults accept the optimistic view of their children, which consequently fosters a comfortable sense of confidence that their children are making good use of these new interactive communication tools. This is what was found when parents or legal guardians were presented with some scenarios of use for the technological resources available to children, followed by questions about their children's skills at handling the tools as well as their attitudes about the risks that the children may encounter.

Looking at the numbers, 71% of parents or legal guardians believe their children use the Internet safely, 68% believe it is not at all likely or not very likely that their children will be bothered by something on the Internet, and 58% of the parents or legal guardians think their children are safe because they are either a lot or a fair amount capable of dealing with bothersome situations in cyberspace.

The data suggest that many parents support a widespread and common, though rarely discussed, belief concerning the cultural properties of the new communication media, conceived as culturally and morally neutral tools, simply because they perceive them, as a result of technological advancement, coupled with the natural ability of the younger generations to overcome the difficulties inherent in living in this new environment. What is even more surprising, though, is the fact that most of the parents or legal guardians surveyed – that is, 53% of respondents – state they do not use the Internet and are completely unfamiliar with how to use such a common and widespread tool as email.

INTENSE INTEGRATION WITH THE INTERNET WORLD

The relative tranquility of parents or legal guardians may be explained by their unawareness of the degree to which their children use and expose themselves on social networking sites, which increases the vulnerability of children. To help change this comfortable context for adults, the research contributes by showing that 68% of young people use social networking sites, performing actions such as posting photos, videos and music (40%), posting messages on sites (24%), creating avatars (16%) and participating in chats (12%). It is important to note that interpersonal relationships and publication of material are actually the most common activities – i.e. they are performed either every day or at least one or twice a week.

Such an active presence in cyberspace reveals the protagonism of these young users, who present themselves as authors of individual or collective productions, thus acting as subjects in the context of the World Wide Web. In this ecosystem, they are heavy consumers of cultural products in different media such as YouTube (66%). Games (54%) and email (49%) are significant in terms of everyday activities performed by these children. Even trends can be detected, such as a decrease in e-mail use, replaced by virtual social networking, which similarly can transmit data and information to select audiences but in a more visual, fast, and affective manner.

Social networking by children is also intense. Among those who have their own profiles on social networking sites, the two most popular are Facebook (61%) and Orkut (39%). Moreover, for the respondents (9- to 16-year-olds), as age increases so does the number of those with their own profiles (70% of respondents stated they had profiles on some social networking site). However, dissimulation is clearly practiced. Consider the percentage of children who say they have profiles on these social networking sites (whose minimum age is 13) and note that only 54% of the respondents were over the minimum age. Up to 16% of these profiles might be of children who provide an age that is different from their real age. This is one aspect of the issue that demonstrates the level of technical skill combined with an attempt to circumvent possible surveillance systems. Parents either do not know or are complicit in this duplicitous reality.

The ICT Kids Online Brazil 2012 survey also focused on some aspects of how young people exploit application features that make up social networking sites. For example, regarding profile configuration for public exhibition, 42% of respondents say that what they publish is restricted to friends. 31% extend this to include friends of friends. In addition, 86% of respondents say they publish photos in their profiles. The risks of excessive exposure have been the subject of frequent reports in different media; however, this has not mobilized parents or legal guardians.

It is important to remember that along with the instrumental multi-functionality that this new technology offers is a proliferation of devices that allow increasingly faster Internet access now available to everyone, including children. This is the case of laptops, tablets, and mobile phones, in particular, which have assumed a growing presence in the daily lives of Brazilian children, although cost still represents the greatest obstacle to universal use.

INSTRUMENTAL SKILLS – ARE THEY SUFFICIENT?

Reviewing the statistical data initially addresses the instrumental aspects of the relationship between children and the World Wide Web. The issue that arises, however, is more comprehensive. It includes a question not covered by the survey on the children's potential for developing evaluative skills in relation to contents socially constructed and materialized in the products and support available on the Internet. This aspect must be considered to understand more clearly the true relationship between ICT and the everyday lives of young people in the current cultural context.

Based on the data presented by the ICT Kids Online Brazil 2012 survey and other contributions from society and specialists on children's Internet use, this question raises several issues that deserve attention, especially from educommunicators, which are addressed below.

EDUCOMMUNICATION, BEYOND 2.0

From the standpoint of educommunication – defined as an area of social practice concerned with the nature of communicative ecosystems in which social subjects are inserted, aiming not only to ensure access to information resources, but also essentially to facilitate the alignment of the mastery of new tools with a public policy project that ensures the universal exercise of the right to expression, in a solidary society where citizenship prevails over the market (SOARES, 2011) – what matters is identifying the transformative potential established in the relationship between the new generations and the new technologies.

As such, educommunication is not concerned with ICT itself and its interactive tools, such as Web 2.0, which is covered in other areas of applied social sciences. Instead it focuses primarily on the nature of the relations of social subjects that collectively appropriate them, whether the subjects be adults, children, or both working collaboratively with the same purpose. Thus, for educommunication the value of surveys such as ICT Kids Online Brazil 2012, for example, is to indicate the impact of evaluations that children and parents make on the ability of each group when facing the decisions that families, schools, and public policies need to make regarding Internet use, either from the point of view of opportunities or from the point of view of risks.

Accordingly, the survey itself becomes the material for a dialogue between the government, the educational system, parents, and young students. Understanding the reality in focus will produce the conditions to modify or create the desired scenario. In other words, educommunication does not ask about the reality of the equipment installed in schools or even about the type of training that should be provided to teachers and students – this is already part of the ideology presiding over modernization of education – but, essentially, how parents, teachers, and students should transform Internet resources into instruments that strengthen their relationships to advance the potential solidarity that the group can generate for the benefit of the whole educational community and society in general.

Definitely one issue that must be questioned is the tranquility on the part of parents and educators concerning their children's/students' involvement with new technologies, challenging the principle fueled by educational marketing – and adopted as a pedagogical argument by many uncritical adherents to technologies – according to which practical knowledge of how to use media tools inherently includes the cultural maturity required to use these digital tools as an instrument for personal and collective growth.

As such, and seeking other contributions, it is interesting to consider the following:

- 1) No one doubts that technologies, with their artifacts and contents, bring to 21st century education a formidable challenge: forming social subjects that have as part of their identities the ability to cope with the digital world and the symbolic universe constructed within it and, above all, the ability to act, individually or collectively, in social networks, beyond the expectations that the pre-established rules for the system of Internet governance have established as the most appropriate. As a result, what is expected is an increased attention from both researchers and educators to the social phenomenon of technologies in order to better understand them and thus be able to act positively and even innovatively. In the case of educommunication, innovation means just that: media literacy, followed by a collective appropriation of the methods of production and the meaning of producing. Such careful attention requires a keen eye for the multiple mediations that are present in the constitution of the types of possible interactions between children and the new media.
- 2) One of these mediations can be channeled through formal education, through school – a public space par excellence. In this particular scenario, we hope to see increasingly connected children exploring the many applications and products of digital culture and acting as producers, authors, and coauthors of the cybercultural process. Moreover, we expect them to do so employing advanced technical skills, learned in the process of incorporating technological developments, in the very act of living and producing

- communally with the necessary support of their teachers and the indispensable solidarity of their colleagues.
- 3) From this educommunication perspective, the social relations, the playing, the studying, the researching, the listening to music, in short, the full gamut of technological immersion undertaken by young people – in and outside school, at home, at friends' homes, or in LAN houses – will reveal to parents or legal guardians, in effect, what their children are doing and with what intentions. They will be able to identify that a new generation may be rebuilding the communicative order rigidly structured by the market system, a supposedly immutable inheritance. This will be apparent when, along with their desire to access and explore the Internet – which is characteristic of youth sociability – youngsters develop values that allow them to put their digital empowerment at the service of collective and higher causes.
 - 4) What needs to happen for this utopia to make a difference between the traditional way of accessing cyberspace and the educommunicative mode appropriation of digital technologies? The answer is overcoming the dichotomous scenario in which children are introduced to the Internet world at the opposite speed of their parents or legal guardians' adhesion to the new communicational logic, which prevents them from knowing exactly what to expect from their children in relation to the cyberculture world. In this case, digital literacy for adults, in this same educommunication line, becomes absolutely necessary.
 - 5) The problem also affects the relationship between teachers and students. It is, in fact, a dichotomy that is evident every time one looks at the reality of most Brazilian schools in relation to the presence and pedagogical uses of the Internet in the process of formal education, as shown in the results of the ICT Education survey, also by Cetic.br (CGI.br, 2012). Overcoming it requires moving beyond the introduction of digital tools in the school environment and the training of teachers and students in the practical use of new languages. Managing technological resources entails, first and foremost, thinking about the reasons to use them. In this case, the basic questions are "why?" and "what for?". For such transformations to occur, public policies in the fields of education, communication, and culture that encourage critical and educational incorporation of digital technological resources, their cultural products, and the Internet as part of the educational process, especially in elementary and secondary schools, are absolutely necessary.
 - 6) And the biggest challenge will be to design a social, democratic, participatory, and dialogic model for working with Internet contents as educational activities to understand and construct the world, starting with the school. This is not simply about inserting ICT in education from an instrumental approach, shaded by the moral representation attributed to the use of these technological resources, but primarily increasing the communicative coefficient of educational activities conducted by a joint action between masters and their disciples.

REFERENCES

BRAZILIAN INTERNET STEERING COMMITTEE. *Survey on the use of information and communication technologies in Brazil: ICT Households and Enterprises 2011*. São Paulo: CGI.br, 2012. Coord. Alexandre F. Barbosa. Trad. Karen Brito. Available at: <<http://cgi.br/publicacoes/pesquisas/govbr/cgibr-nicbr-censoweb-govbr-2010-en.pdf>>. Accessed on: Feb 20, 2013.

_____. *Survey on the use of Information and Communication Technologies in Brazilian Schools – ICT Education 2011*. Available at: <<http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-educacao-2011.pdf>>. Accessed on: Feb 20, 2013.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Paulinas, 2011.

INTERNET USE AND APPROPRIATION BY CHILDREN

Jane A. Marques¹

The aim of the ICT Kids Online Brazil 2012 survey, conducted by the Brazilian Internet Steering Committee (CGI.br), was “to measure usage and habits of the 9- to 16-year-old population of Internet users in relation to information and communication technology (ICT), focusing on the opportunities and risks related to the use of the Internet”. 1,580 personal interviews were conducted with children who use the Internet and 1,580 with their parents or legal guardians, using a structured questionnaire based on a European measurement model and adapted to the Brazilian reality.

The results presented here were taken from the survey’s tables, which allow various possibilities of analysis. Considering the limits of the topic in question, only those that help to explain the profile of the interviewed users were selected, adopting, where possible, some correlations (e.g. social class, age, and family income) to identify which uses and appropriations of the Internet are more common among children.

According to data from Cetic.br, Internet access in Brazilian homes has increased yearly, from 18% in 2008 to 38% in 2011 (CGI.br, 2012). It is clear that older teenagers (14-16 years) use the Internet more than younger ones (under 13), which may result from greater autonomy given by parents (Table 1). This may also explain the fact that older teenagers access the Internet more frequently (Table 2).

TABLE 1
PROPORTION OF RESPONDENTS' INTERNET USE

Age	Internet use (%)
10 years	52
11 years	64
12 years	63
13 years	68
14 years	77
15 years	73
16 years	71

¹ Master's and Doctoral degree in Communication Sciences from the University of São Paulo (USP). Professor of the USP graduate course in Aesthetics and Art History and the undergraduate degree in Marketing. She is also a visiting professor at the Federal University of Pará (UFPA) and part of the permanent staff of the UFPA graduate program in Communication, Culture, and the Amazon.

Results on frequency of Internet use (Table 2) show that the majority of respondents (85% of the sample) access the Internet at least once a week. Most children with higher family incomes (66%) and in the classes AB (69%) access the Internet every day or almost every day, while most of the lower classes (DE with 53%) access the Internet less frequently – i.e. once or twice a week. These results indicate that the Internet is highly present in the lives of these children, especially the older ones: more than half mentioned accessing every day or almost every day: 13- to 14-year-olds at 53% and 15- to 16-year-olds at 56%.

TABLE 2
FREQUENCY OF INTERNET USE BY AGE GROUP AND SOCIAL CLASS

Frequency	General (%)	Age group (%)				Social Class (%)		
		9-10 years	11-12 years	13-14 years	15-16 years	AB	C	DE
Every day or almost every day	47	36	43	53	56	66	45	17
Once or twice a week	38	45	41	34	32	29	39	53
Once or twice a month	10	12	12	9	8	3	10	24
Less than once a month	5	7	4	4	4	1	6	7
Does not know	-	-	1	-	-	-	-	-

The age at which children first accessed the Internet presents no major distinctions among respondents (Table 3). The only fact that stands out is an increase in the years after literacy, when they gain more autonomy to pursue their interests and enjoy more ease of use. This is most persistent among 8- to 10-year-olds (46%), as noted in responses among younger respondents – 56% of 9- to 10-year-olds and 54% of 11- to 12-year-olds reported having accessed the worldwide web for the first time in this age group. This also indicates that Internet access is an increasingly common practice among younger children.

TABLE 3
AGE AT FIRST INTERNET ACCESS BY AGE GROUP

Age	General (%)	Age Group (%)			
		9-10 years	11-12 years	13-14 years	15-16 years
Up to 6 years	9	14	12	5	5
7 years	8	21	8	4	2
8 years	13	23	13	11	6
9 years	14	24	17	11	7
10 years	19	9	24	22	18
11 years	9	0	13	16	7
12 years	10	0	8	12	17
More than 12 years	12	0	0	11	32
Does not remember	7	9	5	7	5

There are different devices for Internet access (Table 4): some respondents mentioned using a mobile phone (21%), which in general is for personal use, or a personal desktop computer (20%). However, the most common means of access among respondents are a family-shared desktop computer (38%) or laptop (9%). Internet access via other devices (video games consoles, tablets, or televisions) is little cited, which indicates that these possibilities of access to the World Wide Web are not yet common in Brazil among the public interviewed.

TABLE 4
EQUIPMENT USED TO ACCESS THE INTERNET BY FAMILY INCOME AND SOCIAL CLASS

Equipment	General (%)	Family Income (%)				Social Class (%)		
		Up to 1 MW	More than 1 MW up to 2 MW	More than 2 MW up to 3 MW	More than 3 MW	AB	C	DE
Shared PC (desktop computer)	38	13	31	28	59	60	33	14
Mobile phone	21	14	16	21	26	25	22	12
Personal PC (desktop computer)	20	12	16	21	27	26	20	9
Personal (or frequently used) laptop that may be used in the bedroom	10	7	4	7	19	16	8	3
Laptop that cannot be used in the bedroom	9	6	8	8	10	15	8	3
Games console, such as PlayStation	3	1	2	4	4	5	3	1
Tablet	2	1	1	1	5	3	2	-
Television set (TV)	1	-	1	1	1	3	1	-
Other	16	37	22	8	5	4	16	42

The main differences in where children access the Internet (Table 5) are related to the opportunities available. Those with the highest family incomes (51%) and in socioeconomic classes AB (49%) have greater Internet access in the different location options, except LAN houses, as they are presumably students from private schools and/or equipped with more technological resources. This is also true of those who access the Internet at home, in a shared environment such as the living room (61%), or in their own bedrooms (38%). Interestingly, it is also the respondents from higher social classes who report accessing in the homes of relatives (45%) or friends (36%). More than half of low income respondents (53%) mention accessing the Internet at LAN houses or cybercafés.

Those who most mentioned accessing the Internet while 'out and about' via mobile phone are older – 13- to 14-year-olds at 25% and 15- to 16-year-olds at 26% – and in the higher classes (AB, 20%) and middle class (C, 18%). This indicates that Internet access occurs more in private than public places.

TABLE 5
LOCATION OF ACCESS TO THE INTERNET BY FAMILY INCOME AND SOCIAL CLASS

Location of access	General (%)	Family Income (%)				Social Class (%)		
		Up to 1 MW	More than 1 MW up to 2 MW	More than 2 MW up to 3 MW	More than 3 MW	AB	C	DE
School	42	41	36	43	51	49	39	39
Living room (or other public room)	40	20	28	48	63	61	36	12
Relatives' home	38	31	37	40	45	45	38	23
LAN house or cybercafé	35	53	40	29	18	15	39	57
Friends' home	34	27	35	31	38	36	34	26
Bedroom (or other private room)	26	13	22	28	39	38	25	10
'Out and about' by mobile phone	18	12	14	17	23	20	18	11
Library or other public place	4	4	4	2	7	2	5	4
Telecenter	1	2	1	1	1	-	1	2

Another aspect worth mentioning is the time spent on the Internet by the children participating in the survey on a weekday (Table 6), which is, in general, 1 hour (54%) and up to 2 hours (74%). However, among older children (13 and over), 26% spend more than 4 hours online on a weekday. Comparing the data for those who most access the Internet, age and social class indicate some distinctions among respondents. Of the younger respondents (under 12), most spend up to 1 hour connected to the web: 71% for 9- to 10-year-olds and 56% for 11- to 12-year-olds. Those over 13 years of age devote more time to accessing the Internet, which may suggest less control by parents or legal guardians.

Most of those respondents in classes DE (70%) access the Internet up to 1 hour on a weekday, while only 43% of children in classes AB cited this as the maximum. As 57% of lower class respondents use public places such as LAN houses or cybercafés (Table 4), which likely require payment for access, they probably optimize their time to restrict the period to less than 1 hour of use.

TABLE 6
TIME SPENT ON THE INTERNET ON WEEKDAYS BY AGE GROUP AND SOCIAL CLASS

Time	General (%)	Age Group (%)				Social Class (%)		
		9-10 years	11-12 years	13-14 years	15-16 years	AB	C	DE
Up to 1 hour	54	71	56	48	41	43	54	70
From 1.5 hours to 2 hours	20	14	25	20	21	22	20	15
From 2.5 hours to 3 hours	9	7	7	9	14	11	10	2
From 3.5 hours to 4 hours	4	2	2	6	7	7	4	1
More than 4 hours	8	1	5	12	14	14	7	3
None of the above	3	4	3	3	3	2	4	4
Don't know	1	2	2	1	1	0	1	4

Comparing the time respondents spend on the Internet (Table 7) during the week and on weekends shows that the number of hours increases on weekends. One might deduce that the respondents have more time to devote to this activity, and possibly to leisure and/or entertainment activities in general.

TABLE 7
TIME SPENT ON THE INTERNET ON WEEKDAYS AND WEEKENDS

Time	Weekdays (%)	Weekends (%)
Up to 1 hour	54	30
From 1.5 hours to 2 hours	20	22
From 2.5 hours to 3 hours	9	11
From 3.5 hours to 4 hours	4	8
More than 4 hours	8	16
None of the above	3	12
Don't know	1	2

Clearly, respondents spend more time on the Internet on weekends (Table 8); however, the younger respondents (44% of 9- to 10-year-old children) report only being connected up to 1 hour. As age increases, so does weekend time spent accessing the Internet. This may indicate that these young teenagers do so for leisure and/or entertainment. This tends to increase among respondents from higher social classes (AB), since 26% report devoting more than 4 hours to accessing the Internet.

TABELA 8
TIME SPENT ON THE INTERNET ON WEEKENDS BY AGE GROUP AND SOCIAL CLASS

Time	General (%)	Age Group (%)				Social Class (%)		
		9-10 years	11-12 years	13-14 years	15-16 years	AB	C	DE
Up to 1 hour	30	44	28	27	23	23	31	40
From 1.5 hours to 2 hours	22	16	26	26	20	20	23	25
From 2.5 hours to 3 hours	11	8	13	10	12	13	11	4
From 3.5 hours to 4 hours	8	7	6	8	7	10	7	2
More than 4 hours	16	6	12	17	26	26	14	4
None of the above	12	17	12	9	11	7	13	20
Don't know	2	1	3	1	1	1	1	5

Of those interviewed, 70% report having their own profile on a social networking site, with a higher incidence among older children: 13- to 14-year-olds at 80% and 15- to 16-year-olds at 83%. Facebook appears with a higher incidence (61%) among respondents with social networking profiles, especially among older teenagers (15- to 16-year-olds at 72% and 13- to 14-year-olds at 67%), followed by Orkut, which represents 39% (Table 9). The latter is more common among younger children (9- to 10-year-olds at 54% and 11- to 12-year-olds at 51%), and lower socioeconomic classes (DE), at 64%.

TABLE 9
RESPONDENTS WITH PERSONAL SOCIAL NETWORKING PROFILES BY AGE GROUP AND SOCIAL CLASS

Social Network	General (%)	Age Group (%)				Social Class (%)		
		9-10 years	11-12 years	13-14 years	15-16 years	AB	C	DE
Facebook	61	46	49	67	72	76	57	36
Orkut	39	54	51	32	28	24	42	64
Google+	-	-	-	1	-	-	-	-

Almost half the sample (49%) reported having less than 101 contacts on their social networking profiles. As shown in Table 10, the majority of these are younger (86% are 9- to 10-year-olds) and of a lower social class (56% are DE classes). The majority of those with less than 51 contacts in their social networking profiles are also younger (63%) and of a lower social class (37%).

TABLE 10
NUMBER OF CONTACTS THAT RESPONDENTS HAVE ON THEIR SOCIAL NETWORKING PROFILES
BY AGE GROUP AND SOCIAL CLASS

Number	General (%)	Age Group (%)				Social Class (%)		
		9-10 years	11-12 years	13-14 years	15-16 years	AB	C	DE
Up to 10	6	12	8	5	2	4	6	8
11-50	21	51	28	16	8	21	20	29
51-100	22	23	25	23	17	17	24	19
101-300	29	9	28	32	36	34	26	28
More than 300	21	4	10	24	36	23	22	15
Don't know/ Don't remember	1	0	1	1	2	1	2	1

Those interviewed showed no concern about the information made available on social networking sites (Table 11): just over half the sample (56%) responded that they leave their information open for either “friends and friends of friends” or “everyone” to see. Virtually all respondents (98%) knew about the privacy settings on their social networking profiles, as only 2% did not know what kind of setup they had.

TABLE 11
TYPE OF PRIVACY CONFIGURATION THAT RESPONDENTS HAVE ON THEIR SOCIAL NETWORKING PROFILES

Configuration type	General (%)
Private, so that only friends can see	42
Partially private, so that friends and friends of friends can see	31
Public, so that everyone can see	25
Don't know	2

Key among the Internet activities conducted by the users surveyed (Table 12) are school work (82%), visiting social networking profiles/pages such as on Facebook or MySpace (68%), and watching videos such as on YouTube (66%). The results show that as age increases, users spend more time on online activities. The activity most frequently mentioned by the younger children (9- to 10-year-olds) was school work (68%) and playing games with others on the Internet (59%) – i.e. fun/entertainment is also common for them.

TABLE 12
INTERNET ACTIVITIES FOR RESPONDENTS BY AGE GROUP AND SOCIAL CLASS

Activities	General (%)	Age Group (%)				Social Class (%)		
		9-10 years	11-12 years	13-14 years	15-16 years	AB	C	DE
School work	82	68	85	87	87	81	83	82
Visiting a social networking profile/page (such as Orkut or Facebook)	68	44	66	77	80	76	68	49
Watching videos (such as on YouTube)	66	53	65	69	76	77	66	44
Playing games with other people on the Internet	54	59	60	48	51	63	50	52
Using instant messaging with friends or contacts	54	28	52	64	69	65	52	38
Sending/receiving e-mails	49	19	48	59	67	57	49	34
Downloading music or films	44	18	36	56	63	53	41	39
Reading/watching the news	42	16	36	47	66	48	40	40
Posting photos, videos, or music	40	14	35	51	57	49	39	30
Posting messages on a site	24	9	20	32	33	31	23	15
Spending time in a virtual world	17	12	21	18	16	21	16	13
Creating a character, pet, or avatar	16	10	22	17	15	18	17	13
Using a webcam	14	6	13	16	18	20	12	6
Visiting a chat room	12	5	11	13	16	10	12	12
Writing a blog or online diary	10	5	6	15	13	16	8	3
Using file-sharing sites	6	1	4	7	12	7	7	1

Considering that older users may have greater autonomy in accessing social networking sites, frequency of Internet use by 11- to 16-year-olds was also assessed. As shown (Table 13), the majority use the Internet every day or almost every day for personal relationships, whether through social networking or by email, with both at 53%. The lowest percentage (13%) for an activity that teenagers perform every day or almost every day is for school work. This is even more frequent for the youngest respondents.

TABLE 13
FREQUENCY OF INTERNET ACTIVITIES CARRIED OUT BY RESPONDENTS AGED 11 TO 16

Type	Every day or almost every day	Once or twice a week	Once or twice a month	Don't know
Visiting a social networking profile/page (such as Orkut or Facebook)	53	35	12	0
Using instant messaging with friends or contacts	53	35	11	0
Posting messages on a site	39	46	14	1
Sending/receiving e-mails	39	46	15	0
Watching videos (such as on YouTube)	37	44	19	0
Playing games with other people on the Internet	35	45	19	1
Downloading music or films	32	48	19	1
Reading/watching the news	31	47	21	1
Posting photos, videos, or music	24	43	31	1
School work	13	49	38	0

FINAL CONSIDERATIONS

The results presented above indicate that the Internet is used and has been appropriated by children with increasing frequency, and the activities they undertake in this environment tend to increase as they acquire more autonomy and knowledge.

It is interesting to note that while the Internet is still not widely accessible in terms of cost, it is already a reality in Brazil – even younger users and those with lower incomes mention using it at least in public places (LAN houses, cybercafés, or even school). Thus, investments in technology are necessary so that young people in lower income and/or social classes may have similar access to that of those from families with greater financial resources. Another opportunity is to provide equipment (computers and/or laptops) with Internet access to all schools (public and private) so that everyone may have the same possibility of access, especially considering that most of the respondents mention using it for school work. Undoubtedly, there is much information available that, with proper guidance, can contribute to their knowledge.

It is worth noting as well that in the Brazilian reality, marked by inequalities in all aspects, few results indicate higher frequency and/or resources whether in the Southeast and South, or in the Northeast, but the fact is that the Internet is also widespread among young people, not highlighted in this analysis, which privilege those aspects that most distinguish users: age and family income/social class.

Given these differences it seems necessary to adopt public policy measures to provide more democratic access and increase awareness of Internet safety among children, who are in contact with and via the Internet at an increasingly earlier age (starting at the age of 6, children are already becoming literate and starting to use the web, often without control), lest they incur personal or familial harm, such as through publishing personal information in social networking sites – an activity common to virtually all survey respondents.

REFERENCES

BRAZILIAN INTERNET STEERING COMMITTEE. *Survey on the use of information and communication technologies in Brazil: ICT Households and Enterprises 2011*. São Paulo: CGI.br, 2012. Coord. Alexandre F. Barbosa. Trad. Karen Brito. Available at: <<http://cgi.br/publicacoes/pesquisas/govbr/cgibr-nicbr-censoweb-govbr-2010-en.pdf>>. Accessed on: Feb 20, 2013.

CHILDREN: USING THE INTERNET SAFELY

Lucimara Desiderá¹ and Miriam von Zuben²

The Internet, one of the pillars of the Digital Revolution, was a precursor of great change in society. It is already part of everyday life for a large portion of the population,³ and many people find it inconceivable to live without the many benefits brought about by this technology, among them ease of communication, socialization opportunities, and access to public, financial, and commercial services.

Although conventionally all that is associated with the Internet is called “virtual”, this may give the false impression that this virtual world is disconnected from reality. The Internet itself (the computer network), the people and companies it connects, as well as the information that passes through it are real elements that are present in our daily lives and provide an environment that, like any other, has risks and requires caution.

Just as parents teach their children from an early age not to talk to strangers, to look both ways when crossing the street, and not to accept candy from strangers, they must also educate their children about the risks of Internet use. Here, the best prevention is providing information because establishing restrictions at home is useless if they do not apply outside the home.

This paper analyzes the ICT Kids Online Brazil 2012 survey data from the perspective of Internet safety and seeks to understand the interviewed public’s perception of this concept and how it is actually put to good use. These analyses are followed by some practical tips on precautions to be taken by children and parents or legal guardians so that everyone can make full use of the Internet.

¹ A security analyst at the Brazilian National Computer Emergency Response Team (CERT.br). Works in the area of Internet security awareness. Bachelor’s degree in physics from the São Paulo State University (Unesp) and a Master’s degree in Electrical Engineering from the State University of Campinas (Unicamp).

² A security analyst at CERT.br. She works in the areas of incident response and projects. Currently she is the primary maintainer of the *Primer on Internet Safety* (<<http://cartilha.cert.br/>>) and develops materials related to documentation and user awareness.

³ According to ICT Households 2011 (CGI.br, 2012), around 45% of the Brazilian population uses the Internet and 66% of users access it daily.

MAIN RISKS OF INTERNET USE

Briefly and simply,⁴ some of the major risks to which users expose themselves when accessing the Internet include invasion of privacy, theft or loss of data, access to inappropriate or offensive content, contact with ill-intentioned people, identity theft, psychological violence, plagiarism and copyright infringement, abuse (addiction) and financial loss, among others.

In addition, the Internet has intrinsic features that may increase the impact associated with certain risks, such as the speed and lack of control over the spread of information, unrestricted and distributed memory (it is very difficult to eliminate completely content that has been published on the Internet), and the volatility of certain content (e.g. the changing privacy policies of sites).

Another aggravating factor is the generation gap between Internet users: on the one hand are the so-called “digital natives”,⁵ those who from early childhood have had access to Information and Communication Technologies (ICT), and on the other hand are the many users whose contact with these technologies came later in life. While the first group can more easily develop skills, the second has needed to adapt, relearn, and change its behavior.

When it comes to issues of parent or legal guardian mediation of Internet use, this generational difference can bring other problems, such as difficulties in risk perception and communication barriers. This scenario becomes even clearer considering that 75% of children who use the Internet believe they know more about the Internet than their parents or legal guardians and that less than half of parents or legal guardians (47%) are Internet users, and of these only 44% access the Internet daily.⁶

Using the Internet safely requires that people be aware of the risks they are exposed to and of how to protect themselves, and it is worrying that 18% of parents or legal guardians do not even seek information on the subject (this percentage rises to 25% among parents or legal guardians with lower education levels).

PERCEPTION OF SAFE INTERNET USE

We took as a basis the survey question that asked both parents or legal guardians and children what they understand by “use the Internet safely”, to better analyze the question of perception of safety. The answers to this question, divided into categories, are shown in Table 1.

⁴ The risks that Internet use may represent are detailed in the *Cartilha de Segurança para Internet (Primer on Internet Safety)*. Available at: <<http://cartilha.cert.br/>>.

⁵ The so called “digital natives” or “net generation” are those who were born and grew up in the same age of the popularization of the new ICTs and the commercial Internet. Chronologically, these are those born after 1990.

⁶ These are general total percentages that, if partially analyzed, are directly proportional to both the education level of the parents or legal guardians and family income.

TABLE 1
PERCEPTION OF THE CONCEPT OF "SAFE INTERNET USE"

Response Spontaneous / multiple responses	Parents or Legal Guardians % of total number of parents or legal guardians	Children % of total number of Internet users (9 to 16 years old)
Do not talk with strangers	55	52
Do not enter sites with sexual/pornographic content	32	22
Privacy/Do not disclose personal information	31	30
Sites inappropriate for the age of the children	31	29
Do not enter sites with violent content	17	15
Take precautions against viruses	11	33
Take precautions with passwords	9	9
Take precautions against hackers	4	4
Other	7	4
Don't know	5	4

The following are some observations on the data:

- **Do not talk to strangers:** This was the most common response for both groups and reported by just over half the respondents. This is a basic principle of safety in both the physical and digital worlds and presents a consensus between parents or legal guardians and children. Even so, it is worth considering that 23% of 11- to 16-year-old Internet users reported having had contact with someone on the Internet whom they did not know personally, and of these 23% reported having met face to face with someone they first met on the Internet, while only 1% of parents or legal guardians reported that their children had met face to face with someone they had first met on the Internet.
- **Privacy and non-disclosure of information:** This was the third most common spontaneous response for both parents or legal guardians and children. Relating this response with the type of permission given by parents or legal guardians for releasing personal information to others on the Internet, the rate of "never can do it" is 70%, according to the children. Interestingly, this percentage varies considerably depending on the age of the children: it is much higher among younger ones (82% for 9- to 10-year-olds) and much lower among older ones (59% for 15- to 16-year-olds). In addition, the latter group presents the greatest difference in responses between parents or legal guardians and their children (75% of parents or legal guardians of 15- to 16-year-olds responded that their children should never give out personal information).
- **Take precautions against viruses:** Regarding the safety of the computer itself, children are more concerned than their parents or legal guardians. 33% of children responded spontaneously that they remembered the need to be careful with computer viruses, whereas only 11% of parents or legal guardians cited this safety issue. It should be noted that 26% of the 11- to 16-year-olds reported having problems with computer viruses. The

issue of malware infection is quite significant, and the concern of children is important, as seen in other studies:

- In the ICT Households 2009 survey, attacks by viruses or other malicious programs were the security problem most reported (35%) by Internet users.
- In the ICT Enterprises 2010 survey, problems related to different types of malicious code such as viruses (59%), Trojan horses (50%), and worms/bots (19%) were among the most reported security issues.
- **Take precautions with passwords:** Regarding password security, both parents or legal guardians and children present low concern with this issue (only 9%). It should be noted that 7% of 11- to 16-year-olds responded “Somebody used my password to access my information or to pretend to be me”. The creation and security of good passwords are fundamental precautions to prevent identity theft, improper disclosure and/or loss of information and exploitation of contact lists to spread spam and malicious code.

SAFETY IN SOCIAL NETWORKING

Reviewing the information 9- to 16-year-olds share on their social networking profiles, a few facts stand out:

- 86% of children publish a photo that clearly shows the face.
- 69% publish their surnames.
- 57% use an age that is not their real age (especially among the younger ones, to circumvent sites’ minimum age requirements).
- 42% configure the privacy option to restrict access to their data (only friends have access) while a quarter (25%) make their profiles completely public.
- 28% reveal the school where they study.
- 13% provide their home addresses.
- 12% publish their phone numbers.

Making one’s profile public may reveal even more information (e.g. photo albums, contact e-mail, news wall, status, geographical location, etc.) that is accessible to anyone on the network. This shows that children are not very careful about what personal information is made public, and that there may be consequences, especially considering that 4% of the 11- to 16-year-olds reported that someone had used their personal information in a way that was hurtful.

Moreover, two aspects must be highlighted:

- **Disregard for the minimum age** – 42% of 9- to 10-year-olds and 71% of 11- to 12-year-olds have their own profile, not respecting the minimum age stipulated by the sites (such as Facebook and Orkut), which is 13.⁷ It is important to note that in the latter age group, respondents report low skill level: only 37% know how to change privacy settings on a social networking profile.
- **Contact with strangers/no discretion in selecting contacts** – about 36% of 11- to 16-year-olds added people whom they did not know personally to their list of friends or contacts in the last 12 months. This percentage grows proportionally with age, with approximately 25% (one in four) among 11- to 13-year-olds, and 46% (almost half) among 15- to 16-year-olds.

SKILLS AND SAFETY

In addition to knowing and understanding the risks, safe use of the Internet requires good computer skills to be able to use the tools available for protection.

Despite the “digital natives” factor, it is only with extensive practice that skills develop. As such, it should be noted that the younger respondents (11- to 12-year-olds) not only have fewer security skills – given that for only two out of the eight skills surveyed, approximately 50% of children answered “yes” – but also demonstrate less confidence. In response to the statement “I know many things about using the Internet”, 17% of 11- to 12-year-olds declared that it was “not true”, 35% replied “somewhat true”, and 48%, less than half, answered “true”.

However, it is not only about knowing how to use the tools, but also using analytical and critical sense, since less than half (41%) consider themselves skilled enough when comparing sites to distinguish whether the information provided is true. These numbers vary considerably with age, and among the younger ones approximately one in four (27%) have this skill, while among older ones the rate doubles to one in two (54%).

Concerning the sources of guidance on safe use, 56% of children report that their parents or legal guardians suggested ways to use the Internet safely, 44% received guidance from teachers, and 41% received advice from friends. Even so, when it comes to seeking help on more practical issues, such as something that was not understood, the source most indicated is friends (61%), followed by parents (45%), and then teachers (42%). The percentage of children who use online sources (websites) with safety information is 14%, and 2% state this as the main source of information.

As for the parents or legal guardians, 52% use as a source of information on safe Internet use traditional media (television, radio, newspapers, and magazines), 37% obtain data on the subject from family and friends, 28% reference their child’s school, and only 8% use online sources (websites) with security information. When asked from which sources they would like to obtain this information, 61% say the child’s school, 57% say traditional media, and 30% cite the government. Such responses may be of great value in developing awareness campaigns.

⁷ This is due to regulation by the U.S. Federal Trade Commission – Children’s Online Privacy Protection Act (COPPA).

SAFETY RECOMMENDATIONS

The first step to prevent the risks associated with Internet use is to recognize that it is not “virtual”. Everything that happens or is done through the Internet is real: the data are real, and the companies/individuals with whom we interact are the same as those outside it. Thus, the risks to which we are exposed when using it are the same ones present in our daily lives, and the ruses and tricks exploited on the Internet are similar to those that occur on the street or by telephone.

Thus it is necessary that we apply to the Internet the same care and the same concerns that we have in our daily lives.

It is important to recognize that the Internet is a public place in which the degree of control over the dissemination of published information is minimal. Once information is posted, anyone in the network can disclose it, and, being public, anyone can access it.

Improper disclosure of information may lead to several unintended consequences, such as:

- Damage to image/reputation, and psychological and socialization problems, which can go on indefinitely because related publications can be stored in countless computers and located online at any time by search engines.
- Damage to physical integrity (such as kidnapping⁸) because of improper disclosure of information about habits, activities, and geographical location.

To try to reduce risks and protect oneself, it is important to adopt a preventive stance and make a habit of attention to safety, regardless of issues such as location, technology, or medium used.

Some precautions that should be taken are:

- Keep the computer secure, with all updates applied to both the system and the applications.
- Install and maintain updated security mechanisms, such as antivirus, antispyware, and personal firewall.

⁸ One case that attracted great attention was that of Ivan Kaspersky, son of Eugene Kaspersky (cofounder of IT security company Kaspersky Lab), kidnapped in April 2011, due to excessive disclosure of data on social networking and geo-location services. Available at: <<http://www.facebook.com/notes/eugene-kaspersky/talk-to-your-children-about-privacy-in-social-networks-now/10150169499355998>>.

- Be careful when creating passwords.
 - Use long passwords containing random numbers and different types of characters.
 - Avoid using personal data (such as names, last names, user accounts, dates, social security numbers, license plates, and phone numbers), data that can be obtained in social networks and web pages, keyboard sequences, and words that are part of publicly known lists (such as song titles, football teams, movie characters, and different language dictionaries).
- Never share passwords. Passwords are personal and non-transferable.

Some additional precautions that children should take include:

- Think carefully before posting information on the Internet. Once something is posted, it is virtually impossible to erase later. Most probably, years later that content will still be there.
- Avoid disclosing your location because it can be used by malicious people to know where you are or where you go.
- Never arrange meetings with strangers (or people known only via the Internet) without being accompanied by a trusted adult, and always in places with a lot of movement.
- Do not let yourself be filmed, do not send pictures to strangers, and immediately inform a trusted adult if someone requests it.
- Immediately notify a trusted adult if someone has inappropriate attitudes or makes you feel uncomfortable or threatened. Also, do not trust anyone you meet on the Internet who asks you to keep something “secret”.
- Do not share or write posts that may humiliate, offend, or hurt another person.
- Be careful when posting information about your friends and family, for example, where both parents work or when they are not at home.
- Respect age limits.
- Be careful when surfing the Internet.

Some steps that parents or legal guardians can take to protect their children from the risks of Internet use are:

- Keep the computer in a public place in the house (for example, in the living room or near the kitchen). Thus, even from a distance, you can watch them, guide them, and participate in their activities.
- Configure the “parental controls” available on some systems to prevent your children encountering inappropriate content.
- Some games greatly enjoyed by children allow you to control the actions they can take and can help you protect them.

CONCLUSIONS

Using the Internet safely requires that everyone be aware of the risks they are exposed to and of how to protect themselves. Moreover, discrepancies between theory and practice – for example, most young people know they should not share information with strangers but make their social networking profiles publicly accessible to everyone on the Internet – show that there is still much work to be done to improve the level of awareness of risks and forms of protection when using the Internet.

Children's lack of skills in safe Internet use, especially among the younger ones, coupled with the expectation of 61% of parents or legal guardians (most of whom are not Internet users) that schools provide information on safe Internet use, may indicate a need for public policies to include the theme in the basic curriculum.

Although there are tools that allow control of and record actions performed by computer users, they either can be circumvented or are not available on all computers or points of Internet access that children use. Thus, a key recommendation of CERT.br for safe Internet use is awareness and education.

REFERENCES

BRAZILIAN INTERNET STEERING COMMITTEE. *Cartilha de Segurança para a Internet (Primer on Internet Safety)*. Published in 2012. Available at: <<http://cartilha.cert.br/>>. Accessed on: Feb 20, 2013.

_____. *Survey on the use of information and communication technologies in Brazil: ICT Households and Enterprises 2011*. São Paulo: CGI.br, 2012. Coord. Alexandre F. Barbosa. Trad. Karen Brito. Available at: <<http://cgi.br/publicacoes/pesquisas/govbr/cgibr-nicbr-censoweb-govbr-2010-en.pdf>>. Accessed on: Feb 20, 2013.

CHILDHOOD AND THE INTERNET: FROM A MEDIA EDUCATION PERSPECTIVE

Maria Luiza Belloni¹

- 1 – *The child shall have the right to freedom of expression; this right shall include freedom to seek, receive and impart information and ideas of all kinds, regardless of frontiers, either orally, in writing or in print, in the form of art, or through any other media of the child's choice.*
- 2 – *The exercise of this right may be subject to certain restrictions, but these shall only be such as are provided by law and are necessary:*
 - a) *For respect of the rights or reputations of others; or*
 - b) *For the protection of national security or of public order (ordre public), or of public health or morals.*

International Convention on the Rights of the Child (CRC), Article 13.

CHILDHOOD AND THE INTERNET: PROTECTION AND RESPONSIBILITIES

In any culture, educating new generations (which sociology describes and analyzes as the concept of socialization) is the responsibility of the whole society: “It takes a whole village to raise a child”. There are, however, specialized institutions – the family, the school, and the media – whose importance and responsibilities are immense when facing the challenges of contemporary society. Vertiginous scientific and technological advancements – especially in computer science, artificial intelligence, biotechnology, nanotechnology, and telecommunications – are causing radical changes in all spheres of social life, creating immense challenges to the fields of communication and education, and destabilizing the family institution.²

¹ Doctoral degree and Master's degree from the University of Paris-Sorbonne and Postdoctoral degree in Political Communication from the National Center for Scientific Research (CNRS) and Distance Education (Open University of Portugal), has been a researcher for the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq) and professor at various Brazilian federal universities. Now retired, she continues working with the Comunic research group connected with the New Technologies Laboratory of the Federal University of Santa Catarina (UFSC).

² The reflections presented here are the result of analyses of statistical data and qualitative research results conducted over many years in Brazil and worldwide, especially in Europe, based on sociological approach that emphasizes the “logic of uses” and not the logic of hardware or software production, whether technical, industrial, or economic. This perspective is based on the belief that society (government and civil society) must ensure by all means, but especially through education, the rights of children, due to the enormous and growing importance of digital media in social life. I believe that such reflections may contribute, however modestly, to the construction of scenarios of change that might enable schools and media to fulfill their role as educators in citizenship and in inclusion of all children in the developmental benefits typical of the 21st century society.

More than two decades after the promulgation of the Convention on the Rights of the Child (CRC), we see profound changes in society in relation to the real world and the legal status of new generations. The two main institutions responsible for socializing new generations, the family and the school, are lost and perplexed when faced with children who are increasingly “empowered”, informed, active, and aware (even if confusedly) of their rights, and also digitally competent and completely at ease with these new technologies.

Hence the urgent need for effective media education actions; it is the best way to provide truly effective protection for childhood when facing the challenges brought about by the Internet, as well as to train young citizens who are able to exercise responsibility with this new freedom to create and express themselves through the Internet. Although they can be effective, especially in protecting younger children, purely technical solutions (filters, blocking, etc.) are inefficient when it comes to teenagers, who are not only technically competent (able to circumvent them), but imbued with their rights (“empowered”) and psychologically inclined to transgression. Only reflection and awareness can lead children to self-protection and autonomy – i.e. behavior that is responsible and without risks.

Regarding responsibility, one must also consider it from the point of view of autonomy and leadership, so characteristic of children today: from seeing so much published violent content (whether real, on newscasts, or fictional, in all forms of entertainment, including music videos and advertising) and images alluding to a dubious sexuality (when not clearly violent and/or perverse, often sexist), children end up believing that they also can – have the right to – publish such images involving real people: their colleagues, friends, girlfriends/boyfriends, and teachers. The appeal of television reality shows and the immersion in virtual environments via the Internet blur the boundaries between reality and fiction, reinforcing a diffused sense of power and impunity. However, cyberspace is a public place requiring rules on freedom of expression regarding respect to others and one’s own physical and psychological integrity: one cannot post just anything on the Internet. Developing such attitudes requires much thought and specific education involving children, teenagers, and adults (communicators, educators, families, and artists).

While statistics show enormous growth in the number of young users, qualitative research has revealed some behavioral trends – for example, the aggressive publication in messaging networks (with images) that humiliate or harm real and close people and a lack of awareness among young people of the consequences of these acts and the damage they can cause to others. Paradoxically, although able to identify real and virtual bullying, young people tend to not to consider their own publication of images as bullying because everything is just for fun, joking, humor, and derision.³ The Internet generation could also be called the LOL generation (DAGNAUD, 2009). In most cases, they do not do it out of malice, but just for fun; however, the number of cases among adolescents of deliberate virtual and real violence with catastrophic consequences is increasing. Certainly, fun and entertainment are highly positive values in contemporary society, broadcast by all media, especially in advertising, thus functioning as significant elements in the construction of identities for children.

³ Vide “Interação, criatividade e aprendizagens autônomas nos usos da Internet” (Lantec/CED/UFSC, 2010). Many of these studies are referenced in *Crianças e mídias no Brasil. Cenários de Mudança*. Papirus, 2010.

Creating conditions for the effective education of young people in self-protection and responsibility is the responsibility of all: government, schools, civil society, and families. It qualifies the “empowerment” of new generations with ICT: it cannot be handled by purely technical means (filters, blocking, secure sites, etc.). It requires going beyond the purely technical and transcending the technoscientific level of discussion to arrive at critical and detached reflection: addressing the question in philosophical and existential terms, identifying and discussing ethics and aesthetics that characterize media messages, whether they are produced and distributed on an industrial and planetary scale or on a personal scale (individual or group) on social networking sites.

Acknowledgement of the undeniable democratizing virtues of culture, information and knowledge should not cloud comprehension of the great hazards to which kids are exposed through the Internet. As rightly remembered by the CRC, kids are “developing human beings whose lack of maturity and physical, intellectual and psychological experience renders them vulnerable”. Therefore, by recognizing the importance for young people of accessing different sources of information, the UN emphasizes the obligation (of society, states, families) to ensure their protection and provide special help and assistance. Finding the balance between the principle of emancipation (through access to media and information) and the necessary responsibility of the state (via public policies in education, information, and communication regulations), families, and young people themselves is sine qua non to ensure the rights of children “built on the fundamental value of the best interests of the child” (DOCUMENTATION FRANÇAISE, 2005).

SOCIETY, SCIENCE AND TECHNOLOGY

Mankind has always created technical objects that humans, when building their social processes (work, education, communication, politics...), have integrated into their practices to improve them and continue developing. On the other hand, the fear of a “machine revolt” has always haunted the human imagination (e.g., Golem myths and Shelley’s *Frankenstein*). In the 20th century, science fiction literature and cinema presented a strong dose of pessimism about the possibility of technical advances bringing good to humanity: *Brave New World* (A. Huxley), *1984* (G. Orwell), *2001: A Space Odyssey* (Stanley Kubrick and Arthur C. Clarke), *Blade Runner* (Philip K. Dick’s and Ridley Scott), *The Matrix* (Andy and Larry Wachowski), *Neuromancer* (William Gibson), and *A.I. Artificial Intelligence* (Brian Aldiss, Steven Spielberg, and Stanley Kubrick), to name a few.

Such works of fiction serve as counterpoint to the vertiginous technical progress and optimism that characterize modern societies, in which man/machine relations are changing and acquiring never-before-imagined varieties, such as the concept and production of man/machine hybrids (cyborgs),⁴ remarkable developments in biotechnology to create and modify life, or advances in artificial intelligence and cognitive science that may imply a reductionism in the study of the mind, dedicated exclusively to creating intelligent machines.

⁴ For Bruno Latour (1997), society is formed by sociotechnical networks composed of natural/cultural hybrid beings. In the 80s, Donna Haraway (2000) used the term “cyborg”, a combination of the words “cyber” and “organism”, to refer to any being that is part human and part technology.

In the early 21st century, the term technoscience became commonplace, combining two different viewpoints: cognitive and technical. This term refers to a mutation in the relationship between science and technology: the latter is no longer dependent or subordinate to the former. The priorities have been reversed, as suggested by the order of the compound word (BENSAUDEVINCENT, 2009). The advent and success of technoscience is associated with postmodernity, which is characterized by an increasing dominance of technology and a loss of confidence in science (which would be just another one of the possible “narratives”). Paradoxically, beliefs and mythologies, new and old mysticisms are gaining importance, revealing that humanity continues to require myths as sacred stories that give meaning to life.

However, one must remember that if technical innovations are compelling, and their production follows a capitalist logic that is imposed on us, the uses and appropriations we apply to them depend on our ability to understand and critically analyze such objects and their production contexts and intervene in them. Such reflections are part of everyday life in our societies, and young people are confronted by them. This requires developing reflexivity – that characteristic of modern man that allows one to make decisions and choices based not on religious beliefs, but on scientific information through the use of reason (GIDDENS, 1997; BELLONI, 2009).

The Internet emerged and evolved in a context of economic and cultural globalization while contributing greatly to extending these processes. Never before has McLuhan’s global village been so spectacularly real. Even so, despite the hopes of that visionary Canadian sociologist, this planetary growth does not necessarily create conditions for diversity and creativity: cultural content is increasingly becoming standardized by the global cultural industry. Such content (abstract and immaterial goods: messages) is reproduced and recreated by young people in building their identities and images, consolidating a new ethic (trivialized sex and violence, exacerbated consumerism and individualism, narcissism and egocentricity...) and a new aesthetic (spectacularized and aestheticized violence and sexuality).

The utopia of the Enlightenment – the belief that the democratization of knowledge would enlighten men and would allow universal access to citizenship – seems to reproduce itself in the infinite possibilities of the Internet. The proposals of positivism and scientism of the 19th century – the primacy of reason and belief in the infinite progress of humanity, identified with scientific and technological progress – have become Wikipedia reality, generating utopias of collective intelligence and collaborative solidarity. Mainstream in sociology today, the dominant ideology that legitimizes and informs technical logics and the market economy, technoscience (heir to structural-functionalism and technocratic ideology) considers society as a set of socio-technical networks and the human being as one of the elements of these networks, organized and operating according to a purely technical logic.

The virtues of the Internet are known and, more importantly, integrated in our daily lives, democratizing access to information, culture, learning, creation, unprecedented possibilities of interpersonal communication and dissemination of messages, collective intelligence, enhanced creativity, free software, and communal creation on peer-to-peer networks. Instead of the traditional copy right, we have copy left. New perceptual and cognitive forms, new ways of learning, and new social systems are emerging. The list is long, and it would be superfluous to list all the virtues arising from the infinite possibilities of expression and communication offered by the tools present on the World Wide Web.

The risks, however, are neither obvious nor easy to identify: many variables are at play, and everything depends on mediation involving children and young people. Media education includes training children not only in appropriating the Internet's virtues in communication and creativity, but also in highlighting the risks and dangers. This includes not simply those most apparent, behavioral risks to children (safe Internet), fraud and/or piracy, but especially those dangers disguised as virtues and benefits, which are often overlooked. One must remember that the Internet virtually allows almost absolute control over human behavior (technically it enables the realization of more authoritarian scenarios than those imagined by science fiction writers such as Orwell, Huxley, Dick, Gibson, and Ruffin): Google and Facebook are databases that store, among other things, all users' activities on the Internet. For example, when a teenager posts a humiliating or derogatory photo of his (ex)girlfriend, it will remain indefinitely in the Internet cloud, in databases and profiles, and may cause serious psychological and moral harm. The advantages of this information for advertising and business are immense.

YOUTH CULTURES: NEW IDENTITIES, NEW WAYS OF BEING AND ACTING IN THE WORLD

Child and youth cultures today are marked by a predominant presence of images. Images create meanings in all types of communication. While the written word has regained its former importance, almost lost in the age of television, thanks to the Internet, new generations perceive and express themselves through images. Images technically produced and distributed are extremely significant elements in the construction of a children's social imaginary and, consequently, their identity and representation. Thus, youth cultures are fundamentally visual. Moreover, new methods of learning by using ICT developed by children outside and beyond the purview of schools challenge educators and researchers in the field of pedagogy and education: children learn more and more by trial and error in playful, autonomous and collaborative ways (BELLONI, 2010; BELLONI; GOMES, 2008).

Mutant Generation, digital natives, e-generation, Generation Y, human-machine hybrids, cyborgs... there are many definitions for these new generations born in the era of information and telecommunications technology. They all fall short because they define the phenomenon using technical support, placing technology at the center of the process as the key factor of change and neglecting psychological and sociocultural factors.

From the point of view of the sociology of childhood and education, however, the question is in understanding how media messages, which invade the private space and construct the public space, contribute to building children's identities. Young people appropriate these messages produced by professional adults, reinterpreting them and building from them their own cultures, a new ethic, and a new aesthetic, a social imaginary of virtual beings that provide examples, values, and models of behavior, as well as aesthetic forms of what is beautiful and desirable.

Undoubtedly, the great innovation of the 2000s is the incredible spread of social networking and the incontestable adhesion of almost all young people to this new way of interacting with peers. Social networking is now probably the most powerful instrument in forming an online "peer culture". This leveling and the democratization of access to active participation have produced a radical transformation in interpersonal communication. Social networking sites

act as new cultural spaces, where new forms of social relations are weaved. “Online spaces such as Facebook, World of Warcraft, and YouTube provide adolescents with new contexts to explore their identities and evaluate other responses” (DELICADO, 2010).

Social networks have become one of many “online playgrounds” available to children on the Internet today. Social networks not only provide an unprecedented convergence of activities (e-mailing, copying music and/or videos, writing journals, and posting photo albums), but also create opportunities for self-expression, creativity, and sociability for many. According to Livingstone (2008), the possibility of creating content for all users facilitates the emergence of an innovative peer culture among young people on both the local and global levels.

Although limited by the content and technical vehicles (media), young people interact with real people, their peers, and build new social forms through intimate exposure and the construction of alternative personalities and identities. Facebook pages are true “extimate” journals, reversing the directions of affective relations – what was previously shown only to best friends is now posted on Facebook. The psychological distancing afforded by this technical tool tends to generate a lack of superego, a freedom from all social codes (“everything is allowed on the Internet”) that, online, facilitates the transition to transgressive acts. Thus, “the abolition of mediation by the media is not just happy freedom but may also become unhappy regression” (DAGNAUD, 2009).

The intense and rapid technification of social life, diffused on a global scale by all media may also lead to an erosion of the meaning of life (sensitivities and values replaced by technical logics). Mass dissemination of images of extreme physical and psychological violence tends to cause a desensitization of developing human beings regarding the feelings and needs of others, the suffering of others, the spectacularization and trivialization of violence and sexuality and the weakening of solidarity.

Exacerbated individualization, under the guise of interactions multiplied to infinity (mutant generations, digital natives, children constantly plugged in) is gradually replacing the conventional real world networks of social and affective interaction. An addictive consumerism is developing – one typical of a system that promises happiness in its merchandise, especially in its abstract goods, which are media messages.⁵ Our children are human beings who are constantly connected (plugged in) to any machine to communicate. They are children without free time (free of adult presence, even virtual), who can no longer live (play, dream, build) without the help of these devices that are technical, highly sophisticated, and planned for ... for what? After all, what is the Internet for?

Such reflection is the only way for young people to put machines at the service of their aspirations and their creativity and not place themselves under the influence of machines as parts of socio-technical networks governed by the machine’s technical logic and the market’s economic logic. Escaping the domain of these logics and the naiveté of thinking that the virtues of democratizing technical networks automatically lead to the democratization of society requires training and reflection. In short, it requires media education.

⁵ According to market studies recently published in Europe, young people’s consumer dreams have shifted from owning cars to owning tablets.

REFERENCES

- BELLONI, M. L. *Crianças e Mídias no Brasil. Ensaios de sociologia da infância*. Papirus, 2010.
- . *O que é Sociologia da Infância*. Papirus, 2009.
- . *O que é Mídia-Educação*. Campinas: Editora Autores Associados, 2001.
- . Estética da Violência. *Revista Comunicação e Educação*, São Paulo, n. 12, 1998.
- . Infância, máquinas e violência. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, CEDES, n. 87, 2004.
- BELLONI, M.L.; BEVORT, E. Mídia-educação: conceitos, história, perspectivas. *Revista Educação e Sociedade*, n. 108, 2009.
- BELLONI, M.L.; GOMES, N. G. Infância, mídias e aprendizagens: cenários de mudança. *Revista Educação e Sociedade*, n. 104, 2008.
- BELLONI, M. L.; GOMES, N.G. et al. *Caracterização do público jovem das tecnologias de Informação e Comunicação (1ª fase)*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, Research report presented to the CNPq, 2004.
- BELLONI, M. L.; GOMES, N.G. et al. *Caracterização do público jovem das tecnologias de Informação e Comunicação: Autodidaxia e Colaboração (2ª fase)*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, Research report presented to the CNPq, 2007.
- BENSAUDE-VINCENT, B. *Les vertiges de la technoscience*. Paris: Editions La Découverte, 2009.
- DAGNAUD, M. *Génération Y: les jeunes et les réseaux sociaux, de la dérision à la subversion*. Paris: Presses de Sciences Politiques, 2011.
- CROSNIER, H. (Org.). *Internet : la révolution des savoirs*. Paris: La documentation Française, 2010.
- DELICADO, A. ; ALMEIDA ALVES, N. *Children, internet, cultures and online networks*. Paper presented at the Colloque International Enfances & Cultures, Ministère de la Culture et de la Communication, AISLF, Université Paris Descartes, 2010. Available at: <<http://www.enfanceetcultures.culture.gouv.fr>>.
- DOCUMENTATION FRANÇAISE. *Protection de l'Enfant & Usages de l'Internet*, Rapport remis au Ministère des Solidarités, de la Santé et de la Famille. Paris, 2005.
- FALEIROS, V. *Estatuto da criança e do adolescente: 18 anos*. Available at: <<http://www.cecilia.org.br>>. Accessed on: 10 Jul. 2008.
- GIDDENS, A. *Modernidade e Identidade Pessoal*. Oeiras (Portugal): Celta editora, 1997.
- GIDDENS, A. *As transformações da intimidade*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- GONNET, J. *Educação e mídias*. São Paulo: Loyola, 2004.
- HABERMAS, J. *L'Avenir de la Nature Humaine. Vers un Eugénisme Libéral?* Paris: Gallimard, 2002.
- HARAWAY, D. *Manifesto Ciborgue : ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*. Belo Horizonte : Ed.Autêntica, 2000.
- LARDELLIER, P. *Le pouce et la souris (enquête sur la culture numérique des adolescents)*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 2006.
- LÉVY, P. *World Philosophie*. Paris: Editions Odile Jacob, 2000.

- LASCH, C. *La culture du Narcissisme*. Flammarion, 2006.
- LATOUR, B. *Nous n'avons jamais été modernes*. Paris: La Découverte, 1997.
- LIMA, L. O. *Mutações em Educação segundo McLuhan*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- LINARD, M. *Des Machines et des Hommes*. Paris: L'Harmattan, 1996.
- LURÇAT, L. *Violence à la télé: l'enfant fasciné*. Mesnil-sur-l'Estrée: Editions Syros, 1989.
- PERRIAULT, J. *Education et Nouvelles Technologies*. Saint-Germain-du-Puy: Nathan, 2002.
- PONTE, C.; JORGE, A.; SIMÕES, J. A.; CARDOSO, D.S. (Org.). *Crianças e Internet em Portugal*. Coimbra: Ed. MinervaCoimbra, 2012.
- PRETTO, N.; ROSSINI, C.; SANTANA, B. (Org.). *Recursos Educacionais Abertos*. São Paulo: Casa da Cultura Digital/Salvador: EDUFBA, 2012.
- SOUDOPLTOFF, S. *Le monde avec internet*. Paris: FYP Éditions, 2012.
- TURKLE, S. *A vida no Ecrã*. Lisbon: Relógio d'Água, 1997.
- _____. *Les enfants de l'ordinateur*. Paris: Denoël, 1984.
- UNESCO. *L'Education aux Médias*. Actes, synthèse et recommandations do Encontro Internacional de Paris, 2007.
- _____. *L'Education aux Médias*. Actes e synthèse do Seminário Euro-mediterrâneo. Paris, 2005.
- _____. *A Criança e a Mídia – imagem, educação, participação*. Ulla Carlsson e Cecilia von Feilitzen (Org.). São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2002.
- _____. *International Conference Educating for the Media and Digital Age*. Vienna, 1999.
- _____. *Éducation aux Médias*. Paris: Unesco, 1984.

ICT USE BY CHILDREN AND THE IMPACT ON PEDAGOGICAL PRACTICE: AN APPROACH TO THE USE OF NEW TECHNOLOGIES IN SCHOOLS

Maria Paulina de Assis¹

Children of all ages, and even babies, delight in small portable digital devices such as mobile phones and tablets, which are now part of the gift lists for Christmas and other holidays. To children they are as attractive as games and electronic toys.

In recent years, with falling device prices and greater access to consumer goods for a larger segment of the population, there has been a growing trend in the acquisition and use of these devices by people of all ages and social classes. The small devices that used to be simply resources for interaction between people – information and communications technology (ICT) – providing support primarily for work and other more formal matters, now offer features that provide, in addition to information and communication, entertainment. Increasingly smaller, more ergonomic, and more versatile, tablets, for example, are replacing multiple devices such as radios, televisions, mobile phones, cameras, computers, etc. and even provide Internet access.

Owning a smartphone is fashionable. Discussions comparing the functions of tablets and laptops are common in the workplace, among students, and in other social environments. This is because these devices provide ways to complete innumerable tasks related to work, research, studies, and acquisition of new information and knowledge, as well as offer company and entertainment. Thus, it is no wonder that they enchant and awaken acquisitional desire.

Although used virtually everywhere and in all situations, these small devices challenge etiquette, customs, norms, and laws. And, as expected, these technological marvels are also present in schools, in the hands of teachers, staff, and students – even young children. However, though useful, mobile phones and tablets, as well as personal computers such as laptops, have brought several challenges to formal education, especially when it comes to public education.

¹ Doctoral degree in Education from the Pontifical Catholic University of São Paulo (PUC-SP), with part of her research completed at the London Knowledge Lab. Master's degree in ICT in Education from the University of London, and another in Communication and Semiotics from PUC-SP. She is currently a researcher for the One Computer Per Student (UCA) project with the research group Education/Curriculum Program at PUC-SP.

ICT AND EDUCATION

The use of technology in public education has been a recurring theme in Brazil since the 1980s, when an academic research and teacher training program to develop projects to provide computers as a teaching resource began. In later decades, computers shifted to school laboratories, and various teacher training programs were implemented. Public policies were created, including the recent One Laptop Per Student (UCA) project, sponsored by the Ministry of Education (MEC), which proposes the distribution of laptops in a 1:1 ratio (one per student).² In Brazil, the project's basic principle is the use of laptops as educational tools by children, with teacher guidance, either exclusively in schools or including outside activities.

Research results have shown that, in addition to the problems of ICT inclusion in schools, its pedagogical use is a constant challenge for both educators and researchers. The ICT Education survey, for example, reveals a variety of problems such as issues related to parsimonious technology infrastructure, difficulties for school administration to integrate these technologies into the school routine, and, finally, the challenges of pedagogical action itself, primarily with teachers' difficulties in adopting ICT and its integrated appropriation in the curriculum (CGI.br, 2012). Also important to mention is the fragility of the implementation of public policies in the schools and classrooms: public schools always have various projects that must be implemented, and ICT insertion for pedagogical use often ends up being supplanted by more immediate needs within the classroom and school administration. Thus, the presence of technology in school ends up causing problems and not solutions.

With the rapid development of technology in recent years, the emergence of progressively sophisticated portable digital devices, and the increasingly easy access to new technologies, a clear gap between what students have in their hands and the school's ability to use ICT for pedagogical purposes arises. While students are bringing their mobile phones into the classroom, teachers often do not have available computers and Internet access to perform basic tasks –e.g. searching for information on the Internet. Also, situations occur, such as with UCA for example, in which each student has a laptop at his/her disposal, but the school lacks the electrical infrastructure to charge the machines, the Internet connection is precarious, and, in addition, technological support leaves much to be desired concerning teachers' needs. However, this situation could be different, as proposed below.

² Based on One Laptop Per Child (OLPC), One Computer Per Student (UCA) aims to be an education project for digital inclusion and technology. Schools receive the infrastructure for Internet access and create courses to train administrators and teachers in the use of this technology. Available at: <<http://www.uca.gov.br/institucional/projeto.jsp>>.

ICT USE BY CHILDREN AT HOME, AT SCHOOL, AND WITH FRIENDS

Specifically, the presence of ICT in children's hands raises some issues that may be organized in three dimensions: use in school, at home, and with colleagues and friends. At school, and more specifically at the classroom, where children bring devices, especially mobile phones, they are the cause of problematic situations, often considered as indiscipline for interfering with class progress. At home, the use of technology by children does not always occur with parental, family, or adult supervision. Additionally, even when there is supervision, due to unawareness of the potential of these technologies, adults do not always understand the dangers. Moreover, in general adults learn more from, rather than teach, children about ICT use, which can leave them in a position of inferiority in relation to autonomy in its use and also to guidance on ethical and safety issues in Internet access and use of equipment. For handheld devices – among them, tablets and mobile phones – increasingly common actions are playing games, listening to music, accessing social networking sites, and other fun activities for children of all ages. As such, they offer entertainment and opportunities for relationship, establishing links with new “friends”, which may place children's integrity at a risk.

IMPACT OF ICT USE BY CHILDREN: THE NEW ROLE OF THE SCHOOL

The increasing use of ICT, especially mobile phones, in society and, consequently, in schools, has caused problems for teachers and administrators because children are bringing these devices into the classroom. Considering that in public schools teachers have been challenged to use computers, and lately laptops, and include technology in their teaching practices, this new phenomenon of mobile phones invading the classroom causes a further challenge to classroom dynamics. How should teachers react on this issue? Must teachers tolerate the use of such devices, even though they are banned by law? Should teachers strictly prohibit their use and deal with the students' frustration? Should teachers negotiate use, allowing students to use them for purposes that interest them?

Though first considered a problem, this phenomenon could become a route for introducing educational innovations, further motivating learning in the classroom and beyond. As such, I propose a new pedagogical approach, using technology in the classroom, and other school spaces, that would expand to use at home and with family, as well as other environments. The basic principle behind this proposal is the acknowledgement by teachers that students can learn to cope better with the technologies and achieve an openness to new ways of teaching, beyond those that expect students in the classroom to sit in their seats quietly and listen to what the teacher says, paying attention to what is written on the blackboard. This proposal contains basic guidelines that can be adapted to each school context, requiring only a willingness to experiment with new ways of relating to technology and integrating it into the school curriculum.

First, regarding the use of ICT in the classroom, in our teacher training experience in the UCA project, teachers have laptops available for students. However, often teachers complain that they propose activities to students, and, because of certain difficulties, they give up on using the equipment. One highly recurrent problem arises when the teacher has students search online for images to illustrate an essay on a given topic. Often there are problems with low connection, which causes frustration and difficulties in completing the assignment.

What could be done in such situations? Depending on the topic being addressed, more creatively the teacher could rethink or radically alter the proposed activity – instead of writing texts illustrated by images, students could suggest other ways of addressing the topic. The teacher could propose that students explore the computer and discover for themselves alternate ways to create forms and images that can be articulated with texts, using applications either on the laptop itself or even on mobile phones.

Activities can also go beyond the classroom. Learning can take place by collecting information in the halls, in the schoolyard, and in other school areas, even in surroundings areas. Students plan the techniques and resources they will use, which may include creating audio and/or video files with interviews or reports in nearby locations about the topic being studied, among other possibilities. In this way, students can work in groups, each doing what they know best, and teaching or helping each other in completing the assignment. Certainly this type of procedure is likely to succeed because the students are already accustomed to this kind of exchange when it comes to learning subjects that interest them. Probably the students will be more motivated in the assignment, and this, consequently, can contribute to better learning. In addition to gaining knowledge provided in the curriculum, children will have the chance to develop technological and relationship skills by exploring new opportunities of learning what is new, and learning to work collaboratively.

Two other interesting ways to motivate students to participate in school activities via ICT use are student technology monitor projects and organization of events in which students can exhibit their skills. In student monitor projects, the students provide support for teachers in classes that will use computers and other equipment and also to help and teach their colleagues in using the technology. In our research we have reports of successful work done with student monitors that also stimulated participant motivation.

As to organized events, these can be developed for families and the community, with children exhibiting work done with the use of ICT throughout a given school period, such as a semester. We have examples of interdisciplinary projects in which, at the end of the school year, the school invited families and the community to participate in the exhibition of the work, which included music and videos that the students had produced. Other examples include the creation of online newspapers, blogs, and recipe booklets.

A recurring theme in teacher training and academic research is the fact that children appropriate new technologies more easily than adults. This finding reveals the potential problem of inappropriate ICT use by children at home due to the disparity between the skills of children and adults in Internet use. Children's ability to access the Internet and, consequently, social networks, inappropriate websites, and shopping sites may cause serious problems – such as relationships with ill-intentioned people, online purchasing, and bullying – that threaten the integrity and safety of children. For these reasons, it would be good for parents or legal guardians to supervise access and guide children in safer and healthier Internet use.

But what can be done with adults' low technological literacy and possible unawareness of Internet safety issues? Schools could promote projects to integrate parents in educational projects, in which the family would participate in programs about appropriate use of new technologies and the Internet, including in these programs guidance on how to participate in their children's school work. Thus, parents or legal guardians would learn along with their children both within the school and at home. It would be a partnership between school and family, including the children, emphasizing their motivation to learn through themes of their own interest, since they are the main focus of educational action.

A third approach to children's ICT use exists in their relationships with other children in environments other than the school or home. This includes use for entertainment, at times when the child may be with colleagues and friends in their homes or at LAN houses, for example. These may be moments for learning not only new skills with the technologies, but also ways to avoid risky situations: children may impart good values to their colleagues and friends. Of course, this depends on the values learned at school and at home. Herein lies the importance of the role of family in guiding children to deal with those moments in which they may be unaccompanied by an adult. More important is the role of teachers, given their responsibility in guiding parents and family.

PEDAGOGICAL IMPLICATIONS OF THE PROPOSAL

Addressing the issues of children's ICT use at school, at home, and in other environments, I propose here a pedagogical approach to ICT for teachers that goes beyond the use of these technologies as a mere resource for conventional teaching strategies. ICT should be integrated into the curriculum through a pedagogy focused on the student with the teacher's attention centered on motivations for learning. Thus, the proposal is of a new relationship between the teacher and the challenges of ICT use: the difficulties in appropriation of new technologies will no longer be a problem if the decision to use technology in school work is shared with students, with the teacher acting as a mediator and advisor. In this way, the teacher is more focused on the learning objectives, providing information and guidance, when necessary, monitoring results, evaluating, observing the behaviors and attitudes of students requiring intervention: taking on the role of mediator in learning rather than transmitter of knowledge.

In this proposal, homework assignments are designed to include participation by parents or legal guardians, who can learn about technology with their children while they help in the tasks. Children, with their facility in developing the skills necessary for new technologies, should be taught about precautions they should take with such technology, especially with Internet access. To this end, teachers and families each have their responsibilities in imparting standards and values and advising on possible risks of inappropriate Internet use. From this perspective, using ICT, handling equipment, software, social networking etc. for school activities will change teaching practices and be integrated with other areas of children's lives, contributing to their development as individuals and citizens.

This article presents an insight into ways of using ICT in education, focusing on the scope of the public school, emphasizing the role of the teacher and the school's partnership with families regarding the responsibility for using new technologies. It proposes a student-centered pedagogical approach to using ICT, with the teacher as mediator of learning, organizing the teaching strategies with students and delegating to students the exploration and choice of technological resources available. As such, it requires revising the role of teachers as transmitters of knowledge and relativizing their difficulties in ICT use for teaching purposes. ICT should be integrated into the curriculum and involve the family, via a new approach in which children, families, and schools learn from and teach each other.

REFERENCES

BRAZILIAN INTERNET STEERING COMMITTEE. *Survey on the use of Information and Communication Technologies in Brazilian Schools – ICT Education 2011*. São Paulo: CGI.br, 2012. Coord. Alexandre F. Barbosa. Trad. Karen Brito. Available at: <<http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-educacao-2011.pdf>>.

CHALLENGES, DILEMMAS, AND INTERPRETATIONS OF INTERNET USE BY BRAZILIAN CHILDREN AND YOUNG PEOPLE

Regina de Assis¹

In 2012, the creation of a Facebook page by a Brazilian teenager that focused on the issues of her public school was quite significant. The so-called “Class Diary” received visibility in various media outlets and brought benefits and problems for its young creator and her family.

It provoked a wave of imitators and followers throughout the country, establishing a controversy about the scope and limits of the rights of Internet use by a hitherto unknown teenager.

The public school in focus reacted through its board, supported by some teachers and students, causing local and, to some extent, national debate on the efficacy and value of the teenage student’s initiative, backed by her family.

At times, the actions against the student and her family became somewhat violent, and what might have been resolved constructively between the parties became a contentious issue that raises many questions about legal autonomy in Internet use.

This case of the student and her “Class Diary”, seemingly well intentioned and somewhat naive, is contradictory because it involves ethical issues of educational policy and management which go beyond what a student’s Facebook page or blog might resolve.

If the opposite were to happen – if teachers created blogs to discuss the behavior and performance of students – it would be considered unthinkable for violating professional ethics and the right to privacy.

Issues such as those raised publicly by the student could have been resolved in a much more constructive and less confrontational manner if parents had collectively taken on the responsibility of demanding school improvements and necessary changes, certainly with the help of conscientious students such as her.

¹ Master’s degree and Doctoral degree in Education from Harvard University and Columbia University, became a Professor Emeritus at the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro (PUC/RJ) and the State University of Rio de Janeiro (UERJ) in 2009. She was the Municipal Secretary of Education in Rio de Janeiro between 1993 and 1996. She founded the Empresa Municipal de Multimeios do Rio de Janeiro (MULTIRIO) and was its president from 2001 to 2008. Since 1998, she has been an Education and Media Consultant for government agencies, companies, and social organizations.

Publicizing and denigrating the good name of a public or private institution can only be considered one's right if previous attempts have been made to resolve the problems in question without having met with due consideration. Even in such a case, one must consider the scope and legal limitations of an act such as this student's Facebook page. Such an action might be deemed demagogic, being easily spread via the Internet and avidly welcomed by thousands of people without any respect for the basic rights of the citizens and institutions involved in the conflict.

While this is a somewhat unusual case, it raises the need for debates concerning the scope of the rights and responsibilities of those who use the Internet in our country.

In this direction, the results of the ICT Kids Online Brazil 2012 survey (conducted by CGI.br through NIC.br), which reveal the ICT usage habits of 9- to 16-year-old Internet users in Brazil, decisively contribute to understanding and acting on this issue, generating the potential for establishing public policies for this context.

Part of the survey data reveals that 86% of the respondents that have their own social networking profile post photos that clearly show their face, 69% provide their last name, and 57% indicate an age that is not their true age. On the other hand, 37% of parents or legal guardians believe it is not at all likely that their children will experience something on the Internet that will bother or embarrass them in the next six months, while 31% believe that this is not very likely to happen.

In other words, the position of parents and guardians is naive or uninformed concerning the risks and dangers to which their children are exposed on Facebook and other social networking sites without closer control or mediation, even though the children may be maximizing the benefits of Internet use.

At stake, in the words of the English researcher Sonia Livingstone (2009), are the risks, but also the rights and responsibilities of all: adults, children, and young people. She adds that if we overestimate 9- to 16-year-olds' skills and abilities in dealing with the Internet, we risk underestimating the support they require and not understanding their cultural practices.

This dilemma must be addressed in the various contexts in which education occurs – at home, at school, or with the participation of social organizations, the media, or government agencies.

English researcher David Buckingham (2007) discusses at length the question of the rights of children under the United Nations Convention on the Rights of the Child. Curiously, this text qualifies all people under 18 years of age as children.

As such, we must consider the very concept of a child, which, as we know, cannot be standardized because the differences in characteristics between 9-year-olds and 18-year-olds are pronounced and distinct. Moreover, we must take into account distinctions of ethnicity, culture, gender, and socioeconomic status, so carefully analyzed recently by Portuguese researcher Cristina Ponte (2012).

These differences are quite explicit in the ICT Kids Online Brazil 2012 survey results and indicate the need for new insights into qualitative research, preferably by Brazilian universities, in order to broaden data concerning inclusion in and quality of Internet use.

However, returning to the question of the rights of Internet use, Buckingham (2007) draws a distinction between the basic rights of children, and young people, their provision and protection (food, health care, family care, and safety), and participatory rights, which require

skills and, we would add, responsibilities. The latter depend on education for their full development and practice.

Buckingham (2007), Livingstone (2009), and Ponte (2012) consider the skills of children, and young people as indispensable elements in their self-understanding of how they will use the Internet as a cultural practice. Thus, their attitudes and interactions in the virtual world are part of their “real life”, as the Internet and its multiple possibilities of providing knowledge, information, social exchanges, consumption, and entertainment are intrinsically linked to their conception of existence in the context of the society in which they live.

This first generation of digital natives can and wants to teach the analog generation, as well as their parents and teachers (Generations X and Y) a lot.

However, as Fantin and Girardello proposed, addressing the digital divide may be enriched by cultural mediation:

“As such, they discuss the possibilities of a culturalist approach to the media/education to promote digital inclusion fostered by citizenship, social inclusion, and critical and creative participation in culture” (2009: 69).

Certainly the well-intentioned teenage Internet user cited earlier in this article, as well as thousands of other Brazilian children, and young people and their educators, parents or legal guardians, and teachers will also benefit from a kind of collective action such as that proposed by Fantin and Girardello (2009).

Along these lines was the 2012 EuroDIG (European Dialogue on Internet Governance) Nordic Youth Forum, held in Stockholm, Sweden. The purpose was to create within the five Nordic countries (Denmark, Finland, Iceland, Norway, and Sweden) a platform for young people to discuss the issue of Internet governance. This Internet Governance Forum (IGF 2012) for Nordic youth sought to:

1. Facilitate discussion of Internet governance by young people, on their own terms.
2. Allow their participation in EuroDIG Conference debates.
3. Record their ideas in a report (NORDICOM, 2012) so they might be heard at the 2012 Internet Governance Forum (IGF) in Baku, Azerbaijan, and later in other regions of the planet.

Some of the ideas proposed addressed the following topics:

- Internet safety is achieved with knowledge.
- The Internet is a place to exercise freedom.
- Information is ridiculously easy to manipulate.
- The different generations must be brought closer.
- Those uninvolved in the online world are also uninvolved in social life.
- On the Internet, it is easier to steal than buy.

- Internet use must be more accessible.
- Issues related to privacy require attention.

In conclusion, the Nordic youth requested more education in the use of the medium and proposed the following objectives (NORDICOM, 2012):

1. Parents or legal guardians should be educated and “empowered” to talk with their children, instead of trusting that this be done by computer programs, companies, or regulatory actions.
2. Schools should teach children, and young people how to think critically, how to access information, and how to determine which sources are reliable.
3. Politicians should take action: “They need to realise that the Internet has become a huge part of our lives. They have the opportunity to teach us how to surf it safely”.
4. Last, but not least, young people want their knowledge to be recognized and used.

The responses to the ICT Kids Online Brazil 2012 survey by Brazilian children, and young people also revealed the fact that 75% perceive that they know more about the Internet than their parents or legal guardians and that their usage skills are high. The variety of activities they perform is significant; however, those dealing with games, entertainment, and social networking are preferred.

Although young people know more than their parents or legal guardians about the Internet, parents or legal guardians are the main source (64%) of advice (explaining why some sites are good and others bad), followed by teachers (51%). This coincides with the first and second conclusions of Nordic youth, leading us to reiterate the importance of education throughout the process of developing Internet usage habits.

These reflections lead us to conclude that the ICT Kids Online Brazil 2012 survey results indicate we have reached an important moment for decision making by various sectors of Brazilian society, such as the media, social organizations, and universities – especially undergraduate and graduate programs in Education, Communication, Computer Sciences, Arts and Languages, among others – to develop policies and initiatives that facilitate dialogue and consequent actions between responsible adults and 9- to 16- year-olds.

The findings suggest performing regular series of seminars, forums, and regional, national, and international meetings to discuss the application of the results presented in developing public policy. They also suggest:

- Specific clarification campaigns for parents or legal guardians and teachers by the print, audiovisual, and digital media.
- A vigorous reassessment of the role of Brazilian universities, encouraging new research and developing strategies to enrich their curricula for teachers, to integrate the use of media in the schools’ political-pedagogical projects, especially in public schools.

- Activities in elementary and high schools connected by the Internet and inclusion of children, and young people in specific forums in preparation for their participation in regional meetings and regional, national, and international seminars.

The task is enormous, but the results will justify the effort. So, let us get to work.

REFERENCES

BUCKINGHAM, D. *Crescer na era das mídias eletrônicas*. São Paulo: Loyola, 2007.

NORDICOM. University of Gothenburg. BUTCH, C.; EDSTRÖM, M. (Org.). *Young adults have their say on Internet Governance*. Nordic Youth Forum at EuroDIG. Stockholm: Nordicom, 2012.

FANTIN, M.; GIRARDELLO, G. Diante do abismo digital: mídia/educação e mediações culturais. *Revista Perspectiva*, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 69-96, Jan/Jun 2009. Available at: <<http://www.perspectiva.ufsc.br>>.

JENKINS, H. *Risks, Rights and Responsibilities in the Digital Age: An Interview with Sonia Livingstone (Part One and Two)*. Available at: <http://www.henryjenkins.org/2009/06/an_interview_with_sonia_living.html>. Accessed on: Jan 15, 2013.

LIVINGSTONE, S. *Sonia Livingstone on Children and the Internet*. Social Science Bites. Available at: <<http://www.socialsciencebites.com>>. London: 2012.

PONTE, C. *Crianças & Mídia: Pesquisa Internacional e contexto português do Século XIX à actualidade*. Lisbon: ICS, Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

CHALLENGES TO INTEGRATING HUMAN RIGHTS IN THE BRAZILIAN PUBLIC POLICY AGENDA FOR DIGITAL INCLUSION AND LITERACY

Rodrigo Nejm¹

Article 227 – It is the duty of the family, the society, and the State to ensure children, with absolute priority, the right to life, health, nourishment, education, leisure, professional training, culture, dignity, respect, freedom and family and community life, as well as to guard them from all forms of negligence, discrimination, exploitation, violence, cruelty, and oppression.

(Federal Constitution of Brazil)

Article 17 – States Parties recognize the important function performed by the mass media and shall ensure that the child has access to information and material from a diversity of national and international sources, especially those aimed at the promotion of his or her social, spiritual and moral well-being and physical and mental health.

(Convention on the Rights of the Child)

Article 15 – The child and adolescent have the right to freedom, respect and dignity as human beings in the process of development and as the subjects of civil, human and social rights guaranteed by the Constitution and in law.

(Statute of the Child and Adolescent, Brazil)

The intensity of Internet use by children in Brazil deserves attention, even considering the variations by age and family income. The massive appropriation of information and communication technologies (ICT) in this phase of life brings many challenges to parents and educators as well as the public policy agenda. The Internet offers countless opportunities and great potential, regardless of age. However, in Brazil the effect of “moral panic” about risky situations and crimes that victimize children in ICT-mediated relationships still seems very strong. The Cetic.br study of online risks and opportunities, based on the EU Kids Online survey, is a milestone in the consolidation of a sharper look at the browsing habits of Brazilian

¹ Psychologist, Master's degree in Administration and Social Development and doctoral candidate in Psychology from the Federal University of Bahia (UFBA). Member of the research group on Interactions, Digital Technologies, and Society (GITS/UFBA) and Director of Prevention and Services for SaferNet Brasil.

children. It allows us to reflect simultaneously on risks and opportunities and provides a more careful and scientific basis for analyzing the phenomena.

This paper offers a brief reflection on the results of the ICT Kids Online Brazil 2012 survey, emphasizing the challenges to developing, implementing, and monitoring public policies to promote and protect the rights of children in Brazil. This seems appropriate, since one of the survey's proposals is to understand the relationship between risks, harm, and opportunities not as mutually exclusive but as integral parts of online experiences. This highly accurate dataset produced by Cetic.br offers a unique opportunity to demystify some of the "moral panic", while highlighting the vulnerability situations that require attention in all sectors of society. In this way, we can better structure actions to maximize opportunities that the Internet can afford to the healthy, free, and safe development of the childhood and youth of the digital generation in Brazil.

MULTIPLE CONNECTIONS, MULTIPLE CHANGES, AND MULTIPLE CHILDHOODS

We have seen profound psychosocial changes in contemporary childhood, adolescence, and youth produced by many factors including (but not limited to) intense ICT use. Changes in the configuration of urban spaces, for example, especially in relation to violence, have significantly altered the habits of children – they are either increasingly confined to domestic spaces or directly exposed to daily violence.

Considering that households have increasingly larger numbers of ICT and that progressively this equipment provides Internet access, popular trends continue to attract new Internet and mobile phone users from the different social classes and age groups. Certainly the Internet is a key technology in transforming leisure, study, communication, and play among the younger generation, but these changes are also radical in the consumer world, the generation gap, family configurations, and the conception of the rights of children.

The debate on promoting and protecting children's human rights in Brazil urgently needs fresh impetus in order to take advantage of this singular time of ICT dissemination. Rather than focusing on the dangers and violations stressed in mass media, this paper concentrates on the Internet's potential as a fertile environment to increase the consolidation of rights and the monitoring of public policies, with direct participation by children themselves. The passages cited at the beginning of this text can help guide the discussion without limiting it to legal debates. It seems that one of the greatest challenges is in reconciling the strategies of protection/defense of rights with the promotion of rights such as freedom, privacy, and participation by analyzing the phenomena carefully to balance the forces and perspectives. More explicitly, we do not consider productive the radical speeches that consider the Internet solely as a source of violence, threats, and risks to the healthy development of children, whether as a haven for sex offenders or as a territory of a supposedly inferior culture.

Recognizing that we have a legal framework that attributes to the family, the state, and society as a whole the highly prioritized responsibility of ensuring the safety of children, we cannot ignore the fact that this zeal requires maintaining rights such as freedom of expression, respect for privacy, and involvement in community decisions and policies, which includes participating in societal control of public policies on technology and the media, new or old.

Learning to use a social networking site, creating a blog, making videos, and manipulating images are tasks that children can learn fairly quickly and even by themselves. However, we believe that the perception that the Internet is configured as a digital environment in which fundamental human rights, such as those mentioned above, must be enforced is still not clear for younger Internet users (and their parents) and even for many public administrators. Understanding the public dimension of digital environments seems a crucial step in finding a balance between Internet opportunities and risks. The ICT Kids Online Brazil 2012 survey shows clear signs of a blurring of boundaries between the online and offline worlds, once considered parallel and independent. Increasingly, digital environments are becoming extensions of everyday social relations, definitely enhanced by technical elements but showing the same dynamics of socialization and interaction of the real world, with laws, rules of coexistence, regulations, and commitment to citizenship. We cannot overlook the numerous innovations, both technical and social, brought by ICT, such as the reconfiguration of the concept of privacy and friendship, but the legal framework of human rights continues to be a powerful force in mediating the development, implementation, and monitoring of the public policies that are also related to Internet use by children. Even without delving into this crucial issue of constituting the public sphere in cyberspace (BLOTTA, 2008) and the strength of new discourses that circulate in it, we can acknowledge that the Internet needs to be recognized by Internet users, families, and the state in its public dimension, as a legitimate participatory space in relation to the rights and responsibilities implied in democratic societies. In her study on American teenagers' participation in social networking sites (SNS), Danah Boyd (2008) notes that they transition smoothly between different spaces – mediated and unmediated – and their most effective participation is intrinsically linked to the unmediated encounters. Many of the friends/peers connected in SNS are the same who participate in other interactions in different contexts:

“The performances that take place online are not isolated acts, disconnected from embodied settings, but rather conscious acts that rely on a context that spans mediated and unmediated environments and involves people who are known in both settings” (Boyd, 2008, p. 128).

The same kind of understanding of the continuity between digital environments and other contexts of interaction by children is noted by the coordinator of the EU Kids Online survey, Sonia Livingstone (2009). We believe it is consistent to have this clear understanding to be able to think comprehensively about the public policies of widespread access to the Internet, digital literacy projects, educational technologies, as well as actions for the defense and promotion of children's human rights, recognizing the peculiarities of digital environments but attuned to other environments.

BRAZIL IN THE BRAZILIAN DATA

The fact that the ICT Kids Online Brazil 2012 survey points out that for 9- to 16-year-old Brazilian children the mobile phone is the second most used device for Internet access (21%), only behind the shared family computer (38%), indicates a trend of mass access by mobile devices in Brazil, skipping some steps of use by personal desktop computers or laptops highlighted in the data of the European scenario.² Data such as these lead to certain reflections on the different types of mediation and contexts in which Brazilian children use ICT. Although the school (42%), the child's home (40%) and relatives' homes (38%) appear as the main locations of access to the Internet, LAN houses and friends' homes are also important as they may produce different conditions of use, as well as different experiences in relation to opportunities and risks.

An analysis of location of access by social class reveals important differences in the Brazilian scenario. The use of LAN houses is the most common for children in classes DE (57%), while for classes AB the proportion is only 15%. The same disparity occurs in access by computer in the living room, common to 61% in classes AB and only 12% in the classes DE. For access 'out and about' via mobile phone, the disparity, although still significant, is smaller between classes: 20% of children in classes AB and 11% in classes DE. This small example emphasizes the importance of understanding the diversity of contexts that characterize childhood and adolescence in Brazil – i.e. it is difficult to generalize habits and perceptions. In addition to the notable differences in usage habits related to location of access, increased mobility further enhances integration between online and offline environments. Considering the infrastructure investments promised for the major events to be held in the country, such as the 2014 World Cup and the 2016 Olympics, there will probably be a significant leap in Internet access via mobile phones, creating even greater blurring of online/offline boundaries in the daily lives of those in the different social classes. This context requires creating more consistent strategies to promote education and awareness so that Internet users are better able to face the risks without suffering harm, and also calls for a better understanding of the distinctiveness of content and habits related to mobile devices.

Not only do the complex socioeconomic differences among Brazilian children certainly cause differences in Internet user habits, but the various mediating agents (family, schools, friends, and other media) favor different skills. The focus here is not a comparative analysis between classes or between Brazil and Europe, but a consideration of some of the challenges that these differences bring to those engaged in designing, implementing, and monitoring public policies aimed at promoting safe and proper ICT use by children.

² In Europe, the EU Kids Online (2010) data indicate the following equipment most used for Internet access by the respondent children (from 9 to 16 years old) who access the Internet: desktop computer shared by the family (55%), personal desktop computer (34%), mobile phone (28%), and personal laptop or one that may be used in the child's bedroom (23%). Available at: <<http://lse.ac.uk/EUKidsOnlineReports>>. Accessed on: Jan 10, 2013.

As the depth and scope of the data available in the ICT Kids Online Brazil 2012 survey cannot be fully addressed in this brief reflection, we will highlight some points that illustrate children's abilities in dealing with risky situations and content on the Internet. Regarding the dreaded contact with strangers through social networking sites, data indicate that the majority (83%) focus on contacts with people they already know in person instead of interacting with strangers. Even interaction with friends of friends is not that intense, mostly happening after 13 years of age, since for 11- to 12-year-olds only 15% of respondents made contact on social networking sites with people with whom their first contact was online, but who were known to people they knew. Among older teenagers (15- to 16-year-olds) 30% had this kind of contact with friends of friends. It is worth noting that a significant difference exists between social classes: this type of contact is common to 43% of children in classes AB and only 13% in the classes DE. The degree of risk in contacting people known only through the Internet is also higher in the wealthier classes (8%), compared to 3% in the classes DE. Games sites stand out as the most conducive environments for contact with people who have no other connection with the lives of children. 16% of respondents between 11- to 16-year-olds did so in this context. This small example helps to deconstruct a potential preconception in public policy development and strategies to promote safe Internet use: the idea that there is always a higher degree of risk among the lower classes. As already shown in the results of the EU Kids Online, the greater the intensity of use, the greater the likelihood of experiencing risk. However, there is also a greater likelihood of developing skills to take advantage of the opportunities.

The fact that 71% of Internet users between 11- to 12-year-olds have profiles on social networking sites, usually restricted to children over 13 (as is the case with Facebook and Orkut), confirms observations on the precocity and intensity of access to social networking sites by children. Use of these sites increases significantly with age and is less common among the lower classes. There is a difference in choice of social networking site among 9- to 16-year-old children who use the Internet: Orkut is preferred among children in the Northeast region, those whose parents or legal guardians are less educated, younger children, and those in lower social classes. Data such as these indicate the importance of specific education efforts and prevention campaigns, requiring a certain diversity in public policies to allow the development of materials and strategies appropriate to the different profiles of children and parents. Including diversity and distinctiveness in public policy requires federal involvement in the different spheres and recognition of regional differences not only in infrastructure but also in cultural habits.

Regarding configuration of privacy settings on social networking profiles, although there are not many differences between the age groups, disparities in relation to social class again stand out. Among 9- to 16-year-old children who use the Internet, 32% of those in classes DE leave their profiles fully open (public) while only 21% in classes AB do the same. Also in terms of social class, with the exception of school name and surname, it seems that children in classes DE expose more personal information than those in higher classes, especially their addresses: the frequency is three times higher than for those in classes AB and more than double the overall average. In general, the degree of information exposure is significant – 86% publish photos showing their face, 69% publish their surname, 28% publish their school name, 13% publish their address, and 12% publish their phone number. Exposing personal data should be highlighted due to the complexity of associated factors. While this type of exposure may increase vulnerability in relation to different situations of risk and victimization, sharing

personal information is driving the dynamics of social networking, including the design of applications and websites.

The concept of networked publics³ illustrates the unique dynamics of social networking sites that may be considered public by default, even if privacy configurations are possible. In addition to the socio-technical factors, it is worth noting the power of cultural values regarding the very notion of what information and private space are. One should not get carried away by facile conclusions about the death of privacy or its complete abandonment by teenagers who use SNS. In a country where the celebrity cult and precocious eroticization of childhood are increasingly intensified by the different media, one should not isolate the Internet from the other cultural and informational sources that comprise the existential repertoire of Brazilian children. On the Internet, the celebrity cult popularized by television and film has gained more strength with microcelebrities (MARWICK; BOYD, 2011) and further complicates the boundaries between what is public and private, between the risks and opportunities associated with exposing data and one's personal life on the Internet (SIBILIA, 2008). What must be stressed is the importance of a more precise understanding as a vital support to the creation and implementation of public policies dedicated to the best interests of children as Internet users.

Returning to the data, it is interesting to note that among 11- to 16-year-old Internet users, 74% agree that there are many good things for them on the Internet, and 75% agree that they know more about the Internet than their parents. On the subject of Internet skills, again there is a notable difference not only by age but also by social class and parent or legal guardian level of education. Only 54% of 11- to 16-year-old Internet users in DE classes know how to change privacy settings on social networking sites (against 67% in classes AB), 59% know how to block messages from undesirable people (against 74% in classes AB), and 44% know how to block advertising and/or spam (against 55% in classes AB).

Regarding the ability to find information on safe Internet use, the difference remains significant, since this skill is common to 63% in classes AB and only 40% in the classes DE. The parent or legal guardian's level of education is also a significant factor for finding information on safe Internet use: this skill is common to 49% whose parents or legal guardians have an elementary level and 61% whose parents have a secondary, or higher, level.

Although the general perception of children about the existence of things that may bother them on the Internet is more balanced, with the exception of the lower perception in the Northeast region, differences in social class and education level of the parents or legal guardians seem to directly affect their ability to mediate and guide use to maximize opportunities for their children. Data about bothersome experiences on the Internet are relatively low, but not negligible, especially when noting that among 11- to 16-year-old Internet users, 14% had contact with hurtful messages, 10% with content on how to be very thin (such as anorexia and bulimia), and 7%, with content on ways to hurt oneself. Experiencing bothersome situations is also fairly low, especially considering the prominence that this issue has gained in the press and in common sense. But the matter does demand attention, considering that

³ The concept of "networked publics" (BOYD, 2011) is important because it is used to describe some of these peculiarities, especially in social networking sites. Through this term, the author points out the distinctiveness of the public restructured by networked digital technologies, highlighting two simultaneous features of the so-called "networked public". They are: (1) a space constructed from networked digital technologies and (2) an imagined collective that emerges as a result of the intersection between people, technologies, and practices.

18% had tried to spend less time on the Internet and failed, 11% felt bad when they could not access the Internet, and 7% stopped eating or sleeping because of the Internet (all instances cited as “fairly often” or “very often”). Considering the difficulty in obtaining such sensitive information in the presence of parents or legal guardians interviewers, the incidence of these experiences cannot be ignored.

Although most parents or legal guardians, across all classes, talk about Internet use with their children, the greatest differences between social classes appear in the proportion of children who claim to be encouraged directly by parents or use the Internet together. This is much lower in classes DE. As for the degree of parental permission for their children’s Internet activities, restrictions seem slightly higher in classes DE, with a higher incidence of prohibition of certain activities. Finally, a significant finding in analyzing parental mediation is that 53% of parents do not use the Internet. In classes DE, this proportion reaches 88%, again raising the debate on the urgency of addressing this issue with proper quality and seriousness in the public policy agenda. Guidance on safe Internet use for parents primarily reaches them through TV, radio, newspapers, and magazines (52%), and only 7% of parents report that the government was the source of such guidance. However, when asked about which sources they would like for guidance, the school stands out (61%), followed by TV, radio, and newspapers (57%), and government (30%). In general, 47% of classes DE parents believe that they have little or no ability to help their children when they encounter bothersome situations on the Internet. For classes AB parents, the proportion is only 20%.

NEW OUTLOOKS ON FINDING POTENTIAL BALANCE

Public policies for defending the rights of children, as well as those for promoting ICT infrastructure and services, may find common ground that strengthens them equally. Despite the new generations’ ease at learning by themselves how to enjoy the many opportunities offered by the Internet, adopting an ethical, critical, and responsible position on the use of these digital technology services and devices depends on the degree of mediation and the development of combined values enabled by the relationship between generations. It is also vital that there be an articulation from the different sectors of society, focusing on opportunities, but avoiding the dichotomies of risks versus opportunities and freedom versus security, and, of course, integrating efforts to maximize opportunities for citizenship, respect, and protection.

As such, it is urgent that we consider the pedagogical appropriation of ICT also as a tool to promote human rights and citizenship from the first click of the mouse, whatever the location of access. Brazil has interesting devices and legal frameworks for providing guidelines on public policy, such as the Statute of the Child and Adolescent (ECA), the National Action Plan for Human Rights (PNDH), and the National Program to Combat Sexual Violence against Children and Adolescents (PNEVSCA), which already consider ICT, as well as the National Plan for Human Rights Education (Media and Education Axis), the Principles for the Governance and Use of the Internet (proposed by the Brazilian Internet Steering Committee – CGI.br), national programs to expand broadband access in homes and schools, and current debates on consolidating the Internet Regulatory Framework (Marco Civil da Internet).

In addition to the legal frameworks and guidelines, of note are the various efforts of civil society organizations to provide public interest services to instruct children, parents, and educators on risky Internet situations via the Internet itself. Examples include projects such as SaferNet Brazil: Helpline BR project,⁴ mobilizations of the World Safer Internet Day in Brazil,⁵ the Brazilian Cybernetic Crime Reporting Center (which focuses on human rights crimes on the Internet), educator and youth training, and distribution of open educational resources dedicated to safe Internet use.

In a country with such social, economic, and cultural diversity, one of the greatest challenges seems to be just being able to coordinate actions and institutions engaged in the issue. Despite important ongoing projects and legal frameworks initiating new processes, coordination among different public policies and institutions to implement and monitor them is not easy. The growth in investments in infrastructure must be accompanied by investments in studies to strengthen scientific evidence and in innovative projects that may indicate new paths for comprehensive and enforceable policies. There is no shortage of inspiring texts, such as the short passages that opened this article. Nor is there a lack of inspiring examples in other countries – the UK Council for Child Internet Safety in England and the European Union’s Safer Internet Programme, the safety guidelines in the Digital Agenda for Europe, the actions of the Data Protection European Commission⁶, and the recommendations of Unesco for education in the 21st century.

Thus, this high-quality survey rigorously conducted by Cetic.br is an important milestone for us to advance the consolidation of a richer and more balanced democratic arena for debate on the opportunities and risks for children on the Internet – a Brazilian arena for debate that facilitates the urgently needed integration of public policies to promote and protect the human rights of children with the public policy to ensure universal access to the Internet. This is essential because online and offline are two sides of a single world in which we need to promote the healthy, free, inclusive, and safe development of our children, who need to be prepared to handle the risks and seize the opportunities afforded by ICT. In addition to the Internet itself being a powerful ally in this process of integrating and strengthening public policies, we must highlight the even more powerful force that comes from direct and qualified participation by children with their voices, clicks, taps, and criticism.

⁴ Available at: <<http://www.canaldeajuda.org.br>>.

⁵ Available at: <<http://www.diadainternetsegura.org.br>>.

⁶ Available at: <http://ec.europa.eu/justice/data-protection/index_en.htm>.

REFERENCES

BOYD, D. Social Network Sites as networked publics : Affordances, Dynamics, and implications. In: PAPACHARISSI, Z. (Ed.). *A Networked Self: Identity, Community and Culture on Social Network Sites*. London: Routledge, 2011.

_____. *Taken out of context: American teen sociality in networked publics*. PhD Dissertation, University of California, Berkeley, 2008. Available at: <<http://www.danah.org/papers/TakenOutOfContext.pdf>>.

BLOTTA, V. S. L. Mídia e Cidadania: contribuições de leituras habermasianas da comunicação de massa para a retomada da esfera pública em sociedades complexas. *Eptic On-Line*, Universidade Federal de Sergipe, v. 10, p. 5, 2008.

LIVINGSTONE, S. *Children and Internet: Great Expectations, Challenging Realities*. Cambridge: Polity, 2009.

MARWICK, A.; BOYD, D. I tweet honestly, I tweet passionately: Twitter users, context collapse, and the imagined audience. In: *New Media Society OnlineFirst*, 07 July 2010. Sage, 2010. Available at: <<http://nms.sagepub.com/content/early/2010/06/22/1461444810365313>>.

SIBILIA, P. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

FACTORS ASSOCIATED WITH SAFE INTERNET USE BY YOUNG PEOPLE

Rosália Duarte¹, Rita Migliora² and Emerson Santos³

INTRODUCTION

This paper presents and analyzes results of the ICT Kids Online Brazil 2012 survey, conducted by the Center of Studies on Information and Communication Technologies (Cetic.br), and focuses primarily on identifying factors conducive to the development of skills for safe Internet use among young people between 11 and 16 years of age. The survey considers safe use and safe browsing as skills necessary to protect oneself from potential risks when making use of the Internet: keeping control over personal data (full name, address, identification documents, information that would endanger one's personal image, etc.), using available resources to prevent viruses or invasive programs that may damage the personal computer's operating system or allow access to private data, selecting which contacts in social networking sites can access posts, avoiding harassment by ill-intentioned adults, preventing psychological harm caused by cyberbullying or any form of discrimination or incitement of violence, etc. The questionnaire adopted by the survey presents questions that seek to understand young people's perceptions of their abilities in these areas.

Our hypothesis, based on international studies (MEDIAPPRO, 2009; U.S. KIDS ONLINE II, 2012; KREDENS; FONTAR, 2010), is that the greater these skills, the greater the opportunities to make enjoyable and productive use of all that the online world has to offer.

Our studies on the factors associated with children's television use indicate that age, location of use, repertoire of use (degree of knowledge of the resources of the media used) and in particular mediation – by parents and peers – have a significant effect on developing the skills necessary to analyze programming content critically (MIGLIORA, 2007). A study conducted

¹ Professor in the Education Department at the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro (PUC-Rio) and coordinator of the Education and Media Research Group.

² Doctoral candidate in Education from the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro (PUC-Rio) and member of the Education and Media Research Group.

³ Master's degree in Production Engineering from the Polytechnic School of the University of São Paulo (USP). Coordinator of Statistics and Quantitative Methods at the Center of Studies on Information and Communication Technologies (Cetic.br).

with approximately 4,000 young people from public schools in the city of Rio de Janeiro (DUARTE; CASELLI; COIMBRA; MIGLIORA, 2013) on computer and Internet use skills indicates that factors such as age, media ownership at home, cultural consumption, time of use, location, and frequency of use increase the likelihood of developing the skills necessary for more productive Internet use – in the case of this study, in relation to the acquisition of new knowledge and the expansion of social networking.

Thus, we selected a procedure of analysis of the ICT Kids Online Brazil 2012 survey data that allowed us to access the degree of relationship between the factors mentioned above and the ability to safely use the Internet. We used nonparametric statistical procedures to establish a scale that would capture the different degrees of skill for the young people who completed the questionnaire and thereby identify the most skilled. Then, we evaluated which variables representing the aforementioned factors explain young people's skills in using the Internet safely. This paper presents the results obtained and, in the discussion, focuses on the positive effects of parental mediation on safe Internet use.

METHODOLOGICAL CHOICES AND DATA PROCESSING

This study is based on information obtained from the ICT Kids Online Brazil 2012 survey, which was applied to around 1,500 young people and their parents or legal guardians. Data on the young people include gender, age, time of use, location of use (bedroom, living room, school, LAN house, library, friends' home, relatives' home, and 'out and about' by phone), and frequency of use (every day or almost every day, once or twice a week, once or twice a month, or less than once a month), information about the household or head of household (family income, social class, education, and number of residents), as well as items related to the three constructs (skills, modes of use, and mediation). For these constructs we used the Nonparametric Item Response Theory (NIRT) to create and validate scales, as will be described below. Finally, we verified the relationship between skills and the other variables by logistic regression.

Generally, theoretical constructs are used because it is not possible to use direct instruments to measure certain dimensions. To evaluate these constructs or validate the data collection instrument (questionnaire) there are different methodologies, including Item Response Theory (IRT), which, like Confirmatory Factor Analysis (CFA), is useful in validating scales for constructs and in summarizing questionnaire information.

IRT models the probability for the individual's response to a given item of the questionnaire on the item's response curve – i.e. it relates the latent trait of the individual to the probability of response. NIRT is the nonparametric version of IRT; its formulation is less restrictive than the parametric version and does not impose a well-defined function on the response curve. In this study, we used NIRT to study the scalability of the constructs. For each scale, we calculated the coefficient of scalability (H) and the confidence interval. All scales were at least reasonable (coefficients above 0.4), as summarized below.

To begin, five questions were considered to form the skills block. This group of questions consisted of 20 items, one with three response options and the rest with two. From this set of data we obtained three scales, the first being chosen to represent skills, and the other two disregarded because they represent other constructs (games and perception of the Internet). Finally, the skills scale consisted of 14 items related to comparing different sites, changing filter preferences, adding favorites, blocking spam, deleting browsing history, changing privacy settings, blocking people, seeking safety information, sending or receiving emails, using social networking sites, instant messaging (such as with MSN), visiting chat rooms, making/receiving telephone calls (such as with Skype) and posting messages on a site. This set of items formed a scale with $H = 0.437$ and a reliability of 0.86.

The modes of use block was constructed from three questions with 16 items that offered two options for each response. From this set of data we obtained two scales, one of them being discarded as it also represented a construct related to games. The scale chosen to represent the mode of use was composed of 14 items related to using the Internet for school work, watching videos, downloading music or films, reading or watching the news on the Internet, sending/receiving emails, using social networking sites, instant messaging (such as with MSN), spending time in a virtual world and visiting chat rooms, using a webcam, posting messages on websites, writing a blog or online diary, posting photos, videos, or music, and using file sharing sites. This set of items formed a scale with $H = 0.449$ and a reliability of 0.84.

For mediation we considered the block formed by three questions with 12 items, most with two response options and one with four options. This set of items formed a scale with $H = 0.543$ and a reliability of 0.89. The items related to mediation by a parent or legal guardian of the child's relationship to the Internet were: talking to the child what he/she does on the Internet, staying nearby or joining in activities using the Internet, helping when the child found something difficult to find or do on the Internet, explaining why some sites are good and others bad, suggesting ways to use the Internet safely, giving suggestions on how to behave towards other people on the Internet, helping when something on the Internet has bothered the child, and talking about the possibility of something bothering the child in the future.

FACTORS POSITIVELY AFFECTING SAFE INTERNET USE

A logistic regression model was estimated to assess the association between skills and the variables of gender and age, time, location and frequency of use, family income, social class and parents or legal guardians' education level, number of residents, modes of use, and parental mediation. Skills was considered as a dichotomous variable – i.e. each child was rated as having greater skills if he/she answered “yes” to seven or more of the 14 items on the scale and defined as having less ability if otherwise (the child answered “yes” to up to six items). We followed the assumption that all 14 items have the same weight in making up the skill: the item itself did not matter, only the number of items practiced by the child. Similarly, the “modes of use” variable ranked each child as having various modes of use if he/she answered “yes” to seven or more of the 14 items on the defined scale, and the “mediation” variable if he/she answered “yes” to five or more of the 10 items on the defined scale.

The analysis model allows grouping variables and assessing the group's degree of coherence and, at the same time, perceiving to what extent these variables together affect the skills necessary for safe Internet use. Table 1 shows the adopted model and indicates the degree of significance for each variable:

TABLE 1
ESTIMATES FOR THE LOGISTICAL REGRESSION MODEL
– SKILLS IS THE DEPENDENT VARIABLE

Intercept	- 4.4 (0.73)***
Female	- 0.07 (0.14)
Age	0.24 (0.05)***
Time of Use	0.09 (0.04)*
Modes of Use	1.73 (0.16)***
Mediation	0.46 (0.17)**
Number of Residents	- 0.09 (0.05)
Location of Use	
Bedroom	0.25 (0.19)
Living room	0.49 (0.19)**
School	0.07 (0.16)
LAN house	0.42 (0.18)*
Library	0.001 (0.37)
Friends' home	0.55 (0.18)**
Relatives' home	- 0.03 (0.17)
Mobile phone when "out and about"	0.33 (0.2)
Frequency of Use	
Once or twice a week	- 0.04 (0.18)*
Once or twice a month	- 1.06 (0.29)***
Less than once a month	- 1.62 (0.49)***

*** p < 0.1%; ** p < 1%; * p < 5%; standard error in parentheses; AIC=1172

The results obtained indicate that the child's age, associated with the time of Internet use, the frequency with which such access occurs (every day or almost every day, compared with lower frequencies of use), location of use (in the living room or at friends' homes, compared to in school or in the bedroom), the mode of use (greater repertoire of activities), and parental mediation, positively affects the skills necessary for safe Internet browsing. In other words, being older, using the Internet for more time, accessing it every day or almost every day, having a greater repertoire of activities, accessing it in location such as the living room or friends' home, and receiving guidance from parents significantly increase the likelihood of the child adopting safer Internet browsing habits.

What does that say about measures to promote safe Internet use? First, it is not necessary to wait until children are older to allow them to make use of the Internet, but rather if the time of use favors safety, the sooner they learn and the longer they do this in their everyday lives, the greater the chance of learning to defend themselves against possible risks, and thus enjoy the best of the opportunities offered by Internet access. This increases if the factors are combined with supervision by adults in the family and collaborative activities – i.e. the positive impact of Internet use in the homes of friends.

None of the models tested showed significant impact of variables associated with social class, family income, and education level of parents or legal guardians, which, ultimately, can be defined as socioeconomic factors. No doubt it seems strange that this factor has no direct impact on the development of skills for Internet use, especially in a country with enormous social inequality, such as ours.

From the data used, it was not possible to draw conclusions on the influence of the education level of parents or legal guardians, social class, and family income on children's skills; however, we can introduce some explanatory hypotheses for this.

First, it is difficult to establish precise parameters for the configuration of social classes in Brazil, since the income factor, besides being considered difficult to be collected – in general, those who receive more state they receive less and vice versa – is influenced by recently adopted policies of indirect distribution of income, such as the *Bolsa Família* (Family Allowance – a social welfare program) among others, which, although part of the family income, is not considered as such by beneficiaries when they respond to the question in the survey interviews. Moreover, possession of durables – cars, motorcycles, refrigerators, ovens, mobile phones, computers, etc. – another important parameter for defining social class, has been increasing in the country through measures to reduce taxation and interest rates on personal loans, which generally favor the lower-income population.

Regarding the education level of parents or legal guardians, we expected that the greater the parents' education, the higher the chances of young people's developing skills for using the Internet, considering that the best use of Internet resources seems to be, in principle, associated with education. It is possible that in the model both education and family income have been canceled out by the "parental mediation" variable. This variable consists of questionnaire items that capture teenagers' perception of the kind of guidance given by the adults in the family on Internet use. Subjects answered questions regarding their perceptions of parental interest in their Internet activities, the kind of communication that parents often have with them in this respect, the guidance they receive from parents on how to act and behave on the Internet with other people, and other issues of this nature.

Thus, further studies are needed to investigate the relationship between these variables and mediation, including assessing if the relationship is not inversely related to education – i.e. that the lower the education level of parents, the less the knowledge of what is happening in online environments, and, therefore, the greater the concern about their children's online activities and the risks to which they may be exposed.

A study by Migliora (2007) involving around 800 children in working class families from Rio de Janeiro and Minas Gerais, on the relationship they had with television, indicated a high degree of parental mediation. About 70% of children who responded to the questionnaire reported having more than one television set at home, and one in three reported having a TV in the bedroom. Even so, 68% of these children reported that they watched television with at least one adult in the family, if not with the whole family at dinnertime. When asked with whom the child watched television, the responses were primarily adults, siblings, and cousins, by choice; most of them reported watching their favorite shows with their fathers and/or mothers, which suggests that selection of program content is somehow mediated by family values.

Surveys on school performance in Brazil (MARTURANO, 2006; ANDRADE; LAROS, 2007; BONAMINO; ALVES; FRANCO; CAZELLI, 2010) have detected in low-income households significant indicators of family dialogue on children's school activities when the children present better school performances. This demonstrates that parental concern with their children's school life may have a positive effect on their performance in studies.

Studies in other countries (PEREIRA et al, 2012; MENDONZA, 2009; STRASBURGER et al, 2009) indicate that parents influence modes of media consumption, as well as the learning that occurs from such use. Some of these studies suggest that parents should be sensitive to the needs of children and should seek resources on how to deal with children's experiences with the media.

The study mentioned above (MIGLIORA, 2007) identified significant levels of family dialogue on television programming content: 55.7% of children who participated in the survey reported that their parents talked with them "a few times and almost always" about what they saw on television, 36.1% reported that their parents did it "always", and only 6.3% responded they "rarely or never" discuss it with adults in the family. In this context, family dialogue indicates that the family is a cohesive source of mediation; after all, it is the basis of the formation of parameters and values, guiding children in the conventions of the social group to which they belong.

A study conducted by Unesco,⁴ in partnership with the Brazilian Institute of Public Opinion and Statistics (Ibope), examined what Brazilians think of television, with the aim of contributing to discussions on Parental Guidance classifications for TV programs.⁵ The results indicated that the content of programs often acts as a catalyst for discussion of controversial and/or embarrassing themes in the family. The results also indicated that, specifically in the lower income classes, television acts as an incentive to keep children at home, mitigating the risks associated with the external world, where the threat of violence and drug use is high.

⁴ Results of the survey extracted from the Observatório da Imprensa site. Available at: <<http://www.observatoriodaimpresa.com.br>>.

⁵ Parental guidance classifications are those that the government provides for shows and public entertainment, including television programs. They provide information on their nature, age groups that are not recommended, and places and times for which the presentation may be inadequate. It is regulated by Ordinance No. 264 of February 9, 2007.

The positive effect of parental mediation regarding skills for safe Internet use, demonstrated in the analysis of the ICT Kids Online Brazil 2012 survey data, suggests that the standards adopted by families in relation to television use may be being transferred to the relationship with the Internet within the home. It is worth mentioning that 52% of parents who responded to the ICT Kids Online Brazil 2012 survey questionnaire declared that they obtained information on how to guide their children in Internet use from television. In fact, soap operas and fiction series produced in Brazil in recent years have, with some regularity, inserted situations that alert parents to the risks children without adult guidance may be exposed to on the Internet. Content of this nature was inserted in one of the episodes of Globo TV's *A Grande Família* (*The Big Family*), aired in the period during which the survey data were being collected.

Everything indicates that Brazilian working class families' tradition of sharing at least one meal a day together and talking about mass media content – especially television – seems to have been adopted in relation to the Internet, especially considering the positive and significant impact of Internet use by teenagers in the living room.

What we see suggests that public policies designed to encourage the development of skills necessary for safe Internet use should include measures conducive to providing Internet access to the entire population, reducing the inequality that one finds today between social classes and geographic regions. In addition, parents or legal guardians should be encouraged to allow their children to make regular use of the Internet from an early age, guiding and watching, more than controlling, exploration and the discoveries they make on the World Wide Web.

REFERENCES

ANDRADE; LAROS. Fatores associados ao desempenho escolar: estudo multinível com dados do SAEB/2001. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v.23, n.1, p. 33-41, 2007.

BONAMINO; ALVES; FRANCO; CAZELLI. Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman. *Revista Brasileira de Educação*, v.15, n.45, p. 487-499, 2010.

DUARTE; CAZELLI; COIMBRA; MIGLIORA. Jovens estudantes do Rio de Janeiro e sua relação com mídias digitais. In: CARRANO; FÁVERO (Coord.). *Narrativas Juvenis e Espaços Públicos: olhares de pesquisas em educação, mídia e ciências sociais*. RJ: EdUFF, 2013.

EU KIDS ONLINE II. *Enhancing Knowledge Regarding European Children's Use, Risk and Safety Online*. Published in 2011. Available at: <<http://www2.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/Home.aspx>>. Accessed on: Jan 5, 2013.

FONTAR, B.; KREDENS, E. *Comprendre le comportement des enfants et adolescents sur Internet pour le protéger des dangers*. Published in 2010. Available at: <<http://www.isjm.fr/docs/apel/rapport%20Prevention%20nouveau%20techno.pdf?PHPSESSID=304ba8420f5eb5bf6ce3fcf6dd3ae5ab>>. Accessed on: Jan 5, 2013.

MARTURANO, E. O inventário de recursos do ambiente familiar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 19, n. 3, p. 498-506, 2006.

MEDIAPPRO. *The appropriation of new media by youth*. Final Report. Published in 2006. Available at: <<http://www.mediapro.org/publications/finalreport.pdf>>. Accessed on: Jan 5, 2013.

MENDONZA, K. Surveying parental mediation: connections, challenges and questions for media literacy. *Journal of media literacy education*, n. 1, p. 28-41, 2009. Available at: <www.jmle.org>. Accessed on: Dec 10, 2012.

MIGLIORA, R. *Crianças e Televisão: um Estudo de Audiência Infantil e de Fatores Intervenientes*. Dissertation (Masters) – Postgraduate Program in Education at the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro, 2007.

PEREIRA, S; PINTO, M.; PEREIRA, L. Recursos para La alfabetización mediática: investigación y propuestas para niños. In: *Comunicar*, 39, p. 91-99, 2012. Available at: <<http://www.revistacomunicar.com>>.

STRASBURGER, V.; WILSON, B.; JORDAN, A. *Children, Adolescents and the Media*. Thousand Oaks: Sage Publications, 2009.

***ICT KIDS ONLINE
BRAZIL 2012***

METHODOLOGICAL REPORT

INTRODUCTION

In view of the need to understand Internet use among children from 9 to 16 years old, CGI.br decided to conduct an annual nationwide survey – ICT Kids Online Brazil – to understand risks and opportunities related to child online protection.

The methodology used in the survey is aligned with the framework designed by the London School of Economics with EU Kids Online.¹

The methodology adopted a quantitative approach based on a sample survey, enabled by face-to-face interviews carried out at respondents' homes by means of structured questionnaires.

OBJECTIVE

The main objective of the ICT Kids Online Brazil survey is to understand how the population aged 9 to 16 uses the Internet, as well as other key issues, such as risks and opportunities related to Internet use.

The specific objectives of the survey are as follows:

- To understand how children access and use the Internet, the online risks involved and how they perceive online safety.
- To outline the experiences, practices and concerns of parents and legal guardians in relation to their children's use of the Internet.

¹ For more information about framework, visit: <<http://www2.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/Home.aspx>>.

DATA COLLECTION INSTRUMENTS

The questionnaires used in the ICT Kids Online Brazil survey were based on those developed for the EU Kids Online. The European questionnaires were translated into Portuguese from the master questionnaires in English and then adapted to the Brazilian context. In order to ensure that the concepts covered by the survey were understood by Brazilian respondents, cognitive tests and pre-tests were conducted, and the survey methodology was discussed by a group of experts.

COGNITIVE TESTS

Eight cognitive interviews were conducted to test critical questions and their underlying concepts. The objective of the tests was to understand the cognitive path taken by respondents, as well as their comprehension of the concepts under study. The cognitive tests were important to identify translation issues, the understanding of specific terms, and the length of the questionnaire.

The questionnaires for children (both self-completion and interviewer administered) and the questionnaire for parents or legal guardians were tested.

PRE-TEST

Additionally, 20 pre-test interviews were carried out in different geographic regions with respondents of different ages to test the questionnaire's fluidity, assess the time required and complexity for questionnaire completion, and adjust the question and answer categories.

EXPERT GROUP MEETING AND ICT KIDS ONLINE BRAZIL WORKSHOP

An expert group met to debate issues related to the ICT Kids Online Brazil survey and validate the survey methodology. It brought together over 25 experts on the topic, including representatives of the government, international organizations, and academia.

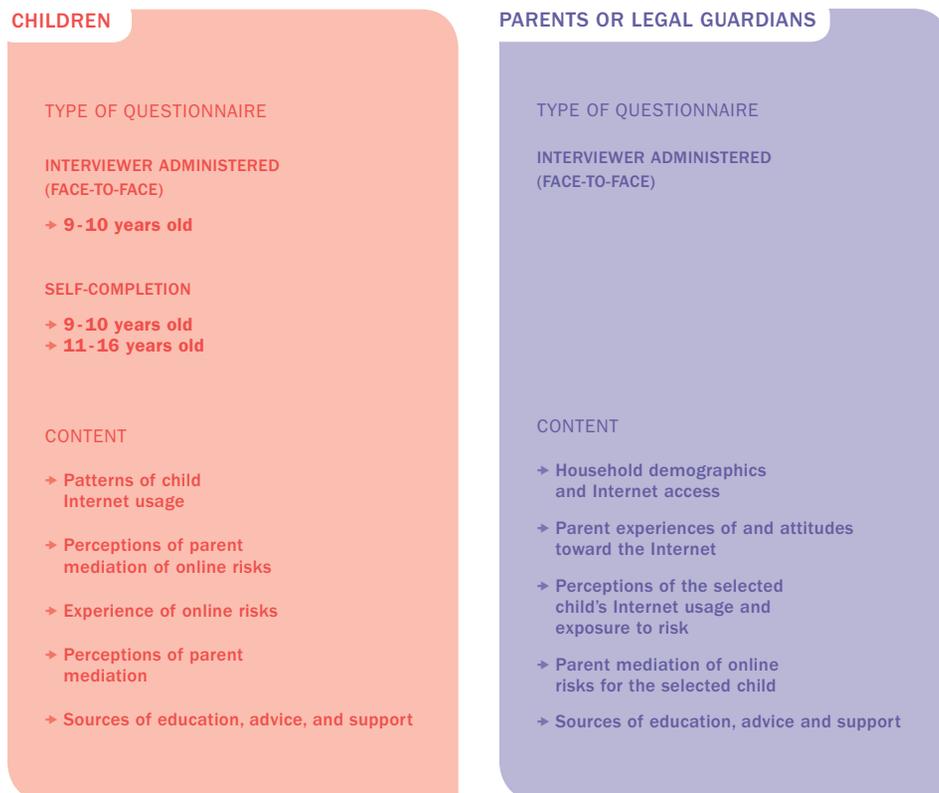
Also, in order to discuss the implementation of the EU Kids Online framework in Brazil, a workshop was organized in the presence of international guest speakers who were directly involved in the EU Kids Online survey. These participants provided invaluable lessons learned with their experience in conducting the survey in Europe.

INFORMATION ABOUT THE QUESTIONNAIRE

Data was collected by questionnaires with structured questions (single or multiple answers) preset for the 9 to 16 age range. Children answered two different questionnaires: interviewer administered (face to face) and self-completion. The self-completion questionnaire covered more sensitive subjects and was designed so that the child could answer questions without interference of other members, thus providing a more comfortable environment and avoiding misreporting. The survey included two kinds of self-completion questionnaires designed according to different age groups: 9 to 10 years old and 11 to 16 years old.

In addition to the questionnaire designed for children, the survey included a separate questionnaire for parents or legal guardians, as illustrated (Figure 1). All questionnaires were administered on paper (Paper Administered Personal Interviewing – PAPI).

FIGURE 1
INFORMATION ON THE QUESTIONNAIRES OF THE ICT KIDS ONLINE BRAZIL 2012 SURVEY



SAMPLE PLAN

The sample plan for the ICT Kids Online Brazil survey covered all aspects of how the sample was specified and selected. As an important aspect of survey methodology, the sample plan described the sample frames, sample design, sample sizes, selection mechanisms, and weighting procedures.

TARGET POPULATION

The survey's target population comprised Brazilian children aged 9 to 16 who are Internet users – i.e. they had used the Internet in the three months prior to the survey.

UNIT OF REFERENCE

The unit of reference for the ICT Kids Online Brazil survey was the population of Internet users aged 9 to 16 and the parents or legal guardians who was best informed about their routines and Internet use.

SURVEY FRAME AND SOURCES OF INFORMATION

The survey frame and sources used to collect information on the target population for the sample design were the 2010 Census, the basis for random selection of municipalities and census sectors, and the National File of Addresses for Statistical Purposes (in portuguese, Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos – CNEFE)², which was used as a reference for household selection.

SAMPLE DESIGN

The sample design for the ICT Kids Online Brazil survey followed basic principles of sampling theory such as clustering, stratification, and selection with uneven probabilities for further unit selection.

The survey's sample plan was based on a three-stage cluster sampling method with probability proportional to size (PPS) selection and stratification of sampling units.

The three stages are summarized below.

² The National File of Addresses for Statistical Purposes (CNEFE) has a list of 78,056,411 addresses in urban and rural areas, distributed across 316,574 census sectors and classified by type: residential units, teaching units, health units and others. The data on the list is comprised only of addresses with street name, number, complement, and coordinates in rural areas; it doesn't provide economic or social information for the corresponding address. Available at: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/cnefe/default_cnefe.shtm>.

STAGE 1 – Selection of municipalities

- Stratification by geographic region and systematic selection of municipalities in each stratum with probability proportional to size.
- Size by total number of children aged 5-16 in municipalities.

STAGE 2 – Selection of census sector

- Systematic selection of census sectors with probability proportional to size.
- Size by total number of children aged 5-16 in sectors.

STAGE 3 – Selection of households

- Random permutation of the CNEFE, followed by selection of households by inverse sampling.

SAMPLE ALLOCATION AND SELECTION

Selection of Municipalities

Municipality selection, the first stage of the sample selection, involved systematic selection with set ICT strata (see Appendix I).

Two or three strata of municipalities were created. The criterion used was the existing politico-administrative division of the Brazilian territory, which is comprised of 27 federative units (FU), including the Federal District. These were subdivided into smaller groups in three of the 27 states (São Paulo, Rio de Janeiro, and Minas Gerais), while other states were grouped together (Rondônia, Roraima, Acre, Amapá, and Tocantins; Mato Grosso and Mato Grosso do Sul). Municipalities located outside these areas were grouped as countryside.

- **Stratum 1** comprised the 27 capitals of the Brazilian federative units.
- **Stratum 2** comprised three metropolitan regions (MR): São Paulo, Rio de Janeiro, and Belo Horizonte. Strata 1 and 2 were definitely included in the sample. The distribution of interviews within the Metropolitan Region was proportional to the size of the population of the municipalities in each region.
- **Stratum 3** comprised all the municipalities not in Strata 1 and 2; this stratum was named countryside. Municipalities were selected by probability proportional to size (PPS). Municipalities were selected based on implicit stratification by mesoregion, in order to ensure that the sample would include municipalities less likely to be selected. This ensured that interviews were widespread.

Selection of Census Sectors³

Census sectors were determined for each of the municipalities selected in the first stage. The implicit stratification method was employed using the code of census sectors, which consists of the FU, city, district, sub-district, and neighborhood codes. Following implicit stratification, the selection was made based on probability proportional to size (PPS).

Selection of Households

In each census sector the households to be approached were selected based on the CNEFE. The list of household addresses to be visited was randomly permuted and then followed by the interviewer until he or she had successfully completed 10 interviews with Internet users aged 9 to 16, or until he or she had visited 100 households on the list following the preset order. This form of household selection is called Inverse Sampling. Three revisits were foreseen with one of them on a different day – i.e. the household would be visited at least on two different days.

Addresses that fell under the following categories were not included in the list of 100 visits:

- Only foreign residents in the household.
- Household empty, unoccupied or used temporarily in the holiday season.
- Location not used as a residence: commercial facilities, churches, or schools.
- Demolition sites or households under construction.
- Households not located.

Selection of Respondents

After selecting and determining eligible households – those with Internet users aged 9 to 16 – an interview was conducted with the child and a parent or legal guardian. In the case of households with more than one child in the same age range, the criterion used was the child whose birthday was next.

SAMPLE SIZE DETERMINATION

A sample plan of up to 2,500 children and their respective parents or legal guardians was foreseen, with different collection instruments for each group. Answers would only be valid if both the child and the parents or legal guardians were interviewed in a selected household.

³ Census sector: according to the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) definition of Demographic Census, a census sector covers a smaller territorial unit comprising a continuous area with known physical boundaries, located in urban or rural areas, of scale suitable for data collection. The combination of all census sectors in a country represents the entire national territory.

FIELD DATA COLLECTION

DATA COLLECTION PERIOD

The field survey took place between April and July, 2012.

FIELD AIDS

To explain the survey objectives to the selected respondents and to improve the response rate, the following field aids were implemented:

- A Hot Site with Frequently Asked Questions – FAQ Website was created.
- Letters describing the survey, explaining its importance, and providing contacts for further information were sent to Residents, Residential Building Administrators, and Police Chiefs.
- Leaflets containing safety tips for children were handed to respondents after survey completion.

FIGURE 2
 HOT SITE – FREQUENTLY ASKED QUESTIONS – FAQ WEBSITE (<http://cetic.br/criancas2012/>)



FIGURE 3
LETTERS EXPLAINING THE IMPORTANCE OF THE SURVEY



FIGURE 4
SAFETY TIPS LEAFLETS FOR CHILDREN AND PARENTS



DATA PROCESSING

WEIGHTING

Inclusion probability calculations consider the selection method; hence the three stages of the survey were weighted. For Stages 1 and 2 – i.e. selection of municipalities and sectors – weights were calculated based on the aforementioned approach. Each unit sampled (municipality and sector) was assigned a weight proportional to the relative size of the population aged 5 to 16 in the respective unit, based on the stratification.

For the third stage of household selection by inverse sampling, inclusion probabilities considered three factors in the selection probability:

- Probability of being visited.
- Probability of being eligible when visited.
- Probability of an interview, providing for the previous two factors.

The product of the three probabilities was the basis for the calculation of the probability of an interview in an eligible household, and the inverse probability was the base weight used for sample expansion in the third stage. As such, non-response was considered in the probabilities calculation, which stressed the need for maximizing efforts to obtain interviews.

Detailed Weighting Procedure

WEIGHTING STAGE 1

Given that D_{ij} is the j^{th} household located in sector i , as per the IBGE CNEFE registry of addresses, to calculate the sample weight of a household, one must apply a three-stage algorithm.

Calculation for the probability of selection of municipality k in the ICT stratum:

$$\Pr(M_k \in s) = n \times P_k / P$$

where:

M_k is the k^{th} municipality in the ICT selection stratum.

s is the sample of municipalities selected in the ICT selection stratum.

n is the number of municipalities selected in the ICT selection stratum of municipality k .

P_k is the size (population) of the k^{th} municipality in the ICT selection stratum.

$P = \sum_{k \in U} P_k$ is the sum of the sizes (population) of municipalities in the ICT selection stratum.

U represents all municipalities in the ICT selection stratum.

WEIGHTING STAGE 2

Calculation for the conditional probability of selection of sector *i* in selected municipality *k*:

$$\Pr(S_{ki} \in s_k) = m_k \times D_{ki} / D_k$$

where:

S_{ki} is the i^{th} sector of municipality *k*.

s_k is the sample of sectors of municipality *k*.

m_k is the number of sectors selected in the municipality to which the sector belongs.

D_{ki} is the size (number of permanent private households) of the i^{th} sector of municipality *k*.

$D_k = \sum_{i \in U_k} D_{ki}$ is the sum of the sizes of all sectors in municipality *k*.

U_k represents all sectors in municipality *k*.

WEIGHTING STAGE 3

Calculation the conditional probability of selection of household *j* in sector *i* of municipality *k*:

$$\Pr(d_{kij} \in s_{ki}) = \frac{n_{ki}}{N_{ki}} \times \frac{m_{ki}}{n_{ki}} \times \frac{a_{ki}-1}{m_{ki}-1}$$

if the number of household addresses selected is below or equal to 100, or:

$$\Pr(d_{kij} \in s_{ki}) = \frac{n_{ki}-1}{N_{ki}-1} \times \frac{m_{ki}}{n_{ki}} \times \frac{a_{ki}}{m_{ki}}$$

if the number of household addresses selected is equal to 100, where:

d_{kij} is the j^{th} sector of municipality *k*.

s_{ki} is the sample of households in sector *i* of municipality *k*.

n_{ki} is the number of addresses selected in sector *i* of municipality *k*.

N_{ki} is the number of existing household addresses in sector *i* of municipality *k*.

m_{ki} is the number of household addresses selected in sector *i* of municipality *k*.

a_{ki} is the number of households interviewed in sector *i* of municipality *k*.

Note that the number n_{ki} of addresses selected in sector *i* of municipality *k* may be over 100 because sampling in a sector would be terminated when the number m_{ki} of household addresses selected in sector *i* of municipality *k* reached 100.

In the calculation, the first factor of the product is the probability of an address being selected in the sector. The second factor is the probability of an address being a household. The third factor is the probability of a household being effectively interviewed.

In order to calculate the base weight of the design for an interviewed household, the selection probabilities calculated in the three stages must be multiplied, and then the inverse of this product must be calculated.

For children's indicators, the conditional probability of selecting a child in household j of sector i of municipality k was also calculated. This considered the probability of a child being selected in a household.

TREATMENT OF NON-RESPONSE

The survey had two levels of non-response treatment, which are described below.

NON-RESPONSE TO A UNIT

Non-response to a unit is when a person cannot be interviewed in a previously selected household due to refusal or unavailability. After reasonably revisiting a household three times during different time periods (morning/afternoon/evening), the interviewer moved on to the next household in the list until the target number of interviews was completed or the interviewer visited 100 households.

NON-RESPONSE TO AN ITEM

Non-response to an item is when the selected respondent fails to answer a specific question. In most cases respondents were given an alternative answer that covered the situation. This allowed measuring the rate of non-response to a given indicator and applying weighting procedures. These data are shown for every indicator in the "Does not know/Did not answer" field.

SAMPLING ERROR

Margins of error must take into account the sample plan set for the survey.

The ultimate cluster method estimates variances for total estimators in multi-stage sample plans. Proposed by Hansen, Hurwitz, and Madow (1953), this method only considers the variation between information available at the level of the primary sample units (PSU) and assumes that these have been selected with population repositioning.

With this simple idea, one can consider stratification and selection with uneven probabilities for both the primary sample units and other sampling units. The premise for using this method is that there are unbiased estimators of the total amount of the variable of interest for each primary conglomerate selected, and that at least two of them are selected in each stratum (if the sample is stratified in the first stage).

This method is the basis for several statistical packages for variance calculations considering the sampling plan.

From the estimated variances, we opted to disclose errors expressed as the margin of error of the sample. For publication, margins of error were calculated for a confidence interval of 95%. This indicates that the results based on this sample are believed to be accurate, within the range set by the margins of error, 19 times out of 20 – i.e. if the survey were repeated several times, in 95% of those the range would contain the true population value. Other values derived from this variability estimate are usually presented, such as standard deviation, coefficient of variation and confidence interval.

Calculating the margin of error multiplies the standard error (square root of the variance) by 1.96 (sample distribution value, which corresponds to the chosen significance level of 95%). These calculations were made for each variable in all tables; hence, all indicator tables have margins of error related to each estimate presented in each cell of the table.

DATA DISSEMINATION

Data and results of the ICT Kids Online Brazil 2012 are published in book format and are made available on the Cetic.br website – <http://www.cetic.br> – to provide information to government, the academia and other interested parties.

In some results, rounding caused the sum of partial categories to exceed 100% in single answer questions. The sum of frequencies in multiple answer questions usually exceeded 100%.

REFERENCES

- BOLFARINE, H.; BUSSAB, W. O. *Elementos de amostragem*. 1. ed. São Paulo: Editora Blucher, 2005.
- COCHRAN, W. G. *Sampling Techniques*. 3.ed. New York: John Wiley & Sons, 1977.
- KISH, L. *Survey Sampling*. New York: Wiley, 1965.
- LONDON SCHOOL OF ECONOMICS. *EU Kids Online: Enhancing Knowledge Regarding European Children's Use, Risk and Safety Online*. Available at: <<http://www.eukidsonline.net>>. Accessed on: Feb 20, 2013.
- VASCONCELLOS, M. T. L.; NASCIMENTO SILVA, P. L.; SZWARCOWALD, C. L. Sampling design for the World Health Survey in Brazil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, s. 1, p. S89-S99, 2005.

APPENDIX I
DISTRIBUTION OF INTERVIEWS BY GEOGRAPHIC REGION AND ICT STRATUM

Region	ICT Stratum	Population aged 5-16*	Population aged 5-16 (%)	Kids Online Brazil Sample
North		4 083 272	10%	270
1	Rondônia/Roraima/Acre/Amapá/Tocantins	1 199 671	3%	100
2	Amazonas – Total	938 575	2%	70
3	Pará – Total	1 945 026	5%	100
Northeast		12 006 892	31%	810
4	Maranhão – Total	1 679 423	4%	110
5	Piauí – Total	706 804	2%	60
6	Ceará – Total	1 896 905	5%	120
7	Pernambuco – Total	1 912 053	5%	120
8	Rio Grande do Norte – Total	674 828	2%	60
9	Paraíba – Total	808 535	2%	60
10	Alagoas – Total	771 785	2%	60
11	Sergipe – Total	472 615	1%	50
12	Bahia – Total	3 083 944	8%	170
Southeast		14 947 004	38%	870
13	Minas Gerais – MR BH	1 000 955	3%	70
14	Minas Gerais – Countryside	2 815 241	7%	160
15	Espírito Santo – Total	689 913	2%	60
16	Rio de Janeiro – MR RJ	2 130 798	5%	130
17	Rio de Janeiro – Countryside	789 085	2%	60
18	São Paulo – MR SP	3 640 807	9%	190
19	São Paulo – Countryside	3 880 205	10%	200
South		5 178 669	13%	330
20	Paraná – Total	2 059 137	5%	130
21	Santa Catarina – Total	1 175 210	3%	80
22	Rio Grande do Sul – total	1 944 322	5%	120
Center-West		2 894 012	7%	220
23	Mato Grosso/Mato Grosso do Sul – Total	1 166 576	3%	80
24	Goiás – Total	1 219 911	3%	90
25	Federal District – Total	507 525	1%	50
National Total		39 109 849	100%	2 500

* Preliminary Synopsis of Census Sectors – Census 2010 (IBGE)

SAMPLE PROFILE

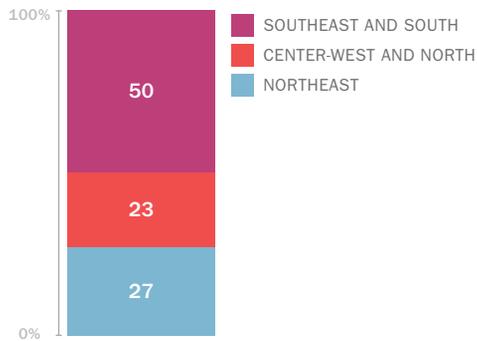
The survey was conducted with 3,160 respondents: 1,580 children that were Internet users and 1,580 parents or legal guardians. Interviews were carried out in 1,580 households across Brazil. This section shows the sample profile of households and Internet users aged 9 to 16.



REGION

Regarding the household geographic location, 50% were in the Southeast and South of the country, 23% in the Center-West and North, and 27% in the Northeast.

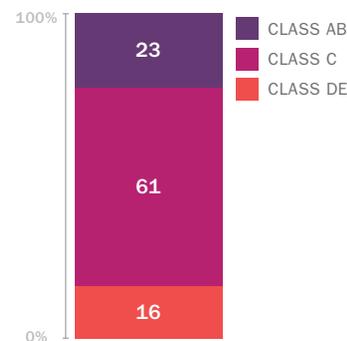
CHART 1
SAMPLE PROFILE BY REGION (%)



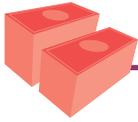
SOCIAL CLASS

A breakdown of the profile of households by social class, based on Brazilian Association of Research Institutes (Abep)¹ criterion, shows that 61% of the households were classified as class C, 23% class AB, and 16% class DE.

CHART 2
SAMPLE PROFILE BY SOCIAL CLASS (%)



¹ The definition of social class for the purpose of this survey is based on the Brazilian Association of Research Institutes (Abep) criterion. The Brazilian Criteria for Economic Classification (CCEB) is an instrument for economic segmentation, based on a survey of household characteristics (availability and number of certain comfort-related household items and level of education of the head of the household) to classify the population. The criterion attributes scores to each characteristic and adds them all up. The score range on the criterion is then matched to one of eight economic classification strata, namely A1, A2, B1, B2, C1, C2, D, and E. Source: <<http://www.abep.org/novo/Content.aspx?ContentID=301>>.

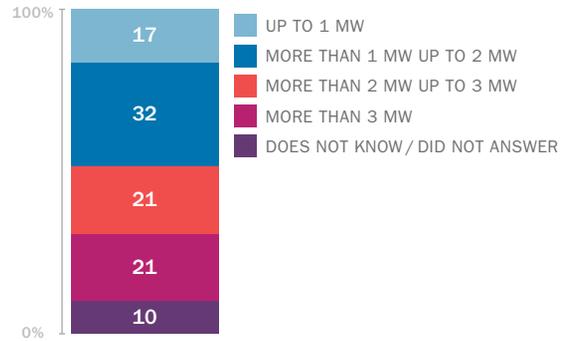


FAMILY INCOME

Family income data shows that 17% of the sample households had household incomes of up to 1 minimum wage (1 MW), 32% more than 1 up to 2 minimum wages, 21% more than 2 up to 3 minimum wages, and 21% above 3 minimum wages.²

² For reference, the minimum wage at the time of the survey was BRL 622.00.

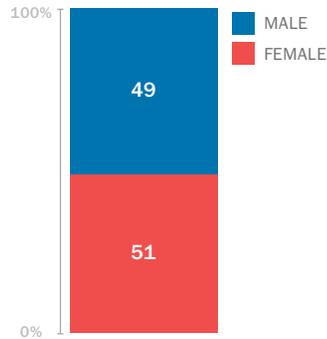
CHART 3
SAMPLE PROFILE BY FAMILY INCOME (%)



SEX

Of the 1,580 children interviewed across Brazil, 49% were boys and 51% were girls.

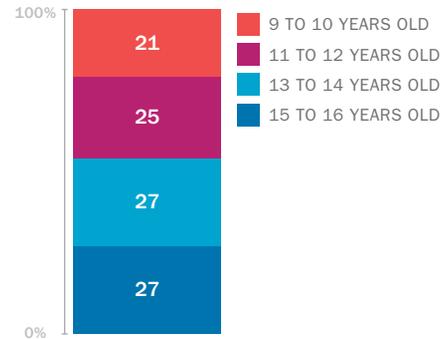
CHART 4
SAMPLE PROFILE BY GENDER (%)



AGE GROUP

The breakdown for age group was as follows: 21% of the sample was aged 9 and 10, 25% aged 11 and 12, 27% aged 13 and 14, and the remaining 27% aged 15 and 16.

CHART 5
SAMPLE PROFILE BY AGE GROUP (%)



ANALYSIS OF RESULTS

PRESENTATION

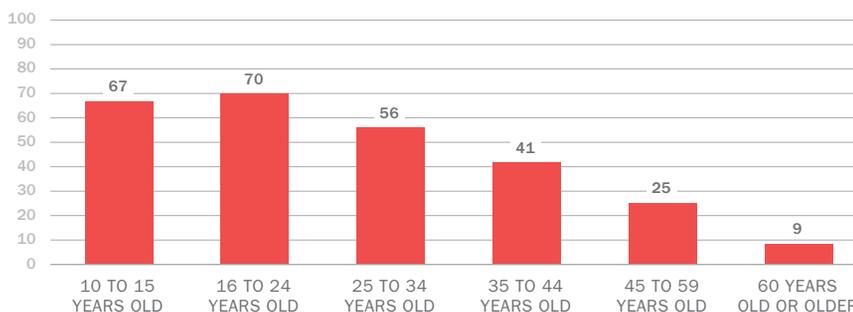
The intensity with which children use the Internet in their daily lives has drawn the attention of several experts on the social impacts of the new technologies. The surveys on the access and use of the Internet in Brazil conducted by the Brazilian Internet Steering Committee (CGI.br), ICT Households and ICT Education, show that this group of users access the network for different purposes, specially to support schooling, entertainment or social networking.

Since 2005, the ICT Households survey indicates that the proportion of 10- to 15-year-old Internet users remains above the average for the population as a whole (10 years old or more). If in 2011 45% of Brazilians were Internet users, this proportion rises to 67% when considering only 10- to 15-year-old individuals (Chart 1).

The high penetration of Internet use among children is also measured by the ICT Education survey, which investigates applications and effective use of the Internet in Brazilian public and private schools. In 2011, 94% of students in 9th year of Elementary Education and 2nd year of Secondary Education were Internet users, that is, has used the web in the 3 months prior to the survey – which is further evidence of the role of the school in digital inclusion.

As we are face with this generation of so-called “digital natives” – i.e. individuals who develop and socialize in close contact with the Internet – promoting their safe use of the Internet is a fundamental topic in the agenda of the government, families, and society in general.

CHART 1
PROPORTION OF INTERNET USERS BY AGE GROUP (2011)
Percentage of the total population



Source: ICT Households 2011

In 2012, for the purpose of substantiating this debate, the ICT Kids Online Brazil survey was conducted with the primary goal of mapping out the opportunities and risks associated with the use of the Internet by Brazilian children aged 9-16.

This report provides a brief description of the main indicators collected in the survey, providing a general overview of the results. It should be noted that this analysis does not exhaust all possible interpretations of the data; it opens the door so that new questions and interpretations may be further explored on other occasions and in other formats.

As such, it discusses themes such as the nature of children's online access through their use and activities and the possible risks associated with this use. In addition, it aims to identify the experiences, actions, and concerns of parents or legal guardians regarding their children's Internet use.

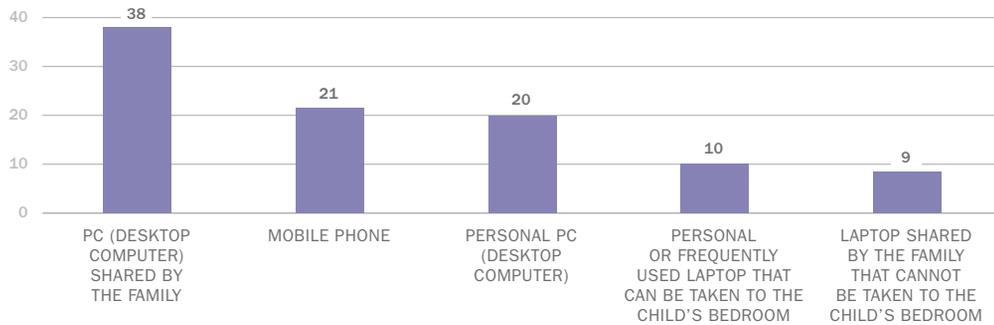
INTERNET ACCESS AND USE

Qualifying children's Internet access and use increasingly requires an effort to capture the phenomenon of convergence between different media. The ICT Kids Online Brazil survey results suggest that children are beginning to use different devices for Internet access. The data indicate that, even in a country with such profound inequality in ICT access, 24% of children access the Internet by more than one type of device (such as a desktop computer, laptop, mobile phone, or tablet, for example).

Among the devices most used are desktop computers shared by the family, used by 38% of children. The survey also shows that 21% use mobile phones, and 20% access the Internet through personal desktop computers (Chart 2). It should be noted that the use of mobile phones for Internet access is higher among 13- to 14-year-old (29%) and 15- to 16-year-olds (30%). Although only 10% of children have personal laptops, there is a significant variation when considering family income. The results indicate that children with family incomes greater than three minimum wages access the Internet more through personal laptops (19%). The data, therefore, show that socioeconomic inequalities in Brazil are still important barriers to universal Internet access.

The profile of Internet use by device has important implications on how these individuals relate to the web and on aspects of privacy and monitoring by mediators, such as parents and teachers. The proportion of children that access the Internet through a mobile device, such as a mobile phone indicates, for example, that a significant percentage of children have Internet access that tends to be less supervised.

CHART 2
TYPE OF DEVICE USED BY CHILDREN TO ACCESS THE INTERNET (2012)
Percentage of the total number of Internet users from 9 to 16 years old



The ICT Kids Online Brazil survey results also show that, on average, 9- to 16-year-old Internet users first accessed the Internet when they were between 9 and 10 years old. The economic factor also influences this aspect: the higher the social class, the earlier the child starts using the Internet. While 75% of the children in class AB have had contact with the Internet by the age of 10, less than 50% of the children in class DE report having used the Internet for the first time at that age (Chart 3).

CHART 3
AGE AT WHICH CHILDREN FIRST ACCESSED THE INTERNET BY SOCIAL CLASS (2012)
Percentage of the total number of children Internet users



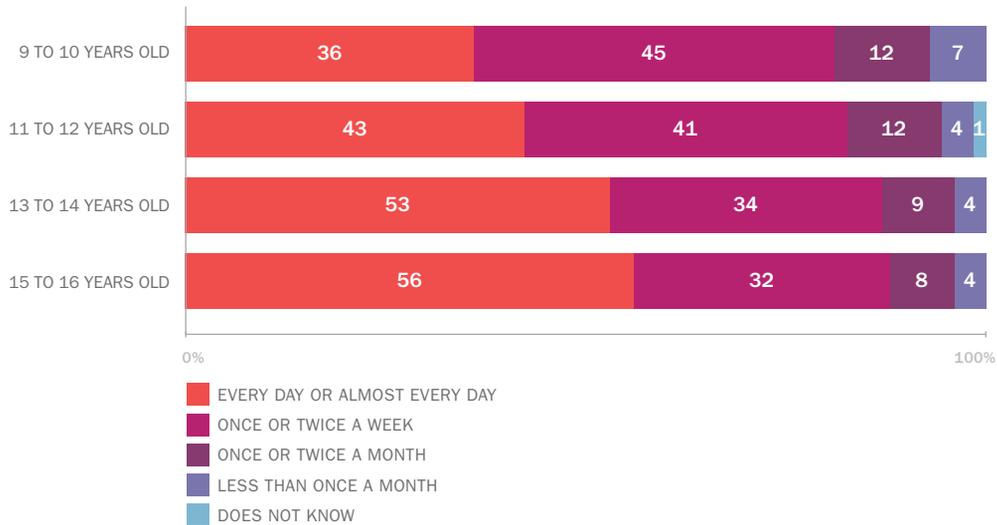
FREQUENCY OF USE

Most children who are Internet users claim to access the Internet frequently, with 47% of them using it every day or almost every day, 38% using it once a week, and only 5% using it less than once a month. Data consolidation evidences how frequently kids use the Internet - 85% of them use it at least once a week.

In terms of region, the South and Southeast have the highest frequency: more than half of individuals (53%) in these regions access the Internet every day or almost every day. Social differences also have a significant impact on frequency of use. While 66% of class AB children use the Internet every day or almost every day, this proportion is only 17% for class DE. Despite the lower frequency of use found in DE classes, slightly over half of the kids (53%) in these classes use the Internet once or twice a week.

Children's gradual involvement with the Internet is also evident in older age groups (Chart 4). While 36% of 9- to 10-year-olds access the Internet every day or almost every day, this proportion is 43% among 11- to 12-year-olds, 53% among 13- to 14-year-olds, and 56% among 15- to 16-year-olds. Thus, the data show that children in older age groups access the Internet more frequently, indicating that the experience acquired from frequent Internet use can enhance online opportunities.

CHART 4
FREQUENCY OF INTERNET USE BY CHILDREN BY AGE GROUP (2012)
Percentage of the total number of Internet users from 9 to 16 years old



It is important to note that no correlation was found between frequency of use for children and frequency of use for parents or legal guardians.¹ This means that children with daily access do not necessarily have parents or legal guardians who are frequent users.

Besides frequency, the number of hours that children spend on the Internet also reveals important aspects of their usage profile. On weekends, daily Internet use is more intense compared to week days – usually school days.

On weekdays, although slightly more than half (54%) access the Internet for up to an hour, 18% of children access it for three hours or more. On weekends, usage is even more intense, with 31% spending three hours or more online. It is worth noting that on weekends 16% of children use the Internet for more than four hours – double the amount recorded on weekdays. Thus, as children spend much of their free time online, it is crucial to develop programs and policies to promote safe use.

Also in regards to the number of hours spent using the Internet, higher social class users reported spending more time online than those in other classes. For example, the survey shows that 14% of class AB children access the Internet for more than 4 hours on weekdays, while the overall average is 8%. Moreover, older children also access the Internet for longer periods compared to the average: 12% of 13- to 14-year-olds and 14% of 15- to 16-year-olds spend more than four hours online.

LOCATION OF ACCESS TO THE INTERNET

Location of access to the Internet is another important aspect, especially for understanding the relationship of children with their main Internet use mediators: parents, siblings, friends, and teachers (Chart 5). In Brazil, the majority (58%) of 9- to 16-year-old Internet users access the Internet from their homes. Next are the school (42%) and relatives' homes (38%), followed by LAN houses (35%) and friends' homes (34%) as significant locations of access to the Internet. The last two record similar levels among 9- to 16-year-old users.

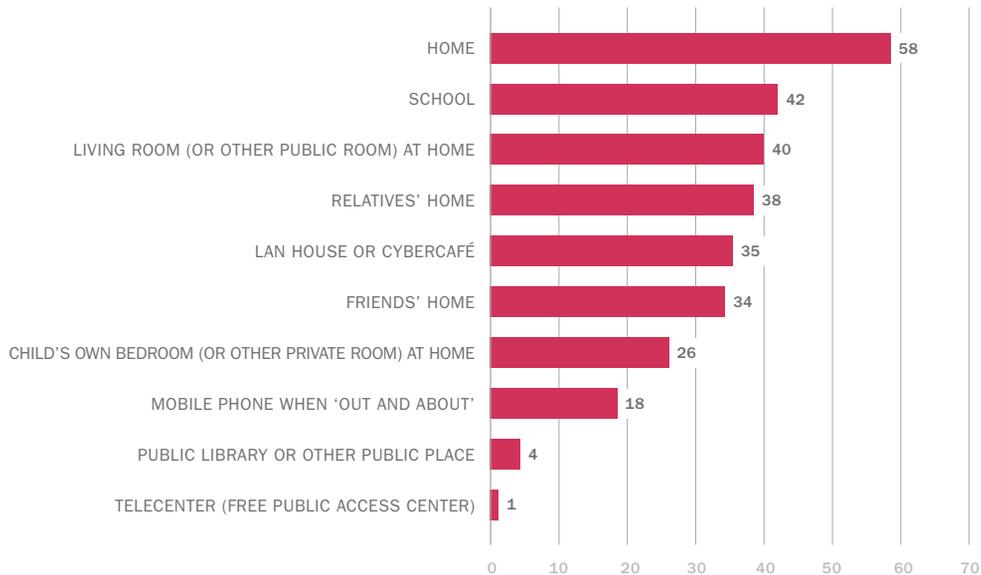
Home Internet access may take place in communal areas of the house, such as the living room, which tend to be busier. It may also occur in more private places, such as the child's bedroom. The survey reveals that 40% of 9- to 16-year-olds access the Internet in the living room, or another public room in the home, and 26% access the Internet in their own bedrooms.

¹ The association hypothesis was refuted by the chi-square test, with which one can examine the association between variables and, thus, verify the dependence or independence of the variables considered.

CHART 5

LOCATION OF ACCESS TO THE INTERNET BY CHILDREN (2012)

Percentage of the total number of Internet users from 9 to 16 years old



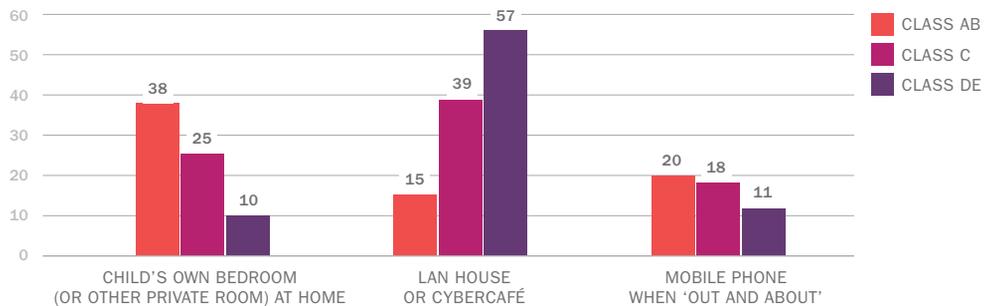
Internet access via mobile phones while 'out and about' is significant among respondents and was cited by 18% of the children. Among the important factors explaining mobile phone Internet access, age is a significant element: 26% of 15- to 16-year-olds access the Internet with mobile phones while 'out and about'. This is 8 percentage points higher than the overall proportion for children who are Internet users.

Examining the relationship between frequency and location of access to the Internet, it was observed that the child's bedroom is the location most frequently used by children. According to the survey, 72% of the children who access the Internet in their bedrooms use the Internet every day. This is followed by the living room, or other public place in the home, where 68% of children who access the Internet in such places use it every day. Mobility also gained prominence in this relationship: 65% of the children who use the Internet via mobile phone while 'out and about' do it daily.

It is important to highlight the fact that two of the most frequent locations of access to the Internet (the bedroom and via mobile phone while 'out and about') typically allow children more privacy and less mediation by parents or legal guardians. If, on the one hand, ownership of mobile phones or Internet-connected computers in the bedroom facilitates access to the Internet's potential benefits for young people, on the other hand, it also provides children with less supervised access, leaving them more exposed.

The locations of access to the Internet with greater privacy and mobility are accessed by a greater percentage of children in the higher social classes (Chart 6). While 38% of class AB children use the Internet in their own bedrooms, this proportion is only 10% for class DE. Mobile phone access is also higher among class AB children (20%), while for class DE children the proportion is only 11%.

CHART 6
LOCATION OF ACCESS TO THE INTERNET BY CHILDREN BY SOCIAL CLASS (2012)
Percentage of the total number of Internet users from 9 to 16 years old



Still on the influence of social class, LAN houses are the locations most visited by lower income children. While 57% of the children in class DE who are Internet users go online at LAN houses; this proportion is only 15% in class AB.

Data on location of access to the Internet suggest a behavior similar to European countries, especially regarding the trend of increasing access in locations providing greater privacy, such as the home. The big difference compared to other countries where the Kids Online survey has been conducted is the presence of LAN houses – access centers that are a Brazilian phenomenon and assume an important role in children's digital inclusion, especially for the economically challenged.²

CHILDREN'S ACTIVITIES ONLINE

Knowing what children do online, what they usually access, and how they socialize in the virtual world is key for understanding how the opportunities created by Internet use emerge. They also provide important clues to the emergence of behavior patterns that may become risky for children.

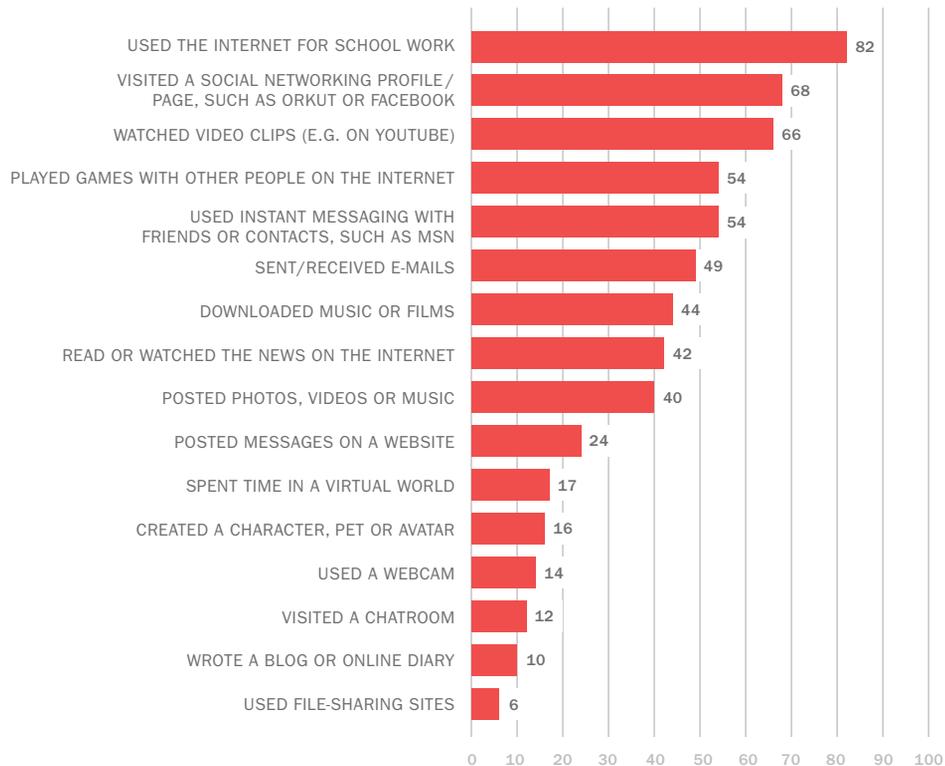
In regards to activities carried out over the Internet in the past month, the data collected shows that the vast majority of respondents (82%) say they have done school work – this being the most mentioned activity (Chart 7). The prevalence of online school related activities is in line with the results of the EU Kids Online, which identifies these as a gateway for young people to the virtual world.

Visiting social networking profiles/pages is the second most popular activity among 9- to 16-year-old users. When asked what they did on the Internet in the past month, 68% said they visited social networking sites, exceeding by almost 20 percentage points the proportion who reported sending/receiving emails in the same period (49%). This fact is quite illustrative of the usage profile for this audience, which enters the Internet world through social networking sites without necessarily making use of more traditional forms of online communication, such as e-mail.

² A LAN house is a commercial establishment where one can pay to use a computer with Internet access. Usually, this type of business also offers a range of services such as printing, photocopying, typing, among others. In Brazil, LAN house is the most common term, but other terms, such as cybercafé or Internet café, are also used. More information available at: <<http://www.cetic.br/publicacoes/>>.

Activities related to communication and entertainment are also mentioned prominently by young Internet users: watching videos on YouTube (66%), playing with others online (54%), and instant messaging on the Internet (54%) are among the activities most cited. Furthermore, 44% of children reported downloading music or films, and 42% read or watched news on the Internet. Posting photos, videos, or music is more common (40%) than posting messages on websites (24%) or writing blogs or online diaries (10%) (Chart 7).

CHART 7
CHILDREN'S ACTIVITIES ONLINE IN THE PAST MONTH (2012)
Percentage of the total number of Internet users from 9 to 16 years old

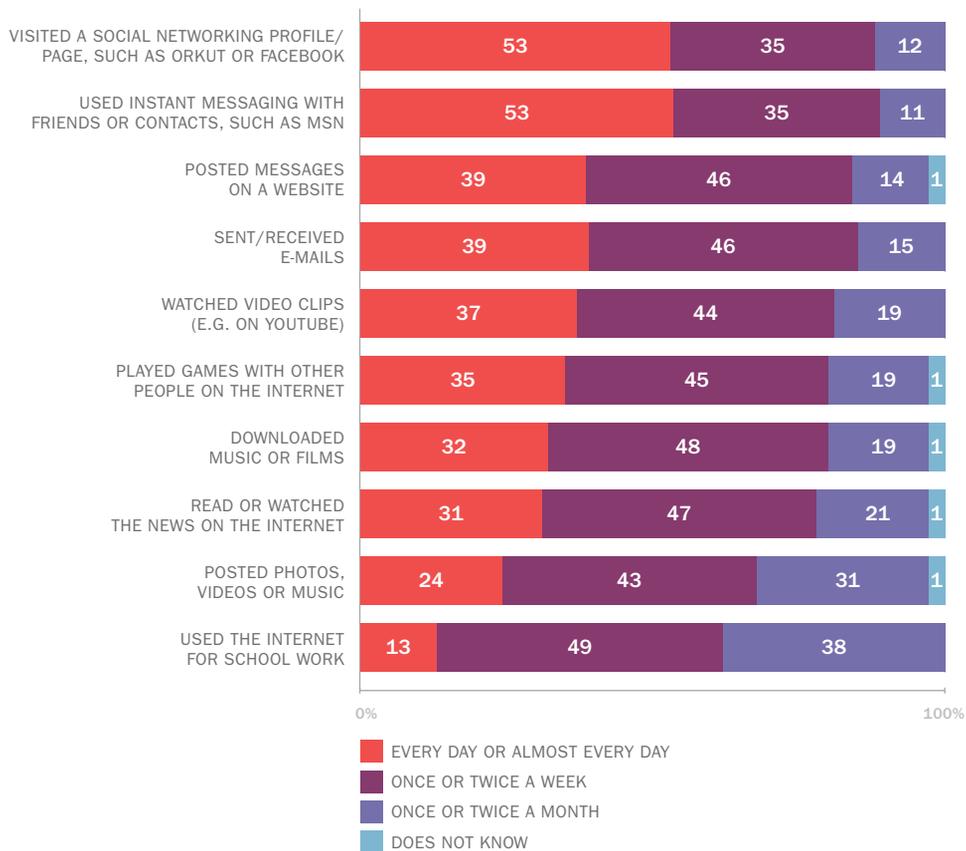


Breakdown by age group reveals a few striking differences in terms of Internet activities. Overall, the older the user the more activities carried out by the child. Sending/receiving emails, instant messaging, and using social networking sites are the most cited among older users. For younger respondents, entertainment activities stand out, such as “playing games with other people on the Internet”.

Interestingly, there were no significant differences by gender, with the exception of access to online videos, mentioned more often by girls (71%) than boys (61%). However, generally children from upper social classes reported a greater variety of activities.

In addition to the actual activities carried out on the Internet, it is also important to analyze how often each of them is performed, which yields important indicators of children's Internet behavior (Chart 8). The least frequent online activity is school work: 13% of 11- to 16-year-olds said they access the Internet every day or almost every day for that purpose, while 49% said that they go online for this once a week or less.³ Clearly, school work is an activity with a more sporadic profile, as opposed to daily.

CHART 8
FREQUENCY OF CHILDREN'S ACTIVITIES ONLINE IN THE PAST MONTH (2012)
Percentage of the total number of Internet users from 11 to 16 years old who carried out each activity



³ Questions about frequency of activities were not applied to 9- to 10-year-olds, considering the difficulty that individuals of this age have in answering questions of time frequency.

Regarding access to audiovisual content, 37% of 11- to 16-year-olds said they watch online videos every day or almost every day, while 44% reported doing so at least once a week. Also significant are the percentages of 11- to 16-year-olds who download films or music at least once a week (48%), and of those who access informative content – reading or watching news online – at least once a week (47%).

Although, as already stated, activities more focused on producing content are not among the most cited activities by children, they are frequent among those who produce content: 85% post messages on a site at least once a week, and 67% post videos, photos, or music at least once a week. Due to the restricted size of the respondent sample, the data collected by the ICT Kids Online Brazil survey do not determine the socioeconomic profile for these more proactive content producers. Data on frequency, however, already indicate that this audience is highly aware of the opportunities for expression and communication that the Internet provides.

The survey also investigated how children establish contacts on the Internet with people they both know and do not know. Eleven to sixteen year old users answered some specific questions on how they make contact with different people on the Internet:

- 4% said they had exchanged e-mails with people they had met online and with whom they had never had non virtual contact, 7% did so via social networking sites, and 16% via games. On the one hand, these results can be interpreted as an indicator of how the Internet provides opportunities for establishing new relationships and contact with communities of interest that are often in other cities or even other countries. On the other hand, one cannot ignore the risks inherent to such contact, i.e. these children are sharing information with people they do not know.
- Nevertheless, most of the online relationships established by children are with people they already know personally: 95% of 11- to 16-year-olds who use the Internet to send e-mails said they use this to contact people they already know personally; 83% said they use social networking sites to contact people they already know personally, while this proportion is 82% and 69%, respectively, for instant messaging and online games.

SOCIAL NETWORKING

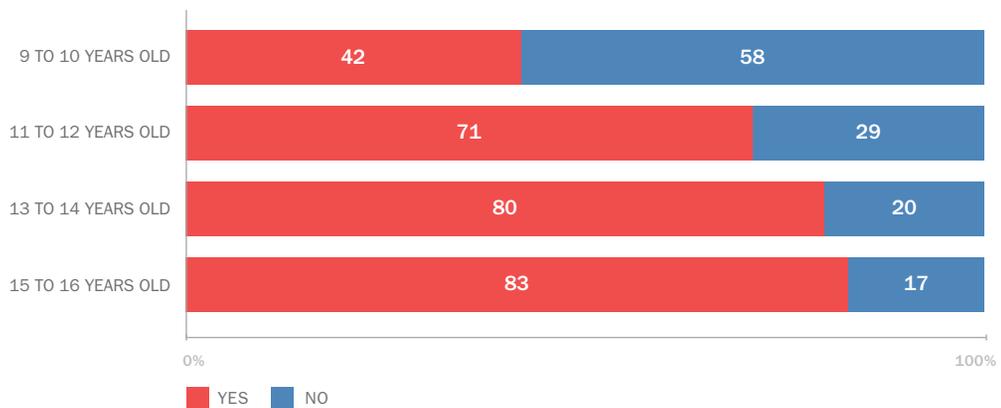
Around the world, children have become assiduous users of social networking, a phenomenon that is particularly prominent in Brazil. In 2012, 70% of the children aged 9-16 who are Internet users reported having social networking profiles. This number is highly significant, especially compared with the European average – 57% of European children with the same characteristics had social networking profiles in 2010.⁴ Hence, we must maintain a watchful eye on how this group is using social networks, which is somewhat related to cultural and socioeconomic characteristics of Brazil.

⁴ Reference period of the EU Kids Online survey.

The data show, firstly, that socioeconomic status is an important variable for understanding children having social networking profiles. While 79% of class AB children aged 9 to 16 reported having profiles, among class DE children this proportion is 49%. Despite the differences, the results show that even among the lower classes social networking penetration is significant, indicating that this phenomenon is present in the daily lives of boys and girls of all income levels.

Furthermore, there are differences in terms of user age. Among younger children, the proportion with profiles is lower, as shown in Chart 9: 42% for 9- to 10-year-olds, 71% for 11- to 12-year-olds, 80% for 13- to 14-year-olds, and 83% for 15- to 16-year-olds.

CHART 9
PROPORTION OF CHILDREN WHO HAVE THEIR OWN SOCIAL NETWORKING PROFILE BY AGE GROUP (2012)
Percentage of the total number of Internet users from 9 to 16 years old



Among Brazilian children who have social networking profiles the preferred sites are Facebook (61%) and Orkut (39%). These most used social networking sites are associated with age and socioeconomic conditions. The results show that Orkut is used proportionately more by younger children and lower income classes, while older children and those in higher income strata prefer Facebook. No significant differences were found for social networking preferences in relation to gender.

Among Internet users with social networking site profiles, 27% say they have more than one profile on the site they use most. The significant number of children who have more than one profile is an indicator of how this group has appropriated social networking, creating multiple identities. It is worth noting, moreover, that this variable presents no marked differences by gender, age or social class.

Besides the multiplicity found in the number of profiles that a child has on the same social networking site, the number of contacts for the profile is an element that helps to characterize the degree of interaction and exposure on the Internet. Of all the children with profiles on social networking sites, half (50%) have more than 100 contacts, while more than 20% have more than 300 contacts.

Regarding profile settings, 42% keep their profiles completely private – configured so that only friends can view them; 31% have their profiles partially private so that friends of friends can view them. One quarter (25%) said they leave their profiles open to the public, i.e. configured so that anyone can have access – including to content and images these children share – and 2% of these children were unable to answer this question.

Of the total number of children with social networking profiles (70% of all 9- to 16-year-old Internet users), 86% reported having posted a photo that clearly shows their face, 69% said they give their last name, 57% list an age that is not their own, 28% reveal information about their school, 27% give their correct age, 13% provide their address, and 12% list their phone number.

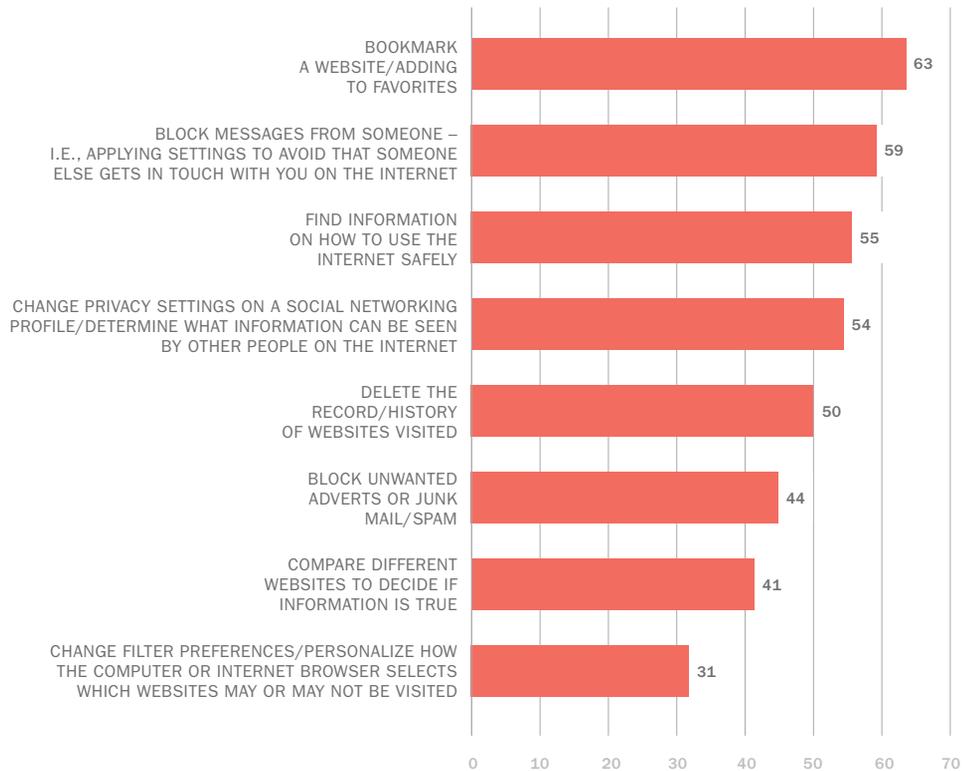
The enormous communication potential of these sites, which can certainly benefit these children's socialization, also produces risks from the point of view of privacy, in that a good proportion of social networking users share personal information without access restrictions.

SAFE INTERNET USE SKILLS

A central aspect of the debate on the role of ICT for development (ICT4Dev) is the need to consider not only access to and effective use of the Internet, but also the development of skills and abilities that may increase the potential opportunities that these new media present. The ICT Kids Online Brazil 2012 survey also sought to illustrate this by investigating a specific set of skills of different complexities.

The data indicate that a set of more instrumental skills is cited quite often (Chart 10) – a result similar to that obtained by the EU Kids Online in 2010. Most 11- to 16-year-old (63%) know how to bookmark a site by adding it to their list of favorite sites; 59% can block messages from another person, i.e. adjust settings to prevent a person from contacting them online; and 54% can change their social networking profile privacy settings. Half of 11- to 16-year-olds say they can delete the record/history of websites visited. Less cited skills include blocking unwanted adverts or spam (44%) and changing filter preferences (31%). It should be noted that the older children report a greater proportion of Internet skills.

CHART 10
INTERNET SKILLS OF CHILDREN (2012)
Percentage of the total number of Internet users from 11 to 16 years old



The survey also sought to identify the presence of skills related to searching for specific information and the ability to compare information from different sources – indications of a more critical use of the Internet. Finding information about using the Internet safely is a skill declared by 55% of 11- to 16-year-olds, while comparing different sites to see if the information is true was reported by 41%. These skills, however, are not even across age groups, levels of education, and social class. The ability to find information on safe Internet use among 15- to 16-year-olds (66%) and class AB (74%) is higher than the average for this group. Comparing information from different websites is also higher among 15- to 16-year-olds (54%) and class AB (52%). Moreover, all skills cited present a high statistical association; this means that each pair of skills has a positive relationship –i.e. it is reasonable to conclude that anyone who has one skill probably has the others.⁵

⁵ Tetrachoric correlations were calculated as a measure of correlation between the skills. All recorded above 0.8 and were considered high.

In addition to investigating the presence of specific skills, the survey sought to measure children's perceptions of their skills. The majority of 11- to 16-year-old, for example, say they know "many things about using the Internet" (57%). Perception of skills is further accentuated when compared to those of their parents or legal guardians: 75% of children declare that they "know more about the Internet than their parents". Even among class AB children – who tend to have better educated parents – more than two-thirds say they know more than their parents (68%).

Thus, the data show that, as developing human beings, children acquire greater skills as they become more experienced users and advance in education. Even so, a significant proportion of young Internet users still have not mastered the basic skills for safety and privacy. This great inequality in relation to social classes shows that the subject – even for "digital natives" – must be addressed by specific public policies.

It is also important to note that young Internet users recognize the existence of opportunities and risks in Internet use. While the survey identified that 74% of 11- to 16-year-old respondents understand that there are many things on the Internet that are good for children their own age, 72% of 9- to 16-year-olds also say that there are many things on the Internet that can bother young people their age.

RISKS AND HARM

The Internet is a source of opportunities and learning, but it also allows contact with situations that can bring about harmful consequences (when the risk converts to a real damage to their development and socialization process).

Measuring children's personal experiences of online risk through a structured questionnaire is a major challenge because it involves collecting information that is very sensitive to the interviewee. In order to provide a situation of greater privacy and comfort in reporting personal experiences on the Internet, the ICT Kids Online Brazil survey followed the methodology adopted in the EU Kids Online and addressed these issues through a questionnaire completed by the respondent. At the end of the interview, the self-report questionnaire was sealed and maintained anonymous, so the respondent could not be identified. Despite possible limitations inherent to this form of data collection, the risk factor indicators are still valuable clues for identifying the different situations experienced by 9- to 16-year-old Internet users.

To understand the risk factors and potential harm suffered by children on the Internet, the questions investigated situations in their daily lives, including the real world lives of the boys and girls. First, the children answered if they had experienced a situation that annoyed, upset, or bothered them in the past 12 months: 22% responded "yes". Of those who experienced some bother, 47% said they had suffered this type of situation online. Thus, almost half of children who suffered a bothersome situation said this also happened on the Internet.

Although the percentage of children who reported having experienced something that bothered them online in the past 12 months is low, the vast majority of young people recognize that there are things on the Internet that may bother children their own age (72% for 9- to 16-year-olds).

In addition, we used an open question to relate different types of situations and content that bother, annoy, or scare young people, and 73% of all 9- to 16-year-old Internet users reported at least one.

The results show that children report a range of bothersome situations. There are frequent references associated with bullying (32%) – such as “nasty comments” or “lies about me”. Content showing real situations of violence was also often mentioned (18%), such as “murder”, “beatings” and “fights between sport fans”. In addition, young people mention sexual content (18%), such as “pictures of naked people” and “sex videos” and issues related to sexual harassment (14%), such as “people offering sex”. Twelve percent cited invasion of privacy –e.g. “someone accessed my Facebook” and “somebody pretended to be me”.

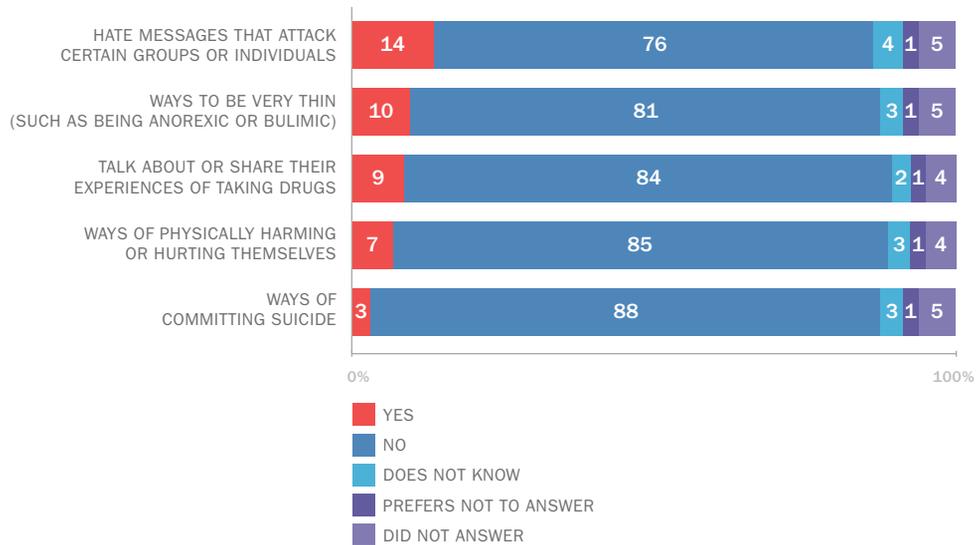
Furthermore, among content cited that caused bother there were “ugly pictures” and “foreign videos”. Also mentioned was horror content, such as “videos of ghosts” or “witches”, which could scare younger children. Another bothersome situation cited concerns the child’s image and popularity on social networking sites: “Someone has more followers on Twitter than I do”.

The survey also addressed children’s contact with sexual content. To measure only the proportion of children who had access to this type of content, the question initially addressed access to content in any environment, be it virtual or not, and then whether it was encountered on the Internet. The survey revealed that 26% of the 11- to 16-year-olds interviewed claimed to have seen sexual images in the past 12 months. Among this group, 44% reported having seen such content on the Internet.

All the 11- to 16-year-old children responded to questions about specific content encountered online in the past 12 months (Chart 11). Fourteen percent said they had seen hate messages that attack certain groups or individuals, 10% claimed to have seen sites on how to become very thin (such as being anorexic or bulimic), 7% had accessed content on ways to physically harm or hurt oneself, 9% had seen sites where people talked about or shared their experiences of taking drugs, and 3% had accessed content on how to commit suicide.

CHART 11

TYPE OF CONTENT ENCOUNTERED BY CHILDREN ON WEBSITES IN THE PAST 12 MONTHS (2012)
Percentage of the total number of Internet users from 11 to 16 years old

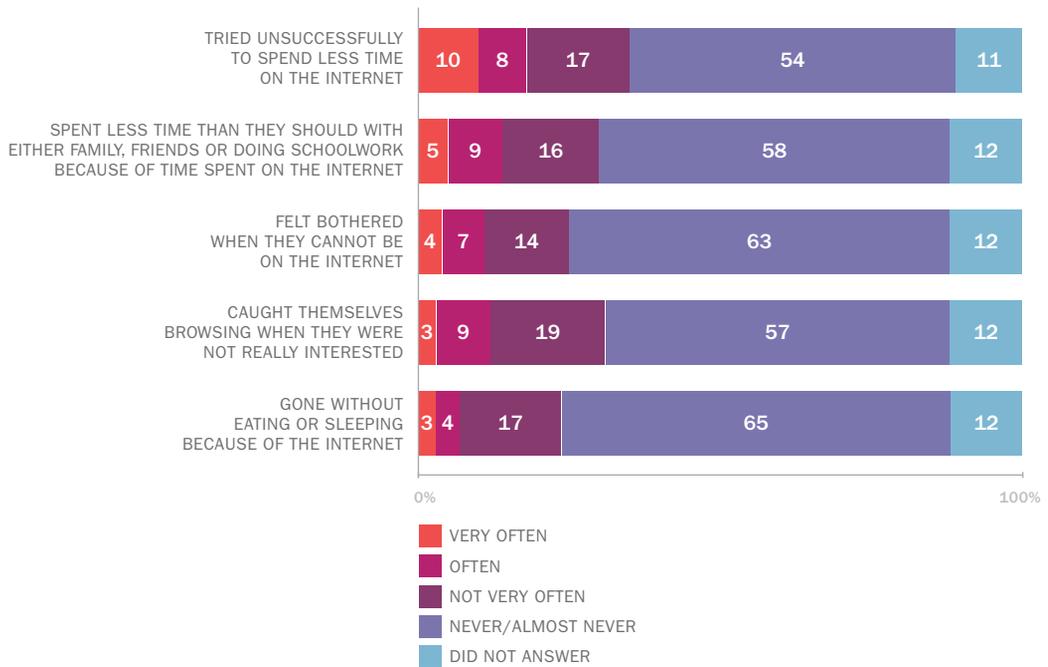


In addition, questions were also asked about potentially harmful situations experienced on the Internet: 26% of children said the computer they use has already been attacked by a virus, 7% said that someone has used their password to access information, 4% reported that someone has used their personal information in a way they did not like, and 2% of 11- to 16-year-olds said they have lost money by being tricked on the Internet.

Another issue explored in the study is the possible effect of Internet use on children's daily lives (Chart 12). A series of questions addressed the frequency of these effects on young people, and the results are impressive:

- 18% said that "often" or "very often" they had tried to spend less time on the Internet and failed.
- 11% said they had "often" or "very often" felt bothered when they could not be on the Internet.
- 7% said that "often" or "very often" they had gone without eating or sleeping because of Internet use.
- 14% said that "often" or "very often" they spent less time with family, friends, or doing school work because of time spent on the Internet.

CHART 12
EXCESSIVE USE OF THE INTERNET AND ITS EFFECTS ON CHILDREN (2012)
Percentage of the total number of Internet users from 11 to 16 years old



In summary, although the methodological challenge of investigating sensitive subjects, such as those addressed by the ICT Kids Online survey, is great, the data show that these risk factors are present to some extent in these children’s daily lives. Contact with content unsuitable for children their age and the situations these children reported are aspects that deserve attention for the significant impact they can have on the development of these individuals. This further stresses the need to promote mediated Internet use, which requires the support of the school, families, and society in general.

MEDIATION

In addition to profiling children who use the Internet in Brazil, the ICT Kids Online Brazil survey also examined parents or legal guardians’ Internet use.⁶ Of the total of 9- to 16-year-old respondents, 55% live in families in which none of the parents or legal guardians use the Internet, and 45% have at least one parent or legal guardian who accesses the Internet. This proportion varies according to social class: while in class AB 75% of parents or legal guardians report Internet use, in class C this proportion is 43%, and in class DE it is only 14%.

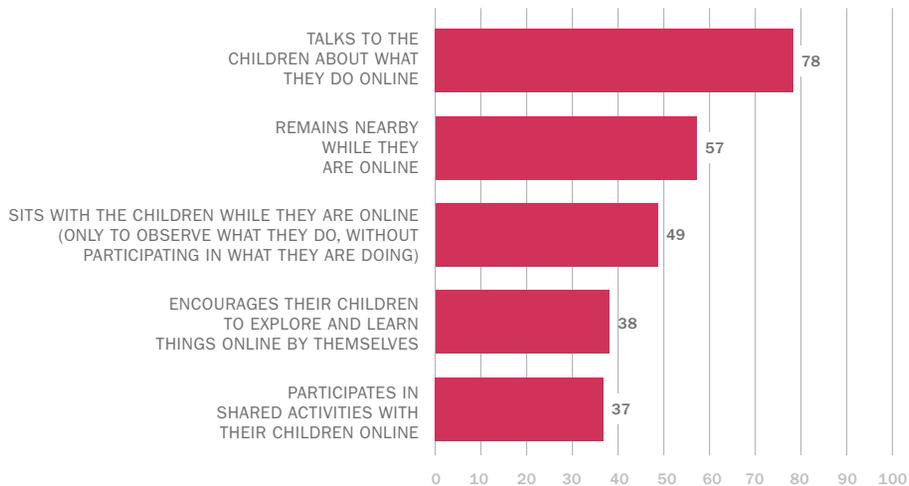
⁶ It should be noted that the survey was only applied to one of the child’s parents or legal guardians – the one who primarily participates more in the child’s daily life and routine and could best describe the child’s relationship with the Internet.

Of the parents or legal guardians who reported using the Internet, the vast majority do so at home (85%), but 20% also access it at work or at university, 10% in LAN houses, and 1% in telecenters. Frequency of Internet use is related to socioeconomic status. Overall, among parents or legal guardians who use the Internet, 44% said they use it every day or almost every day. This proportion of frequent use is higher in class AB (59%) than in class C (35%) and class DE (8%).

Parents or legal guardians of 9- to 16-year-old users recognize the importance of the role of schools in providing information on safe Internet use. While 28% say they currently get this kind of information from schools, more than half of parents or legal guardians (55%) say they wish the school were the main source for advice on online safety. Today, parents or legal guardians rely on the support of family and friends (37%) and, especially, television, radio, newspapers, or magazines (52%) for information on safe Internet use. Given the high demand for information, CERT.br⁷ has developed an Internet Safety Brochure with recommendations and tips on how to increase online safety. This material can be downloaded by the general public and shared among interested parties to build their knowledge on the subject.

The ICT Kids Online Brazil survey also asked parents or legal guardians how they relate to their children regarding Internet use. The most common mediation activity stated is talking with their children about what they do online (Chart 13). Although this is the most frequently mentioned activity (78%), it is important to note that 22% of parents or legal guardians do not talk to their children about their Internet use.

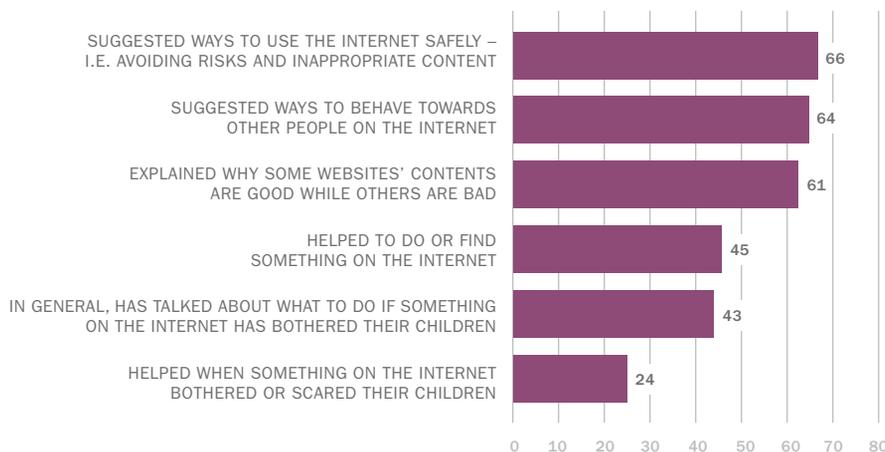
CHART 13
TYPE OF ACTION PARENTS OR LEGAL GUARDIANS USUALLY TAKE WITH THEIR CHILDREN REGARDING INTERNET USE (2012)
Percentage of the total number of parents or legal guardians



⁷ The Brazilian National Computer Emergency Response Team (CERT.br) is a Brazilian Internet safety incident response group maintained by the Brazilian Network Information Center (NIC.br) of the Brazilian Internet Steering Committee (CGI.br). It is responsible for handling safety incidents involving computer networks connected to the Internet in Brazil. Vide: <<http://www.cert.br/sobre/>>. The Internet Safety Primer developed by CERT.br is available at: <<http://cartilha.cert.br/>>.

The second most cited form of mediation by parents or legal guardians (57%) is remaining nearby while the children are online. Regarding more interactive mediation, 37% reported participating in shared online activities with their children, and 38% said they encourage their children to explore and learn things online by themselves. Complementarily, respondents also indicated which specific types of guidance they had given their children (Chart 14). Of the total number of parents or legal guardians, 61% said they had explained to their children why some websites' contents are good while others are bad, and 66% had suggested ways to use the Internet safely – i.e. avoiding risks and inappropriate content. Finally, 43% talked to their children about what to do if something on the Internet bothered them.

CHART 14
TYPE OF ACTION TAKEN BY PARENTS OR LEGAL GUARDIANS REGARDING INTERNET USE BY THEIR CHILDREN (2012)
Percentage of the total number of parents or legal guardians

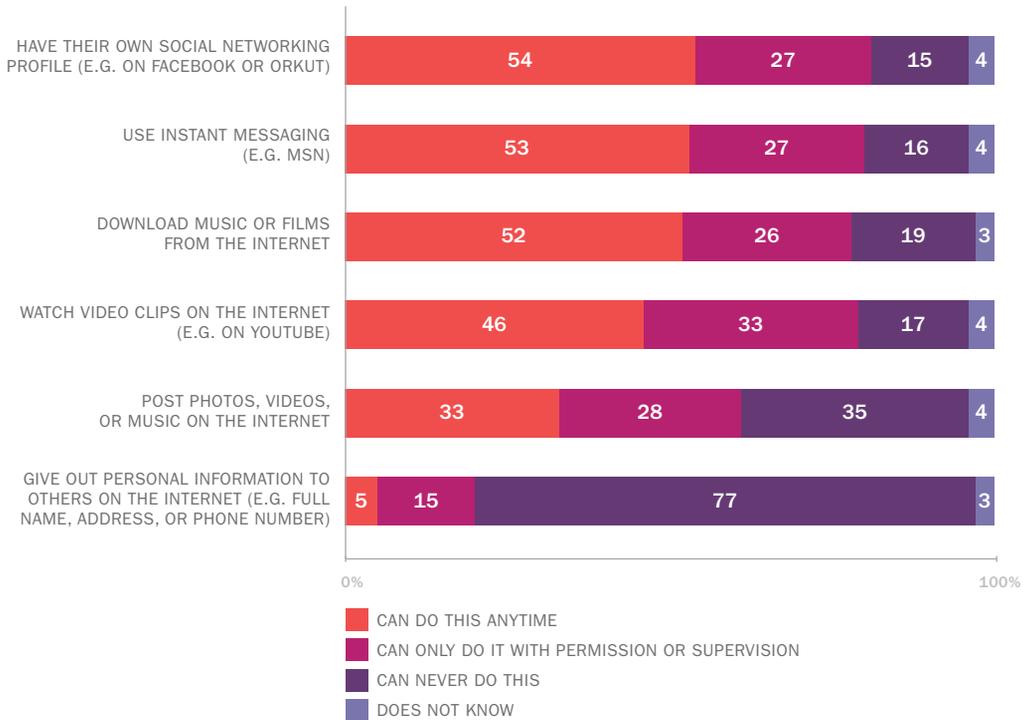


In addition to overall mediation strategies, parents or legal guardians also reported on the type of permission they granted their children for Internet activities. For each activity, they were asked if they let their children do it anytime, only with their permission or supervision (or of their partner/some other adult in charge), or if it was not allowed. The results for activities allowed without the need for permission or supervision are listed below and also in Chart 15:

- 54% said their children may have social networking profiles anytime.
- 52% said their children may use instant messaging (such as MSN) anytime.
- 52% said their children may download music or films from the Internet anytime.
- 46% said their children may watch video clips on the Internet anytime.
- 33% said their children may post pictures, music, and videos on the Internet anytime.
- 5% said their children may give out personal information to others on the Internet.

CHART 15

TYPE OF PERMISSION GIVEN BY PARENTS OR LEGAL GUARDIANS FOR THEIR CHILDREN'S INTERNET USE (2012)
Percentage of the total number of parents or legal guardians



Overall, when asked about risks on the Internet, parents or legal guardians have a different views from that of their children regarding Internet use. The data show that only 6% of parents or legal guardians believe their child may have experienced a bothersome situation when using the Internet in the 12 months prior to the survey. Also, 68% believe it not at all likely or not very likely that their children will experience a bothersome situation online in the next six months.

Parents' low perception of the potential risks on the Internet contrasts with that of children, who, as shown, have a more critical view of the issue: 72% of 9- to 16-year-old Internet users agree that there is potentially bothersome content on the Internet for people their age. This highlights the importance of safe Internet use being a focus of public debate so that parents and young Internet users may be aware of the possible risks and, thus, may better take advantage of the benefits and opportunities.

The data also further stresses the need for making this issue a priority for public policy makers, as a stimulus for developing and implementing public policies that promote safe Internet use and encourage the numerous Internet development opportunities.

REFERENCES

BRAZILIAN INTERNET STEERING COMMITTEE. *Survey on the use of information and communication technologies in Brazil: ICT Households and Enterprises 2011*. São Paulo: CGI.br, 2012. Coord. Alexandre F. Barbosa. Trad. Karen Brito. Available at: <<http://cgi.br/publicacoes/pesquisas/govbr/cgibr-nicbr-censoweb-govbr-2010-en.pdf>>. Accessed on: Feb 20, 2013.

———. *Survey on the use of Information and Communication Technologies in Brazilian Schools – ICT Education 2011*. São Paulo: CGI.br, 2012. Coord. Alexandre F. Barbosa. Trad. Karen Brito. Available at: <<http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-educacao-2011.pdf>>.

LONDON SCHOOL OF ECONOMICS. *EU Kids Online: Enhancing Knowledge Regarding European Children's Use, Risk and Safety Online*. Available at: <<http://www.eukidsonline.net>>. Accessed on: Feb 20, 2013.

TABELAS DE RESULTADOS

INDICADORES SELECIONADOS
PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES
E PAIS OU RESPONSÁVEIS

TABLES OF RESULTS

*SELECTED INDICATORS FOR CHILDREN
AND PARENTS OR LEGAL GUARDIANS*

CONTINUA / CONTINUES ►

A1 TIPOS DE EQUIPAMENTOS UTILIZADOS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES PARA ACESSAR A INTERNET TYPE OF DEVICE USED BY CHILDREN TO ACCESS THE INTERNET

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE USUÁRIOS DE INTERNET DE 9 A 16 ANOS¹
PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF INTERNET USERS FROM 9 TO 16 YEARS OLD¹

Percentual Percentage (%)		Computador (PC/desktop/ computador de mesa) que a família divide PC (desktop computer) shared by the family	Celular Mobile phone	Computador (PC/desktop/ computador de mesa) próprio Personal PC/desktop	Laptop/notebook próprio ou que use bastante e que possa levar para o quarto Personal or frequently used laptop that can be taken to the child's bedroom
TOTAL		38	21	20	10
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	43	21	21	11
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	26	39	21	8
	Nordeste Northeast	35	13	17	8
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	40	20	19	9
	Masculino / Male	36	23	21	10
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	21	18	17	7
	Fundamental II Elementary II	36	25	26	10
	Médio ou mais Secondary or more	60	23	20	12
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos 9 to 10 years old	36	9	23	6
	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	38	16	14	8
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	36	29	25	10
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	42	30	19	14
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	13	14	12	7
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	31	16	16	4
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	48	21	21	7
	Mais de 3 SM More than 3 MW	59	26	27	19
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	60	25	26	16
	C	33	22	20	8
	DE	14	12	9	3

¹ Respostas estimuladas. Cada item apresentado se refere apenas aos resultados da alternativa "sim".
Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Stimulated answers. Each item presented refers only to the results of affirmative - i.e. "yes" - answers.
Data collected between April and July 2012.

► CONTINUAÇÃO / CONTINUATION

A1 TIPOS DE EQUIPAMENTOS UTILIZADOS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES PARA ACESSAR A INTERNET

TYPE OF DEVICE USED BY CHILDREN TO ACCESS THE INTERNET

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE USUÁRIOS DE INTERNET DE 9 A 16 ANOS¹
 PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF INTERNET USERS FROM 9 TO 16 YEARS OLD¹

Percentual Percentage (%)	Laptop/notebook que a família divide e que não pode ser levado para o quarto Laptop shared by the family that cannot be taken to the child's bedroom	Videogame, como o PlayStation Games console, such as a Playstation	Tablet Tablet	Televisão Television set (TV)	Outros Other	
TOTAL	9	3	2	1	16	
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	10	3	2	1	8
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	11	4	3	0	16
	Nordeste Northeast	7	3	1	1	35
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	10	3	3	1	17
	Masculino / Male	8	3	1	1	16
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	7	2	1	1	25
	Fundamental II Elementary II	6	4	2	1	12
	Médio ou mais Secondary or more	14	4	3	1	9
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos 9 to 10 years old	9	2	1	1	16
	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	9	3	2	1	15
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	7	3	0	0	18
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	11	5	4	2	16
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	6	1	1	0	37
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	8	2	1	1	22
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	8	4	1	1	8
	Mais de 3 SM More than 3 MW	16	4	5	1	5
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	15	5	3	3	4
	C	8	3	2	1	16
	DE	3	1	0	0	42

¹ Respostas estimuladas. Cada item apresentado se refere apenas aos resultados da alternativa "sim".
 Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Stimulated answers. Each item presented refers only to the results of affirmative - i.e. "yes" - answers.
 Data collected between April and July 2012.

CONTINUA / CONTINUES ►

A2 LOCAL DE ACESSO À INTERNET POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES

LOCATION OF ACCESS TO THE INTERNET BY CHILDREN

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE USUÁRIOS DE INTERNET DE 9 A 16 ANOS¹
 PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF INTERNET USERS FROM 9 TO 16 YEARS OLD¹

Percentual Percentage (%)		Escola School	Sala da casa (ou outro ambiente coletivo) Living room (or other public room) at home	Casa de parentes Relatives' home	Lanhouse ou cybercafé LAN house or cybercafé
TOTAL		42	40	38	35
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	47	41	44	30
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	46	33	30	41
	Nordeste Northeast	29	40	29	41
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	37	40	40	38
	Masculino / Male	47	39	36	31
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	44	23	34	46
	Fundamental II Elementary II	39	43	37	30
	Médio ou mais Secondary or more	41	57	44	23
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos 9 to 10 years old	51	39	39	25
	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	44	35	40	34
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	39	40	36	35
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	35	44	36	44
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	41	20	31	53
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	36	28	37	40
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	43	48	40	29
	Mais de 3 SM More than 3 MW	51	63	45	18
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	49	61	45	15
	C	39	36	38	39
	DE	39	12	23	57

¹ Respostas estimuladas. Cada item apresentado se refere apenas aos resultados da alternativa "sim".
 Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Stimulated answers. Each item presented refers only to the results of affirmative - i.e. "yes" - answers.
 Data collected between April and July 2012.

▶ CONTINUAÇÃO / CONTINUATION

A2 LOCAL DE ACESSO À INTERNET POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES
LOCATION OF ACCESS TO THE INTERNET BY CHILDRENPERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE USUÁRIOS DE INTERNET DE 9 A 16 ANOS¹
PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF INTERNET USERS FROM 9 TO 16 YEARS OLD¹

	Percentual Percentage (%)	Casa de amigos Friends' home	Quarto da criança (ou outro quarto da casa) Child's own bedroom (or other private room) at home	Na rua pelo celular Mobile phone when "out and about"	Biblioteca pública ou outro local público Public library or other public place	Telecentro (centros públicos de acesso gratuito) Telecenter (free public access center)
TOTAL		34	26	18	4	1
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	39	31	18	4	2
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	29	19	25	4	1
	Nordeste Northeast	26	20	13	4	1
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	37	25	15	4	2
	Masculino / Male	31	27	20	4	1
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	36	20	16	2	1
	Fundamental II Elementary II	31	28	17	7	3
	Médio ou mais Secondary or more	32	33	20	4	1
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos 9 to 10 years old	19	24	6	3	1
	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	37	27	11	7	1
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	38	30	25	3	2
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	39	25	26	3	1
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	27	13	12	4	2
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	35	22	14	4	1
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	31	28	17	2	1
	Mais de 3 SM More than 3 MW	38	39	23	7	1
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	36	38	20	2	0
	C	34	25	18	5	1
	DE	26	10	11	4	2

¹ Respostas estimuladas. Cada item apresentado se refere apenas aos resultados da alternativa "sim".
Dados coletados entre abril e julho de 2012.² Stimulated answers. Each item presented refers only to the results of affirmative - i.e. "yes" - answers.
Data collected between April and July 2012.

A4 FREQUÊNCIA DE USO DA INTERNET POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES
FREQUENCY OF INTERNET USE BY CHILDREN

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE USUÁRIOS DE INTERNET DE 9 A 16 ANOS¹
PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF INTERNET USERS FROM 9 TO 16 YEARS OLD¹

	Percentual Percentage (%)	Todos os dias ou quase todos os dias <i>Every day or almost every day</i>	Uma ou duas vezes por semana <i>Once or twice a week</i>	Uma ou duas vezes por mês <i>Once or twice a month</i>	Menos de uma vez por mês <i>Less than once a month</i>	Não sabe <i>Does not know</i>
TOTAL		47	38	10	5	0
REGIÃO <i>REGION</i>	Sudeste e Sul <i>Southeast and South</i>	53	36	7	4	0
	Centro-Oeste e Norte <i>Center-West and North</i>	35	39	18	7	0
	Nordeste <i>Northeast</i>	42	42	12	4	0
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE <i>SEX OF CHILD</i>	Feminino / Female	47	38	11	4	0
	Masculino / Male	47	38	10	5	0
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS <i>LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS</i>	Até Fundamental I <i>Up to Elementary I</i>	34	43	15	7	0
	Fundamental II <i>Elementary II</i>	57	33	7	3	0
	Médio ou mais <i>Secondary or more</i>	57	34	7	2	0
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE <i>AGE GROUP OF CHILD</i>	De 9 a 10 anos <i>9 to 10 years old</i>	36	45	12	7	0
	De 11 a 12 anos <i>11 to 12 years old</i>	43	41	12	4	1
	De 13 a 14 anos <i>13 to 14 years old</i>	53	34	9	4	0
	De 15 a 16 anos <i>15 to 16 years old</i>	56	32	8	4	0
RENDA FAMILIAR <i>FAMILY INCOME</i>	Até 1 SM <i>Up to 1 MW</i>	27	43	25	6	0
	Mais de 1 SM até 2 SM <i>More than 1 MW up to 2 MW</i>	35	47	11	6	1
	Mais de 2 SM até 3 SM <i>More than 2 MW up to 3 MW</i>	58	31	8	3	0
	Mais de 3 SM <i>More than 3 MW</i>	69	24	4	3	0
CLASSE SOCIAL <i>SOCIAL CLASS</i>	AB	66	29	3	1	0
	C	45	39	10	6	0
	DE	17	53	24	7	0

¹ Respostas estimuladas. Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Stimulated answers. Data collected between April and July 2012.

B1 ATIVIDADES REALIZADAS NA INTERNET POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO ÚLTIMO MÊS CHILDREN'S ACTIVITIES ONLINE IN THE PAST MONTH

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE USUÁRIOS DE INTERNET DE 9 A 16 ANOS¹
PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF INTERNET USERS FROM 9 TO 16 YEARS OLD¹

	Percentual Percentage (%)	Usou a Internet para trabalho escolar Used the Internet for school work	Visitou um perfil/ página de uma rede social, como Orkut ou Facebook Visited a social networking profile/ page, such as Orkut or Facebook	Assistiu vídeos (no YouTube, por exemplo) Watched video clips (e.g., on YouTube)	Jogou games/jogos com outras pessoas na Internet Played games with other people on the Internet
TOTAL		82	68	66	54
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	81	68	69	54
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	83	60	59	35
	Nordeste Northeast	84	71	63	64
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	83	68	71	61
	Masculino / Male	81	67	61	47
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	82	62	60	52
	Fundamental II Elementary II	78	71	65	55
	Médio ou mais Secondary or more	86	72	73	56
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos 9 to 10 years old	68	44	53	59
	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	85	66	65	60
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	87	77	69	48
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	87	80	76	51
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	80	55	48	58
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	83	60	60	50
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	85	76	74	55
	Mais de 3 SM More than 3 MW	81	74	76	59
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	81	76	77	63
	C	83	68	66	50
	DE	82	49	44	52

¹ Respostas estimuladas. Cada item apresentado se refere apenas aos resultados da alternativa "sim".
Dados coletados entre abril e julho de 2012.

² Stimulated answers. Each item presented refers only to the results of affirmative - i.e. "yes" - answers.
Data collected between April and July 2012.

▶ CONTINUAÇÃO / CONTINUATION

B1 ATIVIDADES REALIZADAS NA INTERNET POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO ÚLTIMO MÊS

CHILDREN'S ACTIVITIES ONLINE IN THE PAST MONTH

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE USUÁRIOS DE INTERNET DE 9 A 16 ANOS¹
 PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF INTERNET USERS FROM 9 TO 16 YEARS OLD¹

	Percentual Percentage (%)	Usou mensagens instantâneas com amigos ou contatos, como no MSN Used instant messaging with friends or contacts, such as MSN	Enviou/recebeu e-mails Sent/received e-mail	Baixou músicas ou filmes Downloaded music or films	Leu/assistiu notícias na Internet Read or watched the news on the Internet
TOTAL		54	49	44	42
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	55	47	42	40
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	38	41	44	36
	Nordeste Northeast	59	57	47	49
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	54	49	45	45
	Masculino / Male	54	49	42	40
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	50	42	40	38
	Fundamental II Elementary II	54	51	45	43
	Médio ou mais Secondary or more	58	56	47	47
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos 9 to 10 years old	28	19	18	16
	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	52	48	36	36
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	64	59	56	47
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	69	67	63	66
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	40	38	39	48
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	46	43	37	35
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	62	52	51	45
	Mais de 3 SM More than 3 MW	61	59	45	45
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	65	57	53	48
	C	52	49	41	40
	DE	38	34	39	40

¹ Respostas estimuladas. Cada item apresentado se refere apenas aos resultados da alternativa "sim".
 Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Stimulated answers. Each item presented refers only to the results of affirmative - i.e. "yes" - answers.
 Data collected between April and July 2012.

► CONTINUAÇÃO / CONTINUATION

B1 ATIVIDADES REALIZADAS NA INTERNET POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO ÚLTIMO MÊS
CHILDREN'S ACTIVITIES ONLINE IN THE PAST MONTHPERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE USUÁRIOS DE INTERNET DE 9 A 16 ANOS¹
PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF INTERNET USERS FROM 9 TO 16 YEARS OLD¹

	Percentual Percentage (%)	Colocou (ou postou) fotos, vídeos ou músicas Posted photos, videos, or music	Colocou (ou postou) uma mensagem num site Posted messages on a website	Ficou um tempo num mundo virtual Spent time in a virtual world	Criou um personagem, bicho de estimação ou avatar Created a character, pet, or avatar
	TOTAL	40	24	17	16
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	36	27	16	18
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	37	26	19	15
	Nordeste Northeast	51	17	18	14
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	37	23	19	17
	Masculino / Male	44	25	15	16
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	38	24	16	14
	Fundamental II Elementary II	39	20	15	17
	Médio ou mais Secondary or more	44	26	19	19
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos 9 to 10 years old	14	9	12	10
	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	35	20	21	22
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	51	32	18	17
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	57	33	16	15
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	33	16	16	16
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	36	20	12	12
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	45	22	18	18
	Mais de 3 SM More than 3 MW	43	31	19	21
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	49	31	21	18
	C	39	23	16	17
	DE	30	15	13	13

¹ Respostas estimuladas. Cada item apresentado se refere apenas aos resultados da alternativa "sim".
Dados coletados entre abril e julho de 2012.² Stimulated answers. Each item presented refers only to the results of affirmative - i.e. "yes" - answers.
Data collected between April and July 2012.

▶ CONTINUAÇÃO / CONTINUATION

B1 ATIVIDADES REALIZADAS NA INTERNET POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO ÚLTIMO MÊS

CHILDREN'S ACTIVITIES ONLINE IN THE PAST MONTH

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE USUÁRIOS DE INTERNET DE 9 A 16 ANOS¹
 PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF INTERNET USERS FROM 9 TO 16 YEARS OLD¹

	Percentual Percentage (%)	Usou uma webcam Used a webcam	Entrou em salas de bate-papo Visited a chatroom	Escreveu em um <i>blog</i> ou diário <i>on-line</i> Wrote a <i>blog</i> or online diary	Usou sites de compartilhamento de arquivos Used file-sharing sites
TOTAL		14	12	10	6
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	15	10	13	8
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	7	8	8	3
	Nordeste Northeast	13	16	4	5
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	15	13	11	9
	Masculino / Male	12	10	8	4
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	13	12	7	6
	Fundamental II Elementary II	12	11	13	5
	Médio ou mais Secondary or more	15	11	12	7
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos 9 to 10 years old	6	5	5	1
	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	13	11	6	4
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	16	13	15	7
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	18	16	13	12
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	14	12	5	4
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	8	9	5	8
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	17	12	9	5
	Mais de 3 SM More than 3 MW	18	9	19	7
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	20	10	16	7
	C	12	12	8	7
	DE	6	12	3	1

¹ Respostas estimuladas. Cada item apresentado se refere apenas aos resultados da alternativa "sim".
 Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Stimulated answers. Each item presented refers only to the results of affirmative - i.e. "yes" - answers.
 Data collected between April and July 2012.

C1 PROPORÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE POSSUEM PERFIL PRÓPRIO NUM SITE DE REDE SOCIAL
 PROPORTION OF CHILDREN WHO HAVE THEIR OWN SOCIAL NETWORKING PROFILE
 PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE USUÁRIOS DE INTERNET DE 9 A 16 ANOS¹
 PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF INTERNET USERS FROM 9 TO 16 YEARS OLD¹

	Percentual Percentage (%)	Sim Yes	Não No
	TOTAL	70	30
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	73	27
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	59	41
	Nordeste Northeast	70	30
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	71	29
	Masculino / Male	69	31
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	63	37
	Fundamental II Elementary II	73	27
	Médio ou mais Secondary or more	77	23
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos 9 to 10 years old	42	58
	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	71	29
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	80	20
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	83	17
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	52	48
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	65	35
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	81	19
	Mais de 3 SM More than 3 MW	76	24
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	79	21
	C	71	29
	DE	49	51

¹ Dados coletados entre abril e julho de 2012.

² Data collected between April and July 2012.

C4 NÚMERO DE CONTATOS QUE CRIANÇAS E ADOLESCENTES POSSUEM NO SEU PERFIL DA REDE SOCIAL¹

NUMBER OF CONTACTS ON CHILDREN'S SOCIAL NETWORKING PROFILE¹

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE USUÁRIOS DE INTERNET DE 9 A 16 ANOS QUE POSSUEM O PRÓPRIO PERFIL EM UMA REDE SOCIAL²

PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF INTERNET USERS FROM 9 TO 16 YEARS OLD WHO HAVE THEIR OWN SOCIAL NETWORKING PROFILE²

Percentual Percentage (%)		Até 10 contatos Up to 10 contacts	De 11 a 50 contatos 11 to 50 contacts	De 51 a 100 contatos 51 to 100 contacts	De 101 a 300 contatos 101 to 300 contacts	Mais de 300 contatos More than 300 contacts	Não sabe/ Não lembra Does not know/ Cannot remember
TOTAL		6	21	22	29	21	1
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	7	20	23	29	20	2
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	7	20	22	25	27	0
	Nordeste Northeast	3	25	19	31	21	1
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	6	23	23	26	21	1
	Masculino / Male	5	19	20	31	22	2
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	6	20	22	26	24	2
	Fundamental II Elementary II	8	21	19	37	15	0
	Médio ou mais Secondary or more	4	23	22	28	22	1
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos 9 to 10 years old	12	51	23	9	4	0
	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	8	28	25	28	10	1
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	5	16	23	32	24	1
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	2	8	17	36	36	2
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	5	28	21	23	23	1
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	5	18	24	30	19	3
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	7	23	24	28	18	0
	Mais de 3 SM More than 3 MW	4	21	21	29	23	2
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	4	21	17	34	23	1
	C	6	20	24	26	22	2
	DE	8	29	19	28	15	1

¹ Considerando-se a rede social de uso principal das crianças ou dos adolescentes.

¹ Based on the main social network used by children.

² Respostas estimuladas. Dados coletados entre abril e julho de 2012.

² Stimulated answers. Data collected between April and July 2012.

C5 TIPO DE CONFIGURAÇÃO DE PRIVACIDADE NO PERFIL DA REDE SOCIAL DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES¹ TYPE OF PRIVACY SETTINGS ON CHILDREN'S SOCIAL NETWORKING PROFILE¹

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE USUÁRIOS DE INTERNET DE 9 A 16 ANOS QUE POSSUEM O PRÓPRIO PERFIL EM UMA REDE SOCIAL²
PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF INTERNET USERS FROM 9 TO 16 YEARS OLD WHO HAVE THEIR OWN SOCIAL NETWORKING PROFILE²

	Percentual Percentage (%)	Privado, de um jeito que apenas seus amigos consigam ver <i>Private, so that only friends can see</i>	Parcialmente privado, de um jeito que os amigos dos amigos ou suas redes consigam ver <i>Partially private, so that friends of friends or their networks can see</i>	Público, de um jeito que todo mundo consiga ver <i>Public, so that everyone can see</i>	Não sabe <i>Does not know</i>
TOTAL		42	31	25	2
REGIÃO <i>REGION</i>	Sudeste e Sul <i>Southeast and South</i>	46	26	26	2
	Centro-Oeste e Norte <i>Center-West and North</i>	46	33	19	2
	Nordeste <i>Northeast</i>	31	40	26	3
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE <i>SEX OF CHILD</i>	Feminino / Female	40	29	27	3
	Masculino / Male	43	32	23	2
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS <i>LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS</i>	Até Fundamental I <i>Up to Elementary I</i>	42	27	29	3
	Fundamental II <i>Elementary II</i>	41	35	21	3
	Médio ou mais <i>Secondary or more</i>	42	32	24	2
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE <i>AGE GROUP OF CHILD</i>	De 9 a 10 anos <i>9 to 10 years old</i>	38	31	23	7
	De 11 a 12 anos <i>11 to 12 years old</i>	43	27	27	4
	De 13 a 14 anos <i>13 to 14 years old</i>	45	32	23	1
	De 15 a 16 anos <i>15 to 16 years old</i>	39	33	27	1
RENDA FAMILIAR <i>FAMILY INCOME</i>	Até 1 SM <i>Up to 1 MW</i>	28	34	33	5
	Mais de 1 SM até 2 SM <i>More than 1 MW up to 2 MW</i>	47	23	27	3
	Mais de 2 SM até 3 SM <i>More than 2 MW up to 3 MW</i>	38	35	25	1
	Mais de 3 SM <i>More than 3 MW</i>	46	28	22	3
CLASSE SOCIAL <i>SOCIAL CLASS</i>	AB	41	37	21	2
	C	42	29	27	2
	DE	41	22	32	5

¹ Considerando-se a rede social de uso principal das crianças ou dos adolescentes.

¹ Based on the main social network used by children.

² Respostas estimuladas. Dados coletados entre abril e julho de 2012.

² Stimulated answers. Data collected between April and July 2012.

CONTINUA / CONTINUES ►

C6 TIPOS DE INFORMAÇÕES COMPARTILHADAS NO PERFIL DA REDE SOCIAL DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES

TYPE OF INFORMATION SHARED THROUGH CHILDREN'S SOCIAL NETWORKING PROFILE

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE USUÁRIOS DE INTERNET DE 9 A 16 ANOS QUE POSSUEM O PRÓPRIO PERFIL EM UMA REDE SOCIAL¹
 PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF INTERNET USERS FROM 9 TO 16 YEARS OLD WHO HAVE THEIR OWN SOCIAL NETWORKING PROFILE¹

	Percentual Percentage (%)	Foto que mostra claramente o rosto Photo that clearly shows the face	Sobrenome Last name	Idade que não é a verdadeira An age that is not the real one	Escola School
TOTAL		86	69	57	28
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	83	64	54	28
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	84	65	59	38
	Nordeste Northeast	95	80	65	27
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	83	71	55	31
	Masculino / Male	90	67	60	26
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	87	69	61	32
	Fundamental II Elementary II	89	61	54	22
	Médio ou mais Secondary or more	84	73	56	29
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos 9 to 10 years old	76	50	68	12
	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	86	67	71	24
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	87	71	50	29
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	90	77	48	38
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	91	78	63	34
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	87	69	55	25
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	81	68	62	25
	Mais de 3 SM More than 3 MW	86	65	50	33
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	86	70	53	31
	C	86	68	59	28
	DE	89	69	59	23

¹ Respostas múltiplas e estimuladas. Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Multiple and stimulated answers. Data collected between April and July 2012.

▶ CONTINUAÇÃO / CONTINUATION

C6 TIPOS DE INFORMAÇÕES COMPARTILHADAS NO PERFIL DA REDE SOCIAL DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES
TYPE OF INFORMATION SHARED THROUGH CHILDREN'S SOCIAL NETWORKING PROFILEPERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE USUÁRIOS DE INTERNET DE 9 A 16 ANOS QUE POSSUEM O PRÓPRIO PERFIL EM UMA REDE SOCIAL¹
PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF INTERNET USERS FROM 9 TO 16 YEARS OLD WHO HAVE THEIR OWN SOCIAL NETWORKING PROFILE¹

	Percentual Percentage (%)	Idade correta Correct age	Endereço Address	Número de telefone Phone number	Nenhuma dessas alternativas None of these	Não sabe Does not know
TOTAL		27	13	12	2	0
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul <i>Southeast and South</i>	29	12	9	3	0
	Centro-Oeste e Norte <i>Center-West and North</i>	25	16	19	1	0
	Nordeste <i>Northeast</i>	23	14	14	1	0
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	29	15	13	2	0
	Masculino / Male	25	12	10	2	0
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I <i>Up to Elementary I</i>	26	18	12	3	0
	Fundamental II <i>Elementary II</i>	26	11	13	1	0
	Médio ou mais <i>Secondary or more</i>	28	10	10	2	0
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos <i>9 to 10 years old</i>	9	8	6	4	0
	De 11 a 12 anos <i>11 to 12 years old</i>	13	9	11	1	0
	De 13 a 14 anos <i>13 to 14 years old</i>	34	15	16	3	0
	De 15 a 16 anos <i>15 to 16 years old</i>	39	17	11	0	0
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM <i>Up to 1 MW</i>	25	21	18	1	0
	Mais de 1 SM até 2 SM <i>More than 1 MW up to 2 MW</i>	28	16	12	2	0
	Mais de 2 SM até 3 SM <i>More than 2 MW up to 3 MW</i>	22	8	7	3	0
	Mais de 3 SM <i>More than 3 MW</i>	31	13	13	1	0
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	29	9	10	2	0
	C	25	13	12	2	0
	DE	30	28	16	1	0

¹ Respostas múltiplas e estimuladas. Dados coletados entre abril e julho de 2012.¹ Multiple and stimulated answers. Data collected between April and July 2012.

CONTINUA / CONTINUES ►

D1 PERCEÇÃO DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES SOBRE SUAS HABILIDADES EM RELAÇÃO AO USO DA INTERNET
PERCEPTION OF CHILDREN REGARDING THEIR INTERNET SKILLS
PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE USUÁRIOS DE INTERNET DE 11 A 16 ANOS¹
PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF INTERNET USERS FROM 11 TO 16 YEARS OLD¹

Percentual Percentage (%)	Sabe mais sobre a Internet do que os pais Knows more about the Internet than their parents				
	Não é verdadeira Not true	Mais ou menos verdadeira A bit true	Verdadeira Very true	Não respondeu Did not answer	
TOTAL	12	13	75	0	
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	14	14	72	0
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	11	15	73	1
	Nordeste Northeast	10	9	81	0
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	15	12	73	0
	Masculino / Male	9	14	77	0
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	6	13	81	0
	Fundamental II Elementary II	19	7	73	0
	Médio ou mais Secondary or more	17	16	67	0
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	18	18	63	1
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	13	11	76	0
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	6	9	85	0
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	7	8	83	1
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	13	15	72	0
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	14	8	78	0
	Mais de 3 SM More than 3 MW	12	16	72	1
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	17	15	68	0
	C	11	11	77	0
	DE	7	14	78	1

¹ Respostas estimuladas. Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Stimulated answers. Data collected between April and July 2012.

► CONTINUAÇÃO / CONTINUATION

D1 PERCEPÇÃO DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES SOBRE SUAS HABILIDADES EM RELAÇÃO AO USO DA INTERNET

PERCEPTION OF CHILDREN REGARDING THEIR INTERNET SKILLS

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE USUÁRIOS DE INTERNET DE 11 A 16 ANOS¹
PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF INTERNET USERS FROM 11 TO 16 YEARS OLD¹

Percentual Percentage (%)	Sabe muitas coisas sobre como usar a Internet Knows a lot of things about using the Internet				
	Não é verdadeira Not true	Mais ou menos verdadeira A bit true	Verdadeira Very true	Não respondeu Did not answer	
TOTAL	12	30	57	0	
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	12	29	59	0
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	18	39	42	1
	Nordeste Northeast	10	28	60	1
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	12	26	61	0
	Masculino / Male	12	34	53	1
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	14	32	54	0
	Fundamental II Elementary II	12	28	59	0
	Médio ou mais Secondary or more	11	29	60	1
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	17	35	48	0
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	13	33	55	0
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	7	24	68	1
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	19	28	52	1
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	14	33	53	0
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	13	26	59	1
	Mais de 3 SM More than 3 MW	8	27	65	0
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	11	20	68	1
	C	10	34	56	0
	DE	25	34	40	1

¹ Respostas estimuladas. Dados coletados entre abril e julho de 2012.¹ Stimulated answers. Data collected between April and July 2012.

▶ CONTINUAÇÃO / CONTINUATION

D1 PERCEÇÃO DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES SOBRE SUAS HABILIDADES EM RELAÇÃO AO USO DA INTERNET
 PERCEPTION OF CHILDREN REGARDING THEIR INTERNET SKILLS
 PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE USUÁRIOS DE INTERNET DE 11 A 16 ANOS¹
 PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF INTERNET USERS FROM 11 TO 16 YEARS OLD¹

Percentual Percentage (%)	Há muitas coisas na Internet que são boas para crianças ou adolescentes da mesma idade There are a lot of things on the Internet that are good for children of the same age				
	Não é verdadeira Not true	Mais ou menos verdadeira A bit true	Verdadeira Very true	Não respondeu Did not answer	
TOTAL	4	22	74	1	
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	4	22	73	1
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	3	28	68	1
	Nordeste Northeast	6	17	77	0
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	4	17	78	1
	Masculino / Male	4	26	70	0
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	5	22	72	1
	Fundamental II Elementary II	5	21	73	0
	Médio ou mais Secondary or more	2	21	76	0
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	6	25	69	1
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	4	21	74	0
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	3	19	78	1
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	6	16	77	1
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	5	23	71	1
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	5	18	77	0
	Mais de 3 SM More than 3 MW	1	19	80	0
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	1	23	76	0
	C	5	20	75	0
	DE	7	27	64	2

¹ Respostas estimuladas. Dados coletados entre abril e julho de 2012.¹ Stimulated answers. Data collected between April and July 2012.

D2 HABILIDADES DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES NO USO DA INTERNET INTERNET SKILLS OF CHILDREN

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE USUÁRIOS DE INTERNET DE 11 A 16 ANOS¹
PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF INTERNET USERS FROM 11 TO 16 YEARS OLD¹

	Percentual Percentage (%)	Marcar um site/ Adicioná-lo aos favoritos <i>Bookmark a website/Adding to favorites</i>	Bloquear as mensagens de uma pessoa, ou seja, usar as configurações para impedir que uma pessoa entre em contato com você pela Internet <i>Block messages from someone – i.e., applying settings to avoid that someone else gets in touch with you on the internet</i>	Encontrar informações sobre como usar a Internet com segurança <i>Find information on how to use the Internet safely</i>	Mudar as configurações de privacidade no perfil de rede social/ Determinar quais informações podem ser vistas por outras pessoas na Internet <i>Change privacy settings on a social network profile/ Determine what information can be seen by other people on the Internet</i>
TOTAL		63	59	55	54
REGIÃO <i>REGION</i>	Sudeste e Sul <i>Southeast and South</i>	63	63	57	55
	Centro-Oeste e Norte <i>Center-West and North</i>	61	52	49	44
	Nordeste <i>Northeast</i>	65	55	53	59
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE <i>SEX OF CHILD</i>	Feminino / Female	65	58	57	54
	Masculino / Male	62	61	52	55
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS <i>LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS</i>	Até Fundamental I <i>Up to Elementary I</i>	56	53	49	46
	Fundamental II <i>Elementary II</i>	70	60	56	56
	Médio ou mais <i>Secondary or more</i>	69	67	61	64
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE <i>AGE GROUP OF CHILD</i>	De 11 a 12 anos <i>11 to 12 years old</i>	48	49	40	37
	De 13 a 14 anos <i>13 to 14 years old</i>	69	59	57	57
	De 15 a 16 anos <i>15 to 16 years old</i>	73	69	66	69
RENDA FAMILIAR <i>FAMILY INCOME</i>	Até 1 SM <i>Up to 1 MW</i>	62	47	52	44
	Mais de 1 SM até 2 SM <i>More than 1 MW up to 2 MW</i>	54	53	50	49
	Mais de 2 SM até 3 SM <i>More than 2 MW up to 3 MW</i>	64	68	58	62
	Mais de 3 SM <i>More than 3 MW</i>	75	68	68	65
CLASSE SOCIAL <i>SOCIAL CLASS</i>	AB	76	74	63	67
	C	63	58	54	52
	DE	40	36	40	40

¹ Respostas estimuladas. Cada item apresentado se refere apenas aos resultados da alternativa “sim”.
Dados coletados entre abril e julho de 2012.

² Stimulated answers. Each item presented refers only to the results of affirmative – i.e. “yes” – answers.
Data collected between April and July 2012.

▶ CONTINUAÇÃO / CONTINUATION

D2 HABILIDADES DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES NO USO DA INTERNET INTERNET SKILLS OF CHILDREN

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE USUÁRIOS DE INTERNET DE 11 A 16 ANOS¹
PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF INTERNET USERS FROM 11 TO 16 YEARS OLD¹

Percentual Percentage (%)		Deletar o registro/histórico dos sites que visitou <i>Delete the record/history of websites visited</i>	Bloquear propaganda indesejada ou lixo eletrônico/spams <i>Block unwanted adverts or junk mail/spam</i>	Comparar diferentes sites para saber se as informações são verdadeiras <i>Compare different websites to decide if information is true</i>	Mudar as preferências de filtro/Personalizar como o computador e o navegador de Internet selecionam os sites que podem ou não ser visitados <i>Change filter preferences/ Personalizing how the computer or Internet browser selects which websites may or may not be visited</i>
TOTAL		50	44	41	31
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul <i>Southeast and South</i>	51	45	40	29
	Centro-Oeste e Norte <i>Center-West and North</i>	39	47	32	24
	Nordeste <i>Northeast</i>	53	40	48	39
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	51	47	42	36
	Masculino / Male	50	41	40	27
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I <i>Up to Elementary I</i>	43	37	34	26
	Fundamental II <i>Elementary II</i>	54	45	41	31
	Médio ou mais <i>Secondary or more</i>	57	51	50	38
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 11 a 12 anos <i>11 to 12 years old</i>	35	29	27	17
	De 13 a 14 anos <i>13 to 14 years old</i>	51	44	40	34
	De 15 a 16 anos <i>15 to 16 years old</i>	64	57	54	42
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM <i>Up to 1 MW</i>	40	35	48	35
	Mais de 1 SM até 2 SM <i>More than 1 MW up to 2 MW</i>	44	39	31	23
	Mais de 2 SM até 3 SM <i>More than 2 MW up to 3 MW</i>	58	46	49	39
	Mais de 3 SM <i>More than 3 MW</i>	58	54	47	32
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	62	55	52	43
	C	48	43	39	27
	DE	35	27	28	24

¹ Respostas estimuladas. Cada item apresentado se refere apenas aos resultados da alternativa "sim".
Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Stimulated answers. Each item presented refers only to the results of affirmative - i.e. "yes" - answers.
Data collected between April and July 2012.

D3 PERCEÇÃO DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES SOBRE A EXISTÊNCIA DE COISAS QUE POSSAM INCOMODÁ-LOS NA INTERNET
 PERCEPTION OF CHILDREN REGARDING THE PRESENCE OF POTENTIALLY BOTHERSOME CONTENT ON THE INTERNET
 PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE USUÁRIOS DE INTERNET DE 9 A 16 ANOS¹
 PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF INTERNET USERS FROM 9 TO 16 YEARS OLD¹

	Percentual Percentage (%)	Sim Yes	Não No	Não respondeu Did not answer
TOTAL		72	26	2
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul <i>Southeast and South</i>	77	21	2
	Centro-Oeste e Norte <i>Center-West and North</i>	75	23	1
	Nordeste <i>Northeast</i>	61	37	2
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	71	27	2
	Masculino / Male	74	25	1
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I <i>Up to Elementary I</i>	73	26	1
	Fundamental II <i>Elementary II</i>	72	27	1
	Médio ou mais <i>Secondary or more</i>	72	25	2
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos <i>9 to 10 years old</i>	71	27	2
	De 11 a 12 anos <i>11 to 12 years old</i>	70	27	3
	De 13 a 14 anos <i>13 to 14 years old</i>	77	22	1
	De 15 a 16 anos <i>15 to 16 years old</i>	72	28	1
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM <i>Up to 1 MW</i>	69	29	2
	Mais de 1 SM até 2 SM <i>More than 1 MW up to 2 MW</i>	71	28	2
	Mais de 2 SM até 3 SM <i>More than 2 MW up to 3 MW</i>	72	27	1
	Mais de 3 SM <i>More than 3 MW</i>	74	23	2
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	70	29	1
	C	74	24	2
	DE	72	26	2

¹ Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Data collected between April and July 2012.

CONTINUA / CONTINUES ►

E15 ORIGEM DOS CONSELHOS RECEBIDOS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES SOBRE USO SEGURO DA INTERNET
SOURCES OF ADVICE RECEIVED BY CHILDREN REGARDING SAFE INTERNET USE
PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE USUÁRIOS DE INTERNET DE 9 A 16 ANOS¹
PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF INTERNET USERS FROM 9 TO 16 YEARS OLD¹

Percentual Percentage (%)		Outro parente Other relative	Professor Teacher	Televisão, rádio, jornais ou revistas Television, radio, newspapers or magazines	Pessoas que trabalham com jovens ou pessoas ligadas à igreja Youth or church worker	Bibliotecário/ monitor de lanhouse Librarian/ LAN house supervisor
TOTAL		59	55	33	20	16
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	60	52	32	17	13
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	61	65	28	25	25
	Nordeste Northeast	56	55	39	22	17
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	58	51	33	18	20
	Masculino / Male	60	58	34	21	12
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	53	57	30	18	19
	Fundamental II Elementary II	56	51	37	22	19
	Médio ou mais Secondary or more	67	54	35	20	10
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos 9 to 10 years old	52	54	18	11	10
	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	65	53	36	17	13
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	65	54	39	26	20
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	52	57	39	23	20
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	50	53	37	27	26
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	57	53	31	17	15
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	59	53	33	19	15
	Mais de 3 SM More than 3 MW	66	57	33	19	10
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	67	57	33	16	11
	C	56	53	34	22	17
	DE	52	59	30	17	22

¹ Respostas múltiplas e estimuladas. Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Multiple and stimulated answers. Data collected between April and July 2012.

▶ CONTINUAÇÃO / CONTINUATION

E15 ORIGEM DOS CONSELHOS RECEBIDOS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES SOBRE USO SEGURO DA INTERNET

SOURCES OF ADVICE RECEIVED BY CHILDREN REGARDING SAFE INTERNET USE

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE USUÁRIOS DE INTERNET DE 9 A 16 ANOS¹
PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF INTERNET USERS FROM 9 TO 16 YEARS OLD¹

	Percentual Percentage (%)	Sites Websites	Provedor de serviços de Internet Internet service provider	Outros Other	Nunca recebeu qualquer conselho dessas pessoas ou nesses locais Never received any advice from the people or at the locations mentioned	Não sabe/ Não lembra Does not know/ Cannot remember
TOTAL		14	11	6	9	1
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	15	12	7	11	1
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	14	15	8	6	1
	Nordeste Northeast	10	7	5	6	1
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	17	12	7	10	1
	Masculino / Male	11	10	6	8	0
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	12	11	6	11	1
	Fundamental II Elementary II	10	9	6	9	1
	Médio ou mais Secondary or more	17	11	8	7	1
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos 9 to 10 years old	7	7	7	16	1
	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	9	9	5	8	0
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	17	13	5	5	0
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	20	14	8	8	1
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	14	11	4	9	1
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	10	8	8	14	1
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	14	9	4	8	1
	Mais de 3 SM More than 3 MW	19	17	9	6	0
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	18	12	6	5	0
	C	14	10	7	11	1
	DE	5	8	5	8	2

¹ Respostas múltiplas e estimuladas. Dados coletados entre abril e julho de 2012.² Multiple and stimulated answers. Data collected between April and July 2012.

CONTINUA / CONTINUES ►

E16 PRINCIPAL ORIGEM DOS CONSELHOS RECEBIDOS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES SOBRE USO SEGURO DA INTERNET

MAIN SOURCES OF ADVICE RECEIVED BY CHILDREN REGARDING SAFE INTERNET USE

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE USUÁRIOS DE INTERNET DE 9 A 16 ANOS¹

PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF INTERNET USERS FROM 9 TO 16 YEARS OLD¹

	Outro parente <i>Other relative</i>	Professor <i>Teacher</i>	Televisão, rádio, jornais ou revistas <i>Television, radio, newspapers or magazines</i>	Bibliotecário/monitor de lanhouse <i>Librarian/LAN house supervisor</i>	Pessoas que trabalham com jovens ou pessoas ligadas à igreja <i>Youth or church worker</i>	
TOTAL	40	27	7	4	3	
REGIÃO <i>REGION</i>	Sudeste e Sul <i>Southeast and South</i>	40	24	8	4	2
	Centro-Oeste e Norte <i>Center-West and North</i>	44	31	4	2	4
	Nordeste <i>Northeast</i>	40	32	7	4	5
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE <i>SEX OF CHILD</i>	Feminino / Female	39	24	7	5	4
	Masculino / Male	42	29	6	3	3
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS <i>LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS</i>	Até Fundamental I <i>Up to Elementary I</i>	35	30	6	5	3
	Fundamental II <i>Elementary II</i>	35	28	10	5	4
	Médio ou mais <i>Secondary or more</i>	50	23	6	1	3
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE <i>AGE GROUP OF CHILD</i>	De 9 a 10 anos <i>9 to 10 years old</i>	36	33	3	2	0
	De 11 a 12 anos <i>11 to 12 years old</i>	48	24	7	3	2
	De 13 a 14 anos <i>13 to 14 years old</i>	43	24	9	5	5
	De 15 a 16 anos <i>15 to 16 years old</i>	34	27	8	4	5
RENDA FAMILIAR <i>FAMILY INCOME</i>	Até 1 SM <i>Up to 1 MW</i>	32	30	8	5	6
	Mais de 1 SM até 2 SM <i>More than 1 MW up to 2 MW</i>	38	24	8	5	2
	Mais de 2 SM até 3 SM <i>More than 2 MW up to 3 MW</i>	41	29	6	4	4
	Mais de 3 SM <i>More than 3 MW</i>	47	25	6	0	2
CLASSE SOCIAL <i>SOCIAL CLASS</i>	AB	47	26	7	2	2
	C	39	26	7	3	3
	DE	34	32	5	8	5

¹ Respostas estimuladas. Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Stimulated answers. Data collected between April and July 2012.

► CONTINUAÇÃO / CONTINUATION

E16 PRINCIPAL ORIGEM DOS CONSELHOS RECEBIDOS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES SOBRE USO SEGURO DA INTERNET

MAIN SOURCES OF ADVICE RECEIVED BY CHILDREN REGARDING SAFE INTERNET USE

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE USUÁRIOS DE INTERNET DE 9 A 16 ANOS¹PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF INTERNET USERS FROM 9 TO 16 YEARS OLD¹

	Provedor de serviços de Internet Internet service provider	Sites Websites	Outros Other	Nunca recebeu qualquer conselho dessas pessoas ou nesses locais Never received any advice from the people or at the locations mentioned	Não sabe/ Não lembra Does not know/ Cannot remember
PERCENTUAL Percentage (%)					
TOTAL	2	2	5	9	1
REGIÃO REGION					
Sudeste e Sul Southeast and South	3	3	5	11	1
Centro-Oeste e Norte Center-West and North	1	1	6	6	1
Nordeste Northeast	0	1	4	6	1
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD					
Feminino / Female	2	3	5	10	1
Masculino / Male	3	1	5	8	1
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS					
Até Fundamental I Up to Elementary I	3	3	4	11	1
Fundamental II Elementary II	3	1	5	9	1
Médio ou mais Secondary or more	2	1	6	7	1
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD					
De 9 a 10 anos 9 to 10 years old	2	1	6	16	1
De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	3	1	3	8	0
De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	2	2	4	5	0
De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	2	4	7	8	1
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME					
Até 1 SM Up to 1 MW	0	6	3	9	1
Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	1	1	6	14	1
Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	2	2	3	8	1
Mais de 3 SM More than 3 MW	5	1	8	6	0
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS					
AB	3	2	5	5	0
C	2	2	6	11	1
DE	0	1	4	8	2

¹ Respostas estimuladas. Dados coletados entre abril e julho de 2012.¹ Stimulated answers. Data collected between April and July 2012.

A3 PROPORÇÃO DE PAIS OU RESPONSÁVEIS QUE USAM A INTERNET
 PROPORTION OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS WHO USE THE INTERNET
 PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE PAIS OU RESPONSÁVEIS¹
 PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS¹

	Percentual Percentage (%)	Sim Yes	Não No
	TOTAL	47	53
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul <i>Southeast and South</i>	50	50
	Centro-Oeste e Norte <i>Center-West and North</i>	42	58
	Nordeste <i>Northeast</i>	45	55
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / <i>Female</i>	48	52
	Masculino / <i>Male</i>	47	53
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I <i>Up to Elementary I</i>	20	80
	Fundamental II <i>Elementary II</i>	52	48
	Médio ou mais <i>Secondary or more</i>	79	21
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos <i>9 to 10 years old</i>	60	40
	De 11 a 12 anos <i>11 to 12 years old</i>	43	57
	De 13 a 14 anos <i>13 to 14 years old</i>	45	54
	De 15 a 16 anos <i>15 to 16 years old</i>	42	58
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM <i>Up to 1 MW</i>	25	75
	Mais de 1 SM até 2 SM <i>More than 1 MW up to 2 MW</i>	36	64
	Mais de 2 SM até 3 SM <i>More than 2 MW up to 3 MW</i>	56	44
	Mais de 3 SM <i>More than 3 MW</i>	74	26
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	73	27
	C	44	56
	DE	12	88

¹ Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Data collected between April and July 2012.

A4 LOCAL DE ACESSO INDIVIDUAL À INTERNET PELOS PAIS OU RESPONSÁVEIS

LOCATION OF INDIVIDUAL INTERNET ACCESS BY PARENTS OR LEGAL GUARDIANS

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE PAIS OU RESPONSÁVEIS QUE USAM A INTERNET¹
 PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS THAT USE THE INTERNET¹

	Percentual Percentage (%)	Escola School	Trabalho ou universidade Workplace or university	Lanhouse ou cybercafé LAN house or cybercafé	Celular Mobile phone
	TOTAL	85	20	10	6
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul <i>Southeast and South</i>	88	21	9	6
	Centro-Oeste e Norte <i>Center-West and North</i>	73	25	18	11
	Nordeste <i>Northeast</i>	84	16	9	4
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / <i>Female</i>	87	22	9	5
	Masculino / <i>Male</i>	83	19	10	7
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I <i>Up to Elementary I</i>	84	10	10	8
	Fundamental II <i>Elementary II</i>	83	6	7	5
	Médio ou mais <i>Secondary or more</i>	86	28	10	6
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos <i>9 to 10 years old</i>	77	16	14	10
	De 11 a 12 anos <i>11 to 12 years old</i>	88	20	9	3
	De 13 a 14 anos <i>13 to 14 years old</i>	89	22	6	5
	De 15 a 16 anos <i>15 to 16 years old</i>	88	24	9	6
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM <i>Up to 1 MW</i>	61	10	27	8
	Mais de 1 SM até 2 SM <i>More than 1 MW up to 2 MW</i>	81	11	12	4
	Mais de 2 SM até 3 SM <i>More than 2 MW up to 3 MW</i>	89	17	8	6
	Mais de 3 SM <i>More than 3 MW</i>	91	32	6	7
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	93	31	3	8
	C	80	14	15	5
	DE	64	0	16	5

¹ Respostas múltiplas e estimuladas. Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Multiple and stimulated answers. Data collected between April and July 2012.

▶ CONTINUAÇÃO / CONTINUATION

A4 LOCAL DE ACESSO INDIVIDUAL À INTERNET PELOS PAIS OU RESPONSÁVEIS
 LOCATION OF INDIVIDUAL INTERNET ACCESS BY PARENTS OR LEGAL GUARDIANS
 PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE PAIS OU RESPONSÁVEIS QUE USAM A INTERNET¹
 PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS THAT USE THE INTERNET¹

	Percentual Percentage (%)	Telecentro (centros públicos de acesso gratuito) Telecenter (free public access center)	Outros Other	Não respondeu Did not answer
	TOTAL	1	4	0
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	1	2	0
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	2	8	0
	Nordeste Northeast	2	5	0
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	0	4	0
	Masculino / Male	3	4	0
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	1	3	0
	Fundamental II Elementary II	3	2	0
	Médio ou mais Secondary or more	1	4	0
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos 9 to 10 years old	1	6	0
	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	0	1	0
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	0	3	0
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	5	3	0
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	2	15	1
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	2	6	0
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	0	2	0
	Mais de 3 SM More than 3 MW	0	2	0
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	0	1	0
	C	2	5	0
	DE	5	17	0

¹ Respostas múltiplas e estimuladas. Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Multiple and stimulated answers. Data collected between April and July 2012.

A5 FREQUÊNCIA DE ACESSO INDIVIDUAL À INTERNET PELOS PAIS OU RESPONSÁVEIS FREQUENCY OF INDIVIDUAL INTERNET ACCESS BY PARENTS OR LEGAL GUARDIANS

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE PAIS OU RESPONSÁVEIS QUE USAM A INTERNET¹

PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS THAT USE THE INTERNET¹

	Percentual Percentage (%)	Todos os dias ou quase todos os dias Every day or almost every day	Uma ou duas vezes por semana Once or twice a week	Uma ou duas vezes por mês Once or twice a month	Menos de uma vez por mês Less than once a month	Não sabe Does not know
TOTAL		44	35	12	6	2
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul <i>Southeast and South</i>	46	33	11	6	3
	Centro-Oeste e Norte <i>Center-West and North</i>	39	33	20	7	0
	Nordeste <i>Northeast</i>	43	42	9	6	0
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	48	33	9	6	4
	Masculino / Male	41	38	14	6	0
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I <i>Up to Elementary I</i>	31	33	15	10	11
	Fundamental II <i>Elementary II</i>	38	37	13	12	0
	Médio ou mais <i>Secondary or more</i>	51	36	10	3	0
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos <i>9 to 10 years old</i>	48	33	14	5	0
	De 11 a 12 anos <i>11 to 12 years old</i>	45	40	8	8	0
	De 13 a 14 anos <i>13 to 14 years old</i>	42	33	16	8	1
	De 15 a 16 anos <i>15 to 16 years old</i>	42	37	8	5	9
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM <i>Up to 1 MW</i>	20	45	22	12	1
	Mais de 1 SM até 2 SM <i>More than 1 MW up to 2 MW</i>	33	35	12	11	10
	Mais de 2 SM até 3 SM <i>More than 2 MW up to 3 MW</i>	42	42	11	5	0
	Mais de 3 SM <i>More than 3 MW</i>	60	29	10	1	0
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	59	29	8	3	0
	C	35	40	14	8	4
	DE	8	47	22	23	0

¹ Respostas estimuladas. Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Stimulated answers. Data collected between April and July 2012.

A8 PROPORÇÃO DE PAIS OU RESPONSÁVEIS QUE CONSIDERAM QUE SEUS FILHOS UTILIZAM A INTERNET COM SEGURANÇA

PROPORTION OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS WHO BELIEVE THEIR CHILDREN USE THE INTERNET SAFELY
PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE PAIS OU RESPONSÁVEIS¹
PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS¹

	Percentual Percentage (%)	Sim Yes	Não No	Não sabe Does not know	Não respondeu Did not answer
	TOTAL	71	22	8	0
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	74	19	8	0
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	61	27	12	0
	Nordeste Northeast	69	25	5	1
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	71	20	9	0
	Masculino / Male	70	23	6	0
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	62	25	12	1
	Fundamental II Elementary II	79	15	6	0
	Médio ou mais Secondary or more	76	21	3	0
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos 9 to 10 years old	79	16	5	0
	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	67	26	7	0
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	73	20	7	0
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	65	23	12	0
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	61	30	8	1
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	70	19	10	1
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	74	21	6	0
	Mais de 3 SM More than 3 MW	78	18	4	0
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	80	18	3	0
	C	68	23	9	0
	DE	61	25	12	1

¹ Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Data collected between April and July 2012.

A9 TIPO DE ORIENTAÇÃO QUE PAIS OU RESPONSÁVEIS COSTUMAM DAR AOS FILHOS PARA O USO DA INTERNET
 TYPE OF ACTION PARENTS OR LEGAL GUARDIANS USUALLY TAKE WITH THEIR CHILDREN REGARDING INTERNET USE
 PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE PAIS OU RESPONSÁVEIS¹
 PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS¹

	Percentual Percentage (%)	Conversa com os filhos sobre o que eles fazem na Internet <i>Talks to the children about what they do online</i>	Fica por perto enquanto eles usam a Internet <i>Remains nearby while they are online</i>	Senta com os filhos enquanto usam a Internet (apenas para observar o que eles fazem, sem participar do que eles estão fazendo) <i>Sits with the children while they are online (only to observe what they do, without participating in what they are doing)</i>
TOTAL		78	57	49
REGIÃO <i>REGION</i>	Sudeste e Sul <i>Southeast and South</i>	81	60	52
	Centro-Oeste e Norte <i>Center-West and North</i>	74	52	40
	Nordeste <i>Northeast</i>	76	54	48
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE <i>SEX OF CHILD</i>	Feminino / Female	80	57	52
	Masculino / Male	77	57	46
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS <i>LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS</i>	Até Fundamental I <i>Up to Elementary I</i>	72	38	33
	Fundamental II <i>Elementary II</i>	77	64	49
	Médio ou mais <i>Secondary or more</i>	87	76	69
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE <i>AGE GROUP OF CHILD</i>	De 9 a 10 anos <i>9 to 10 years old</i>	73	64	53
	De 11 a 12 anos <i>11 to 12 years old</i>	81	57	49
	De 13 a 14 anos <i>13 to 14 years old</i>	78	56	48
	De 15 a 16 anos <i>15 to 16 years old</i>	80	54	47
RENDA FAMILIAR <i>FAMILY INCOME</i>	Até 1 SM <i>Up to 1 MW</i>	71	37	28
	Mais de 1 SM até 2 SM <i>More than 1 MW up to 2 MW</i>	76	47	44
	Mais de 2 SM até 3 SM <i>More than 2 MW up to 3 MW</i>	87	64	57
	Mais de 3 SM <i>More than 3 MW</i>	83	80	66
CLASSE SOCIAL <i>SOCIAL CLASS</i>	AB	87	77	67
	C	77	55	47
	DE	67	25	23

¹ Respostas estimuladas. Cada item apresentado se refere apenas aos resultados da alternativa "sim".
 Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Stimulated answers. Each item presented refers only to the results of affirmative - i.e. "yes" - answers.
 Data collected between April and July 2012.

▶ CONTINUAÇÃO / CONTINUATION

A9 TIPO DE ORIENTAÇÃO QUE PAIS OU RESPONSÁVEIS COSTUMAM DAR AOS FILHOS PARA O USO DA INTERNET
 TYPE OF ACTION PARENTS OR LEGAL GUARDIANS USUALLY TAKE WITH THEIR CHILDREN REGARDING INTERNET USE
 PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE PAIS OU RESPONSÁVEIS¹
 PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS¹

	Percentual Percentage (%)	Estimula os filhos a explorar e aprender coisas na Internet por conta própria Encourages their children to explore and learn things online by themselves	Realiza qualquer tipo de atividade junto com os filhos na Internet Participates in shared activities with their children online
	TOTAL	38	37
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	41	39
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	31	28
	Nordeste Northeast	35	39
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	39	35
	Masculino / Male	36	40
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	29	20
	Fundamental II Elementary II	36	41
	Médio ou mais Secondary or more	49	57
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos 9 to 10 years old	38	49
	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	34	36
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	41	33
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	38	34
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	27	14
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	32	32
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	43	48
	Mais de 3 SM More than 3 MW	51	54
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	48	57
	C	38	34
	DE	15	10

¹ Respostas estimuladas. Cada item apresentado se refere apenas aos resultados da alternativa "sim".
 Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Stimulated answers. Each item presented refers only to the results of affirmative – i.e. "yes" – answers.
 Data collected between April and July 2012.

A11 TIPO DE ORIENTAÇÃO DADA POR PAIS OU RESPONSÁVEIS PARA O USO DA INTERNET PELOS FILHOS
 TYPE OF ACTION TAKEN BY PARENTS OR LEGAL GUARDIANS REGARDING INTERNET USE BY THEIR CHILDREN
 PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE PAIS OU RESPONSÁVEIS¹
 PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS¹

Percentual Percentage (%)	Falou como usar a Internet com segurança, ou seja, sem que corra algum risco ou veja algo indevido <i>Suggested ways to use the Internet safely – i.e. avoiding risks and inappropriate content</i>	Falou como deve se comportar com outras pessoas na Internet <i>Suggested ways to behave towards other people on the Internet</i>	Explicou por que o conteúdo de alguns sites são bons e outros ruins <i>Explained why some websites' contents are good while others are bad</i>	
TOTAL	66	64	61	
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul <i>Southeast and South</i>	69	68	62
	Centro-Oeste e Norte <i>Center-West and North</i>	58	53	53
	Nordeste <i>Northeast</i>	64	62	63
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	67	65	61
	Masculino / Male	65	63	61
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I <i>Up to Elementary I</i>	50	48	42
	Fundamental II <i>Elementary II</i>	71	72	66
	Médio ou mais <i>Secondary or more</i>	83	79	81
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos <i>9 to 10 years old</i>	67	61	63
	De 11 a 12 anos <i>11 to 12 years old</i>	61	60	57
	De 13 a 14 anos <i>13 to 14 years old</i>	67	67	63
	De 15 a 16 anos <i>15 to 16 years old</i>	69	67	60
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM <i>Up to 1 MW</i>	55	49	48
	Mais de 1 SM até 2 SM <i>More than 1 MW up to 2 MW</i>	56	57	52
	Mais de 2 SM até 3 SM <i>More than 2 MW up to 3 MW</i>	75	74	72
	Mais de 3 SM <i>More than 3 MW</i>	82	79	75
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	84	80	81
	C	63	62	57
	DE	42	38	36

¹ Respostas estimuladas. Cada item apresentado se refere apenas aos resultados da alternativa “sim”.
 Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Stimulated answers. Each item presented refers only to the results of affirmative – i.e. “yes” – answers.
 Data collected between April and July 2012.

▶ CONTINUAÇÃO / CONTINUATION

A11 TIPO DE ORIENTAÇÃO DADA POR PAIS OU RESPONSÁVEIS PARA O USO DA INTERNET PELOS FILHOS
TYPE OF ACTION TAKEN BY PARENTS OR LEGAL GUARDIANS REGARDING INTERNET USE BY THEIR CHILDREN
PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE PAIS OU RESPONSÁVEIS¹
PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS¹

	Percentual Percentage (%)	Ajudou a fazer ou encontrar alguma coisa na Internet <i>Helped to do or find something on the Internet</i>	Em geral, já falou o que deve fazer se alguma coisa aborrecer ou assustar os filhos na Internet <i>In general, has talked about what to do if something on the Internet has bothered their children</i>	Ajudou quando alguma coisa aborrecer ou assustou os filhos na Internet <i>Helped when something on the Internet bothered or scared their children</i>
	TOTAL	45	43	24
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul <i>Southeast and South</i>	47	44	21
	Centro-Oeste e Norte <i>Center-West and North</i>	36	34	19
	Nordeste <i>Northeast</i>	45	45	31
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	45	43	21
	Masculino / Male	45	42	27
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I <i>Up to Elementary I</i>	19	30	12
	Fundamental II <i>Elementary II</i>	58	43	28
	Médio ou mais <i>Secondary or more</i>	69	58	36
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos <i>9 to 10 years old</i>	53	47	30
	De 11 a 12 anos <i>11 to 12 years old</i>	45	39	22
	De 13 a 14 anos <i>13 to 14 years old</i>	44	43	19
	De 15 a 16 anos <i>15 to 16 years old</i>	38	42	25
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM <i>Up to 1 MW</i>	23	26	12
	Mais de 1 SM até 2 SM <i>More than 1 MW up to 2 MW</i>	33	39	20
	Mais de 2 SM até 3 SM <i>More than 2 MW up to 3 MW</i>	57	53	33
	Mais de 3 SM <i>More than 3 MW</i>	67	53	29
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	70	56	32
	C	41	42	25
	DE	12	18	4

¹ Respostas estimuladas. Cada item apresentado se refere apenas aos resultados da alternativa "sim".
Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Stimulated answers. Each item presented refers only to the results of affirmative - i.e. "yes" - answers.
Data collected between April and July 2012.

A17 PROPORÇÃO DE PAIS OU RESPONSÁVEIS QUE ACREDITAM QUE OS FILHOS TENHAM PASSADO POR ALGUMA SITUAÇÃO DE INCÔMODO OU CONSTRANGIMENTO AO UTILIZAR A INTERNET NOS ÚLTIMOS 12 MESES

PROPORTION OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS WHO BELIEVE THEIR CHILDREN MAY HAVE EXPERIENCED A BOTHERSOME SITUATION WHILE USING THE INTERNET IN THE PAST 12 MONTHS

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE PAIS OU RESPONSÁVEIS¹

PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS¹

	Percentual Percentage (%)	Sim Yes	Não No	Prefere não dizer Prefers not to say	Não sabe Did not know
	TOTAL	6	89	0	4
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul <i>Southeast and South</i>	7	90	0	3
	Centro-Oeste e Norte <i>Center-West and North</i>	7	89	1	4
	Nordeste <i>Northeast</i>	5	88	1	6
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	4	90	1	5
	Masculino / Male	8	88	0	3
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I <i>Up to Elementary I</i>	3	90	0	7
	Fundamental II <i>Elementary II</i>	6	91	1	3
	Médio ou mais <i>Secondary or more</i>	10	88	0	2
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos <i>9 to 10 years old</i>	4	92	0	4
	De 11 a 12 anos <i>11 to 12 years old</i>	6	90	0	3
	De 13 a 14 anos <i>13 to 14 years old</i>	5	91	1	3
	De 15 a 16 anos <i>15 to 16 years old</i>	10	83	1	7
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM <i>Up to 1 MW</i>	1	88	2	9
	Mais de 1 SM até 2 SM <i>More than 1 MW up to 2 MW</i>	6	89	0	5
	Mais de 2 SM até 3 SM <i>More than 2 MW up to 3 MW</i>	8	90	0	2
	Mais de 3 SM <i>More than 3 MW</i>	11	87	0	2
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	8	90	0	2
	C	7	88	1	4
	DE	2	89	1	8

¹ Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Data collected between April and July 2012.

A18 PERCEÇÃO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS SOBRE A PROBABILIDADE DE OS FILHOS PASSAREM POR ALGUM INCÔMODO OU CONSTRANGIMENTO NA INTERNET NOS PRÓXIMOS 6 MESES
PERCEPTION OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS REGARDING THE PROBABILITY OF THEIR CHILDREN EXPERIENCING A BOTHERSOME SITUATION ONLINE IN THE NEXT 6 MONTHS

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE PAIS OU RESPONSÁVEIS ¹
PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS ¹

Percentual Percentage (%)		Muito provável Very likely	Mais ou menos provável Fairly likely	Pouco provável Not very likely	Nada provável Not at all likely	Não sabe Does not know
TOTAL		7	14	31	37	11
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	9	15	31	39	7
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	8	20	30	34	8
	Nordeste Northeast	4	9	33	34	20
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	7	13	33	38	9
	Masculino / Male	8	15	29	36	12
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	7	14	26	36	16
	Fundamental II Elementary II	8	15	34	39	5
	Médio ou mais Secondary or more	8	12	36	36	8
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos 9 to 10 years old	6	14	28	48	4
	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	8	14	29	40	10
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	6	14	40	30	10
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	10	13	27	32	18
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	8	11	34	30	16
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	5	13	33	38	11
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	7	14	26	41	11
	Mais de 3 SM More than 3 MW	10	13	36	36	5
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	5	12	31	44	7
	C	9	15	31	35	10
	DE	5	13	32	30	20

¹ Respostas estimuladas. Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Stimulated answers. Data collected between April and July 2012.

A19 PERCEPÇÃO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS SOBRE SUA CAPACIDADE PARA AJUDAR OS FILHOS A LIDAR COM SITUAÇÕES QUE OS INCOMODEM OU CONSTRAJAM NA INTERNET

PERCEPTION OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS REGARDING THEIR OWN CAPACITY TO HELP THEIR CHILDREN DEAL WITH BOTHERSOME SITUATIONS ONLINE

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE PAIS OU RESPONSÁVEIS¹
PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS¹

	Percentual Percentage (%)	Muito capaz A lot capable	Suficientemente capaz Fairly capable	Pouco capaz Not very capable	Nada capaz Not at all capable	Não sabe Does not know
TOTAL		25	35	23	14	2
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	27	40	20	12	2
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	19	30	28	18	5
	Nordeste Northeast	26	29	27	16	2
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	24	36	23	14	2
	Masculino / Male	27	35	23	13	2
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	17	30	27	23	4
	Fundamental II Elementary II	27	41	22	10	1
	Médio ou mais Secondary or more	35	39	20	4	1
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos 9 to 10 years old	31	36	24	8	1
	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	28	32	19	19	2
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	21	36	29	12	2
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	22	38	21	15	3
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	18	29	23	27	3
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	23	31	29	14	2
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	29	39	22	8	2
	Mais de 3 SM More than 3 MW	30	40	21	8	1
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	32	47	13	7	1
	C	25	30	28	15	3
	DE	15	35	24	23	3

¹ Respostas estimuladas. Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Stimulated answers. Data collected between April and July 2012.

A20 PERCEPÇÃO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS SOBRE O GRAU DE CAPACIDADE DOS FILHOS PARA LIDAR COM SITUAÇÕES QUE OS INCOMODEM NA INTERNET
PERCEPTION OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS REGARDING THEIR CHILDREN'S ABILITY TO DEAL WITH BOTHERSOME SITUATIONS ONLINE

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE PAIS OU RESPONSÁVEIS CUJOS FILHOS USAM INTERNET EM CASA¹
PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS WHOSE CHILDREN USE THE INTERNET AT HOME¹

	Percentual Percentage (%)	Muito capaz A lot capable	Suficientemente capaz Fairly capable	Pouco capaz Not very capable	Nada capaz Not at all capable	Não sabe Does not know
TOTAL		19	39	25	10	6
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	21	40	23	9	6
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	16	32	29	17	6
	Nordeste Northeast	18	40	27	10	5
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	20	39	27	8	6
	Masculino / Male	19	39	24	13	6
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	17	32	28	14	9
	Fundamental II Elementary II	22	40	23	11	5
	Médio ou mais Secondary or more	21	47	24	6	3
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos 9 to 10 years old	14	33	34	14	6
	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	16	35	25	18	5
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	20	48	21	7	5
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	27	40	22	4	7
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	18	34	30	11	7
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	19	32	27	13	9
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	19	44	27	6	3
	Mais de 3 SM More than 3 MW	21	43	24	8	4
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	20	49	23	6	3
	C	19	36	26	12	7
	DE	20	31	28	12	9

¹ Respostas estimuladas. Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Stimulated answers. Data collected between April and July 2012.

A24 FONTES UTILIZADAS POR PAIS OU RESPONSÁVEIS PARA OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE USO SEGURO DA INTERNET

SOURCES OF INFORMATION USED BY PARENTS OR LEGAL GUARDIANS REGARDING SAFE INTERNET USE

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE PAIS OU RESPONSÁVEIS¹

PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS¹

	Percentual Percentage (%)	Televisão, rádio, jornais ou revistas Television, radio, newspapers or magazines	Família e amigos Family and friends	Escola dos filhos Children's school	Provedores de serviços de Internet Internet service providers
TOTAL		52	37	28	9
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	50	42	29	11
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	41	33	30	8
	Nordeste Northeast	61	28	25	5
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	53	36	29	7
	Masculino / Male	51	38	27	10
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	41	29	29	3
	Fundamental II Elementary II	57	43	25	9
	Médio ou mais Secondary or more	63	43	29	16
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos 9 to 10 years old	49	39	32	10
	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	50	40	32	10
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	55	34	24	8
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	53	35	25	8
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	49	30	32	2
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	54	32	31	6
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	53	38	25	6
	Mais de 3 SM More than 3 MW	55	53	27	21
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	55	45	26	16
	C	53	36	28	7
	DE	41	25	33	1

¹ Respostas múltiplas e estimuladas. Dados coletados entre abril e julho de 2012.

² Multiple and stimulated answers. Data collected between April and July 2012.

▶ CONTINUAÇÃO / CONTINUATION

A24 FONTES UTILIZADAS POR PAIS OU RESPONSÁVEIS PARA OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE USO SEGURO DA INTERNET
 SOURCES OF INFORMATION USED BY PARENTS OR LEGAL GUARDIANS REGARDING SAFE INTERNET USE
 PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE PAIS OU RESPONSÁVEIS¹
 PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS¹

	Percentual Percentage (%)	Sites com informações sobre segurança Websites with safety information	Governo Government	Os próprios filhos Their own children	ONGs/institutos em prol das crianças NGOs/children's advocacy institutions
TOTAL		8	7	7	3
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	9	9	7	4
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	7	6	7	4
	Nordeste Northeast	7	5	8	2
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	7	7	7	2
	Masculino / Male	9	7	8	4
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	2	4	5	2
	Fundamental II Elementary II	4	7	6	2
	Médio ou mais Secondary or more	18	11	10	5
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos 9 to 10 years old	9	4	3	3
	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	8	8	8	3
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	9	8	7	3
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	6	8	10	4
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	3	7	5	1
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	6	4	7	2
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	7	6	6	2
	Mais de 3 SM More than 3 MW	17	12	11	7
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	13	8	7	6
	C	7	7	8	2
	DE	1	4	5	2

¹ Respostas múltiplas e estimuladas. Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Multiple and stimulated answers. Data collected between April and July 2012.

▶ CONTINUAÇÃO / CONTINUATION

A24 FONTES UTILIZADAS POR PAIS OU RESPONSÁVEIS PARA OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE USO SEGURO DA INTERNET

SOURCES OF INFORMATION USED BY PARENTS OR LEGAL GUARDIANS REGARDING SAFE INTERNET USE
PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE PAIS OU RESPONSÁVEIS¹
PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS¹

	Percentual Percentage (%)	Fabricantes e varejistas que comercializam os produtos Manufacturers and retailers selling the products	Outros Other	Não sabe Does not know	De nenhuma dessas fontes, não busca informações sobre isso None: does not search for information on the subject
	TOTAL	3	1	2	18
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	3	2	2	14
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	3	2	1	24
	Nordeste Northeast	1	1	2	22
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	2	1	3	18
	Masculino / Male	4	2	1	17
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	1	0	4	25
	Fundamental II Elementary II	1	2	0	13
	Médio ou mais Secondary or more	6	3	1	12
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos 9 to 10 years old	2	1	0	15
	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	4	1	1	18
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	2	1	1	22
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	3	3	6	16
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	1	0	2	23
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	2	1	4	16
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	2	2	0	19
	Mais de 3 SM More than 3 MW	7	2	0	10
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	4	2	1	12
	C	3	2	3	18
	DE	1	1	2	30

¹ Respostas múltiplas e estimuladas. Dados coletados entre abril e julho de 2012.² Multiple and stimulated answers. Data collected between April and July 2012.

CONTINUA / CONTINUES ►

A25 FONTES DESEJADAS POR PAIS OU RESPONSÁVEIS PARA OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES
SOBRE USO SEGURO DA INTERNET
DESIRED SOURCES OF INFORMATION REGARDING SAFE INTERNET USE ACCORDING TO
PARENTS OR LEGAL GUARDIANS

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE PAIS OU RESPONSÁVEIS¹
PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS¹

	Percentual Percentage (%)	Escola dos filhos Children's school	Televisão, rádio, jornais ou revistas Television, radio, newspapers or magazines	Governo Government	Família e amigos Family and friends
	TOTAL	61	57	30	29
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	55	55	30	27
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	69	51	34	27
	Nordeste Northeast	70	66	26	32
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	61	58	30	28
	Masculino / Male	61	56	29	29
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	63	56	26	29
	Fundamental II Elementary II	56	57	33	32
	Médio ou mais Secondary or more	61	58	33	27
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos 9 to 10 years old	58	62	24	25
	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	66	53	30	29
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	59	54	31	27
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	59	60	33	33
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	62	53	25	35
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	63	67	28	30
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	57	50	24	27
	Mais de 3 SM More than 3 MW	55	55	44	26
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	55	55	35	24
	C	62	58	30	31
	DE	68	58	21	31

¹ Respostas múltiplas e estimuladas. Dados coletados entre abril e julho de 2012.

¹ Multiple and stimulated answers. Data collected between April and July 2012.

▶ CONTINUAÇÃO / CONTINUATION

A25 FONTES DESEJADAS POR PAIS OU RESPONSÁVEIS PARA OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE USO SEGURO DA INTERNET

DESIRED SOURCES OF INFORMATION REGARDING SAFE INTERNET USE ACCORDING TO PARENTS OR LEGAL GUARDIANS

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE PAIS OU RESPONSÁVEIS¹PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS¹

	Percentual Percentage (%)	Provedores de serviços de Internet Internet service providers	Sites com informações sobre segurança Websites with safety information	ONGs/institutos em prol das crianças NGOs/children's advocacy institutions	Os próprios filhos Their own children
	TOTAL	15	13	11	8
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	17	13	11	5
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	13	10	11	10
	Nordeste Northeast	12	14	11	15
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	15	13	10	9
	Masculino / Male	15	13	12	7
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	8	7	9	9
	Fundamental II Elementary II	14	12	10	9
	Médio ou mais Secondary or more	23	21	14	7
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos 9 to 10 years old	12	15	9	6
	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	16	10	10	9
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	15	15	12	8
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	16	13	13	10
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	9	5	8	11
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	14	11	11	7
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	14	13	8	9
	Mais de 3 SM More than 3 MW	21	23	17	8
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	20	19	15	6
	C	14	12	10	8
	DE	9	6	9	13

¹ Respostas múltiplas e estimuladas. Dados coletados entre abril e julho de 2012.¹ Multiple and stimulated answers. Data collected between April and July 2012.

▶ CONTINUAÇÃO / CONTINUATION

A25 FONTES DESEJADAS POR PAIS OU RESPONSÁVEIS PARA OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE USO SEGURO DA INTERNET

DESIRED SOURCES OF INFORMATION REGARDING SAFE INTERNET USE ACCORDING TO PARENTS OR LEGAL GUARDIANS

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE PAIS OU RESPONSÁVEIS¹PERCENTAGE OF THE TOTAL NUMBER OF PARENTS OR LEGAL GUARDIANS¹

	Percentual Percentage (%)	Fabricantes e varejistas que comercializam os produtos Manufacturers and retailers selling the products	Outros Other	Não sabe Does not know	De nenhuma dessas fontes, não busca informações sobre isso None: does not search for information on the subject
TOTAL		7	0	2	2
REGIÃO REGION	Sudeste e Sul Southeast and South	7	0	2	2
	Centro-Oeste e Norte Center-West and North	11	0	2	1
	Nordeste Northeast	6	0	2	2
SEXO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE SEX OF CHILD	Feminino / Female	9	0	1	3
	Masculino / Male	6	0	2	2
ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEVEL OF EDUCATION OF THE PARENTS OR LEGAL GUARDIANS	Até Fundamental I Up to Elementary I	4	0	3	3
	Fundamental II Elementary II	9	0	1	1
	Médio ou mais Secondary or more	11	0	1	2
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE AGE GROUP OF CHILD	De 9 a 10 anos 9 to 10 years old	7	0	0	1
	De 11 a 12 anos 11 to 12 years old	8	1	2	2
	De 13 a 14 anos 13 to 14 years old	7	0	2	2
	De 15 a 16 anos 15 to 16 years old	6	0	2	3
RENDA FAMILIAR FAMILY INCOME	Até 1 SM Up to 1 MW	3	1	2	2
	Mais de 1 SM até 2 SM More than 1 MW up to 2 MW	7	0	1	2
	Mais de 2 SM até 3 SM More than 2 MW up to 3 MW	7	0	1	3
	Mais de 3 SM More than 3 MW	11	0	1	1
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS	AB	11	0	2	2
	C	6	1	1	2
	DE	6	0	2	4

¹ Respostas múltiplas e estimuladas. Dados coletados entre abril e julho de 2012.¹ Multiple and stimulated answers. Data collected between April and July 2012.

APÊNDICES

APPENDIXES

LISTA DE ABREVIATURAS

Abep – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa

CERT.br – Centro de Estudos, Resposta e Tratamento de Incidentes de Segurança no Brasil

Cetic.br – Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação

CGI.br – Comitê Gestor da Internet no Brasil

CIDCA – Convenção Internacional dos Direitos da Criança e do Adolescente

CNEFE – Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LSE – London School of Economics

MEC – Ministério da Educação

Minc – Ministério da Cultura

NIC.br – Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR

OLPC – One Laptop per Child

ONU – Organização das Nações Unidas

PNBL – Plano Nacional de Banda Larga

PNBLE – Programa Banda Larga nas Escolas

Pnud – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

Proinfo – Programa Nacional de Informática na Educação

Prouca – Programa Um Computador por Aluno

Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Unicef – Fundo das Nações Unidas para a Infância

LIST OF ABBREVIATIONS

- Abep** – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (Brazilian Association of Research Institutes)
- CERT.br** – Centro de Estudos, Resposta e Tratamento de Incidentes de Segurança no Brasil (Brazilian Computer Emergency Response Team)
- Cetic.br** – Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Center of Studies on Information and Communication Technologies)
- CGI.br** – Comitê Gestor da Internet no Brasil (Brazilian Internet Steering Committee)
- CNEFE** – Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (National File of Addresses for Statistical Purposes)
- CRC** – International Convention on the Rights of the Child
- ECA** – Estatuto da Criança e do Adolescente (Statute of the Child and Adolescent)
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Brazilian Institute of Geography and Statistics)
- LSE** – London School of Economics
- MEC** – Ministry of Education
- Minc** – Ministry of Culture
- NIC.br** – Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (Brazilian Network Information Center)
- OLPC** – One Laptop per Child
- PNBL** – Plano Nacional de Banda Larga (National Broadband Plan)
- PNBLE** – Programa Banda Larga nas Escolas (National Broadband in Schools Program)
- Proinfo** – Programa Nacional de Informática na Educação (National Program for ICT in Education)
- Prouca** – Programa Um Computador por Aluno (One Laptop per Student Program)
- UN** – United Nations
- UNDP** – United Nations Development Programme
- Unicef** – United Nations Children's Fund
- Unesco** – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

www.cetic.br

nic.br

Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR
Brazilian Network Information Center

Tel 55 11 5509 3511
Fax 55 11 5509 3512

www.nic.br

ISBN 978-85-60062-62-1



9 788560 062621